

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**Professora negra e prática docente com a questão étnico-racial:
a “visão” de ex-alunos**

Autora: Eva Aparecida da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão

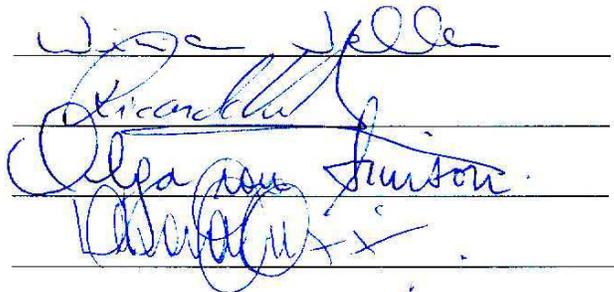
Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Eva Aparecida da Silva e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 19/06/08



Orientadora

Comissão Julgadora:



**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNICAMP**

Silva, Eva Aparecida da. Si38p Professora negra e prática docente com a questão étnico-racial : a "visão" de ex-alunos / Eva Aparecida da Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008. Orientador : Neusa Maria Mendes de Gusmão. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Alunos. 2. Professoras negras. 3. Prática docente. 4. Relações raciais. 5. Visão de mundo. I. Gusmão, Neusa Maria Mendes de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título. 08-107/BFE
--

Título em inglês : Black teacher and teaching work with the ethnic-racial subject : the "worldview" of ex-students

Keywords : Students; Black teachers; Practice teaching; Racial relations; Worldview

Área de concentração : Sociologia, Antropologia e Educação.

Titulação : Doutora em Educação

Banca examinadora : Prof^a. Dr^a. Neusa Maria Mendes de Gusmão (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Wivian Jany Weller

Prof. Dr. Ricardo Manuel das Neves Vieira

Prof^a. Dr^a. Olga de Moares von Simson

Prof^a. Dr^a. Débora Mazza

Data da defesa: 19/06/2008

Programa de Pós-Graduação : Educação

e-mail : evasilva5@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

À Professora **Neusa Maria Mendes de Gusmão**, com quem tenho compartilhado a vida acadêmica e afetos desde meu ingresso na FE/UNICAMP no ano de 2000, pelos momentos de orientação, de descobertas, de “certezas e incertezas”, comuns ao processo de construção do conhecimento.

Aos **ex-alunos**, homens e mulheres, negros e não-negros, por compartilharem comigo suas visões sobre as experiências escolares com as professoras negras Nazaré, Aparecida e Terezinha, e sobre a questão étnico-racial presente na escola e na sociedade brasileira.

Às mulheres, negras e professoras **Nazaré, Aparecida e Terezinha**.

Às **escolas da rede estadual de ensino de Araraquara**, em especial aos (às) diretores (as) e demais funcionários (as), por me receberem e disponibilizarem as informações necessárias para o encontro com os ex-alunos.

Aos meus pais **Luiz Mário e Maria Cristina** pelo apoio e incentivo constantes. À minha querida mãe o meu especial agradecimento pelas palavras de conforto, de ânimo e pelas orações.

À minha querida **Vó Maria** pela presença sempre atenta e vigilante.

Aos meus irmãos **Edson e Júnior** pela “torcida”.

Ao **César**, com quem divido minha vida, por ter ouvido minhas angústias e reflexões.

À minha prima **Aline**, também pesquisadora das “relações raciais” e educação, pelo auxílio na finalização das entrevistas com os ex-alunos.

Aos (às) **amigos (as)** que, de uma forma ou de outra, me acompanharam nesta trajetória.

À Professora **Wivian Weller** pela atenção a mim dispensada na troca de e-mails e pela gentileza em indicar algumas referências bibliográficas sobre Karl Mannheim.

Àqueles (as) que foram **meus professores (as)** nesta constante caminhada de aprendizagem.

Ao **Professor Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves** (FE/UFMG) e à **Professora Nora Rut Krawczyk** (FE/UNICAMP) pelas contribuições dadas no Exame de Qualificação.

Ao **Professor Ricardo Manuel das Neves Vieira** (Instituto Politécnico de Leiria/Portugal) e às **Professoras Wivian Jany Weller** (FE/UNB), **Olga de Moraes Von Simson** (FE/UNICAMP) e **Débora Mazza** (FE/UNICAMP) pelas contribuições dadas no momento do Exame de Defesa desta tese.

À **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)** pelo apoio à pesquisa e à pesquisadora, tornando possível a execução deste trabalho.

À **Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri**, em especial à **Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas**, Campus Avançado do Mucuri, em Teófilo Otoni/MG, pela concessão de minha liberação das atividades de ensino, pesquisa e extensão, no primeiro semestre de 2008, para a conclusão desta tese.

RESUMO

Este trabalho procurou compreender as visões de ex-alunos, homens e mulheres, negros e não-negros, de diferentes idades e meios sociais, acerca de três professoras negras araraquarenses (Nazaré, Aparecida e Terezinha) e de sua prática docente com a questão étnico-racial. Essas visões foram investigadas a partir da relação que estabelecem com o contexto da situação étnico-racial vigente na sociedade brasileira e, em especial, na escola, no qual elas são construídas e experimentadas. Com as visões de mundo dos ex-alunos fecha-se o círculo da relação discente/docente, já que em trabalho anterior buscou-se entender a postura transformadora e/ou reprodutora assumida por essas mesmas professoras diante do tratamento da mesma questão, tomando-se como referência suas trajetórias de vida (da infância à adultez), em particular as experiências vividas com a discriminação racial como alunas e como profissionais da educação. Da relação estabelecida entre os ex-alunos e o contexto da situação étnico-racial, bem como entre as professoras e as trajetórias de vida, a partir dos quais constroem as suas visões e representações acerca das relações étnico-raciais vividas na sociedade brasileira e na escola, torna-se possível perceber o processo de construção de mentalidades racistas e, com isso, tentar alternativas de desconstrução desse tipo de mentalidade.

Palavras-chave: visão de mundo; alunos; professoras negras; prática docente; relações raciais.

ABSTRACT

The present paper aims at comprehending the points of views of ex-students, men and women, black and non black people of various ages and from different social environments, about three black teachers, citizens of Araraquara, and their teaching backgrounds regarding the ethnic-racial matter. These points of views were investigated according to its relationship to the ethnic-racial context existing in the Brazilian society, especially at school, in which they are developed and applied. With the ex-students' points of views, the circle of the student/teacher relationship is concluded, considering that in a previous paper it was aimed at understanding the changing and/or reproductive attitude assumed by these three teachers regarding the handling of the same issue, taking into account their course of life (from childhood to maturity), particularly their life experiences with racial discrimination, not only as students, but also as professional teachers. From the established relationship between the ex-students and the ethnic-racial situation, as well as, between black teachers and their courses of life, it becomes possible to understand the process of development of racist mentalities and, with this, trying alternatives of regressing this kind of mentality.

Keywords: worldview; students; black teachers; teaching practice; racial relationships.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 - TRILHAS CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS.	21
1.1 Entre categorias: visão de mundo, ideologia, utopia, cultura, experiência, raça, etnia, prática docente.	21
1.2 Desafios do campo e do método.	36
CAPÍTULO 2 - RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: CONTEXTOS E VISÕES DE MUNDO.	51
2.1 Do “silêncio” ao (re) surgimento do debate sobre relações étnico-raciais: contexto e visões de mundo.	52
2.2 Ações afirmativas: contexto e visões de mundo.	66
CAPÍTULO 3 - A ESCOLA NO REAFIRMAR E COMBATER O RACISMO.	81
3.1 Relações étnico-raciais no espaço da escola.	82
3.2 O papel da escola no combate ao racismo.	99
CAPÍTULO 4 - PRÁTICA DOCENTE RELATIVA À QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.	111
4.1 A prática docente das professoras negras com a questão étnico-racial.	111
4.1.1 Professora Nazaré	111
4.1.2 Professora Aparecida	127
4.1.3 Professora Terezinha	137
4.2 A Lei 10630/2003 e a formação de professores para o tratamento da questão étnico-racial.	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
ANEXO A	169
ANEXO B	234

INTRODUÇÃO

Como parte da realidade pesquisada, não é por acaso o meu interesse e compromisso com a “questão racial”. Foram eles que me levaram à elaboração da dissertação de mestrado intitulada “Presença e experiência da mulher negra professora em Araraquara/SP”¹, que emergiu de minha própria trajetória de vida, particularmente da trajetória escolar e profissional, e, agora, ao trabalho de doutorado.

A reconstrução, por meio da memória, de alguns traços de minha infância na escola trouxe-me as lembranças da aluna que fui. A pré-escola, cursada no ano de 1979, foi o meu primeiro contato com o universo escolar que ao mesmo tempo me encantava, devido à presença de outras crianças, à aprendizagem das primeiras letras, os desenhos, o material escolar, o uniforme, etc., e me amedrontava, pois estava longe de casa, da família.

O medo de viver o novo fez com que eu fugisse da escola logo nos primeiros dias de escolarização, após minha mãe ter me deixado ali. Aproveitei que a professora saiu por um minuto da sala de aula e que os portões estavam abertos e segui o caminho de volta para casa. No entanto, deparei-me com um mundo que me parecia gigantesco, tantos carros, casas e avenidas. Assustada, comecei a chorar, momento em que uma velha senhora conhecida de minha mãe me levou para casa.

Como se não bastasse toda esta “aventura” e angústia, minha mãe fez com que eu voltasse para a escola logo que cheguei a minha casa. Já na escola, a professora me tratou com certa indiferença, me deixando isolada das demais crianças até o final da aula. O sentimento causado pela indiferença marcou esse momento e a partir daquele dia me obriguei a ter um comportamento exemplar e ser uma das melhores alunas ou, ainda, a melhor aluna da classe.

Não associo esse episódio a uma experiência com a discriminação derivada da cor da pele, mas foi ele que determinou a postura por mim assumida diante dos estudos, exercendo um importante papel nas demais etapas da escolarização, tanto na valorização de minha auto-estima quanto na promoção de minha inserção no grupo de alunos.

¹ SILVA, Eva Aparecida da. **Presença e experiência da mulher negra professora em Araraquara/SP**. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Dissertação de Mestrado, 2003. Orientadora: Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão. Agência financiadora: FAPESP.

Com relação à professora, não tive mais problemas no decorrer da pré-escola. Nas séries seguintes, quando a encontrava, ela sempre me elogiava, pois sabia de minha dedicação aos estudos, e brincava dizendo: “agora você gosta da escola, não é?”

Não tenho lembranças tão marcantes quanto essas do período de 1.^a a 4.^a série, que compreendeu os anos de 1980 a 1983, bem como não me lembro de ter vivido experiências relacionadas a minha condição racial, mas a ausência em minhas lembranças de outras crianças negras (pretas, pardas, mulatas, etc.) pode ser um indício de tê-las vivido. Desse momento da escolarização, lembro-me, apenas, de ocupar as primeiras carteiras e de ter um excelente desempenho em sala de aula.

Do período de 5.^a a 8.^a série, entre 1984 a 1987, entretanto, ficaram algumas marcas. Nesse período, as diferenças (de “raça” e de classe social, principalmente) existentes entre os alunos tornam-se mais evidentes, não pelo fato de não terem sido notadas no período anterior, mas porque se toma uma maior consciência de seus significados, geralmente, carregados de estereótipos que desvalorizam o fato de se ser negro e/ou pobre. Tudo vira motivo para “brincadeiras” de mau gosto².

Lembro-me de algumas dessas “brincadeiras”, geralmente relacionadas com o tipo do meu cabelo, que sempre estava preso num “rabo de cavalo” e com tranças. Embora esse tipo de “brincadeira” estivesse presente no dia-a-dia das relações em sala de aula, geralmente não era algo explícito, mas sutil³.

O olhar de hoje para o passado revela-me que mesmo tendo estudado em classes “tipo A”, dos alunos com bom desempenho escolar, sentar-me sempre nas primeiras carteiras e ser considerada uma das melhores alunas da classe, ainda assim experimentei a discriminação racial. Talvez um pouco menos que outras alunas “negras”, um número reduzido por sinal, que sentavam no fundo da classe e que “não se destacavam”, sendo vítimas constantes da discriminação.

O apego aos estudos tornou-se uma “arma de defesa” contra a discriminação racial, para além do meu desejo real em conhecer, em aprender. Lembro-me de como, nesse

² Desta violência simbólica, que não é só de mau gosto, mas que tem imensas conseqüências na auto-estima do sujeito negro, pode surgir uma outra que serve de resposta à primeira. Esta violência é irremediável, podendo levar à assassinatos ou a suicídios.

³ Isto nos remete à designação de racismo sutil vinda da Psicologia. Uma designação contestável, posto que racismo é sempre racismo.

momento, evitava fazer qualquer tipo de referência a minha condição racial (5.^a e 6.^a Série). Evitar, porém, não alterava minha realidade.

Por volta dos 13 ou 14 anos, na 7.^a e 8.^a série, é que passei a me posicionar como negra, no sentido de pertencer à “raça negra”, de ter uma descendência negra. A tentativa era ser aceita em minha diferença, já que sempre a ressaltavam. Isto causou certo espanto entre minhas amigas, pois para elas negra era sinônimo de preta, considerada a tonalidade da pele, e, fenotipicamente, eu era e ainda sou vista como mulata, parda, morena. No entanto, hoje sei que se assumir negra independe do fenótipo, ou seja, da tonalidade da pele e de outros traços físicos, ser negra significa viver experiências com a discriminação racial e compartilhá-las com outros sujeitos negros, pois são elas [experiências] que nos unem.

Às vezes me pegava fazendo discursos contra o racismo, mas nada muito consistente, devido ao desconhecimento sobre o assunto que, até aquele momento, nunca fora abordado em sala de aula. O fato da “questão racial” não ter sido trabalhada pedagogicamente nesse período de minha escolarização, talvez seja um dos motivos que me leva aos estudos de agora: as professoras, suas práticas docentes e seus ex-alunos.

No colegial, cursado entre os anos de 1988 a 1990, vivi um contexto semelhante ao período anterior, com relação aos estudos e à forma como era vista. Nesse período da escolarização, o racismo, o preconceito e a discriminação eram mais velados, talvez por isso não tenha me posicionado da mesma maneira, optando pelo silêncio.

O desejo em entender a realidade social na qual estava inserida, caracterizada pelas já conhecidas desigualdades sócio-econômicas e raciais que incidem sobre a população brasileira, e em adquirir um “olhar” crítico sobre essa realidade me fez cursar a Graduação em Ciências Sociais, na UNESP (Campus de Araraquara), nos anos 1990. Nesse momento, oportunamente pude ter o contato com a “questão racial” de modo mais sistematizado, e os livros *Da senzala à colônia* (1966), de Emília Viotti da Costa, e *Orientalismo* (1990), de Edward Said, abriram horizontes.

As reflexões que emergiram desses debates fizeram com que minha condição racial viesse à tona, ainda de forma pouco expressiva e refletida, mas sempre presente nas discussões estabelecidas com os colegas de curso. No entanto, as minhas múltiplas identidades foram sendo construídas nas experiências vividas em diferentes contextos, levando-me a me posicionar, hoje, como mulher e negra.

A compreensão de que a identidade não é algo fixo, mas suscetível a constantes avanços e retrocessos é visível em alguns traços de minha trajetória, que me despertou interesse em pesquisar a “questão racial”. Foi, contudo, no contexto de uma pós-graduação *lato-sensu* que organizei a primeira versão do que seria minha pesquisa de mestrado - “Mulher negra professora: uma questão de raça” -, já com a preocupação de articular relações de gênero e raça no universo da educação.

Não por acaso, naquele momento, eu própria era mulher, negra e professora no ensino fundamental (5.^a a 8.^a Série) e no supletivo do ensino médio da cidade de Araraquara/SP. A experiência no campo da profissão docente, assim como a condição de mulher negra, me permitiu observar o número reduzido, ou a ausência, de professoras negras nessa profissão, as relações que elas estabeleciam com seus alunos, com os outros professores e com a direção das escolas. Antes de me dar conta, a reflexão sobre a situação da mulher negra nesse mesmo universo se impunha como percepção e realidade.

À minha trajetória de vida, da infância à vida adulta, atribuo a responsabilidade pela pessoa e pela profissional que sou – filha, irmã, amiga, esposa, enfim, mulher, negra, professora e pesquisadora.

Certamente, a pessoa e a profissional que hoje me habita também resulta do encontro com as pessoas e com as profissionais que habitam as três mulheres negras professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha. Com elas compartilhei reflexões, indignações, alegrias, angústias, enfim, experiências e emoções daquelas que têm no corpo a marca do gênero e, especialmente, da “raça”, e que estão inseridas no universo da educação.

Desse encontro resultou o trabalho de mestrado, que tem continuidade no doutorado. Parte-se, agora, da perspectiva daqueles (discentes) que estão em relação com as professoras (docentes) no processo ensino-aprendizagem, mas que, muitas vezes, são silenciados tanto no universo das salas de aula quanto dos trabalhos acadêmicos. E, assim, fecha-se o círculo da relação docente/discente.

O presente trabalho de doutoramento vem complementar a pesquisa sistematizada na dissertação “Presença e experiência da mulher negra professora em Araraquara-SP” (2003), que analisou a postura docente (transformadora e/ou mantenedora das relações raciais socialmente instituídas) assumida por três professoras negras araraquarenses

(Nazaré, Aparecida e Terezinha) diante do tratamento das “relações raciais” na sociedade brasileira, no universo da escola.

A análise dessas posturas, naquele momento, tomou como referência as representações⁴ das professoras acerca de suas trajetórias de vida (da infância à adultez) e de suas práticas docentes com a “questão racial”. A articulação estabelecida entre posturas docentes e trajetórias de vida, partiu do pressuposto de que:

a análise das histórias de vida dos adultos de hoje, professores de profissão, que obviamente são pessoas também, com variadíssimos papéis sociais, permite entender a construção de suas posturas e, obviamente, de suas representações e práticas sociais, em face da diversidade humana (VIEIRA, 1996, p.132).

Vieira é convicto de que “a infância e a adolescência dos docentes, assim como a forma mediadora dos modelos que as marcaram, foram pedras basilares na construção dos profissionais e pessoas que neles habitam” (p.135). E, por isso, propõe a reconstrução dos caminhos e das experiências que desde a infância até a adultez contribuíram para a construção de suas posturas docentes, e consequentemente de suas mentes culturais ou mentalidades⁵.

As diferentes posturas assumidas pelas professoras (aquela que tende à transformação das “relações raciais” tal como instituídas pela sociedade brasileira, e araraquarense; aquela que reproduz essas mesmas “relações”; e aquela que ora as transforma, ora as reproduz) decorrem, portanto, do como cada uma interpretou e significou as experiências vividas com a discriminação racial como alunas e como profissionais da educação, no decorrer de suas trajetórias de vida.

Nesse processo, as experiências pessoais e profissionais podem se tornar fonte de educação, sua matéria-prima, no sentido da transformação do que está instituído como saber sobre a “questão racial”, dando origem aos sujeitos *trânsfugas* (VIEIRA, 1999). Eles são aqueles que não ignoram seu passado cultural, mas o tomam como experiência para

⁴ De acordo com Jovchelovitch (2000), as representações sociais são construídas nas relações de alteridade, estabelecidas na dialética entre o “eu” e o “outro”, ou seja, entre sujeitos sociais que lutam para interpretar, entender e construir o mundo. E, na tentativa de compreender o mundo, constroem um novo mundo de significados, uma nova realidade, a partir da realidade já existente.

⁵ Para Vieira (1995), as mentalidades são construídas “por todas as experiências da vida social, pelos adultos com quem se interage desde criança, pelas opções que se tomou ao longo do percurso biográfico, enfim, pela educação em geral e pela participação num colectivo que tem hábitos e juízos elaborados” (p.127).

praticar uma *pedagogia intercultural* (VIEIRA, 1999), baseada na troca e na partilha de experiências entre os principais sujeitos do processo ensino-aprendizagem⁶, professores e alunos tidos por modelos.

Ao contrário, essas mesmas experiências podem levar à reprodução do saber já instituído pela sociedade racista brasileira, dando origem aos *oblatos*. Eles são aqueles que escondem ou ignoram seu passado cultural e praticam uma *pedagogia multicultural*, que, segundo Vieira (1999), corresponde àquela que apenas constata a diversidade cultural, mas não dialoga com ela e, conseqüentemente, não a emprega como matéria-prima no processo educativo. As posturas docentes também podem oscilar entre trãnsfuga e oblato, resultando numa pedagogia ora intercultural, ora multicultural.

Uma breve descrição das representações das professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha acerca de suas trajetórias escolares, profissionais e práticas docentes com a “questão racial”, é necessária, nesse momento, como forma de (re) visitar o trabalho de mestrado (SILVA, 2003).

⁶ Para Iturra (1994), o “ensino é a prática de transferir conhecimentos provados ou acreditados pela população que educa à população que se estima desconhecer as formas, estruturas e processos que ligam as relações sociais com as coisas (...). O ensino é repetir, criando uma subordinação. A aprendizagem é descobrir, criando uma relação de comunicação” (p.30-1). O processo educativo deve ser, portanto, ensino e aprendizagem.

PROFESSORA NAZARÉ



Nasceu em Araraquara, no ano de 1952. É filha de pai ferroviário (conferente) e mãe dona de casa. Sua escolarização compreende os anos 1960 (curso primário), 1965 (curso ginásial), 1970 (curso de preparação para o magistério), 1974 (Serviço Social), 1984

(graduação em Ciências Sociais) e 1988 (graduação em História). No ano de 2005, Nazaré recebeu, em sessão solene da Câmara Municipal de Araraquara, o *Prêmio Zumbi dos Palmares*, que visa o reconhecimento público e valorização do trabalho daqueles que atuam na defesa dos direitos dos negros e das negras, e no combate ao racismo e ao preconceito étnico-racial. No ano de 2006, defendeu o Mestrado em Sociologia, pela UNESP, no qual abordou a construção da identidade de jovens negras na relação com suas famílias.

Na infância de Nazaré, período anterior à escola, as brincadeiras de rua (como as de roda) representaram as primeiras experiências com a discriminação racial e social, e, conseqüentemente, com a exclusão. Na relação com outras crianças, entre brigas e xingamentos, surgem as primeiras representações depreciativas que recaem sobre a criança negra, comprometendo sua auto-estima.

Fora do espaço da rua, já na escola, as situações de conflito se intensificam e se complexificam. No período de 1ª. a 4ª. Série, a exclusão dos círculos de amizade (brincadeiras), no espaço físico da sala de aula (sentar no fundo da sala) e dos elogios e atenção da professora foram fatos marcantes para a então aluna Nazaré.

É importante destacar que este tipo de experiência pode levar à elaboração de mecanismos de resistência que vão desde a agressão física até às estratégias de sobrevivência, permeadas pela negociação com colegas e professores, na busca pelo reconhecimento.

De 5ª. a 8ª. Série, as experiências com a discriminação fazem com que a jovem Nazaré tenha maior “consciência” do significado social atribuído às diferenças de gênero, classe e, principalmente, “raça”, com isso, adota uma postura de resistência/indignação, expressa, muitas vezes, pela agressão verbal e física, ao contrário da postura de acomodação/conformismo assumida por muitos sujeitos negros.

Nazaré não compartilhava estas experiências com os pais, uma vez que a família evitava o debate sobre a “questão racial”, seja pela falta de informação e conhecimento, seja pela “dor” decorrente das próprias experiências com a discriminação, seja pelo silêncio imposto pela sociedade. A interferência da família se restringiu em incentivá-la a estudar, já que estudar, “ser a melhor”, ascender socialmente, configurava-se numa estratégia de sobrevivência contra a discriminação racial.

A opção pelo curso de preparação para o magistério, numa escola elitizada, se deu por influência da família e da irmã já professora. Segundo ela, neste período, anos 1970, o racismo era mais velado, no entanto, não a isentou de experimentar a discriminação. A ela, discriminação, Nazaré respondia com uma discussão, ainda tímida e isenta de formação, em especial, a escolar, sobre o racismo na sociedade brasileira. Por isso, a dedicação aos estudos ainda era a forma mais eficaz de combatê-la, contribuindo inclusive para elevar a auto-estima da jovem Nazaré.

Ainda nesse período do curso de magistério, o contato com as leituras, críticas, relativas à escravidão e ao pós-abolição desenvolvidas por um de seus irmãos, faz com que Nazaré adquira os primeiros conhecimentos sobre as relações raciais no Brasil. Daí a importância dos adultos mediadores (VIEIRA, 1996) ou adultos significativos (ITURRA, 1992) que, ao longo da trajetória de vida dos sujeitos, contribuem para a construção de suas formas de estar no, e pensar o, mundo.

Com o curso de Ciências Sociais, os questionamentos à realidade das relações raciais, provenientes, principalmente, dos contatos de Nazaré com colegas integrantes do movimento negro, e não por conta do curso em si (as disciplinas do curso pouco se preocupavam com a questão racial), contribuíram para a formação de sua “consciência racial”, de sua negritude.

A inserção na carreira docente, entretanto, não isentou a professora Nazaré das experiências com a discriminação. Esta se mostrou presente nas relações estabelecidas com diretores de escola, com outros professores e com os alunos, atuando sobre suas condições de trabalho, possibilidades de ascensão funcional e, sobretudo, sobre seus sentimentos mais íntimos, causando dor, sofrimento e indignação.

A professora Nazaré ingressou no magistério por volta do ano de 1983, em escolas localizadas no perímetro rural de Araraquara, São Paulo. Nessas escolas, ela vivenciou as primeiras experiências com a discriminação racial, por conta do estranhamento que provocou a presença da professora negra entre seus alunos, negros e não-negros. Esse estranhamento se tornou perceptível no processo de desumanização do qual ela foi vítima ao ser chamada de “macaca”.

Como parte da prática docente que adota, Nazaré assume o debate da questão racial com seus alunos, através da reconstrução da história do negro no Brasil. Seu objetivo é

mostrar que o sujeito negro não é um ser passivo e/ou inferior, mesmo diante do processo de escravização, e, com isso, a valorar positivamente a imagem do negro. Seu papel como professora é, então, o estímulo à auto-estima de seus alunos e a desconstrução dos estigmas que afetam a realidade do negro brasileiro. Foi assim que o debate sobre a “questão racial” se tornou uma prática constante na trajetória profissional da professora Nazaré nas escolas onde lecionou.

Nas escolas de ensino médio, lecionando a disciplina de História, Nazaré, ainda hoje, busca provocar em seus alunos, negros e não-negros, uma mudança de mentalidade acerca das “relações raciais” operantes na sociedade mais ampla e, em especial, em Araraquara. Assume que pretende “desmistificar o que está lá arraigado, o que foi passado de geração para geração”, desconstruir mentalidades formadas numa construção “racista, de exclusão e de marginalização”.

O posicionamento de Nazaré quanto à “questão racial” não tem sido uma tarefa fácil, seja para ela, professora, seja para eles, seus alunos. Diz ela: “é um longo processo, não é assim de um momento pra outro que você vai conseguir desvendar tudo isso da cabeça do aluno, tanto do negro quanto do branco”.

A partir das situações emergentes das relações estabelecidas em sala de aula, de “tudo que dê margem para que se trabalhe a questão racial”, que a prática docente de Nazaré, na disciplina de História, procura romper com as “verdades históricas” instituídas sobre a África, o tráfico de escravos, a escravidão e a abolição⁷. Muitas dessas “verdades” ainda estão presentes no tecido social e também no senso comum da sociedade brasileira.

Apesar dos esforços, desde o final dos anos 1970, decorrentes das reivindicações do Movimento Negro e de todos os outros envolvidos com uma educação anti-racista, em revisar os livros de História quanto às abordagens equivocadas acerca do papel desempenhado pelo negro nos acontecimentos históricos da nação brasileira, ainda há a valorização de determinados acontecimentos e a omissão de outros (PINTO, 1999; BITTENCOURT, 2000), que perpetuam estereótipos e fomentam processos de racismo e discriminação.

⁷ O material trabalhado por Nazaré não se restringe aos livros didáticos de História. Eles são complementados com conteúdos mais críticos, resultantes de pesquisas no campo específico das relações raciais na sociedade brasileira, produzidas, por exemplo, por Clóvis Moura, dentre outros.

Na contramão da História oficial, a professora Nazaré procura dimensionar criticamente a posição que o negro ocupou e ocupa na sociedade brasileira, os problemas que enfrentou e enfrenta, os desafios com que se deparou no pós-abolição e se depara ainda hoje, com o intuito de reconstruir o papel do negro na história do Brasil.

PROFESSORA APARECIDA



Nasceu em Araraquara, no ano de 1963. È filha de pai ferroviário (projetista) e mãe dona de casa. Sua escolarização se estende do ano de 1972 (curso primário), com entrada aos nove (9) anos, passando pelo ginásio (1976) e pelo curso de preparação para o magistério (1980), até os anos de 1990 (graduação em Matemática).

A infância de Aparecida, no período anterior à escola, foi solitária devido a um problema de saúde que a impediu de falar e, portanto, de se comunicar com outras crianças. Com a entrada na escola, 1ª. a 4ª. Séries, seu maior desafio foi recuperar o tempo sem a fala e obter um bom rendimento escolar, o que fez com que ocupasse as primeiras carteiras da sala de aula para ser observada pelas professoras (também porque era uma criança muito alta).

Aparecida considera não ter vivido discriminação por conta da cor da pele, no decorrer de sua escolarização de 1ª. a 8ª Série, entre os anos de 1972 a 1976. No entanto, nas entrelinhas de seus relatos, nota-se a presença de estratégias de sobrevivência frente às situações de perigo (a discriminação, por exemplo), quando ela disse observar e selecionar muito bem as pessoas com as quais poderia estabelecer laços de amizade.

Esta postura também se fez presente no período posterior, o curso para o magistério, já na década de 1980. A opção pelo magistério aconteceu por conta de sua vocação, aptidão para ensinar, mas que também é demonstrativa das representações de gênero que legitimam o ato de educar como sendo algo “natural”, inerente às mulheres.

A professora Aparecida iniciou sua trajetória no magistério, no ano de 1988, como professora substituta da escola Ergília Micelli, atuando nesta posição por três anos. Após este período assumiu uma classe como professora efetiva no ensino de 1ª. a 4ª. Série e, posteriormente, de 5ª. a 8ª., lecionando na disciplina de Matemática, nesta e noutras escolas da rede estadual de Araraquara.

Como professora substituta, Aparecida teve contato com a prática docente de várias outras professoras (efetivas), à medida que as auxiliava em sala de aula, corrigindo cadernos, orientando os alunos com dificuldades de aprendizagem, etc. Em vários momentos do ano letivo, a professora Aparecida assumiu classes por períodos curtos de tempo, especialmente nos casos de licença saúde.

Entre as professoras efetivas da escola Ergília Micelli estava a Nazaré, com quem Aparecida pôde compartilhar a sala de aula, ao observar e auxiliar sua prática docente. Foi

Nazaré quem mais orientou a recém formada Aparecida quanto à prática e ao comportamento que deveria assumir diante dos alunos e dos demais colegas de trabalho como professora, e, principalmente, como professora negra.

Uma das orientações dadas por Nazaré, segundo Aparecida, era a de que o professor negro deve ser muito cuidadoso em suas ações, pois é, constantemente, observado e testado em sua capacidade e potencialidade, justamente por se acreditar que não as possui.

Para a professora Aparecida, a prática docente da Nazaré representou um modelo a ser seguido⁸, no que diz respeito, principalmente, à confecção de um diário de classe e ao tratamento por ela dispensado à “questão racial”. O diário de classe deveria registrar os conteúdos ensinados no dia-a-dia, tais como contas, problemas matemáticos, etc., assim como também registrados nos cadernos dos alunos, pois eles poderiam ser cobrados pelos supervisores de ensino em suas visitas às escolas.

Se para a professora Nazaré tratar a questão racial em sua prática docente representava desconstruir as imagens estereotipadas do negro, a partir, por exemplo, da valorização de sua participação ativa na história do passado e do presente, contrapondo-se às imagens do escravo e do sujeito negro submisso, inferior e incapaz intelectualmente, tanto entre os alunos negros quanto entre os não-negros, para a professora Aparecida representava orientar, individualmente, os alunos negros quanto às noções básicas de higiene.

Na prática de Aparecida há a tentativa de que estes alunos se aproximassem da “boa aparência” exigida pela sociedade, ou seja, da aparência que os distancia dos estereótipos atribuídos aos negros e que os aproxima dos estereótipos impostos aos brancos, associados à limpeza e ao bom cheiro, já que, segundo ela, a maioria era submetida a condições precárias de vida. Contudo, limitar-se a essa orientação, não permite romper com o estereótipo do negro sujo e mal cheiroso, já que não basta converter a “má aparência” em “boa aparência”.

⁸Cabe destacar que outras professoras lhe serviram como modelo, em especial algumas do período como aluna do magistério. Segundo Aparecida, pode-se notar tal influência na maneira de se vestir, de organizar nos conteúdos na lousa, etc. Iturra (1992) destaca a importância dos adultos significativos na trajetória de vida dos sujeitos, pelo fato de contribuírem com a construção das formas de estar no, e pensar, o mundo.

Aparecida, ao contrário de Nazaré, não aprofunda o debate no sentido de desconstruir o estigma em sua essência, demonstrando aos alunos sua origem e as conseqüências para com aqueles que são vitimados por ele.

Assim, se, por um lado, a prática docente dessa professora reforça (mesmo que inconscientemente) certos estereótipos atribuídos ao negro, no objetivo de poupar seus alunos negros dos efeitos do racismo e da discriminação racial, por outro traz a questão racial para o universo da escola, demonstrando sua preocupação e comprometimento com essa questão.

No início de sua trajetória profissional, a professora Aparecida vivenciou a sua experiência mais significativa com a discriminação racial, ao ter sua capacidade profissional e intelectual colocada em xeque por uma das funcionárias de uma das escolas em que lecionou. Após ser chamada de incompetente foi levada para a delegacia num carro de polícia, passando de vítima à opressora. Este episódio marcou sua vida profissional e pessoal, atuando desde então sobre suas relações no interior da escola e sobre sua prática docente. É interessante destacar que, principalmente após viver esta experiência com a discriminação, Aparecida se aproxima do debate da “questão racial” promovido por grupos do movimento negro de Araraquara, na tentativa de se conscientizar e de se fortalecer “politicamente”.

No tratamento das “relações raciais” em sala de aula, Aparecida busca, na prática da oração, mostrar que “todos somos iguais perante Deus” e, com isso, minimizar os conflitos estabelecidos, por conta da cor da pele, entre professora e alunos, bem como entre os próprios alunos. Essa prática será algo comum ao longo de sua trajetória profissional, no ato de instruir os alunos negros quanto ao comportamento que devem assumir, em particular com relação à higiene corporal, e no apelo para valores religiosos e universalizantes.

A prática docente da professora Aparecida com a “questão racial”, ao longo de sua trajetória profissional, parece ser assim decorrente das próprias experiências vividas com a discriminação, bem como resulta do contexto histórico que acirra o debate sobre as “relações raciais” na sociedade brasileira, especialmente no universo da educação, a partir dos anos 1990. Neste contexto, Aparecida realiza com seus alunos um debate da “questão racial” diferenciado do anterior: questionamentos quanto ao 13 de Maio e à Lei Áurea;

valorização de Zumbi dos Palmares e do 20 de novembro (Dia da Consciência Negra); reflexão sobre o 21 de Março (Dia Internacional pela Eliminação Racial). Este conteúdo, entretanto, fica restrito às datas comemorativas mais gerais.

PROFESSORA TEREZINHA



Nascida em Araraquara, no ano de 1945, viveu sua infância, adolescência e início da fase adulta em Nova Europa/SP (cidade próxima à Araraquara), dos nove (9) aos vinte e dois (22) anos, quando retorna para sua cidade natal. É filha de pai ferroviário (portador das encomendas vindas pelo trem) e mãe dona de casa. Sua escolarização tem início no ano de 1954 (curso primário), passando pelo ginásio (1959), com término no ano de 1967 (curso de preparação para o magistério).

Como aluna do curso primário (anos de 1954 a 1958), Terezinha atribuiu às experiências de conflito vividas na escola ao fato de não ter sido uma criança comunicativa, mas “estranha e arredia”, e não à discriminação racial. Já no período de 5ª. a 8ª. Série (1959 a 1962), a inexistência de situações relacionadas a sua condição racial foi justificada através de uma série de possibilidades: por estudar e se destacar; pelo fato do pai ser uma pessoa conhecida e respeitada na cidade de Nova Europa (formada por grande contingente de alemães); por se vestir bem; por não se subestimar, assim como acontece com a maioria dos negros; por ser “mulata” e, por isso, não ter traços físicos marcantes. Algumas destas justificativas se estendem para o período posterior, ano 1963, quando ingressa no magistério.

Para Terezinha, a opção pelo magistério se deu por ser essa uma profissão mais acessível às moças “pobres” e por conferir *status* social, mas também por sua “aptidão” para o ato de ensinar.

É importante destacar que, mais uma vez, a preocupação da família, em especial do pai de Terezinha, em estudar os filhos é uma característica marcante na tentativa de ascender socialmente e fugir da discriminação racial, tal como se viu na família de Nazaré e Aparecida.

Apesar de todo este contexto, Terezinha julga não ter experimentado situações de discriminação ao longo de sua trajetória como professora, ainda que alguns acontecimentos mostrem o contrário, como, por exemplo, ter seu trabalho vigiado por um dos diretores de escola e ser confundida com a cozinheira de uma das escolas em que lecionou. Fatos estes que a levaram a rever algumas de suas “verdades”, especialmente aquelas que resistiam em não pensar as “relações raciais” presentes na sociedade brasileira e araraquarense, em suas próprias experiências de vida.

Terezinha iniciou sua carreira como professora no ano de 1969, como substituta da escola estadual Dorival Alves, em Araraquara, onde permaneceu até 1973. Nesse período havia uma professora substituta para cada uma das salas de aula desta escola, que atuavam como auxiliares das professoras efetivas, corrigindo cadernos, atendendo aos alunos com dificuldades de aprendizagem e assumiam a classe no caso das efetivas faltarem ou se licenciarem por motivos de saúde, dentre outros.

Quando não estavam em sala de aula, as professoras substitutas prestavam alguns serviços para a escola, normalmente junto à secretaria, preenchendo os boletins de frequência diária dos alunos (presenças ou ausências), ou à cozinha, atuando como merendeiras. Essas professoras tinham que estar na escola pelo menos duas horas por dia, na tentativa de acumular “pontos” (dias letivos no magistério), para que no futuro pudessem assumir uma classe efetiva.

Terezinha não tinha contato apenas com a classe de uma única professora efetiva, mas, devido a um rodízio pré-estabelecido pela escola, auxiliava ou substituíria diferentes efetivas. Com isso, teve a chance de observar e apreender diversas formas de “dar aula”, bem como selecionar aquela que lhe serviria como modelo.

O modelo de professora assumido por Terezinha corresponde ao “tradicional”, àquele que supervaloriza o ensino, ou seja, a transmissão do conhecimento aceito como legítimo, porque validado pelo currículo escolar (ler, escrever, somar, etc). A supervalorização do ensino, entretanto, banaliza a aprendizagem, à medida que parte do pressuposto de que os alunos “não têm nada na cabeça”. E, por isso, o professor deve “depositar” o conhecimento nessas “cabeças”, desconsiderando que eles [alunos] já trazem consigo uma “bagagem cultural” repleta de tantos outros conhecimentos e provenientes das experiências vividas e aprendidas fora da escola.

Para Terezinha, ser uma “boa professora” significa ensinar, ou seja, transmitir aos seus alunos os conteúdos da escrita, da leitura, do cálculo e, ainda, “*manter a disciplina em sala de aula*”, conforme os moldes de uma “*educação tradicional*”. Cabe lembrar que este tipo de educação tem por objetivo integrar os alunos à vida social, contribuindo para formar o cidadão exigido pela sociedade, por meio da socialização, da normatização e da disciplina.

O cidadão desejado é concebido em sua forma genérica e, por isso, destituído de suas particularidades de gênero, “raça”, classe social, etc. Neste tipo de educação, há, portanto, a predominância do ensino e a banalização da diversidade sociocultural que forma alunos e professores. Daí a não presença na prática docente desta professora do tratamento da questão racial.

A abordagem da “questão racial” se torna presente em sua prática apenas no momento da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) em 1998, que traz para debate o tema transversal pluralidade cultural, dentre outros, conforme previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394 de 1996.

Num primeiro momento, o tratamento dado por Terezinha a esta “questão” parte da visão estereotipada a respeito de alguns de seus alunos negros, qualificados por ela como indisciplinados, rebeldes, problemáticos, entre outros adjetivos. Para trabalhar com as “relações raciais” “mais profundamente”, restringia-se em alertar os alunos negros sobre o “problema do negro, de não ser bem aceito e, por isso, ter de melhorar o seu comportamento”.

Posteriormente, já em seus últimos anos no magistério (aposentou-se no início de 2002), em razão da demanda dos PCN’s, Terezinha desenvolve um trabalho que visa debater as diferenças entre as pessoas, as diferentes descendências, por meio da árvore genealógica, e, também, discute a ascensão social de alguns negros. Esse tipo de abordagem se torna, ainda hoje, um “clichê” na prática de muitas professoras negras e não-negras, fazendo com que o debate racial ocorra de maneira superficial, pois não permite desconstruir o discurso racial vigente na sociedade brasileira em sua essência, demonstrando aos alunos sua origem e as conseqüências em termos dos sujeitos negros.

Da descrição sobre as representações das professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha acerca de suas trajetórias de vida, principalmente das experiências escolares e profissionais com a discriminação racial, assim como de suas posturas e práticas docentes com a “questão racial” procura-se, neste trabalho, “fechar o círculo” da relação docente/discente.

O que se busca é compreender as visões dos ex-alunos dessas professoras, homens e mulheres, negros e não-negros, de diferentes idades e meios sociais, sobre a professora negra e sua prática docente com a questão étnico-racial. Trata-se também de interpretar suas visões sobre as “relações raciais” no Brasil e o papel da escola no combate ao racismo. Para isso, as visões de mundo são postas em relação com o contexto da situação étnico-racial vigente na sociedade brasileira, em particular na escola, e, ao mesmo tempo em que informam sobre ele, podem ser compreendidas a partir dele.

Com a apreensão das visões dos ex-alunos, objetiva-se, também, compreender a propriedade, o alcance e o limite da prática docente de cada professora no tocante à questão étnico-racial, por meio do encontro entre as visões dos ex-alunos e as representações das próprias professoras acerca da prática docente com a questão étnico-racial; conhecer o processo de construção de visões racistas e, a partir dele, a possibilidade de sua desconstrução. Da relação estabelecida entre os ex-alunos e o contexto da situação étnico-racial, assim como entre as professoras negras e as trajetórias de vida, refletir sobre a formação de professores voltada para o tratamento da questão étnico-racial, no atual contexto da Lei 10.639/2003.

As visões dos ex-alunos sobre o passado, ou seja, sobre as experiências vividas com as professoras negras e suas práticas docentes no universo da escola, em particular da sala de aula, têm origem no momento atual da vida de cada um deles e podem ser apreendidas por meio de suas memórias e narrativas.

Como considera Halbwachs (1990), lembrar ou rememorar não significa reviver as experiências tais como elas aconteceram, mas evocar do passado os fatos e as situações que, gravados na memória, adquiriram um significado particular para o momento atual da vida (HALBWACHS, 1990). Assim também Bosi (1979):

[...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (p.17).

Logo, na tentativa de apreender e compreender as visões dos ex-alunos, que, a partir do presente, revelam o passado, esta tese assume a seguinte estrutura, dividida em quatro capítulos:

O Capítulo 1 **“Trilhas conceituais e metodológicas”** traz os principais conceitos que norteiam a investigação e os procedimentos metodológicos executados no campo de pesquisa, na coleta, organização e interpretação das visões dos ex-alunos.

O Capítulo 2 **“Relações raciais no Brasil: contextos, textos e visões de ex-alunos”** apresenta o contexto da situação étnico-racial brasileira e araraquarense, no período que vai dos anos 1970 aos anos 2000, no qual estão imersas as trajetórias profissionais das professoras e as experiências partilhadas por elas e seus ex-alunos.

O Capítulo 3 **“A escola e a questão étnico-racial”** retrata a escola e as relações étnico-raciais estabelecidas entre os alunos e entre eles e os professores. As visões de mundo dos ex-alunos sobre a experiência do contato e do estranhamento diante da presença da professora vêm revelar essas relações. O papel da escola no combate ao racismo, sem desconsiderar o papel da família e da mídia, também emerge das visões de mundo dos ex-alunos, mostrando que essas instâncias socializadoras podem ser responsáveis pela construção e pela desconstrução de visões de mundo racistas.

O Capítulo 4 **“Prática docente com a questão étnico-racial e a formação de professores”** traz as visões dos ex-alunos sobre a prática docente das professoras negras araraquarenses relativa à questão étnico-racial, assim como o debate acerca do processo de formação de professores para a reeducação das relações étnico-raciais, no contexto da Lei 10.639/2003.

CAPÍTULO 1

TRILHAS CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

A apreensão do significado de um determinado conceito não é uma tarefa fácil, devido principalmente à polissemia dos termos. Por isso, chegar a uma definição conceitual significa ter no mínimo uma “descrição provisória” ou “possível” para determinado conceito, a partir dos objetivos da investigação, como já dizia Weber (2007). A interpretação das visões de mundo de ex-alunos sobre as professoras negras araraquenses e suas práticas docentes com a questão étnico-racial exige, portanto, a delimitação de um significado “possível” para os conceitos norteadores desta investigação: visão de mundo, ideologia, utopia, cultura, experiência, raça, etnia e prática docente. É necessário, ainda, delimitar os procedimentos metodológicos executados no campo de pesquisa, na coleta, organização e interpretação dos dados.

1.1 Entre categorias: visão de mundo, ideologia, utopia, cultura, experiência, raça, etnia, prática docente.

As visões de ex-alunos acerca da professora negra e de sua prática docente relativa à questão étnico-racial, das relações étnico-raciais na sociedade brasileira e do papel da escola no combate ao racismo constituem os principais elementos de análise deste trabalho, que toma como referência a noção de “visão de mundo”, *de Karl Mannheim*.

A articulação dessa categoria com as demais (ideologia, utopia, cultura, raça, etnia e prática docente) exige a delimitação do significado de cada uma delas.

Para Mannheim, a “visão de mundo” (*Weltanschauung*):

[...] é o resultado de uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos (*apud WELLER, 2002, p.378*).

Apesar de a “visão de mundo” de um indivíduo, de um grupo ou de uma época emergir do processo de construção das experiências vividas por indivíduos em relação constante uns com os outros, tendo como base uma mesma estrutura, Mannheim (1986a)

não considera que ela possa ser explicada apenas a partir dos indivíduos e de suas experiências de vida. Diz ele:

Realmente, é verdade que só o indivíduo é capaz de pensar. Não há entidade metafísica alguma tal como uma mente de grupo que pense acima das cabeças dos indivíduos, ou cujas idéias o indivíduo meramente reproduza. Não obstante, seria falso deduzir que todas as idéias e sentimentos que motivam o indivíduo tenham origem apenas nele, e que possam ser adequadamente explicados tomando-se unicamente por base sua experiência de vida (p.30).

Ao contrário de unidades isoladas, auto-suficientes, as visões de mundo são partes de uma estrutura mais ampla (a estrutura social) e, em conseqüência, determinadas/condicionadas por ela, devendo ser, por isso, compreendidas “no contexto concreto de uma situação histórico-social, de onde só muito gradativamente emerge o pensamento individualmente diferenciado” (MANNHEIM, 1986a, p. 31).

Se as visões de mundo são sócio-historicamente determinadas/condicionadas, embora resultem das experiências vividas entre os indivíduos, e estão vinculadas a certas posições de grupos e/ou classes, pressupõe-se que elas são geradas na “vida material”, estruturada em termos de classe, raça/etnia, gênero, geração, profissão, etc., e processadas, diferentemente, na “consciência” dos indivíduos por meio da “cultura”, de maneira “relativamente autônoma” (THOMPSON, 1981). Logo, o pensamento, ou as visões de mundo, não é totalmente determinado/condicionado, pois é na experiência humana que:

[...] homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura...das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p.182).

Na relação indivíduo e estrutura social, entendida apenas em sua bilateralidade, a estrutura se impõe ao indivíduo e determina/condiciona sua visão de mundo. Com isso, ele perde seu papel de sujeito da história. Entretanto, nessa mesma relação, agora acrescida

pela experiência humana, a estrutura se transmuta em processo e o sujeito se (re) insere na história. Na e pela experiência, homens e mulheres, negros e brancos, e assim por diante, vivem, observam e significam o vivido, por intermédio da cultura ou das culturas, que para Gusmão (2000):

[...] são mediações, pois fazem com que as condições objetivas de vida sejam expressas pelos sujeitos sociais, não pelo que são e representam, mas pela forma pela qual o próprio real é significado, percebido e interpretado. Cabe assim, aos diferentes grupos sociais, perceber, significar e interpretar a si mesmos em relação ao que vivem e experimentam. Cabe aos que buscam compreender as chamadas culturas modernas, questionar o campo político das relações entre sujeitos, para então compreender-lhes os muitos significados e os significados em jogo naquilo que seus sujeitos expressam (p.386-7).

Nesse processo, portanto, a cultura atua como elemento mediador (aquele que está entre..., mas intrinsecamente articulado a...) da relação que se estabelece entre as condições objetivas da vida, imersas na estrutura ou no contexto social concreto de uma situação histórico-social, como prefere Mannheim (1986a), e os sujeitos ou grupos sociais. Enquanto campo simbólico, ela permite a materialização da realidade tal como ela é significada, percebida e interpretada pelos sujeitos ou grupos, no decorrer da experiência humana.

Os diversos significados atribuídos à existência pelos sujeitos ou, ainda, as diferentes visões de mundo, ora convergentes, ora divergentes, porque presentes numa arena caracterizada pelo conflito e pela negociação, podem ser ideologias ou utopias, ou uma combinação de elementos ideológicos e utópicos.

A noção de ideologia de Karl Mannheim (1986a) parte da concepção total de ideologia⁹, que estabelece a relação entre a estrutura total de pensamento de certo grupo social e uma dada situação histórica, e da crítica ao marxismo que, primeiro a enfatizar o papel da posição e dos interesses de classe no pensamento, atribui a apenas uma das classes sociais (grupo dominante) a posse exclusiva da ideologia enquanto tentativa de distorcer, ocultar, obstruir a compreensão da vida social (“falsa consciência”).

Na Sociologia do Conhecimento de Mannheim (1986a), essa concepção restrita de ideologia (exclusividade de um único grupo social) cede lugar a uma concepção genérica,

⁹ A concepção total de ideologia difere da concepção particular, que tem origem apenas no indivíduo, em sua dimensão psicológica, portanto desconectada da dimensão sócio-histórica.

na qual o pensamento de todas as partes em todas as épocas é de caráter ideológico, ou seja, não só o grupo dominante exerce o monopólio do pensamento ideológico, mas também os demais. Logo, nenhum indivíduo ou grupo social está isento de juízos de valor.

A concepção total de ideologia, genérica, designa, ainda, visões de mundo que se orientam na direção da estabilização e da reprodução da ordem social vigente. Para isso, elas “obscurecem a condição real da sociedade”, tornando-se incongruentes com a “existência social”. A utopia, por sua vez, diz de visões que estão à frente de seu tempo, sendo, por isso, também incongruentes com essa “existência”, mas que tendem, se se transformarem em conduta, a “abalar” a ordem social operante e a efetivar uma nova ordem, ao contrário das ideologias que têm como princípio último mantê-la.

Está implícita na palavra ‘ideologia’ a noção de que, em certas situações, o inconsciente coletivo de certos grupos obscurece a condição real da sociedade, tanto para si como para os demais, estabilizando-a, portanto. o conceito de pensar utópico reflete a descoberta oposta à primeira, que é a de que certos grupos oprimidos estão intelectualmente tão firmemente interessados na destruição e na transformação de uma dada condição da sociedade que, mesmo involuntariamente, somente vêem na situação os elementos que tendem a negá-la. seu pensamento é incapaz de diagnosticar corretamente uma situação existente da sociedade. eles não estão absolutamente preocupados com o que realmente existe; antes, em seu pensamento, buscam logo mudar a situação existente. seu pensamento nunca é um diagnóstico da situação; somente pode ser usado como uma orientação para a ação. na mentalidade utópica, o inconsciente coletivo, guiado pela representação tendencial e pelo desejo de ação, oculta determinados aspectos da realidade. volta as costas a tudo o que pudesse abalar sua crença ou paralisar seu desejo de mudar as coisas” (MANNHEIM, 1986a, p.66-7).

Isto posto, tem-se que, quando comparadas à “existência social”, àquilo que é “concretamente efetivo, isto é, uma ordem social em funcionamento, que não exista na imaginação de certos indivíduos, mas de acordo com a qual as pessoas realmente ajam” (MANNHEIM, 1986a, p. 217-8), tanto a ideologia quanto a utopia são incongruentes com ela e, por isso, representam distorções da realidade.

Para Eagleton (1996), as ideologias e as utopias não são “discursos infiéis ao modo como as coisas são”, mas “discursos fiéis de uma maneira restrita e superficial” (p.184), ou seja, visões parciais da “existência social”. Para Löwy (2007),

[...] as ideologias e as utopias contêm, não apenas as orientações cognitivas, mas também um conjunto articulado de valores culturais, éticos e estéticos que não substituem categorias do falso e do verdadeiro (p.12).

Para efeito deste trabalho, consideramos ideologia uma forma de pensamento orientada para a reprodução da ordem estabelecida, extremamente adaptada aos requisitos sociais vigentes, entrelaçada à realidade histórica e sumamente eficiente. Ao contrário, a utopia denota a possibilidade de romper com essa mesma ordem, a partir de uma forma de pensamento que vá além dela.

Em artigo *Sobre a Interpretação da Weltanschauung*, Mannheim (1986b) defende que o conteúdo que dá forma às diferentes visões de mundo, ora denominado “objetivações da cultura”, ora “produto cultural”, é “a-teórico”, mas nem por isso irracional. Ao contrário, em sua racionalidade, porque portador de sentido, o “produto cultural” é passível de ser interpretado e analisado, com o objetivo de tornar-se conhecimento teórico, científico. Para isso, é preciso considerar que “qualquer produto cultural” contém três distintos “extratos de sentido”: o objetivo, o expressivo e o documental.

Em seu sentido objetivo, o “produto cultural” é “objeto em si mesmo”, portanto imediatamente constatável, uma vez que é possível ver o que o caracteriza “logo no primeiro relance”. No expressivo, ele faz referência ao “universo íntimo” do sujeito, ou seja, revela o que o próprio sujeito quer ou pretende exprimir (dimensão das intenções) com sua ação ou expressão discursiva, dentre outras (facial, gestual, modo de andar, etc.). O conteúdo documental, por sua vez, revela “o que está lá” documentado e não é conhecido nem mesmo pelos próprios indivíduos ou grupos vinculados ao “contexto concreto da situação sócio-histórica” no qual esse conhecimento foi construído.

A “visão de mundo” de um indivíduo, de um grupo ou de uma época pode ser, portanto, apreendida em sua totalidade (significado integral ou “caráter essencial”) no processo de interpretação dos sentidos objetivo, expressivo e documental de seu “produto cultural”. Esses três sentidos se sobrepõem um ao outro e são partes de uma mesma totalidade, no entanto, eles podem ser apreendidos separadamente. O sentido documental representa o principal conteúdo da investigação científica na tentativa de transformar conhecimentos até então a-teóricos em teóricos.

Apesar de o pesquisador assumir um importante papel nesse processo de explicação teórica do conhecimento a-teórico, não se deve esquecer que o conhecimento teórico a ser

produzido tem origem no “produto cultural” dos sujeitos que, em suas experiências, vivem, observam e, por meio da (s) cultura (s), significam o vivido. Como considera Weller *et al* (2006):

[...] trata-se de um conhecimento do qual os atores dispõem; não se trata de um conhecimento ao qual somente o observador tem acesso (privilegiado), como é característico nas abordagens objetivas. Assim os intérpretes das ciências sociais não partem do princípio que sabem mais do que os atores, mas da perspectiva de que, na realidade, eles mesmos não sabem o que e o quanto sabem. Assim a tarefa do observador social é a de levar este conhecimento ateórico até a explicação teórica conceitual (WELLER *et al*, 2006, p.23-24).

Neste trabalho, é feito um exercício de análise das visões (lembranças ou memórias) de ex-alunos, sujeitos vinculados a certas posições de grupo (homens e mulheres, negros e não-negros, de diferentes idades) e de classe social (de diferentes meios sociais), referentes tanto às professoras negras araraquenses (Nazaré, Aparecida e Terezinha) e suas práticas docentes relativas à questão étnico-racial quanto às relações étnico-raciais processadas na sociedade mais ampla e na escola, bem como ao papel da escola no combate ao racismo.

Essas visões são analisadas na relação com o contexto sócio-histórico da situação étnico-racial vigente na sociedade brasileira e, em particular, no universo da escola. Ele [contexto] é representado pelo período no qual estão imersas as trajetórias profissionais das professoras e as experiências partilhadas por elas e seus ex-alunos no espaço da escola, e se restringe aos anos que vão de 1970 a 2000.

Embora a categoria “visão de mundo”, proposta por Karl Mannheim (*apud* Weller, 2002), seja referência nessa análise, não temos a pretensão de obter a “visão de mundo” dos ex-alunos, pois, para isso, seria preciso investigar uma série de experiências que perpassam a vida desses sujeitos. A reconstrução dessas experiências implicaria num “mergulho”, em profundidade, no tempo histórico em que elas foram vivenciadas, no meio social a que pertencem esses alunos e, conseqüentemente, em suas vivências.

O que se tem neste trabalho são apenas alguns traços das visões (lembranças ou memórias) de ex-alunos sobre as experiências com as professoras negras e suas práticas docentes relativas à questão étnico-racial, e não as visões de mundo ou orientações coletivas como um todo.

O exercício de análise das visões dos ex-alunos também envolve os “três níveis de sentido” da “visão de mundo” destacados por Mannheim (1986b), mais especificamente dois deles: o objetivo e o documental.

O sentido objetivo dessas visões pode ser apreendido e compreendido de forma imediata, porque prontamente constatado nos relatos orais dos ex-alunos. Por sua vez, seu sentido documental, subjacente e desconhecido pelos próprios sujeitos, neste caso os ex-alunos, é suscetível de ser investigado, teorizado e revelado pelo (a) pesquisador (a). O sentido expressivo não faz parte desta análise, pois ele representa as intenções dos sujeitos ao agirem ou se expressarem, não sendo, por isso, facilmente apreendido.

As visões dos ex-alunos podem se mostrar, ainda, ideológicas ou utópicas, convergindo ou divergindo entre si e com outras visões que perpassam o contexto social e étnico-racial brasileiro e, conseqüentemente, araraquarense.

A apreensão do sentido objetivo e documental, bem como do caráter ideológico ou utópico, pode ser ilustrada a partir da visão do grupo de ex-alunos da professora Aparecida acerca da dimensão afetiva de sua prática docente, imediatamente constatada nos relatos dos ex-alunos, em seu sentido objetivo, por esta pesquisadora¹⁰.

O sentido documental da visão que confere à prática docente da professora Aparecida uma dimensão afetiva, de modo a revelar que a afetividade está relacionada à descontração com que a professora conduz as suas aulas e à amizade que estabelece com seus alunos, pode ser apreendido a partir dos relatos dos ex-alunos sobre o fato de, em determinados momentos, na disciplina de Matemática, Aparecida brincar, dançar, cantar e estabelecer com eles uma relação de proximidade, diferente dos demais professores que mantêm uma relação de distanciamento.

Em relação ao caráter ideológico ou utópico, essa visão se mostra utópica na comparação feita pelos alunos entre a “prática inovadora” de Aparecida no ensino da Matemática e a “prática tradicional” dos demais professores. Ela revela a expectativa dos alunos com relação a uma possível mudança no ensino da Matemática. No entanto, é apenas uma visão parcial da prática docente da professora Aparecida, uma vez que ela se distancia do sentido efetivo da prática desenvolvida pela professora.

¹⁰ Esta e outras visões de mundo relacionadas à prática docente das professoras negras araraquarenses encontram-se mais adiante no Capítulo 4 deste trabalho.

A apreensão do sentido documental da visão do grupo de ex-alunos tornou possível compreender também que a afetividade presente na prática docente de Aparecida representa uma “estratégia” da própria professora para driblar a discriminação racial ou a possibilidade de experimentá-la nas relações que estabelece com seus alunos em sala de aula.

No exercício de apreensão das visões dos ex-alunos acerca da professora negra, as categorias raça e/ou etnia perpassam a análise no tocante à diferença que constitui as professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha. Essa diferença é imediatamente constatada na cor de suas peles e noutros traços físicos. À exceção da professora Terezinha, as outras duas têm sua diferença também delimitada por alguns traços culturais que remetem a uma possível ancestralidade africana das mesmas, perceptíveis em suas vestimentas, colares, penteados, etc. Trata-se, portanto, da constatação da dimensão racial e étnica da diferença, aqui denominada diferença étnico-racial.

Para Guimarães (2003), os conceitos, de um modo geral, e nesse caso raça e/ou etnia, podem ser: analíticos, à medida que têm sentido apenas como *corpus* teórico; e “nativos”, quando têm sentido no mundo prático e efetivo, e são próprios ao universo discursivo dos sujeitos analisados. Contudo, ambos são significativos em contextos e momentos históricos específicos.

Em seu sentido analítico, o termo raça provém da biologia genética ou da sociologia. A biologia, assim como a antropologia física, criou a idéia de raça, ao classificar a diversidade humana, fato empírico incontestável, em raças diferentes, adotando como principal critério de classificação, com base na diferença e na semelhança, a cor da pele e demais características morfológicas (forma do nariz, lábios, queixo, crânio, etc). Tendendo à hierarquização, atribuiu-se uma escala de valores (superiores e inferiores) entre as chamadas raças, principalmente através da suposta relação entre o biológico (cor da pele, por exemplo) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Desse processo de divisão da espécie humana em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades¹¹,

¹¹ A raça branca é supostamente considerada superior, pois suas características físicas (cor da pele clara, nariz e lábios finos, crânio dolicocefalo, alongado) estão associadas à beleza, inteligência, honestidade, aptidão, dominação; ao contrário, a raça negra é supostamente inferior, já que suas características físicas (cor da pele escura, nariz e lábios grossos, crânio braquicefalo, arredondado) estão associadas à feiúra, à incapacidade intelectual, à preguiça e desonestidade, inaptidão, submissão (Munanga, 2003).

e, conseqüentemente, de hierarquização, resulta o racismo¹². Logo, o racismo deriva da raça ou, ainda, de uma teoria das raças, atuando para justificar e legitimar os sistemas de dominação e a discriminação racial. Mas, tendo em vista que as raças não estão inscritas na natureza, elas são apenas construtos sociais, portanto, socialmente eficazes para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios.

Para a sociologia, elas são “discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais...” (GUIMARÃES, 2003, p.96). Discursos que ainda se mantêm no imaginário coletivo, ao longo de sucessivas gerações, e, por isso, têm uma expressiva operacionalidade na vida social. Sendo assim, Guimarães (2005) propõe um conceito sociológico de raça (“raça social”) que, longe de reivindicar uma realidade biológica das raças, expressa sua realidade social.

“Raça” é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de “raça” permite – ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos -, tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que se lhe reconheça a realidade social que só o ato permite (p.11)

Gomes (2005), por sua vez, chama a atenção para a dimensão cultural da raça. A partir da idéia de cultura simbólica, defende que todos os sujeitos sociais elaboram e atribuem significado à vida social.

[...] É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto dessas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos, na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a classificar.

¹² É importante destacar que “[...] o racismo nasce quando se faz intervir caracteres biológicos como justificativa de tal ou tal comportamento. É justamente o estabelecimento da relação intrínseca entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores” (Munanga, 2003, s.n).

Se as coisas fossem só nesse plano, não teríamos tantos complicadores. O problema é que, nesse mesmo contexto não deixamos de cair na tentação de hierarquizar as classificações sociais, raciais, de gênero, entre outras. Ou seja, também vamos aprendendo a tratar as diferenças de forma desigual. E isso, sim, é muito complicado (p.49)

A autora também se refere à conotação política e positiva de raça, a partir da qual há a delimitação de dois grupos distintos¹³, negros *versus* brancos, tal como se fossem portadores de características específicas. Ao contrário da conotação pejorativa de raça operacionalizada cotidianamente na vida social e na cultura para discriminar e negar direitos e oportunidades aos negros e conceder privilégios aos brancos, ela atua na afirmação do pertencimento e identidade racial, e até mesmo na promoção de políticas de ação afirmativa.

Guimarães (2003) insere no debate sobre a concepção de “raça social” o fato de que a cor, no Brasil, funcionar como uma imagem figurada da raça. Diz ele:

[...] a classificação por cor é orientada pela idéia de raça, ou seja, a classificação das pessoas por cor é orientada por um discurso sobre qualidades, atitudes e essências transmitidas por sangue, que remontam a uma origem ancestral comum numa das “subespécies humanas”...[Por isso,] cor não é uma categoria objetiva, cor é uma categoria racial, pois quando se classificam as pessoas como negros, mulatos ou pardos é a idéia de raça que orienta essa forma de classificação. Se pensarmos em “raça” como uma categoria que expressa um modo de classificação baseado na idéia de raça, podemos afirmar que estamos tratando de um conceito sociológico, certamente não realista, no sentido ontológico, pois não reflete algo existente no mundo real, mas um conceito analítico nominalista, no sentido de que se refere a algo que orienta e ordena o discurso sobre a vida social (p.103-104).

Com isso, ele sugere que cor é uma categoria nativa, pois emerge dos discursos dos próprios sujeitos sobre aquilo que vivem e/ou observam nas relações sociais entre negros e

¹³ De acordo com Fry (2005), coexistem na sociedade brasileira dois tipos de classificação: o modelo bipolar, corrente na classe média intelectualizada urbana, especialmente aquela que compõe o universo acadêmico, e entre militantes (ou simpatizantes) do movimento negro, que utilizam o termo raça com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos; e o modelo múltiplo, predominante as camadas “populares”. O modelo bipolar – negros e brancos – resultaria, segundo o autor, num processo de racialização ou, ainda, de essencialização da raça, enquanto que o modelo múltiplo representaria a desracialização. Para Silvério (2002), a coexistência desses dois modelos e a ambigüidade por eles gerada, traço característico da sociedade brasileira, não impede que uma parcela significativa da população negra que adere à classificação múltipla seja permanentemente racializada no cotidiano das relações sociais.

brancos, sobre o como se auto-classificam e classificam os outros. No entanto, a referência à cor traz consigo a idéia de raça, orientada por um discurso que associa o biológico (cor da pele, por exemplo) a qualidades, atitudes, comportamentos, sobre ou sub-valorizados. Neste sentido, ao associar cor e raça, raça também se torna uma categoria nativa, uma vez que tem sentido no mundo prático e efetivo, logo, no universo discursivo dos sujeitos, como pode ser constatado nos discursos de duas ex-alunas da professora Nazaré:

[...] se a pessoa tem mais ou menos melanina isso é um detalhe biológico, não é porque a pessoa tem menos que ela vai ser mais e eu que tenho mais vou ser menos que ela (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra).

É bastante crítico essa questão de racismo, porque as pessoas não sabem considerar outros valores nas pessoas, elas distinguem, analisam o caráter da pessoa pela cor, não tem nada a ver, há pessoas competentes como incompetentes, independente da raça (Elaine, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 25 anos, negra).

A categoria raça é, portanto, uma face integrante e constitutiva das experiências cotidianas mais comuns, atuando, inclusive e, sobretudo, como fator gerador de desigualdades sociais.

A tentativa de “fugir” da raça, temendo ficar preso ao seu determinismo biológico, faz com que o termo etnia apareça como possível opção.

Bacelar (1989) também considera que as diferenças raciais resultam de um conjunto de significados elaborados socialmente sobre um componente biológico, como é o caso da cor da pele. No entanto, aponta para a necessidade de ampliação dos significados construtores das diferenças, através da noção de etnia, que é relativa à cultura e não ao biológico.

Numa primeira tentativa de delimitar o elemento definidor dos grupos étnicos, o autor se refere à ancestralidade e à sua continuidade ao longo da história. Mas, posteriormente, acrescenta que a construção de um grupo étnico envolve, para além da ancestralidade, a definição de outros elementos: símbolos ou emblemas étnicos de identificação (vestimentas, penteado, maquiagem, linguagem falada, espaços territoriais, a própria cor da pele, etc.) e estereótipos, em geral depreciativos, sobre determinado grupo.

Para ele, as “marcas” físicas ou culturais não bastam, pura e simplesmente, como atributo mobilizador da identidade étnica, construída em meio a permutas, avanços, recuos, manipulações e estratégias. Há a necessidade da atuação de uma “elite étnica” capaz de mobilizar tal identidade, principalmente a partir de situações adversas, como é o caso das desigualdades sociais e das relações de poder. Tem-se aqui a dimensão política do processo de construção do grupo e da identidade étnica.

Munanga (2003) defende que a substituição de raça (fator supostamente biológico) por etnia (fator cultural), “[...] conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum, tem uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão, uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (s.n), não altera a realidade do racismo.

Etnia não destrói, mas mantém a relação hierarquizada entre culturas diferentes, já que “...as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intacto...” (MUNANGA, 2003, s.n). Etnia e raça apresentam, portanto, a mesma função social.

D’Adesky (2005), citando Taguieff, considera inviável abandonar o termo raça. Para ele:

[...] o homem comum continuará a tipificar e a classificar os indivíduos segundo suas características perceptíveis e, mais particularmente, visíveis. A desconstrução científica da raça biológica, observa ele [Taguieff], não faz desaparecer a evidência da raça simbólica, da raça percebida e, invariavelmente, interpretada. Acima de tudo, o imaginário racista alimenta-se das semelhanças e das diferenças fenotípicas da cor da pele [e de outras] características morfológicas....Porque a raça queira-se ou não, permanece sendo um elemento maior da realidade social, na medida em que emprega, a partir de características físicas visíveis, formas coletivas de diferenciação classificatória e hierárquica que podem engendrar, às vezes, comportamentos discriminatórios individuais ou coletivos (p.46).

Se ora raça e ora etnia são eleitas categorias explicativas das relações e dos processos de discriminação e exclusão sociais, ora aparecem conectadas pela expressão étnico-racial, tal como utilizada no Parecer CNE n.003/2004¹⁴, em que a noção de etnia:

¹⁴ O Parecer instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

[...] serve para marcar que essas relações tensas devidas às diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido a raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, européia e asiática” (BRASIL, 2005, p.13).

A articulação entre raça e etnia faz com que a existência do racismo passe a ser definida mediante a atribuição de uma escala de valores (superiores e inferiores) que hierarquiza “raças” e “culturas”. Constrói-se uma relação intrínseca entre a diferença étnico-racial, aquela proveniente da adição da cor da pele e de determinados traços culturais com suposta origem numa ancestralidade africana a certas qualidades, atitudes, comportamentos, resultando em processos de dominação, subjugação, discriminação.

Desse modo, utilizar o termo étnico-racial implica assumir que tanto a diferença racial (cor da pele) quanto a cultural são fatores determinantes na efetivação da discriminação que gera as desigualdades. Pode ainda, na “discriminação positiva”, levar à igualdade, à medida que ambas as dimensões (racial e étnica) são mobilizadas, politicamente, já que atuam como construtos sociais.

Os “discursos nativos” de significativa parcela dos ex-alunos das professoras araraquarenses, entretanto, se referem à raça/cor, a partir da constatação da diferença decorrente da cor da pele, que, normalmente, é associada às qualidades valorativas que denotam superioridade ou inferioridade. Em apenas alguns discursos é possível apreender a diferença através dos traços culturais, os quais remetem a uma suposta origem africana das professoras, presentes, principalmente, num “estilo afro de ser” (vestimentas, penteado, maquiagem e outros ornamentos).

[...] ela se vestia diferente, então você não está acostumado, você vem de um colégio em que você só teve...eu tive uma outra professora negra, mas ela se vestia normal, ela não, ela vestia aquelas saias esquisitas, umas blusas...umas roupas soltas, tipo afro mesmo, aquelas saias comprimidas, soltas, blusas, bem estampadas, coloridas (Silvia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branca).

[...] eu fiquei muito assustada quando eu cheguei na sala de aula, porque a professora Nazaré tem um tipo diferente do que eu estava acostumada, que na 2ª série, apesar de ter tido aula com uma professora negra, que era a professora Regina, e na família da minha mãe todos serem negros, a professora Nazaré se veste diferente do que as pessoas da minha família se vestiam e se porta muito diferente...A professora Nazaré

sempre usando umas coisas assim de coco, sempre vestida diferente, de bata, um estilo diferente (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra).

[...] pela maneira dela se vestir os alunos comentavam muito. Eu não me lembro perfeitamente, mas me lembro que sempre haviam comentários, faixa na cabeça, um lenço colorido, um acessório que ela usava e chamava muita atenção, a maquiagem, mais puxado pro afro (Laís, ex-aluna da profa. Aparecida período inicial, 26 anos, negra).

Ao contrário da categoria raça, etnia adquire maior conotação analítica que nativa, à medida que faz mais sentido como *corpus* teórico e menos como parte integrante do universo discursivo dos sujeitos analisados (GUIMARÃES, 2003), isso se levamos em consideração sua baixa incidência nos discursos dos ex-alunos. Entre eles, a percepção do racismo e das relações estabelecidas entre negros e brancos ainda ocorre mais por conta da aparência física dos indivíduos (a “marca”), especificamente a cor da pele, do que da ascendência (a “origem”), como já observou Oracy Nogueira (1985), ou seja, dos sinais diacríticos que remetem a uma ancestralidade africana.

Mesmo diante da maior incidência, entre os ex-alunos, da noção de raça/cor, optou-se pelo uso do termo étnico-racial para caracterizar a diferença que constitui as professoras (Nazaré, Aparecida e Terezinha), bem como as relações estabelecidas entre elas e seus ex-alunos, já que também definidas em termos de raça e etnia, e aqui denominadas relações étnico-raciais¹⁵. Relações essas que estão presentes tanto na escola como na sociedade mais ampla, na qual ainda predomina a desigualdade que em decorrência da discriminação exclui a população negra do acesso à educação, ao mercado de trabalho, às condições dignas de vida, etc., dando origem à chamada questão étnico-racial. Ela envolve a dimensão social, histórica, econômica, política e cultural própria ao processo de construção do país, que repercute de forma singular sobre a população negra brasileira.

Do mesmo modo que raça e etnia se explicitam como parte deste trabalho, a noção de prática docente também exige definição, uma vez que está articulada às visões dos ex-alunos, agora, no que diz respeito à prática docente das professoras negras com a questão étnico-racial.

¹⁵ As relações estabelecidas entre negros e brancos têm sido denominadas relações raciais. Para Telles (2003), essas relações são aquelas existentes entre indivíduos conscientes de diferenças raciais. Ou, ainda, aquelas resultantes da aceitação, por alguns grupos de pessoas, de relacionamentos essencialmente em termos raciais (AZEVEDO, 2004). Acrescenta-se, neste trabalho, a dimensão étnica desse tipo de relação.

Segundo Tardif (2002), a prática docente é constituída por diferentes saberes: saberes provenientes da formação profissional, saberes disciplinares, curriculares e experienciais. Os saberes da formação profissional são aqueles transmitidos pelas instituições de formação de professores (formação inicial ou contínua), por meio das ciências da educação, e incorporados à prática do professor. Os saberes pedagógicos correspondem “às doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa” (p.37). São eles que fornecem “um arcabouço ideológico à profissão” e que orientam o saber-fazer da atividade educativa (dimensão didática). Os saberes disciplinares pertencem às diversas áreas do conhecimento, pois são os saberes específicos de cada disciplina (História, Português, Matemática, etc.), e incorporados à prática docente através da formação (inicial ou contínua). Os saberes curriculares se apresentam sob a forma de programas escolares, nos quais estão sistematizados os saberes sociais definidos e selecionados pela instituição escolar, a partir de conteúdos e métodos pré-estabelecidos a serem aplicados pelos professores. Os saberes práticos ou experienciais são aqueles que têm origem na prática cotidiana dos professores, nas relações estabelecidas entre sujeitos socioculturais, professores e alunos, diferentes entre si em termos de sexo, classe social, raça/etnia, idade, histórias de vida, etc.. Esses saberes emergem da experiência e são por ela validados. São eles:

[...] um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões, [constituindo], por assim dizer, a cultura docente em ação (TARDIF, 2002, p.49).

Os saberes práticos ou experienciais não excluem os demais saberes adquiridos na formação profissional.

O que Tardif (2002) chama prática docente, Sacristán (1995) denomina prática educativa. Ela é constituída por todos os saberes que compõem a vida pessoal e profissional dos professores, sempre na relação com seus alunos e demais sujeitos, tanto na escola quanto fora dela. Ela é mais ampla que a prática pedagógica, que se restringe apenas aos procedimentos de transmissão do saber, do como fazer. A prática pedagógica corresponde à ação educativa, em que a noção de educação tem por eixo a eficácia social, a normatização e a socialização, o que a torna prescritiva. Por outro lado, a prática educativa corresponde

ao campo educativo, em que educação envolve teoria, prática e sociabilidade, já que a escola é espaço sociocultural, formado por sujeitos portadores de diferenças de sexo, raça, classe social e histórias de vidas distintas. Nesse espaço deve prevalecer o respeito, o conhecimento da diversidade e o constante movimento de trocas culturais entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, professores e alunos (Gusmão, 2005).

Neste trabalho, as visões dos ex-alunos sobre a prática docente das professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha relativa à questão étnico-racial não envolvem todos os saberes que a compõe. Elas correspondem, principalmente, a alguns traços dos saberes experienciais construídos no cotidiano da sala de aula nas relações étnico-raciais estabelecidas entre professoras e alunos, mas também, em menor proporção, dos saberes pedagógico e disciplinar. Esses dois últimos saberes revelam o modo de ensinar (saber-fazer) e os conteúdos relativos à questão étnico-racial abordados pelas professoras em suas aulas, em especial pela professora Nazaré que leciona a disciplina de História.

1.2 Desafios do campo e do método

O primeiro passo para se chegar aos oitenta e dois (82) ex-alunos das três professoras exigiu o mapeamento das diversas turmas para quais elas lecionaram nas escolas araraquenses da rede estadual de ensino ao longo de suas trajetórias profissionais.

As turmas de ex-alunos foram localizadas mediante pesquisas nos livros-ponto de docentes já empilhados nos arquivos “mortos” das escolas. Nesses livros constam as séries para as quais as professoras ministraram aulas em cada ano letivo. Localizadas as séries, foi possível levantar as listas com os nomes e sobrenomes de seus ex-alunos (as). Como resultado, chegou-se a um universo composto por 219 turmas (129 da professora Nazaré, 74 da Aparecida e 16 da Terezinha) e 7.707 alunos (4.594 da Nazaré, 2.667 da Aparecida e 446 da Terezinha), entre homens e mulheres, conforme mostra o Quadro 1, após um (1) ano (2004) de coleta de dados.

QUADRO 1: Número de turmas e ex-alunos de cada professora, por escola, ano letivo e sexo.

Professora	Escola	Ano Letivo	No. turmas	No. alunos	No. alunas	
Nazaré	Francisco P.M. Silva	1986 e 1990	04	57	61	
	Ergília Micelli	1987 a 1992	14	217	233	
	Florestano Libutti	1994 a 2000	07	145	122	
	Anna O. Ferraz	1995 a 2004	51	817	1068	
	Victor Lacorte	2000 a 2003	53	957	917	
		Total		129	2193	2401
Aparecida	Ergília Micelli	1989, 1990, 1998 e 2000	06	118	111	
	Francisco P.M.Silva	1991	01	09	08	
	Antonio O.B.Filho	1994 e 1995	03	59	61	
	Leonardo Barbieri	1996, 1997, 2000, 2001 e 2004	24	448	360	
	Letícia G.C.B. Lopes	1998 a 2000	13	342	219	
	João Pires Camargo	2000 a 2002	17	302	251	
	Angelina Lia Rolfsen	2003 e 2005	10	176	203	
		Total		74	1454	1213
Terezinha	Dorival Alves	1969 a 1973	04	75	69	
	Francisco P.M.Silva	1990 a 1992	03	44	38	
	Altamira A. Mantese	1993 a 1999	07	75	76	
	Jandyra Nery Gatti	2000 e 2001	02	41	28	
		Total		16	235	211
	Total Geral		219	3882	3825	

Pretendia-se, inicialmente, compor uma amostra formada por 5 alunos de cada turma. Considerando o número de turmas para cada professora, obteríamos um total de 1095 ex-alunos, com os quais seriam realizadas entrevistas exploratórias. Posteriormente, pensou-se em 2 ex-alunos por turma, um homem e uma mulher, totalizando 438. Estes números se mostraram inviáveis para uma pesquisa de caráter qualitativo, que requer um tratamento teórico-metodológico em profundidade. Somado a isso, a restrição do tempo institucional que rege a pesquisa.

Sendo assim, optou-se por trabalhar com períodos de, mais ou menos, 6 anos, referentes à trajetória profissional das professoras, por nós denominados - período inicial, período intermediário e período “de maturidade” -, conforme Quadro 2, a fim de termos alunos (as) que representassem cada período e não cada uma das turmas.

Para compor cada período seriam entrevistados 10 ex-alunos, sendo 5 homens e 5 mulheres, negros e não-negros, consideradas as escolas a que pertenciam. Para cada professora teríamos um número de 30 ex-alunos (as) e uma população geral de 90. No entanto, temos 30 ex-alunos para a professora Nazaré, 30 para a Aparecida e 22 para a Terezinha, somando uma população de 82 ex-alunos.

Não foi possível completar as entrevistas com os ex-alunos que compõem o período inicial (1969 a 1973) da trajetória profissional da professora Terezinha, devido à extrema dificuldade em localizá-los. E quando encontrados, a dificuldade foi dos próprios ex-alunos em se lembrarem da referida professora, já que, neste período, ela atuava como professora substituta, esporadicamente. Apenas 02 deles (1 homem e 1 mulher) foram entrevistados.

QUADRO 2: Períodos referentes à trajetória profissional de cada professora

Professora	Períodos		
Nazaré	Inicial (1986 a 1991)	Intermediário (1992 a 1997)	“Maturidade” (1998 a 2004)
Escolas	Francisco P.M. Silva Ergília Micelli	Florestano Libutti Anna O. Ferraz	Anna O. Ferraz Victor Lacorte
Aparecida	Inicial (1989 a 1994)	Intermediário (1995 a 2000)	“Maturidade” (2001 a 2005)
Escolas	Francisco P.M. Silva Ergília Micelli Antonio B.O.Filho	Letícia GCB.Lopes Ergília Micelli Antonio B.O.Filho Leonardo Barbieri	João P.Camargo Angelina Rolfsen Leonardo Barbieri
Terezinha	Inicial (1969 a 1973)	Intermediário (1990 a 1995)	“Maturidade” (1996 a 2001)
Escolas	Dorival Alves	Francisco P.M.Silva	Altamira Mantese Jandyra N.Gatti

Os três períodos (inicial, intermediário e “de maturidade”) que compõem a trajetória profissional das professoras foram definidos a partir do número total de anos letivos lecionados por cada professora, excluídos os não-lecionados em Araraquara ou aqueles para os quais não foram encontrados registros nos livros-ponto. Neste momento da pesquisa, esses três períodos assumiram um papel estritamente metodológico, à medida que foram utilizados como um recurso no procedimento de seleção da população de ex-alunos.

Para a professora Nazaré foram contados 18 anos letivos, com exceção do período que vai de 1983 a 1986, lecionado em escolas do perímetro rural, e do ano de 1993, não localizado nos registros dos livros-ponto; para a professora Aparecida 15 anos letivos, com exceção de 1992 e 1993, não encontrados nos registros dos livros-ponto; e para a professora Terezinha 17 anos letivos, exceto o período que vai de 1974 a 1989, lecionado na cidade de São Paulo.

A maioria dos (as) ex-alunos (as) que compõem esses três períodos foi localizada por intermédio da lista telefônica. Apenas um número reduzido desses alunos foi localizado através da indicação de antigos funcionários de algumas das escolas, aqueles que ainda residem no mesmo bairro da escola e dos ex-alunos, ou pelos próprios alunos entrevistados, que acabavam indicando um ou outro colega com quem ainda tinham algum contato.

Em meio a uma infinidade de nomes para cada período, foram selecionados os sobrenomes menos comuns e, em seguida, os vários números de telefone para cada sobrenome. Após ligar para cada número, chegou-se, por tentativa, a um ou outro aluno (a).

No primeiro contato com os ex-alunos, por telefone, foi necessário que a pesquisadora explicasse sobre o trabalho de pesquisa, desse uma noção para eles do quão importante era o tema, assim como de suas contribuições para com o trabalho. Essas informações foram novamente destacadas no momento anterior às entrevistas e, de alguma forma, influenciaram na reconstrução de suas memórias sobre a trajetória como aluno e o papel das professoras nessa trajetória, bem como em suas visões sobre as relações étnico-raciais na sociedade brasileira e na escola. Para que os ex-alunos se propusessem a conceder uma entrevista, em dia, hora e local por eles determinados, foi preciso que a pesquisadora também fornecesse alguns de seus dados pessoais que comprovassem sua idoneidade.

As entrevistas foram realizadas no período que vai do 2º. semestre de 2004 (momento inicial, de “aquecimento”) ao 1º. semestre de 2006 (entrevistas finais) e ocorreram, geralmente, nas escolas em que os alunos estudaram, nas escolas do bairro em que moram ou em escolas centrais, geograficamente acessíveis a todos (pesquisadora e alunos), habitualmente aos sábados, pois a maioria trabalha e/ou estuda durante a semana.

A quantidade de entrevistas feitas num mesmo sábado variou bastante, de 2 a 5 (no máximo) ou nenhuma, pois houve casos de alunos que marcaram e não compareceram, de

acordo com a disponibilidade de tempo e vontade de cada aluno. Uma ou outra entrevista foi realizada na casa do próprio aluno.

Para a realização das entrevistas não foi utilizado nenhum recurso que, previamente estabelecido, acionasse a memória dos ex-alunos sobre as professoras e as experiências escolares vividas com elas. No entanto, acredita-se que desde o primeiro contato, por telefone, entre a pesquisadora e os ex-alunos até o momento das entrevistas, eles puderam iniciar o processo de reconstrução de suas memórias acerca das professoras e das experiências escolares, bem como a pensar sobre as relações étnico-raciais vigentes na sociedade mais ampla e na escola, assuntos acerca dos quais nunca haviam sido questionados.

A possibilidade de realizar as entrevistas em grupos, utilizando, por exemplo, a técnica de grupos focais, se mostrou inoperante, devido à dificuldade de reunir os alunos num mesmo horário. Mesmo aqueles que foram entrevistados numa mesma escola não conseguiram definir um horário comum, já que o sábado é o dia em que se dedicam às atividades que não podem ser feitas durante a semana, pois a maioria trabalha e estuda.

Inicialmente, pensou-se em localizar alguns dos alunos mencionados pelas professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha durante o trabalho de mestrado, por meio das narrativas sobre as situações de discriminação racial vivenciadas por elas nas relações estabelecidas com esses alunos, ou aquelas ocorridas entre esses e outros alunos. Pelo fato de alunos e situações terem sido lembrados pelas professoras, supunha-se que fossem casos significativos para elas. No entanto, só temos as situações e não os nomes completos dos alunos, o que torna difícil a identificação e localização.

Por fim, essa primeira proposta foi revista, mesmo porque todos os ex-alunos (homens e mulheres, negros e não-negros) são significativos, uma vez que são sujeitos específicos, com diferentes visões sobre o como se processam as relações étnico-raciais, sobre as professoras negras, em particular, e suas práticas voltadas para o tratamento da questão étnico-racial. É justamente essa diversidade que nos interessa apreender.

Os quadros 3, 4 e 5 trazem os ex-alunos entrevistados, destacando seus primeiros nomes, se homens (H) ou mulheres (M), idades (I) e a auto-classificação racial/de cor (AC), apresentados por período da trajetória profissional de cada professora.

Quadro 3: Alunos (as) da professora Nazaré

Período Inicial (1986 a 1991)						Período Intermediário (1992 a 1997)						Período de Maturidade (1998 a 2004)					
H	I	AC	M	I	AC	H	I	AC	M	I	AC	H	I	AC	M	I	AC
Fernando	24	branco	Aline	29	negra	Eliezer	26	branco	Laís	26	negra	Lucas	21	branco	Simone	23	negra
Juliano	24	branco	Mônica	24	negra	Roberto	23	branco	Simone	23	negra	Hugo	21	branco	Beatriz	20	branca
Márcio	27	branco	Elaine	25	negra	Fábio	26	branco	Daniela	27	negra	Celso	20	negro	Fernanda	21	branca
Ailton	25	negro	Sabrina	26	branca	Marcelo	25	“japonês”	Silvia	26	branca	Daniel	23	pardo	Roberta	20	branca
Ivan	26	moreno	Liliane	27	parda	Hugo	21	branco	Márcia	24	negra	Carlos	22	branco	Lídia	22	negra

Quadro 4: Alunos (as) da professora Aparecida

Período Inicial (1989 a 1994)						Período Intermediário (1995 a 2000)						Período de Maturidade (2001 a 2005)					
H	I	AC	M	I	AC	H	I	AC	M	I	AC	H	I	AC	M	I	AC
Cleber	24	negro	Laís	26	Negra	Rafael	19	branco	Anykelly	22	parda	Tiago	16	negro	Aline	16	branca
Marcelo	25	negro	Renata	25	morena	Everton	19	pardo	Nilza	25	morena	Hussani	17	negro	Mirian	18	branca
Rodrigo	23	pardo	Mônica	24	negra	Paulo	31	moreno	Luciana	30	branca	Ivan	17	moreno	Amanda	19	negra
Michael	26	branco	Ludmila	25	parda	Luis	20	branco	Josilaine	25	branca	PauloH	18	moreno	Daiane	18	morena
Edgar	26	branco	Pamela	24	branca	Alan	22	negro	Elen	23	negra	Victor	17	branco	Ana	17	branca

Quadro 5: Alunos (as) da professora Terezinha

Período Inicial (1969 a 1973)						Período Intermediário (1990 a 1995)						Período de Maturidade (1996 a 2001)					
H	I	AC	M	I	AC	H	I	AC	M	I	AC	H	I	AC	M		
Luis	45	branco	Ângela	45	branca	Ronaldo	19	negro	Cristiane	24	branca	Rafael	19	branco	Marli	18	morena
						Alex	21	branco	Mariana	23	negra	Everton	19	pardo	Cristiane	17	branca
						Felipe	24	branco	Gisele	24	branca	Thiago	18	moreno	Fernanda	17	branca
						Ademir	19	moreno	Vera	20	morena	Marco	16	branco	Rose	18	branca
						Fabício	23	negro	Carina	22	parda	Luciano	18	negro	Sheila	17	negra

Dos oitenta e dois ex-alunos, oitenta estão na faixa de idade que vai dos 16 aos 31 anos. À exceção dos dois ex-alunos pertencentes ao período inicial da trajetória profissional da professora Terezinha, ambos com 45 anos; há aqueles que se classificam negros ou brancos, e outros pardos e morenos; existe um único caso em que o aluno se classificou “japonês” (descendente de japonês). A auto-classificação de raça/cor assumida por cada um dos ex-alunos é mantida ao longo deste trabalho nas citações *ipse literis* dos discursos que expressam as visões desses ex-alunos. No entanto, quando nos referimos ao grupo de ex-alunos os reunimos em negros (pardos, negros e morenos) e não-negros (brancos e “japonês”).

Para a etapa da coleta das visões dos ex-alunos, a metodologia qualitativa da história oral se fez necessária. Segundo Silva (1999), a história oral¹⁶:

[...] constitui um método que integra um campo das chamadas metodologias qualitativas...[cuja preocupação é] apreender os processos, acontecimentos e relações sociais, a partir da perspectiva dos agentes neles envolvidos. Ou seja, enquanto método qualitativo de coleta e análise dos dados, a história oral confere centralidade ao que os agentes sociais comunicam, compreendendo estes elementos como fundamentais para a reconstrução, compreensão e explicação de processos sócio-históricos (p.116).

A opção pela técnica dos relatos orais¹⁷, pertencente à metodologia da história oral, permitiu estabelecer um recorte nas experiências escolares vividas pelos ex-alunos, com destaque apenas para as decorrentes das relações étnico-raciais estabelecidas entre eles e as professoras “negras” Nazaré, Aparecida e Terezinha, e da prática docente dessas professoras com a questão étnico-racial.

¹⁶Kosminsky (1999), num ensaio sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz, aponta para a diferença, aparentemente gráfica, entre História Oral e história oral. História Oral é uma corrente da História e história oral é o método de pesquisa utilizado pela Sociologia ou, ainda, pelas Ciências Sociais. Se a História Oral tem a preocupação de reunir e sistematizar os dados na tentativa de constituir arquivos de relatos orais, a história oral procura interpretar o material coletado pelo pesquisador, a partir do problema proposto pela pesquisa, objetivando desvendar a trama das relações sociais e, com isso, produzir um conhecimento crítico sobre a realidade. Não há, portanto, uma preocupação com a constituição de arquivos e de relatos orais como documentos.

¹⁷ Nos relatos orais, o informante relata suas experiências de vida, a partir do recorte estabelecido pelo pesquisador para quais experiências deseja investigar. É por isso que o pesquisador pode interferir na narrativa a qualquer momento, mediante a necessidade de trazer o informante ao assunto que se quer tratar. As entrevistas podem se esgotar num só encontro e os depoimentos podem ser mais curtos (Queiroz, 1988).

Os relatos orais foram coletados mediante entrevistas gravadas em sessões de até uma hora. As intervenções, durante os depoimentos, ocorreram à medida que outras perguntas se fizeram necessárias para elucidar questões não abordadas ou previstas pelo roteiro previamente elaborado, a partir dos seguintes temas: a) lembranças sobre a professora e sua prática docente (envolve o posicionamento da professora como negra e o debate sobre as relações étnico-raciais); b) impacto/estranhamento frente à presença da professora negra; c) opinião sobre as relações étnico-raciais na sociedade brasileira; d) opinião sobre o papel da escola no combate ao racismo.

As anotações em caderno de campo foram igualmente importantes na coleta dos dados, posto que permitiram recompor as impressões da pesquisadora e, principalmente, os não-ditos no contexto das narrativas, fundamentais para o processo de análise.

Dos oitenta e dois (82) relatos orais coletados, foram selecionados quarenta (40)¹⁸, aqueles que, devido aos seus conteúdos, permitiriam análises mais aprofundadas das visões dos ex-alunos acerca das professoras negras e das práticas docentes voltadas para a questão étnico-racial, assim como das relações étnico-raciais na sociedade brasileira e na escola.

Os relatos dos ex-alunos foram organizados de forma a reunir os aspectos convergentes e os divergentes de suas diferentes visões acerca dos temas propostos: a) relações étnico-raciais na sociedade brasileira; b) professora negra e o estranhamento diante da sua presença; c) prática docente com a questão étnico-racial; d) papel da escola no combate ao racismo.

Para os temas **b** e **c**, entretanto, os relatos foram agrupados em referência a cada uma das professoras, logo, as falas dos ex-alunos da professora Nazaré, os da Aparecida e os da Terezinha, já que expressam as suas visões acerca da professora negra e de sua prática docente relativa à questão étnico-racial, com destaque para seus aspectos convergentes e divergentes.

Entre esses relatos orais, estão aqueles cujas falas de alguns ex-alunos aparecem com maior frequência no decorrer deste trabalho. Para um conhecimento mais concreto e específico desses ex-alunos os apresentaremos, apontando traços de suas trajetórias escolares e experiências profissionais:

¹⁸ Esses relatos orais foram transcritos, mas não integralmente, e organizados por temas. Ver ANEXO A.

ALUNO (A)	CARACTERISTICAS
Aline	Ex-aluna da profa. Nazaré, na 8ª. série, ano de 1991 (período inicial da trajetória profissional dessa professora); 29 anos, negra. Possui graduação em Pedagogia, com especialização em educação especial. Experiência profissional: secretária de clínica ortopédica; professora na educação infantil.
Simone	Ex-aluna da profa. Nazaré, na 3ª. série, ano de 1992 (período intermediário da trajetória profissional dessa professora), e no 1º. Colegial, ano de 1999 (período “de maturidade” da trajetória profissional dessa professora); 23 anos, negra. Graduação em Pedagogia (cursando). Experiência profissional: restaurante industrial; secretária.
Sabrina	Ex-aluna da profa. Nazaré, na 3ª.série, ano de 1991 (período inicial da trajetória profissional dessa professora); 26 anos; branca. Possui graduação em Publicidade. Experiência profissional: redação de um jornal; editora gráfica em agência de publicidade.
Mônica	Ex-aluna da profa. Nazaré, na 2ª. (1989) e 3ª. série (1990) (período inicial da trajetória profissional dessa professora); 24 anos, negra. Possui graduação em Educação Física. Experiência profissional: telemarketing; recepcionista; professora de ginástica.
Silvia	Ex-aluna da profa. Nazaré, colegial (período intermediário da trajetória profissional dessa professora); 26 anos, branca. Possui o ensino médio completo (técnico em secretariado). Experiência profissional: vendedora, telefonista, embaladeira de kits para revistas.
Hugo	Ex-aluno da profa. Nazaré, na 4ª. (período intermediário da trajetória profissional dessa professora) e no 1º. colegial (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora). Possui ensino médio completo. Experiência profissional: comércio.
Laís	Ex-aluna da profa. Nazaré, no 1º. e 2º. colegial (1996/1997) (período intermediário da trajetória profissional dessa professora); ex-aluna da profa. Aparecida, na 7ª. série (período inicial da trajetória profissional dessa professora). Possui ensino médio completo (técnico em secretariado). Experiência profissional: esteticista corporal e facial
Amanda	Ex-aluna da profa. Aparecida, na 8ª. série, ano de 2001 (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora); Possui ensino médio completo.Cursinho pré-vestibular (cursando). Sem experiência profissional.
Paulo H.	Ex-aluna da profa. Aparecida, na 6ª. série, no ano de 2001 (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora); 18 anos; moreno. Ensino médio incompleto (cursando). Experiência profissional: setor civil (servente de pedreiro); telemarketing.
Elen	Ex-aluna da profa. Aparecida, na 7ª. série, no ano de 1996 (período intermediário da trajetória profissional dessa professora); 23 anos, negra. Possui ensino médio completo; curso técnico em contabilidade (cursando).

Ivan	Ex-aluno da profa. Aparecida, na 6ª. série, no ano de 2001 (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora); 17 anos, moreno. Possui ensino médio incompleto (cursando). Sem experiência profissional
Everton	Ex-aluno da profa. Aparecida, na 6ª. série, no ano de 1998 (período intermediário da trajetória profissional dessa professora); ex-aluno da profa. Terezinha, na 4ª. série, no ano de 1996 (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora); 19 anos, pardo. Possui ensino médio completo. Experiência profissional: não tem
Rafael	Ex-aluno da profa. Aparecida, na 6ª. série, no ano de 1998 (período intermediário da trajetória profissional dessa professora); ex-aluno da profa. Terezinha, na 4ª. série, no ano de 1996 (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora); 19 anos, branco. Possui ensino médio completo. Experiência profissional: cabeleireiro
Thiago	Ex-aluno da profa. Terezinha, na 4ª. série, no ano de 1999 (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora); 18 anos; moreno. Possui ensino médio completo; cursinho pré-vestibular. Experiência profissional: não tem.
Cristiane	Ex-aluna da profa. Terezinha, na 4ª. série, no ano de 1997 (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora); 17 anos; branca. Possui ensino médio incompleto (cursando). Experiência profissional: balconista
Rose	Ex-aluna da profa. Terezinha, na 4ª. série, no ano de 1996 (período de maturidade da trajetória profissional dessa professora); 18 anos; branca. Possui ensino médio completo. Experiência profissional: agente de passagens rodoviárias

Uma vez organizadas as visões dos ex-alunos, através da comparação de umas com as outras, com base num critério comum (os temas propostos), passou-se para a interpretação das mesmas. Elas foram analisadas a partir de dois dos três “extratos de sentido” (objetivo, expressivo e documental) da “visão de mundo” - o sentido objetivo e o documental.

Da análise, foi possível apreender a visão do grupo de ex-alunos, constituída por um sentido comum, ora divergente, ora convergente, acerca das relações étnico-raciais na sociedade brasileira e do papel da escola no combate ao racismo, independente de os integrantes desse grupo serem alunos de uma ou de outra professora.

Sobre a professora negra e sua prática docente foi apreendida a visão do grupo de ex-alunos de cada uma das professoras, também constituída por um sentido comum e por um aspecto ora convergente, ora divergente.

Partiu-se do pressuposto, tal como defendido por Mannheim (1986a), de que dos diferentes pontos de vista parciais dos ex-alunos, vinculados a posições sociais distintas, se chegaria a uma visão de conjunto predominante no contexto social vigente, através da “síntese” pautada no método de interpretação.

Essa “síntese” busca resolver o dilema do relativismo, em que as diferentes maneiras de pensar e de conhecer representariam várias “verdades parciais” opostas e sem conciliação possível. Ela visa, portanto, a uma visão multilateral, geral, universal e objetivamente válida da existência social (LÖWY, 1993).

A análise chega a sua fase final a partir do sentido documental da visão do grupo, que foi interpretado tomando-se como referência o contexto concreto da situação sócio-histórica no qual está inserido, nesse caso, a situação étnico-racial brasileira tal como processada na sociedade mais ampla e na escola. É neste momento da interpretação que se torna possível transformar um conhecimento até então a-teórico em conhecimento teórico, como propõe Mannheim (1986b) em seu método de interpretação da “visão de mundo”¹⁹:

[...] compreendemos o todo pela parte e a parte pelo todo. Retiramos o “espírito de uma época” das suas manifestações individuais documentais, e interpretamos o indivíduo, as manifestações individuais documentais com base no que sabemos acerca do espírito de uma época (MANNHEIM, 1986b, p.104).

No momento da teorização toma-se, portanto, o todo (contexto concreto da situação racial operante na sociedade brasileira e na escola) como forma de compreender a parte (visão do grupo de ex-alunos), e vice-versa. Para se ter uma idéia desse momento, retomamos o sentido documental da visão do grupo de ex-alunos da professora Aparecida a respeito da dimensão afetiva de sua prática docente, já utilizado como ilustração nesse capítulo.

¹⁹ O sociólogo alemão Ralf Bohnsack “atualizou” o método proposto por Mannheim e deu origem ao método documentário de interpretação, que se tornou um “instrumento de análise para a pesquisa social empírica de caráter reconstrutivo”. Esse método apresenta fases específicas de execução, desde a coleta e organização até a interpretação dos dados, tais como: interpretação formulada (de primeira ordem), interpretação refletida (de segunda ordem), comparação, tipificação, etc., como forma de garantir o controle metodológico do processo de interpretação, e do próprio pesquisador (WELLER, 2002; 2005; 2006). Neste trabalho, pudemos apenas exercitar este método, utilizá-lo, na íntegra, implicaria rever todo o processo de coleta e organização dos dados, etapas já concluídas no momento do contato tardio com esse instrumento de análise, que certamente também redimensionaria a interpretação dos dados.

Em seu sentido documental, “aquele que está lá” e não é conhecido pelos sujeitos que vivem e significam a experiência, a afetividade presente na prática da professora Aparecida também representa uma “estratégia” da própria professora para driblar a possibilidade de experimentar a discriminação racial na relação com seus alunos. Uma vez apreendido esse sentido, busca-se interpretá-lo tomando como referência o contexto da situação étnico-racial brasileira, pois através desse contexto é possível compreender a necessidade de o sujeito negro criar “estratégias” para “sobreviver” ao racismo. A teorização emerge dessa interpretação e representa nada mais nada menos que a própria interpretação, já que coloca visão e contexto em relação, ao contrário da explicação causal, em que o contexto explicaria a visão de mundo e essa o contexto, por ser um a causa do outro.

O método de interpretação proposto por Mannheim (1986b) visa ao controle científico do processo de interpretação e do próprio pesquisador, na tentativa de chegar ao conhecimento científico-social objetivo. No entanto, como alcançar a objetividade se a interpretação realizada pelo (a) pesquisador (a), sujeito também vinculado a certa posição de grupo e de classe, portanto, com um lugar definido na estrutura social, é ela mesma uma interpretação de segunda ou terceira ordem?²⁰ Como diz Geertz (1978):

[...] os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. Por definição, somente um ‘nativo’ faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura (p.25).

À medida que não existe uma verdade objetiva, neutra, mas verdades parciais que resultam de um ponto de vista particular, vinculado a certas convicções e posições sociais, o dilema da objetividade ainda permanece presente.

É, portanto, também a partir desta perspectiva que se faz uma interpretação das visões dos ex-alunos, tomando-se como eixo de análise as categorias “visão de mundo”, experiência, cultura, ideologia, utopia, raça/etnia e prática docente, as quais perpassam todo o trabalho.

²⁰Inicialmente, Mannheim (1986a) atribui a uma *intelligentsia* sem vínculos, “intelectuais desvinculados” ou “livremente flutuantes” a “missão” de realizar a “síntese” dos pontos de vista parciais. Ele não nega que esses intelectuais apresentam uma posição social particular e determinada, mas confere a algumas de suas características a possibilidade de realizarem a “síntese” dinâmica, objetiva. Posteriormente, não convencido disso, ele aponta para a necessidade do autocontrole científico do cientista social (LÖWY, 1993; 2007).

Sendo assim, torna-se necessário reconstruir, neste momento, o contexto da situação étnico-racial no Brasil e, conseqüentemente, em Araraquara/SP, em especial no período que vai dos anos 1970 aos anos 2000, período no qual estão imersas as trajetórias profissionais das professoras e as experiências partilhadas por elas e seus ex-alunos no espaço da escola.

CAPÍTULO 2

“RELAÇÕES RACIAIS” NO BRASIL: CONTEXTOS, TEXTOS E VISÕES DE EX-ALUNOS

A contextualização da situação étnico-racial brasileira e, conseqüentemente, araraquarense²¹, no espaço de um longo período histórico que vai dos anos 1970 aos anos 2000 envolve inicialmente a periodização proposta para as trajetórias profissionais das professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha - inicial, intermediária, “de maturidade”. Esses períodos também se constituem como “pano de fundo” das experiências vividas pelas professoras e seus ex-alunos, em especial aquelas referentes ao tratamento da questão étnico-racial, no universo da escola e da sala de aula.

Neste cenário, a lógica de construção das visões dos ex-alunos acerca das professoras negras e de suas práticas docentes coloca em movimento ideologias, utopias, cultura (s), diferenças étnico-raciais. Em jogo, estão as relações étnico-raciais no Brasil e a escola no reafirmar e combater o racismo. Em circulação, ainda, há as visões das relações étnico-raciais na sociedade brasileira do passado e do presente.

Isto posto, a contextualização da situação étnico-racial brasileira acontece ao mesmo tempo em que articulamos as visões sobre relações raciais sistematizadas na produção de intelectuais brasileiros e brasilianistas e as visões elaboradas pelos ex-alunos das professoras araraquarenses. Muitas dessas visões se mostram ideológicas e/ou utópicas e são predominantes no imaginário social, convergindo ou divergindo, portanto, com as visões que perpassam a estrutura social e étnico-racial brasileira.

O processo de contextualização parte da transição dos “longos anos de chumbo” para a abertura política do país, anos 1970 para 1980, momento em que: rompe-se com o silêncio sobre a questão étnico-racial no âmbito da sociedade e da academia; questiona-se a idéia de democracia racial; e (re) surgem os movimentos sociais, em particular o negro, agora sob a forma de Movimento Negro Unificado. E chega ao atual contexto das relações

²¹Araraquara, cidade do interior do Estado de São Paulo localizada a 273 Km da capital, apresenta, em termos gerais, características históricas semelhantes a qualquer outro município do Estado de São Paulo e de outros estados brasileiros, que tenham experimentado uma economia escravocrata. Essa economia exerceu um controle social eficiente e duradouro sobre o contingente negro existente, determinando os processos de desvalorização e de “inclusão pelas margens”, aos quais foi e, ainda hoje, é submetido, apesar das mudanças sociais ocorridas no transcorrer do século XX (SILVA, 2003, p.87).

étnico-raciais, com início nos anos 1990, adentrando os anos de 2000, do qual emergem os debates sobre políticas de ação afirmativa voltadas para a população negra.

2.1 Do “silêncio” ao (re) surgimento do debate sobre relações étnico-raciais: contexto e visões de ex-alunos.

O momento que antecede o período que vai de 1965 até o final da década de 1970, em que o tema racial foi considerado “questão de segurança nacional”²² e a idéia de democracia racial se tornou uma imposição política para ocultar a existência de divisões raciais e sociais e destacar a unidade e homogeneidade nacional, é caracterizado, entre outros aspectos, pelos estudos sobre “relações raciais” no Brasil patrocinados pela UNESCO.

O “Projeto Unesco” foi desenvolvido em diferentes regiões do país (Nordeste, Sul e Sudeste), entre os anos 1940 e 1960, e envolveu três gerações de intelectuais, brasileiros e brasilianistas, entre eles: Donald Pierson, Charles Wagley, Roger Bastide, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Oracy Nogueira, René Ribeiro, Thales de Azevedo, Florestan Fernandes, Marvin Harris, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni.

Os pesquisadores das “relações raciais” analisaram a existência ou não do preconceito racial na sociedade brasileira e a possível articulação entre cor (raça) e posição social (classe). Todos estiveram em contato com a idéia de democracia racial de Gilberto Freyre, difundida principalmente a partir dos anos 1930, ora se contrapondo, ora sendo influenciados por ela.

O grande debate e embate entre esses intelectuais girou em torno da defesa ou da contestação da idéia de que o preconceito e a desigualdade existentes no Brasil não são também decorrentes da “raça”, mas simplesmente da classe social.

Donald Pierson e Charles Wagley, por exemplo, defenderam que o preconceito e a desigualdade não resultam da cor (raça), mas da classe. Para ambos, após o fim do

²² A começar pelo Ato Institucional no. 2 (AI-2), a Doutrina de Segurança Nacional buscou assegurar, através da repressão, o desenvolvimento econômico do país e o “bem-estar do povo brasileiro”. No entanto, é com o AI-5 que ocorre a utilização descontrolada do aparato repressivo do Estado de Segurança Nacional, dez anos (1968-1979) de inimagináveis atrocidades, medo e silêncio (ALVES, 1984).

escravismo no Brasil, a sociedade de castas²³, com rígidas barreiras entre grupos raciais, cedeu seu lugar para a sociedade de classes²⁴. Nesse tipo de sociedade, as “relações raciais” são vistas apenas como epifenômenos das relações entre as classes sociais (GUIMARÃES, 1996; 1999).

Thales de Azevedo, assim como Pierson e Wagley, atesta que o Brasil é uma sociedade multirracial de classes, mas, ao contrário dos dois, considera a co-existência de uma ordem de classes e de uma ordem de castas. Para ele, essa ordem de castas, predominante na sociedade escravocrata, se mantém, mesmo que por tempo determinado²⁵, na nova sociedade capitalista competitiva. Com isso, o preconceito de cor atua na naturalização da hierarquia social, fazendo dos brancos, ricos, e dos pretos e mestiços, pobres. Cria-se, aqui, a tendência em defender que as desigualdades sociais são também desigualdades de cor (GUIMARÃES, 1996; 1999).

Florestan Fernandes, por sua vez, também percebe a co-existência, na estrutura social, de uma ordem econômica e racial, e aprofunda a análise de Thales de Azevedo, ao ponderar que o preconceito racial atua na desqualificação dos não-brancos na competição pelas posições sociais mais almejadas, resultantes do desenvolvimento capitalista e da diferenciação da estrutura de classes (ARRUDA, 1996).

Com o fim do escravismo e a generalização da norma competitiva, as práticas racistas são ativadas pelas ameaças reais e imaginárias feitas pelos negros à estrutura de privilégios sociais dos brancos (HASENBALG, 1999, p.82).

Florestan Fernandes defende, portanto, a confluência de barreiras de classe e de cor à mobilidade e à integração dos negros na nova ordem competitiva, e busca desmistificar a

²³ Na sociedade escravocrata de castas, um determinado grupo de pessoas se encontra numa ordem considerada superior ou inferior, na qual privilégios, deveres, obrigações, oportunidades são desigualmente distribuídos entre os grupos; o casamento entre os dois grupos não é permitido; não há a possibilidade de mobilidade social (membros do grupo inferior ascendem ao superior, ou membros do grupo superior descendem ao inferior). As divisões em castas são resultantes das características herdadas e inatas dos indivíduos (cor da pele, e outras), responsáveis apenas pela conservação do *status* atribuído (superior ou inferior) a dois grupos distintos: brancos e negros, elite e povo, ricos e pobres, cidadãos e excluídos.

²⁴ Na sociedade multirracial de classes, há a possibilidade de casamentos entre os membros das classes superior e inferior, bem como de mobilidade social, ou seja de ascender ou descender na estrutura vertical. As divisões em classes são provenientes de alguns elementos adquiridos pelos indivíduos enquanto resultado de sua competição, tais como renda e educação.

²⁵ A relação estabelecida entre a ordem racial, decorrente de uma estrutura estamental, historicamente concebida no escravismo e as hierarquias sociais, é preservada e se amplia até os dias de hoje, ao contrário do que teorizou Thales de Azevedo, quando previu sua superação pela sociedade capitalista.

idéia de democracia racial que, tal como preconizada por Gilberto Freyre, nega a existência do preconceito racial e, conseqüentemente, as desigualdades raciais no Brasil.

O embate acerca da dimensão social (de classe) e/ou racial do preconceito e da desigualdade existentes na sociedade brasileira marca a história do pensamento relativo às “relações raciais” no Brasil e ainda hoje é exaustivamente difundido no cotidiano da vida social. Porém, a dimensão social, em detrimento da racial, tem prevalecido como ideologia, na tentativa de manter a situação étnico-racial brasileira instituída e, com isso, a desigualdade entre negros e brancos no acesso à renda, à educação, ao trabalho, etc.

Entre os ex-alunos das professoras negras araraquarenses, esse embate não é diferente. Alguns já consideram que as desigualdades sociais (de classe) existentes são também raciais; outros acreditam que o prestígio conferido aos sujeitos negros decorre de sua situação sócio-econômica, ou seja, do *status* adquirido via renda, e que esse prestígio é capaz de isentá-los de qualquer contato com o preconceito racial, cuja origem está na classe e não na raça.

[...] se você tem dinheiro, você é tratado como eles. Se você está no meio deles não há um preconceito pela cor da pele. Mas se você não está, não convive com eles, você é discriminado... (Laís, ex-aluna das profas. Aparecida, período inicial, e Nazaré, período intermediário, 26 anos, negra).

Dessa visão ideológica, que concebe o preconceito e a desigualdade como uma questão estritamente social, de classe, resulta uma outra, a que diz: “o próprio negro é racista”.

Eu acredito que o racismo existe, mas a maior parte vem do negro, ele acaba se excluindo por ele ser negro, ele acaba não se esforçando pra ter um emprego melhor, ele acaba não estudando pra se por melhor da sociedade, então pra mim o negro é racista em primeiro lugar, isso na minha opinião... (Elen, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 23 anos, negra);

[...] os negros mesmos tem preconceito contra eles mesmos, “ah, que cor é você é, eu sou moreno”, “estou vendo que você é negro, você está falando que é moreno, moreno é uma pessoa de cabelo escuro, negra é diferente”, enquanto você não assumir que você é negra, porque a outra pessoa vai ter que assumir que pode conviver com você no mesmo espaço, se você não se assume, se você mesmo tem um preconceito

contra você mesmo, então são raras as pessoas que entram em cargos altos, negras, porque “ah não, aquilo é muito difícil, eu não vou ter chance”, não tenta, se conforma com o que tem, se conforma cortando cana, apanhando laranja, trabalhando em supermercado... (Paulo H., ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, “japonês”);

Eu acho que as pessoas se retraem muito, as pessoas negras, elas acham que elas podem ser ofendidas a qualquer momento, elas se acomodam com a situação no Brasil, “eu não posso trabalhar naquele lugar porque só aceitam gente branca, ah, então tá, tudo bem, então vou procurar serviço em outro lugar”, a culpa, a maior culpa disso é dos próprios negros, eles tem preconceito de si mesmos, se eles não se amarem, não virem que são pessoas normais, humanos como qualquer outro isso não vai acabar, só vai aumentar. Eu acho que o preconceito é do próprio negro, da nossa própria raça, que eles criaram. Tem gente que não se impõe... (Daniela, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 27 anos, negra);

A dimensão ideológica dessas visões apresenta duas faces: de um lado ela parte do pressuposto de que, se a desigualdade é social, o negro utiliza a “raça” para se eximir de uma responsabilidade que cabe única e exclusivamente a ele, como, por exemplo, adquirir as condições necessárias, via educação, para ser competitivo e, assim, inserir-se no mercado de trabalho; de outro lado, ela expressa a percepção do não reconhecimento do negro como negro.

O não reconhecimento de muitos negros como negros não ocorre porque o “próprio negro é racista”, mas porque ele é vítima do racismo. O racismo, ao associar a cor da pele às características depreciativas (inferioridade, feiúra, incapacidade, etc.), leva o sujeito negro a “...encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (COSTA, 1983, p.2). A tentativa é se afastar da dor provocada por esse corpo não-branco, dor vivenciada principalmente em suas experiências com a discriminação.

A constante busca pelo ideal de brancura (o belo, o superior, o capaz, etc.) faz com que o sujeito negro fique “hipnotizado” pelo fetiche do branco, negando “tudo aquilo que contradiga o mito da brancura” (COSTA, 1983, p.4), até mesmo o seu próprio corpo negro. Para ser “anulado”, ou no desejo de embranquecer, esse corpo negro se “converte num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde corpo e identidade negros deverão desaparecer” (*idem*, p.5). No processo de construção da

identidade dos sujeitos negros, a experiência com o fetiche da branquidão pode levar, por parte de alguns deles, à elaboração de uma concepção ideológica em torno de seus corpos. Concepção essa incongruente com a realidade efetiva – o próprio corpo negro (cor da pele e demais características físicas).

Após o “Projeto Unesco” ter gerado um amplo e diversificado quadro das “relações raciais” no Brasil (MAIO, 1999) e o tema racial ter deixado de ser uma “questão de segurança nacional” (1965 até o final dos anos 1970)²⁶, devido ao processo de abertura política do país²⁷, há a retomada, agora não mais clandestina, do embate político²⁸ e do debate acadêmico sobre “relações raciais” (HASENBALG, 1996; NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2000).

Correm os anos 1980. Os movimentos sociais (re) surgem e, entre eles, o Movimento Negro Unificado (MNU). Criado em julho de 1978, o MNU surge no contexto dos movimentos de libertação das colônias portuguesas na África; dos direitos civis e do poder negro (*Black Power*) nos Estados Unidos; do assassinato de um jovem trabalhador negro vítima de tortura policial e da expulsão de quatro jovens atletas negros do Clube Regatas Tietê, em São Paulo; da “crescente sensação de frustração entre os negros de classe

²⁶ Apesar de a ditadura militar ignorar a problemática racial, o Brasil já era na época signatário de três importantes tratados internacionais: Convenção 111 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) Concernente à Discriminação em Matéria de Emprego e Profissão (1968); Convenção Relativa à Luta Contra a Discriminação no Campo do Ensino (1968); Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial (1969) (JACCOUD *et al.*, 2002).

²⁷ A “política de distensão” do governo Geisel (1974-1978) procurou dismantelar gradativamente os mecanismos de repressão instituídos pelo AI-5 e promover a flexibilização política rumo à democracia, de forma progressiva, através da suspensão parcial da censura, da negociação com a oposição para estabelecer os parâmetros de tratamento dos direitos humanos (de índios, negros, camponeses e direitos humanos em geral) das reformas eleitorais, etc. Com relação à defesa dos direitos humanos, a Igreja Católica desempenhou importante papel no estímulo e proteção das organizações populares, principalmente através da atuação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e de suas pastorais (Pastoral da Terra, Pastoral do Negro...). De 1978 a 1984, durante o governo do general Figueiredo, a abertura política se consolida, trazendo o dismantelamento do aparato repressivo, a elaboração de uma nova constituição, a modificação do modelo econômico, os movimentos sociais, a concessão da anistia política, a lei da reforma partidária, eleições diretas para Presidente da República (ALVES, 1984).

²⁸ A história de mobilização política dos negros ao longo do tempo, em particular no Estado de São Paulo, foi retratada por Andrews (1991; 1998): da luta pela abolição da escravatura (década de 1880), passando pela atuação da Imprensa Negra, da Frente Negra Brasileira e do Teatro Experimental do Negro – TEN (1920 a 1960), até os protestos políticos negros mais recentes (meados dos anos 1970 a 1988) encadeados pelo Movimento Negro Unificado. O protesto político negro, atuante na denúncia do racismo e dos males por ele causados à população negra, bem como na implementação de algumas medidas para combatê-lo, não aconteceu de forma ininterrupta. A ditadura Vargas (1937 a 1945) impôs o silêncio às organizações negras, embora elas não tenham desaparecido por completo.

média diante das barreiras raciais que continuavam a impedir seu progresso ascendente” (ANDREWS, 1998, p. 301).

O Movimento Negro exerce um forte impacto no processo de conscientização da população negra quanto à discriminação e desigualdade raciais no Brasil, e na organização de seus membros para a luta contra o racismo, e traz consigo uma extensa agenda de demandas, denúncias e reivindicações:

[...] contra a discriminação racial e a marginalização do negro; por uma presença significativa do negro nas áreas importantes de decisão do País; pela reformulação da Lei Afonso Arinos ou a criação de nova legislação de proteção à comunidade negra; contra a violência e repressão policial; pela valorização da cultura negra e o combate sistemático à sua comercialização, folclorização e distorção; pela liberdade de expressão e prática das religiões afro-brasileiras; garantia de participação nos meios de comunicação estatais ou sob influência do estado, para a comunidade negra veicular seus valores culturais e humanos; preservação e eventual tombamento dos sítios e monumentos históricos negros; oficialização do 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra no calendário cívico brasileiro; por mais e melhores empregos para os negros; contra o desemprego; contra a perseguição racial e o racismo na seleção de pessoal para as empresas; pela eliminação do requisito “boa aparência” para admissão em empregos; pela valorização do papel da mulher negra na sociedade e na História do Brasil; contra a inclusão de questões específicas do povo negro nos programas dos partidos políticos sem consulta aos Movimentos Negros organizados, etc. (HASENBALG, 1987, p.82-83)

Um dos principais pontos de pauta dessa extensa agenda é a educação, assim como também foi para as organizações negras existentes nas décadas anteriores aos 1980²⁹:

[...] contra a discriminação racial e a veiculação de idéias racistas nas escolas; por melhores condições de acesso ao ensino à comunidade

²⁹ Na história dos movimentos de protesto negros, a educação construída pelos próprios negros e para os negros se fez presente: nas sociedades dançantes e clubes recreativos negros; nas associações beneficentes negras; na Frente Negra Brasileira, que diante do não compromisso do Estado brasileiro com a educação da população negra elabora uma “proposta ousada de educação”, visando “agrupar, educar e orientar”, tanto alunos negros quanto não-negros, de ambos os sexos. Essa proposta não se restringiu apenas à escolarização, mas também buscou a formação política de futuras lideranças; no Teatro Negro Brasileiro (TEN), cujo projeto uniu educação e cultura, adotando duas estratégias: a) a articulação entre dramaturgia e psicoterapia de grupo, que permitiria aos negros se libertar dos recalques e das neuroses provocadas pelo racismo, e os brancos das atitudes racistas; b) a formação de dramaturgos e atores capazes de redimensionar e criticar as raízes eurocêntricas da cultura brasileira, destacando a “herança africana na sua expressão brasileira”. Todas essas iniciativas contaram com o incentivo, no processo de divulgação, da Imprensa Negra (*O Getulino; O Progresso, O Clarim da Alvorada; A Voz da Raça; Alvorada; O Novo Horizonte, entre outros*) (ANDREWS, 1991; GONÇAVES & SILVA, 2000; MAUÉS, 1991; NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2000).

negra; reformulação dos currículos escolares visando à valorização do papel do negro na História do Brasil e a introdução de matérias como História da África e línguas africanas; pela participação dos negros na elaboração dos currículos em todos os níveis e órgãos escolares; contra uma educação que leva o negro que ascende socialmente a negar seus valores étnicos e culturais e pela adequação entre os valores transmitidos pelo ensino e os vividos pela comunidade [...]. (HASENBALG, 1987, p.82-83)

Como parte das atividades do MNU, o Centro de Cultura e Arte Negra³⁰ criou o Festival Comunitário Negro Zumbi (FECONEZU), com o objetivo de fortalecer a luta contra o racismo por meio da valorização da cultura afro-brasileira. O primeiro FECONEZU aconteceu em Araraquara, interior do Estado de São Paulo, em novembro de 1978. Ele foi coordenado pelo Grupo de Divulgação da Arte e Cultura Negra de Araraquara (GANA)³¹ e teve à sua frente Maria Nazaré Salvador (a professora Nazaré). Esse evento, com duração de três dias, desenvolveu atividades artístico-culturais de matriz africana (ANDREWS, 1998; TRIBUNA IMPRESSA, 2001). O FECONEZU ainda acontece uma vez por ano (dia 20 de novembro) em diferentes cidades do Estado de São Paulo, com coordenação e participação dos movimentos negros locais³².

A reforma partidária de 1979, que rompeu com o bipartidarismo e deu origem ao multipartidarismo, faz com que o Movimento Negro tenha seu apoio eleitoral disputado por diversos partidos, em especial os de oposição. Questões específicas da população negra são incluídas nos programas partidários, grupos e comissões de trabalho são criados para investigar os problemas raciais vigentes na sociedade brasileira e, assim, propor medidas resolutivas.

³⁰ O objetivo desse tipo de organização negra, paulista, ainda em pleno regime militar (década de 1970), era difundir a história e cultura afro-brasileiras e qualificar a população negra para se inserir em alguns postos de trabalho.

³¹ O GANA foi fundado no ano de 1977, com a contribuição da professora Nazaré, que, com ele, teve sua primeira atuação nos movimentos de resgate da cultura negra. Entre as ações desenvolvidas pelo GANA estão: os trabalhos voltados para o resgate da história do negro, por meio da confecção de boletins que eram entregues à comunidade; as peças teatrais que retratavam a situação do negro; as atividades em bairros de concentração negra; as participações em debates e encontros da comunidade negra (www.araraquara.sp.gov.br). Acesso em: 10/02/2008.

³² O FECONEZU, com o tema “(Re) Vivendo Zumbi”, aconteceu novamente em Araraquara no ano de 2000, reunindo mais de duas mil pessoas de todo o Estado de São Paulo. O evento, realizado na Escola Estadual Bento de Abreu (EEBA), desenvolveu as seguintes atividades: oficinas temáticas, oficinas de ancestralidade e juventude, mulheres, *hip-hop*, amarração e percussão, seminário geral para discutir os problemas enfrentados pela comunidade negra, e saída de “bloco” pelas ruas de Araraquara, no entorno do local do evento (EEBA) (O IMPARCIAL, 2000). Além da professora Nazaré, ainda responsável pela organização do Festival, também participou do evento a professora Aparecida.

Uma aproximação entre Movimento Negro e Estado (governos federal, estadual e municipal) se inicia: no governo de Franco Montoro (PMDB), São Paulo, cria-se o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (1983)³³ e a Assessoria de Assuntos Afro-Brasileiros (1984); no governo peemedebista de Orestes Quércia (1986), o Grupo de Orientação e Interferência em Situações de Discriminação Racial no Trabalho (Secretaria do Trabalho), o Grupo de Trabalho sobre Questões Afro-Brasileiras (Secretaria de Educação)³⁴ e a Secretaria Especial de Relações Sociais; no âmbito do governo federal (Ministério da Cultura), a Assessoria Para Assuntos Culturais Afro-Brasileiros (ANDREWS, 1991; 1998).

No Congresso Nacional passa a ser significativa a presença de parlamentares negros, com destaque para a atuação do renomado militante e intelectual negro Abdias do Nascimento como deputado federal (1983 e 1987). Entre as principais medidas por ele encaminhadas como Projeto de Lei (PL) estão: reconhecimento de Zumbi dos Palmares como herói da pátria³⁵ e instituição do dia 20 de novembro, morte de aniversário de Zumbi, como feriado nacional (PL no. 1.550, de 1983)³⁶; racismo como crime de lesa-humanidade (PL no. 1.661, de 1983); implementação de ação compensatória para a população negra nos diversos setores da vida social, como é o caso da educação³⁷ (PL no. 1.332, de 1983) (NASCIMENTO, 1983; NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2000).

³³ Ver SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **O Movimento Negro e o Estado: o caso do Conselho de Participação e desenvolvimento da comunidade negra no governo de São Paulo (1983-1987)**. Campinas (SP): Dissertação (Mestrado), IFCH/UNICAMP, 2001.

³⁴ A Secretaria de Educação, por meio do Grupo de Trabalho sobre Questões Afro-Brasileiras, produziu, em 1988, material sobre o Centenário da Abolição, intitulado “Salve 13 de Maio?”. Ele foi distribuído a alunos e professores das escolas públicas, com o objetivo de fomentar o debate em sala de aula.

³⁵ A Lei 9.315, de 20 de novembro de 1996, inscreve o nome de Zumbi dos Palmares no Livro dos Heróis da Pátria.

³⁶ Em 2003, a Lei 10.639, sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu Art. 79-B, institui que: “O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’”. O Dia Nacional da Consciência Negra, ainda hoje, não é um dos feriados nacionais, mas é comemorado em todo o país. Até 2007, 275 cidades de 12 estados já adotaram o 20 de Novembro como feriado municipal: Alagoas (2 cidades); Amazonas (1 cidade); Bahia (1 cidade); Goiás (1 cidade); Minas Gerais (3 cidades); Mato Grosso (105 cidades); Pará (2 cidades); Paraíba (1 cidade); Rio de Janeiro (92 cidades); Sergipe (1 cidade); São Paulo (65 cidades); e Tocantins (1 cidade). A Lei 6.633/2007, sancionada pelo Prefeito de Araraquara, instituiu o feriado municipal do “Dia da Consciência Negra e dos Orixás”.

³⁷ Proposta de reserva em todos os níveis de ensino (primário, secundário, superior e de pós-graduação) de 40% de bolsas de estudos para estudantes negros; 20% das vagas do Instituto Rio Branco para candidatas negros e 20% para candidatas negras. Inclusão nos currículos escolares e acadêmicos dos conteúdos referentes: às contribuições positivas dos africanos e seus descendentes à civilização brasileira; sua resistência contra a escravidão; sua organização e ação (a nível social, econômico e político) através dos quilombos; sua luta contra o racismo no período pós-abolição; às contribuições positivas das civilizações africanas,

Outros deputados negros, como Benedita da Silva, Carlos Benedito de Oliveira Caó e Paulo Paim representam a população negra no Congresso Nacional desde 1986, com importante contribuição no momento da Assembléia Nacional Constituinte (1987). Algumas de suas propostas foram aprovadas e inseridas no texto da Constituição de 1988: o reconhecimento da natureza pluricultural do país (Art. 215, parágrafo 1º.); o racismo como crime inafiançável e imprescritível (Art. 5º., inciso XLII); a demarcação das terras dos remanescentes de quilombos (Art. 68, disposições transitórias) (NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2000).

Se, por um lado, há o início de uma aproximação do Movimento Negro com o Estado, por outro, há a mobilização da sociedade civil por todo o país, através das organizações não-governamentais (ONG's) negras³⁸, que visam a preencher os vazios deixados pelo Estado na não execução de políticas públicas voltadas para a população negra. As ações empreendidas por essas organizações envolvem os direitos humanos, a saúde, a educação, entre outros aspectos. No que diz respeito à educação, tem-se a criação dos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes, de escolas comunitárias com conteúdos e métodos anti-racistas, cursos de formação de professores para o tratamento da questão étnico-racial, etc.

Concomitantemente à Constituinte (1987), têm início os preparativos para a comemoração do Centenário da Abolição (13 de maio de 1988), no governo do então Presidente da República José Sarney. Vários setores da sociedade se envolveram com o evento: governos federal, estadual e municipal, universidades, mídia, entre outros. A “questão racial” foi o tema da Campanha da Fraternidade de 1988, promovida pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB). A Igreja Católica, em particular a vertente ligada à teologia da libertação, já havia se aproximado da causa defendida pelo

particularmente seus avanços tecnológicos e culturais antes da invasão européia do continente africano; aos conceitos espirituais, filosóficos e epistemológicos das religiões de origem africana (candomblé, umbanda, macumba, xangô, tambor de minas, batuque), etc. (NASCIMENTO, 1983).

³⁸ Em São Paulo, pode-se citar: o Instituto da Mulher Negra (GELEDÉS), fundado em 1988, atuando nas áreas de direitos humanos, educação, juventude, articulação comunitária, comunicação, instituto superior de educação, saúde, centro de documentação (www.geledes.org.br); e o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), fundado em 1990. Os projetos desenvolvidos por esta ONG são referentes às seguintes áreas: direito, trabalho, educação, saúde, juventude, liberdade de crença, políticas públicas. Na educação tem destaque o Prêmio *Educar para a Igualdade Racial: Experiências de Promoção da Igualdade Racial-Étnica no Ambiente Escolar*, em sua 4ª. edição, mediante o convênio entre o CEERT e o Banco Real. (www.ceert.org.br). Acesso em 10/02/2008.

Movimento Negro ao reconhecer sua cumplicidade com a escravidão no passado, e ao defender a eliminação da injustiça racial no Brasil. Nesse mesmo ano, no âmbito do Ministério da Cultura, foi criada a Fundação Cultural Palmares³⁹.

O Centenário da Abolição acirrou as críticas à idéia de democracia racial, já desacreditada pelas pesquisas desenvolvidas no “Projeto Unesco”, pela queda do regime militar, pelas denúncias do Movimento Negro e pelos institutos de pesquisa, tal como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os mais conscientes atores sociais (intelectuais, profissionais da mídia, ativistas negros e não-negros, dentre outros) defendem nesse momento do Centenário, e ainda hoje, que a desigualdade racial representa o principal obstáculo à efetiva concretização da democracia.

Hasenbalg e Silva (1979), em estudos pioneiros, analisam os dados estatísticos coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1976, momento em que o quesito cor, subtraído do censo de 1970, volta à cena, e, posteriormente, pelo Censo de 1980 do IBGE. Eles demonstram a existência de desigualdades raciais de renda, educação, emprego, mortalidade infantil, analfabetismo e mobilidade social. Porcaro (1985), por sua vez, informa sobre a desigualdade racial na força de trabalho, utilizando-se de indicadores como participação nas categorias sócio-ocupacionais, rendimento mensal e anos de estudo.

Essas pesquisas são reveladoras da falsa idéia de democracia racial existente no país, que ainda contribui para reafirmar a crença de que a discriminação no Brasil é estritamente socioeconômica. Nelas, raça não é mais uma dimensão subordinada à classe. Por se tratar de um atributo que os indivíduos não podem modificar ao longo de suas vidas, não é uma característica a mais como renda, educação e ocupação, mas um componente causal decisivo nas possibilidades de realização individual nas diversas dimensões da hierarquia social, as quais são dimensões de *status* adquirido.

Hasenbalg e Silva (1979) defendem que o racismo e a discriminação atuantes após a abolição são os principais responsáveis pela reprodução das desigualdades contemporâneas entre negros e brancos. Ainda, descartam a hipótese de que o preconceito racial existente na

³⁹ Essa Fundação tem o objetivo de “promover e preservar os valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, bem como formular e implantar políticas públicas, que visam potencializar a participação da população negra brasileira no processo de desenvolvimento a partir de sua história e cultura” (www.palmares.gov.br). Acesso em 10/02/2008.

nova sociedade de classes seria apenas resquício do passado escravista brasileiro e desapareceria com o amadurecimento do capitalismo, como pensou Florestan Fernandes (1978). Dois entre os ex-alunos também acreditam nessa hipótese.

Isso eu acho incondicional, porque é uma cultura que já vem de antes, desde a época da colonização do Brasil, os outros países traziam pra cá os negros pra trabalhar de escravo, então esse traço se estendeu até hoje e a gente vê isso aí com a discriminação e a desigualdade... (Fábio, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco);

Acho que já vem de criação, de gerações, você cresce com aquilo na cabeça, a discriminação do negro por causa da escravidão... (Everton, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, branco).

Esse tipo de visão pode encobrir os mecanismos utilizados pela atual sociedade capitalista competitiva para excluir os sujeitos negros da possibilidade de integração efetiva na sociedade de classes, como é o caso das barreiras de acesso ao mercado de trabalho.

Segundo Andrews (1998), o fato de o país ter vivido o “milagre econômico”, com significativo desenvolvimento industrial, já que em 1980 o Brasil era responsável pela sétima maior produção industrial do mundo capitalista, não favoreceu a inserção da população negra no mercado de trabalho. Grande parcela dessa população se concentra nas atividades com baixo índice de qualificação, tanto nas industriais quanto nos serviços braçais e, no caso das mulheres negras, nos serviços domésticos. Registra-se ainda a existência de barreiras de acesso aos melhores postos de trabalho, mesmo entre os trabalhadores negros que detinham elevado grau de escolaridade, bem como aos postos mais comuns, em especial aqueles que exigem contato com o grande público. Uma classe média negra ascende por ocupar os chamados “empregos de colarinho branco” (administração e profissões liberais), entretanto em número muito reduzido. A principal barreira de acesso, até então, está demarcada, portanto, pela própria cor da pele, através da conhecida prática da “boa aparência”, a aparência física, como ressalta o ex-aluno:

O mercado de trabalho é assim, julgam sua vida, julgam o que você faz, não tem consciência, mas mera aparência, aparência física, não sabe se a pessoa é inteligente, não dá oportunidade. Ele determina “eu quero uma pessoa branca, dos olhos azuis, que tenha 1,80 m e magra, é totalmente inaceitável uma coisa dessa... (Paulo H., ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, “japonês”).

Damasceno (2000), ao investigar os sentidos da “boa aparência” (metáfora da cor), verificou que, na disseminação dessa idéia, Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos*, teve uma dupla importância: na conexão entre “branqueamento”⁴⁰ e “boa aparência”, em que o vestuário, o penteado e o corte de cabelo da época revelavam “os valores morais, altamente hierarquizados, embutidos nas qualidades estéticas – aparentemente naturais – tributadas à aparência” (p.165); na associação entre esses valores e o projeto político das elites, fazer do Brasil uma nação branca. Essa investigação compreendeu os anos de 1940 e 1950, momento em que a cor ainda era explicitada nos anúncios de empregos, e teve como limite o ano de 1951, em que há a aprovação da Lei Afonso Arinos que tornava o preconceito de raça/cor no recrutamento de mão-de-obra uma contravenção penal.

Para a autora, a combinação paradoxal entre “integração nacional”⁴¹ e racismo se concentrou nos espaços vitais e menos visíveis da sociedade brasileira, em especial no mundo do trabalho, como forma de “excluir a ‘gente de cor’ e transformar-se no mundo ‘integrado’ da ‘boa aparência’ a ser negociada” (DAMASCENO, 2000, p.170). Com isso, a tão propagada “boa aparência” se tornou um código (“só para brancos”) socialmente construído para excluir e desencorajar candidatos negros a concorrerem a uma vaga de emprego, logo, um modo convencional de expressão do racismo.

Apesar da proibição da veiculação da expressão “exige-se boa aparência” nos anúncios de emprego, o “só para brancos” ainda se faz presente como ideologia no dia-a-dia das relações étnico-raciais, em particular no mundo do trabalho. Entre aqueles que o “sentem na pele” ou o observam, ele é motivo de sofrimento e indignação.

[...] ela [a irmã da aluna] e uma outra mocinha, só que essa mocinha tava começando a estudar essa parte de mecânica e ela já tinha se formado, e a menina era branca, e, no entanto, quem entrou foi a menina e ela perdeu com isso. Não sei se era também pelo fato dela ser gordinha, negra, ela não acabou entrando, ela tinha de tudo, já tinha feito quatro anos de mecânica, e a menina dois anos, eu acho, entrou pra trabalhar. Então eu sofro por ela, né, coitada, batalhou, batalhou e não

⁴⁰ A idéia de branqueamento está relacionada, aqui, ao processo de construção social do “branqueamento” de valores, comportamentos, padrões estéticos, como sendo aqueles inerentes aos indivíduos brancos e que deveriam servir como parâmetro para a vida social da nação brasileira. Esse processo tem início com a imigração de italianos, alemães e outros grupos étnicos, na tentativa de substituir a mão-de-obra negra e de fazer do Brasil uma nação branca, símbolo de beleza, superioridade, etc.

⁴¹ A busca pela integração nacional, particularmente no governo de Getúlio Vargas, a partir de 1930, está fundamentada na “fábula das três raças” ou na mestiçagem, e consequentemente na idéia da ausência de conflitos raciais.

entrou, uma menininha clarinha de olhos claros chegou na frente dela, pegou e entrou... (Mônica, ex-aluna das profas. Nazaré e Aparecida, período inicial, 24 anos, negra);

[...] a pessoa era negra, entregava currículo, ele exigia foto, se ele via que era negra, ele não contratava, até hoje lá só tem uma pessoa negra trabalhando, porque é parente do editor chefe, porque se não fosse não tava lá... (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca).

Se, por um lado, o Centenário da Abolição contribuiu para a crítica da “democracia racial”, por estimular a reflexão sobre a situação contemporânea da desigualdade entre negros e brancos, por outro, reafirmou-a, principalmente por priorizar a abordagem histórico-cultural voltada para a escravidão e, de maneira folclorizada, para as contribuições africanas à brasilidade, expressa na música, na dança, na culinária, etc. Esse tipo de abordagem ratifica o mito das três “raças” fundadoras (portuguesa/branca, africana/negra e indígena) e do convívio harmônico entre elas.

As muitas evidências que deslegitimam a idéia de democracia racial ainda não são suficientes para romper com ela. Ao mesmo tempo em que ofusca a realidade da desigualdade racial, decorrente da ação constante da discriminação racial, afirma uma igualdade que para a maioria dos brasileiros é inerente à sociedade. A ênfase no discurso “todas as pessoas são iguais”, tanto por parte do coletivo social quanto dos ex-alunos das professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha, é representativa da crença nessa igualdade, que também ganha legitimidade se baseada no Artigo 5º. da Constituição Federal, “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza....” (BRASIL, 1988).

A pretensa homogeneidade da nação brasileira, também contida no “todos somos iguais, independente de cor...”, vem atrelada a uma pretensa igualdade de oportunidades no acesso ao trabalho, à educação, etc.

Eu acho que todos nós somos iguais, independente da cor, de tudo. Temos que ter as mesmas oportunidades em todos os aspectos, em relação a trabalho já ouvi dizer que o salário do negro é mais baixo, então tem mesmo diferenças entre as duas raças. Então eu acho errado, deveria ter a mesma oportunidade pro branco, pro negro na mesma proporção de trabalho, essas coisas, porque tem mesmo o racismo... (Elaine, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 25 anos, negra);

[...] acho que é uma coisa, sei lá, que não podia ter isso, porque todos são iguais, são seres humanos, não deveria ter esse tipo de preconceito, negros, loiros, brancos, todos são seres humanos, todos iguais... (Tiago, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, negro);

[...] eu acho que todos nós somos iguais, independente da cor, de tudo; temos que ter as mesmas oportunidades em todos os aspectos (Mirian, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, branca).

No entanto, essa pretensão revela a profunda contradição ocasionada pela idéia de democracia racial: se somos todos iguais porque a desigualdade de oportunidades?

As visões pautadas na crença da igualdade entre os indivíduos, assim como na expectativa de um futuro “sem racismo”, mediante a conscientização da condição comum como seres humanos⁴², se mostram utópicas porque apontam para uma possibilidade futura de concretização de uma sociedade de fato democrática e igualitária. Diz o ex-aluno:

Eu penso assim, todos nós independente da cor ou da situação sócio-econômica somos seres humanos, eu acho que toda pessoa é digna de respeito independente de sua cor, independente de sua situação. Nós, ninguém escolhe a cor que quer nascer, filho de quem quer nascer, então eu acho que o ser humano precisaria se conscientizar sobre o que é ser um ser humano e o que é ter respeito pelas demais pessoas. Quando o ser humano conseguir, isso depende de cada um, se conscientizar do que é o ser humano e o respeito pela vida, aí sim acabaria esse problema do racismo... (Paulo, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 31 anos, moreno).

Por outro lado, essas mesmas visões universalistas são incongruentes com a existência social e étnico-racial brasileira, em que se sub-valoriza as semelhanças e sobrevaloriza, pejorativamente, as diferenças, levando com isso às desigualdades.

A dificuldade em desfazer estas contradições pode levar, em alguns casos, a que o princípio da igualdade transcenda a vida social, predominando a crença de que “somos todos iguais perante Deus” e uma concepção cristã das relações étnico-raciais.

[...] somos filhos de um só; todos são iguais perante Deus, então não acontece o racismo... (Silvia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branca);

⁴² A conscientização sobre a condição como seres humanos representa a possibilidade de conhecermos o que nos une (as semelhanças), brancos e negros, sem desconsiderar o que nos separa (as diferenças).

[...] diante do criador todo mundo é igual... (Everton, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, branco);

[...] acho uma situação humilhante, eu acho que a cor não tem nada a ver, a pessoa é negra, é branca, é índia, é humano a mesma coisa, é filho de Deus a mesma coisa... (Ivan, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, moreno).

Ideológicas e/ou utópicas, as visões dos ex-alunos são, todas elas, visões parciais acerca da realidade étnico-racial vigente. Elas se revelam e são reveladas, à medida que são postas na relação com o contexto da situação étnico-racial predominante na sociedade brasileira em curso.

2.2 Ações afirmativas: contexto e visões de ex-alunos.

A partir dos anos 1990, a discussão sobre “relações raciais” na sociedade brasileira ganha amplitude e alcance, pois transcende o universo acadêmico, ganhando expressividade na agenda política do Estado e junto ao grande público. O debate é acrescido de nova conotação: o reconhecimento da existência do racismo, o rompimento com o conceito de democracia racial⁴³ e o fomento das ações afirmativas, que objetivam:

[...] oferecer aos grupos discriminados e excluídos um tratamento diferenciado para compensar as desvantagens devido à sua situação de vítima do racismo e de outras formas de discriminação (MUNANGA, 2004, p.47).

Essas desvantagens vêm sendo reproduzidas ao longo dos anos, como retratadas na PNAD de 1976 e no Censo do IBGE de 1980, e observadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), através da sistematização de alguns dados da PNAD do período de 1991 a 2001. Os dados apontam para a desigualdade racial predominante no Brasil, no que diz respeito à distribuição de renda e pobreza, ao mercado de trabalho e à situação educacional da população negra: a renda média de indivíduos brancos equivale a R\$ 482,00 e de negros a R\$ 205,00; a probabilidade de um branco ser pobre é de 22% e do negro 48%; 41% dos brancos têm empregos formais (com carteira ou são funcionários públicos) e apenas 33% dos negros; 12% dos brancos estão empregados sem carteira e 17%

⁴³ Cabe destacar que já nos anos 1970 e 1980 o Movimento Negro denunciava a democracia racial como mito.

dos negros; a taxa de desemprego é de 6% para brancos e 7% para negros; a taxa de analfabetismo entre brancos e negros se mantém quase constante, em torno de 10%; a diferença em anos de estudo, mais ou menos estável, em torno de dois anos (os negros não alcançam mais do que 70% da média de anos de estudo dos brancos). A análise revela a universalização do ensino fundamental, com diminuição do hiato entre brancos e negros, de 12 para 3 pontos; o crescimento da distância no acesso ao ensino médio, de 18 para 26 pontos; a tênue queda na defasagem idade-série, mas com maior desvantagem entre os negros, já que a progressão e o desempenho dos negros ficam aquém da dos brancos. Quanto ao acesso ao ensino superior, 14,3% dos brancos alcançaram esse nível de ensino e apenas 3,2% dos negros (JACCOUD *et al.*, 2002).

A *Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida*, em homenagem aos 300 anos de morte de Zumbi, saiu às ruas de Brasília no dia 20 de novembro de 1995, em direção ao Congresso Nacional, reivindicando ao então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso (FHC) medidas concretas de combate à desigualdade racial.

O *Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial* apresentado à FHC pelas lideranças do MNU trouxe algumas das seguintes propostas: a) inclusão do quesito cor em todo e qualquer sistema de informação sobre a população negra; b) implementação das Convenções 29, 105 e 111 da OIT, relativas aos programas de promoção de igualdade racial no trabalho; proteção do mercado de trabalho da mulher, especificamente da mulher negra; recuperação, fortalecimento e ampliação da escola pública, e garantia de boa qualidade; implementação da Convenção Sobre Eliminação da Discriminação Racial no Ensino; monitoramento dos livros didáticos; desenvolvimento de programas de formação de professores e educadores para o trato da diversidade racial presente na escola; desenvolvimento de programa educacional de eliminação do analfabetismo; concessão de bolsas remuneradas para adolescentes negros de baixa renda para o acesso e conclusão do primeiro e segundo graus; *ações afirmativas* para acesso dos negros aos cursos profissionalizantes, à *universidade* e às áreas de tecnologia de ponta; incentivo à produção cultural, à preservação da memória e das manifestações culturais do povo negro; mapeamento e tombamento dos sítios e documentos detentores de reminiscências históricas, bem como a proteção das manifestações culturais afro-

brasileiras; adoção, no sistema público de saúde, de procedimento de detecção da anemia falciforme; tipificação da conduta discriminatória no Código Penal; adoção da disciplina de direitos humanos e de cidadania, com recorte de raça e gênero, nos cursos de formação de policiais civis e militares; inclusão no Plano Nacional de Direitos Humanos da proposição de legislação que defina e puna a intolerância étnico-religiosa, etc. (*apud* SANTOS, 2007).

Esse *Programa* demonstra uma visão global da situação da população negra e a preocupação em articular políticas diferencialistas e universalistas. No que tange às ações afirmativas no ensino superior, ele não perde de vista a universalização e a melhora da qualidade do ensino fundamental e médio.

No *Seminário Multiculturalismo e Racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados democráticos contemporâneos*, organizado pelo Departamento dos Direitos Humanos, da Secretaria dos Direitos da Cidadania, do Ministério da Justiça, no ano de 1996, com o objetivo de refletir sobre a prática de políticas de ação afirmativa direcionadas à população negra, FHC declarou pública e oficialmente a existência do racismo e da discriminação racial no Brasil.

Segundo Telles (2003), diversos acadêmicos brasileiros e brasilianistas participaram desse *Seminário*, assim como os líderes do movimento negro. Para os acadêmicos brasileiros, em especial, as ações afirmativas se mostravam inviáveis naquele momento. A promoção de políticas diferencialistas, com recorte de raça, implicaria na bipolarização de grupos distintos, negros *versus* brancos, e na delimitação da diferença racial, necessária para identificar aqueles a serem beneficiados pelas ações afirmativas. E, com isso, se oporia à miscigenação celebrada pela sociedade brasileira.

As considerações feitas por esses intelectuais levaram FHC a hesitar sobre a implementação de políticas de ação afirmativa, mas não o impede de criar o *Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra* (GTI), dirigido por Hélio Santos, com o objetivo de desenvolver políticas públicas de inclusão da população negra na sociedade brasileira; e o *Grupo de Trabalho para a Eliminação da Discriminação no Emprego e na Ocupação* (GTEDEO), vinculado ao Ministério do Trabalho, visando a

definir ações voltadas ao combate da discriminação no emprego e na ocupação⁴⁴ (SANTOS, 2007).

O *Programa Nacional de Direitos Humanos* (PNDH) adotado pelo governo FHC em 13 de maio de 1996⁴⁵, em cumprimento às recomendações da Conferência Mundial de Direitos Humanos (Viena, 1993), ganha *status* de política pública governamental, articulando direitos civis e políticos, direitos econômicos, sociais e culturais, e prevê o combate à discriminação e à desigualdade racial através de ações afirmativas.

No âmbito de alguns dos seus ministérios, há a implementação de programas de ação afirmativa: a) no Ministério do Trabalho e Emprego, o *Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador* (PLANFOR) (1996-2000), em que 20% do Fundo de Assistência ao Trabalhador (FAT) deveriam ser destinados ao treinamento e à capacitação profissional de trabalhadores negros, em especial de mulheres negras; b) no Ministério do Desenvolvimento Agrário, o *Programa de Ações Afirmativas do MDA/INCRA (2001)* estabelece cotas para a participação de homens e mulheres negros em posições administrativas e em concursos públicos; facilidade de acesso ao crédito rural para as comunidades negras rurais; cotas de 20 a 30% para negros nas posições administrativas desse ministério; cotas de 30% do seu orçamento para as comunidades rurais negras; e reconhecimento e titulação de todas as comunidades remanescentes de quilombos em terras do governo federal ou estadual; c) no Ministério da Justiça e Supremo Tribunal Federal (STF) (2002), é previsto que 20% dos diretores, consultores seniores e funcionários de empresas terceirizadas que prestassem serviço ao STF deveriam ser negros; d) no Ministério das Relações Exteriores (2002), cria-se a *Bolsa Prêmio de Vocação para a Diplomacia* para alunos negros do Instituto Rio Branco.

Muitos desses programas são decorrentes das pressões do Movimento Negro, mas também dos compromissos internacionais assumidos pelo governo brasileiro, como é o caso da III Conferência Internacional contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em Durban, África do Sul, em setembro de 2001. Ela pretendeu fazer um balanço dos progressos alcançados no combate ao racismo desde a adoção da declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, e estimular a formulação

⁴⁴ Este Grupo deveria fazer cumprir as determinações da Convenção 111 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Decreto no. 62.150, de 19 de janeiro de 1968.

⁴⁵ Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo.

de medidas de combate ao racismo em nível internacional, nacional e regional, bem como conscientizar sobre o racismo.

As conferências preparatórias para Durban ocorreram tanto no âmbito nacional (em quase todos os 26 estados brasileiros) quanto no internacional (Genebra, Chile, etc) e delas participaram líderes do governo, acadêmicos e, especialmente, ativistas do movimento negro brasileiro, unidos em torno de um único objetivo: combate à discriminação racial e à desigualdade e promoção da igualdade via políticas afirmativas.

Para a Conferência de Durban seguiram a delegação do governo brasileiro, constituída pelo Ministro da Justiça, Secretário Nacional de Direitos Humanos e vários deputados federais, autoridades locais e membros do Comitê Nacional sobre Raça e Discriminação Racial, e membros do movimento negro, entre eles Edna Roland, Relatora Geral da Conferência.

O relatório oficial do governo brasileiro, apresentado em Durban, constituiu-se de vinte e três (23) propostas destinadas à promoção da população negra, entre elas: medidas reparatórias às vítimas do racismo nas áreas de educação e trabalho; titulação das terras quilombolas; política agrícola e desenvolvimento das comunidades negras rurais; fundo de reparação social para financiar políticas inclusivas, em especial, na educação, cotas para o acesso de negros às universidades públicas (HERINGER, 2003). Desta forma, o Brasil se compromete a implementar políticas de ação afirmativa.

Durante o período de Durban, os jornais brasileiros publicaram matérias diárias sobre as “relações raciais” na sociedade brasileira, o que estimulou o interesse público acerca da questão étnico-racial no Brasil.

De volta ao Brasil, uma segunda versão do *Plano Nacional de Direitos Humanos* (PNDH II) entra em vigor no ano de 2002 e incorpora muitas das propostas contidas no *Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial (1995)* e no Relatório de Durban:

[...] 191. Adotar, no âmbito da União, e estimular a adoção, pelos estados e municípios, de medidas de caráter compensatório que visem à eliminação da discriminação racial e à promoção da igualdade de oportunidades, tais como: ampliação do acesso dos afrodescendentes às universidades públicas, aos cursos profissionalizantes, às áreas de tecnologia de ponta, aos cargos e empregos públicos, inclusive cargos em comissão, de forma proporcional a sua representação no conjunto da

sociedade brasileira; [...]. 193. Estudar a viabilidade da criação de fundos de reparação social destinados a financiar políticas de ação afirmativa e de promoção da igualdade de oportunidades. 194. Apoiar as ações da iniciativa privada no campo da discriminação positiva e da promoção da diversidade no ambiente de trabalho; [...] 197. Apoiar a regulamentação do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT, que dispõe sobre o reconhecimento da propriedade definitiva das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos; [...] 205. Incentivar o diálogo com entidades de classe e agentes de publicidade, visando ao convencimento desses setores quanto à necessidade de que as peças publicitárias reflitam adequadamente a composição racial da sociedade brasileira e evitem o uso de estereótipos depreciativos [...] (BRASIL, 2002).

No que diz respeito às políticas de ação afirmativa, um balanço do governo FHC permite constatar que houve mudanças em termos de discurso e de legislação anti-racismo, no entanto essas mudanças se configuraram mais como retórica que prática efetiva.

O debate sobre a implementação de políticas de ação afirmativa transcende o universo federal e adentra por estados e municípios. Em meio ao processo de transição do governo FHC para o de Lula, as eleições municipais elegem Edinho Silva (PT) prefeito de Araraquara/SP, que logo no primeiro mandato (2001-2004) cria: o *Centro de Referência da Cidadania*, com o objetivo de elaborar políticas públicas para negros, mulheres e portadores de necessidades especiais. O *Programa de Combate ao Racismo* e o *Disque Racismo* são ações voltadas especificamente para a população negra de Araraquara (TRIBUNA IMPRESSA, 2001); e o *Conselho Municipal de Combate à Discriminação e ao Racismo do Município de Araraquara* (COMCEDIR)⁴⁶, responsável por tratar das políticas públicas direcionadas única e exclusivamente à população negra araraquarense.

Para além do poder público municipal, é importante destacar a atuação das organizações não-governamentais (ONG's) e dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB's) na luta anti-racista e, conseqüentemente, na promoção de políticas de ação afirmativa para a população negra. Em Araraquara, essas organizações e núcleos estão

⁴⁶ De acordo com a Lei Municipal n. 5.944, de 28 de novembro de 2002, este Conselho tem a “finalidade de elaborar e implementar, com a participação de vários setores da sociedade Araraquarense, políticas públicas sob a ótica racial, para garantir a igualdade de oportunidades e de direitos entre as várias etnias” (www.araraquara.sp.gov.br). Acesso em 20/02/2008.

representados, respectivamente, pela Frente Organizadora da Temática Étnica (ONG FONTE) e pelo Núcleo Negro da Unesp Para Pesquisa e Extensão (NUPE)⁴⁷.

A exigência pela prática efetiva de ações afirmativas direcionadas à população negra adentra o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com o agravante de ter sido um de seus compromissos de campanha, através do *Programa Brasil Sem Racismo*. Já no início de seu primeiro mandato (2003-2006), o Presidente Lula sanciona a Lei 10.639, em janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas do ensino fundamental e médio da rede pública e particular. Cria ainda a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em março de 2003.

A Secretaria possui o objetivo de articular, coordenar e monitorar programas, públicos e privados, nacionais e internacionais, de promoção da igualdade e combate à discriminação racial, principalmente em torno dos seguintes eixos: quilombos e outras comunidades tradicionais; educação, cidadania, desenvolvimento, trabalho e geração de renda; saúde e qualidade de vida; cultura; intercâmbios e relações internacionais.

Em maio de 2004, o Presidente Lula envia ao Congresso Nacional o Projeto de Lei (PL) nº 3.627 que institui reserva de no mínimo 50% de vagas para estudantes egressos de escolas públicas, com proporção especial para negros e indígenas, nas instituições públicas federais de ensino superior. Esse Projeto e outros correlatos⁴⁸ estão tramitando no Congresso Nacional e têm sido motivo de grandes debates e disputas, tanto no âmbito político quanto jurídico e acadêmico⁴⁹.

Em janeiro de 2005, Lula institucionaliza o Programa Universidade para Todos (PROUNI), Lei nº 11.096, com a finalidade de conceder bolsas de estudos integrais ou parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação em instituições privadas de

⁴⁷Em parceria com o Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (NUPE), coordenado pelo Prof.Dr.Dagoberto José Fonseca, e também com a Prefeitura de Araraquara, a ONG FONTE organizou no ano de 2002 o I Fórum Municipal de Temáticas Étnicas (FOMTE) de Araraquara. Desse Fórum participaram membros da comunidade, lideranças do movimento negro araraquarense e de outras cidades, especialistas das temáticas abordadas nas áreas de educação, esporte e lazer, saúde, assistência social, direito, cultura, etc. Do FOMTE surge, no ano de 2003, o Cursinho Pré-Vestibular Educafro (Educação para Afrodescendentes e Carentes), dentre outros projetos. Ver site www.ongfonte.com.br. Acesso em 20/02/2008.

⁴⁸PL n. 73/1999 e PL n. 3.198/2000 (Estatuto da Igualdade Racial, de autoria do Senador Paulo Paim, PT/RS).

⁴⁹ Em 2006, muitos dos intelectuais brasileiros assinaram os manifestos a favor e contrário às ações afirmativas voltadas para a população negra, em especial às cotas no ensino superior, posteriormente encaminhados ao Congresso Nacional.

educação superior, que na contrapartida de preencher suas vagas ociosas⁵⁰ ganham isenção fiscal. O PROUNI, já em seu primeiro processo seletivo, ofereceu 112 mil bolsas em 1.142 instituições de ensino superior. Entre essas bolsas estão aquelas direcionadas aos estudantes negros, indígenas e portadores de necessidades especiais, uma vez que o PROUNI, ainda em vigor, prevê cotas social e étnico-racial para esses grupos⁵¹.

Em Araraquara, no ano de 2006, foi criada a Assessoria Especial de Promoção da Igualdade Racial (AEPIR), que, sediada no primeiro Centro de Referência Afro do estado de São Paulo, atua como pólo regional do interior do estado na formulação de políticas públicas de promoção da igualdade racial.

Entre algumas das ações que competem a AEPIR estão: apoio ao Conselho Municipal de Combate à Discriminação e ao Racismo - COMCEDIR; incentivo à adoção de políticas de cotas e outras ações afirmativas nos setores público e privado; incentivo à formação de negros (as) para atuação no setor de serviços; incentivo à adoção de programas de diversidade étnico-racial e geração de trabalho e renda no governo municipal e empresas; apoio aos projetos de Saúde da População Negra; desenvolvimento da Cultura Afro-Araraquarense; Capacitação de professores para atuarem na promoção da igualdade racial, etc.⁵²

As ações desenvolvidas e em desenvolvimento pela AEPIR são: o I Seminário Regional da Saúde da População Negra, em novembro de 2006, direcionado aos servidores municipais da saúde; a execução do projeto de institucionalização do Baile do Carmo⁵³ como Patrimônio Histórico Imaterial da Humanidade; Inventário da História da Comunidade Negra em Araraquara; a inserção do quesito cor nas fichas de atendimento das diversas secretarias (saúde, educação, etc.) que compõem a administração pública municipal; dentre outras ações praticadas em parceria com o Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (NUPE).

⁵⁰ A expansão do ensino superior privado, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, resulta num elevado número de vagas ociosas, as quais não foram preenchidas em decorrência da baixa renda da população em idade universitária.

⁵¹ Em Araraquara, três de suas faculdades privadas estão vinculadas ao PROUNI, concedendo bolsas parciais e/ou integrais aos alunos negros e não-negros, egressos do ensino médio público, e portadores de necessidades especiais: Faculdades Integradas de Araraquara (Logatti), Instituto Educacional Savonitti e Universidade Paulista (UNIP).

⁵² Ver (www.araraquara.sp.gov.br). Acesso em 20/02/2008.

⁵³ Ver TENÓRIO, Valquíria Pereira. **Baile do Carmo**: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara. Araraquara (SP), Dissertação (Mestrado), Sociologia/UNESP, 2005.

A partir do momento em que a possibilidade de implementação de ações afirmativas para a população negra vem à tona, a começar pelo governo de FHC, culminando no atual governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, já em seu segundo mandato (2007-2010), posturas antagônicas colocam-se em disputa, a favor ou contrárias a elas.

A postura contrária se coloca em defesa das políticas universalistas de combate à pobreza, de acesso à educação, habitação, saúde, saneamento, etc. Segundo ela, esse tipo de política beneficiaria também, mas não só, a população negra, promovendo maior igualdade racial. A postura favorável defende as políticas focalizadas especificamente no grupo negro da população, embora considere o universalismo indispensável.

A reserva de vagas (cotas) para negros nas universidades públicas, um dos possíveis mecanismos de implementação das ações afirmativas, tem gerado grande polêmica junto à população em geral e acadêmica, e aos representantes do governo.

Entre as visões contrárias às cotas estão as dos ex-alunos das professoras negras araraquarenses, que convergem com as demais principalmente no que se refere à formalização da “raça” como critério definidor das políticas de ação afirmativa e com isso o reconhecimento da existência de “comunidades raciais” distintas (negros *versus* brancos)⁵⁴, e ao “mérito individual” decorrente da competição com base na “igualdade de oportunidades”. Para o grupo de ex-alunos, o ingresso de estudantes negros nas universidades por meio das cotas, sem levar em conta o “mérito”, ratifica a crença na superioridade dos brancos em detrimento da inferioridade dos negros, no tocante à sua capacidade intelectual.

[...] eu estou sentindo esse movimento de fazer blocos de negros aqui, blocos de...E uma coisa que está ajudando muito nisso é essa cota, essa cota é a gota que faltava pra dizer que o negro é diferente, porque dá uma entrada pro negro na faculdade, ele entra, e depois lá dentro vai abrir alguma facilidade pra ele? Lá dentro vai dizer “entrou porque é negro, teve facilidade pra entrar”, já vai subestimar a inteligência, vai ter o problema financeiro, então não basta abrir a porta e dizer “seu lugar está reservado”. Então, desde cedo deve estar preparando a pessoa para que tenha todas as condições mentais, físicas e intelectuais. Eu sempre estudei em escola pública, fiz cursinho público, o CUCA, prestei jornalismo e fiquei na lista de espera, depois como não fui chamada fiquei um tempo sem estudar, prestei Pedagogia e passei, mas sem fazer cursinho, estudando com o material que eu já tinha, consegui.

⁵⁴ Para Fry (2005), a junção de pardos e pretos numa única categoria de negros, fortalece a crença generalizada em “raças”, que uma vez formalizada torna-se mais difícil de erradicar.

Agora, se abre essa cota e eu vou pela cota, essa luta de estudar minha já é banalizada... (Aline, ex- aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra);

[...] acho que não devia ser reservado o direito a negro em faculdade, porque tem que reservar um direito pra uma pessoa que é igual às outras? Eu acho que isso é um preconceito do outro lado da moeda. Agora, a sociedade tentando separar e tentar diminuir o preconceito de forma formal, só acaba piorando as coisas, porque reservar 30% da faculdade pra negros ou pra deficientes? O que eu acho que importa é a capacidade que ele tiver, se um negro tem capacidade pra entrar vai entrar, se não tem não entra, assim como o branco (Hugo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 21 anos, branco);

[...] eu sei, é difícil, já vai ser o terceiro ano que eu vou prestar, mas não pelo fato de eu ser negra, mas pelo fato de eu ter estudado numa escola que não tem qualidade. Com a cota talvez eu entraria, mas não, e minha amiga que estudou na mesma escola que eu, que teve o mesmo aprendizado que eu, porque ela não pode? É aí que eu acho que está errado... (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra);

Quanto às cotas pra negros, eu acho que é uma discriminação, porque você já está diferenciando ele do branco, e no que ele é diferente do branco? O que o tom de pele tem a ver com ele, com a personalidade dele? Então ele deve ser tratado como o branco porque ele é humano também, eu penso assim, eu acho que não tem que ser diferente porque ele é negro, vou ter vergonha, ele é pior ou inferior a mim? Não, ele pode ser melhor que eu, ele tem a capacidade dele, as limitações... (AnyKelly, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 22 anos, parda).

Os argumentos contrários às cotas que têm por base o “mérito” e a “igualdade de oportunidades”, como os proferidos pelos ex-alunos, geralmente partem do pressuposto de que a implementação das políticas de ação afirmativa fere o princípio universalista e individualista, tão caros a uma ordem democrática. Ele prega a igualdade dos indivíduos perante a lei, logo, a igualdade de oportunidades a todos, independentemente do pertencimento social e étnico-racial (GUIMARÃES, 1999).

Segundo esse autor, a ação afirmativa não destrói tais princípios, mas os reitera. A desigualdade de tratamento no acesso aos bens e aos meios justifica-se, apenas, como forma de restituir a igualdade de oportunidades, devendo ser, por isso, particular em seu âmbito de ação (privilegiar os negros apenas naqueles setores de difícil acesso) e temporária em sua utilização.

A ação afirmativa não dispensa, mas, ao contrário, exige uma política universalista de equidade de oportunidades, como é o caso do acesso da população negra e branca às escolas públicas do ensino fundamental e médio de boa qualidade, através da ampliação e retenção de alunos de todas as cores na rede pública, o que mais beneficiaria o aluno negro. No entanto, no ensino superior público, de excelente qualidade e com reduzida proporção de negros, é necessário “privilegiar os desprivilegiados”, através da particularização (e não da universalização).

Do ponto de vista normativo, não se questiona que o mérito deva ser o principal critério de ingresso no ensino superior. Questiona-se, sim, que ele e os dotes intelectuais individuais estejam sendo definidos por desigualdades raciais e de classe, que podem ser corrigidas por políticas compensatórias que venham desfazer os nichos de privilégios meritocráticos dominados por um grupo de cor ou a chamada “acumulação racializada de oportunidades atribuíveis ao mérito” (GUIMARÃES, 1999).

Vê-se, portanto, que a questão de princípio, levantada pelos que se opõem à ação afirmativa, confunde dois níveis do problema. Se é certo que a desigualdade racial, no Brasil, reflete, em grande parte, a falência da cidadania – ou seja, a insuficiente universalização das políticas públicas –, é também certo que uma possível universalização não eliminaria, por completo, as desigualdades raciais. Se é certo que a ação afirmativa não é um princípio capaz de universalizar a cidadania para as massas, é também certo que é o único princípio capaz de, a curto e médio prazos, possibilitar a desracialização de elites meritocráticas, sejam elas intelectuais ou econômicas. Aqui está, acredito, a chave para compreender a justiça da ação afirmativa: ela se constitui numa defesa da desracialização, desetnização ou dessexualização de elites, e não num ataque à formação de elites em geral. Ela é, num certo sentido, uma defesa da legitimidade do mérito e uma tentativa de livrá-lo da contaminação de acidentes raciais, étnicos ou sexuais; sua virtude está em procurar evitar que mecanismos meritocráticos acabem por concentrar no topo indivíduos de uma mesma raça, etnia ou sexo... (GUIMARÃES, 1999, p.203-4)

Desse modo, o caráter elitista da universidade pública, também definido em termos de raça, e a não veracidade do princípio de igualdade de oportunidades no cotidiano da vida social tornam-se um relevante justificador das cotas para negros, tanto para Guimarães (1999) quanto para os ex-alunos favoráveis às cotas, exceções à regra, ou seja, à maioria contrária às cotas.

[...] a universidade é elitizada, querendo ou não, os cursos de ciências humanas são menos, mas a faculdade ainda é elitizada. A gente escuta situações assim que são muito estranhas, por exemplo, os amigos do meu namorado dizem que as cotas são um absurdo, “é um absurdo, o aluno tem que entrar por mérito, não importa se o cara estudou o tempo todo na favela, se ele não entrar na USP pra fazer medicina é problema dele...”, e você fala “não é assim, as pessoas não tiveram as mesmas oportunidades”, mas “não, cada um faz o seu caminho”. A maioria faz o caminho das pedras, a não ser quem é rico, mas um em quantos, não? (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra);

Eu lembro que ainda o ano passado no cursinho popular teve a discussão sobre a cota na universidade para os negros e houve várias idéias, cada um tinha uma opinião, e todo mundo chegava num ponto chave que seria as dificuldades do ensino, a falta de investimentos que fazia com que os alunos de periferia e a maioria negros não conseguissem entrar na universidade pública e que por um lado seria importante essa cota para os negros, não resolveria o problema no ensino, mas estaria dando uma possibilidade a mais de termos alunos negros na universidade (Roberto, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, branco).

Para além do “mérito” e da “igualdade de oportunidades”, um outro argumento bastante difundido contrário às ações afirmativas, senão entre os ex-alunos, mas entre os intelectuais “anti-cotas” que dividem opiniões no universo da academia, diz respeito ao fato de que a adoção de políticas de ação afirmativa exige de seus beneficiados uma identidade racial, ao estabelecer limites rígidos entre negros e brancos. Com isso, a distinção entre “raças” contraria o credo brasileiro de que o Brasil é um só povo, uma só nação e, ainda, a idéia de democracia racial enquanto ideologia não-racial e não-racista.

Segundo Maggie e Fry (2004), a proposta de ação afirmativa, pós-Durban, rompe com a tradição formal republicana brasileira do a-racismo e do anti-racismo presente na Constituição Federal de 1988 (inciso IV do artigo 3, inciso VIII do artigo 4, inciso XLII do artigo 5), e com a ideologia que define o Brasil como país da mistura de “raças”. Para eles:

[...] ações afirmativas implicam imaginar o Brasil composto não de infinitas misturas, mas de grupos estanques: os que têm e os que não têm direito à ação afirmativa, no caso em questão, ‘negros’ e ‘brancos’ (p.68).

Elas implicariam, ainda, na “vitória” de uma classificação bipolar, que tenta juntar os pardos e pretos numa única categoria de negros, em contraposição à categoria de brancos, sobre a “velha e tradicional” classificação múltipla (FRY, 1995-1996), que

expressa a complexidade da classificação racial brasileira em várias categorias, dependendo do contexto em que são processadas as relações sociais.

Maggie e Fry apontam para a impossibilidade de vencer o racismo celebrando o conceito de raça, sem o qual o racismo não pode existir, e consideram que a formalização, sob a égide da lei, de grupos raciais estanques, ou seja, o reconhecimento pelo Estado da existência real de “raças” no cenário nacional, pode tornar difícil sua erradicação quando assim for necessário. Alertam, ainda, sobre o impacto do reconhecimento de “raças” na sociedade, como, por exemplo, os possíveis casos de “animosidades raciais”. Eles sugerem no lugar da racialização imposta pelas cotas aprofundar e expandir “políticas racialmente não neutras”, aquelas que, dirigidas a determinadas áreas de pobreza, atingem automaticamente grande número de negros. Entretanto, mesmo com essa sugestão, ainda apostam numa solução universalista, pois não estão convencidos de que ela foi, de fato, esgotada.

Azevedo (2004) também se opõe à classificação racial pelo Estado com vistas a estabelecer um tratamento diferencial por “raça”, tal como propõe a ação afirmativa, em particular a cota racial. Para ela, combater o racismo significa lutar pela “desracialização dos espíritos e das práticas sociais” e não pela racialização oficial da população, mesmo que temporária, já que a discriminação positiva pretende ser apenas uma “política emergencial”. Diz a autora:

[...] não se convoca oficialmente a população a se definir em termos de raça negra/branca com vistas ao usufruto de direitos para um belo dia decretar a todos: ‘esqueçam a raça, ela não passa de uma invenção!’ (p.50).

Em suas análises, o grande equívoco desse processo de racialização decorre da relação entre raça e racismo, mais especificamente, do pressuposto de que o racismo deriva da raça, ou ainda, da existência real das raças e da conseqüente dominação de uma raça por outra, seja em termos biológicos ou sociais. Mas, o racismo não deriva da raça, ele a cria. Ele se configura como uma prática discursiva, constituída historicamente em diferentes contextos sociais do mundo moderno, à medida que as teorias raciais científicas impuseram a noção de raça como verdade. Por prática discursiva, entende-se o processo de racialização, por exemplo, dos escravos africanos e seus descendentes na América no plano

da linguagem do cotidiano e das ciências ou, ainda, o processo de delimitação de grupos humanos a partir de algumas características fenotípicas (cor da pele, textura dos cabelos, etc.) e sua vinculação com distintos aspectos mentais e morais. Com isso, a escravidão não deve ser compreendida como uma consequência natural de um racismo de longa data, mas, sim, em sua dimensão econômica, portanto, não racial.

A formulação de uma série de racionalizações atuou como justificativa para a redução dos negros à condição de escravo, logo para o próprio sistema escravocrata. A conclusão a que chega Azevedo (2004) se refere à existência de uma constante oscilação entre a recusa da raça como idéia historicamente inventada, ou socialmente construída, e a aceitação de que alguns grupos de pessoas se relacionam em termos raciais, e ao fato dessa oscilação ser muito freqüente nas Ciências Humanas.

Nesse tipo de análise, a raça é compreendida como uma idéia historicamente inventada e não como elemento inscrito na natureza, utilizado para justificar a condição de escravizado do negro, bem como sua não inserção, ou “inclusão pelas margens”⁵⁵, na sociedade capitalista, através da articulação entre características físicas, mentais e morais. E embora haja a consideração de sua existência no imaginário coletivo, para o qual ela [raça] possui um grau de veracidade, propõe-se a desconstrução do discurso sobre raça em prol da superação do racismo presente nas relações sociais cotidianas.

Guimarães (1999) se opõe a esses argumentos e defende que, apesar dos limites entre as raças ser socialmente construído (construção social da raça), assim como a identificação racial, tanto na discriminação positiva como na negativa, “a raça é um dos critérios reais, embora não declarados, de discriminação, utilizados em toda a sociedade brasileira; [por isso,] para combatê-lo, é *mister* reconhecer sua existência” (p.192), na tentativa de restituir o princípio universalista e individualista de igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, através de políticas de ação afirmativa direcionadas à população negra.

O debate e o embate sobre os prós e contras das ações afirmativas ainda não se esgotou, especialmente no que diz respeito às cotas para negros no ensino superior. Embora elas ainda não tenham sido institucionalizadas pelo governo federal, várias instituições de ensino superior, estaduais e federais, em todo o país, já adotaram cotas sociais e/ou étnico-

⁵⁵ MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

raciais, através de seus Conselhos Universitários (GUIMARÃES, 2007)⁵⁶. Modelos alternativos às cotas também estão sendo colocados em prática por algumas universidades. Nelas, a opção foi pela bonificação.

O contexto da situação étnico-racial brasileira, em curso, aqui representado pelo período que vai “do ‘silêncio’ ao (re) surgimento do debate sobre relações étnico-raciais” e pelo advento das ações afirmativas, foi retratado através das visões sistematizadas nas produções científicas de intelectuais brasileiros e das visões dos ex-alunos araraquarenses.

Esse contexto também pode ser observado no universo da escola e das relações étnico-raciais estabelecidas entre alunos, bem como entre alunos e professores, como é o caso das relações vividas pelos ex-alunos no contato com as professoras negras (Nazaré, Aparecida e Terezinha). No contexto da situação étnico-racial brasileira, tanto no que diz respeito à sociedade mais ampla quanto à escola, estão inseridas e são construídas as visões dos ex-alunos sobre a professora negra e sua prática docente com a questão étnico-racial. Neste sentido, a compreensão dessas visões só se torna possível na relação com ele, contexto.

⁵⁶ A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) foi a primeira a instituir cotas para negros, no ano de 2001, através de Decreto de Lei Estadual. **Ver**, em ANEXO B, Mapa das instituições estaduais e municipais de ensino superior com ações afirmativas, tanto aquelas que adotaram cotas sociais e/ou étnico-raciais quanto as que optaram pela bonificação.

CAPÍTULO 3

A ESCOLA E A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL

A escola é instituição normativa, disciplinadora e homogeneizadora. É também um espaço de relações sociais em contínua construção, ora marcadas por conflitos, ora por negociações entre sujeitos socioculturais, alunos e professores, definidos por diferenças de gênero, de raça/etnia, de classe social e, sobretudo, por experiências de vida singulares.

A escola instituição e espaço sociocultural têm contribuído para a construção de visões racistas. Ela pratica uma educação que veicula estereótipos depreciativos contra os sujeitos negros, por meio dos livros didáticos, dos apelidos e das “brincadeiras” emergentes das relações entre alunos brancos e negros.

Ela silencia ou simplesmente não trata essas situações de discriminação, reproduzindo ideologias que mantêm a ordem social baseada no racismo. Por ser eurocêntrica, ela desconsidera a história e cultura dos afro-brasileiros.

No entanto, o espaço sociocultural escola é também privilegiado para a prática de uma educação anti-racista e o professor um forte aliado para formar sujeitos brancos e negros livres do racismo.

Nesse capítulo, a escola é retratada a partir das relações étnico-raciais estabelecidas entre alunos, e entre alunos e professores (as). As visões dos ex-alunos sobre a experiência do contato com as professoras negras, o qual, na maioria das vezes, é caracterizado pelo estranhamento à presença da mulher negra professora no universo da educação e da sala de aula, revelam essas relações.

O papel da escola no combate ao racismo, sem desconsiderar o papel da família e da mídia, já que a escola não é o único lugar em que a educação ocorre e o professor não é seu único agente, também emerge das visões de mundo dos ex-alunos, mostrando que essas instâncias socializadoras podem ser responsáveis tanto pela construção como pela desconstrução de mentalidades racistas.

3.1 Relações étnico-raciais no espaço da escola

A escola como instituição, constituída por um conjunto de normas e regras, tem atuado na homogeneização e na limitação das ações dos principais sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, considerando-os simplesmente como alunos e professores, independentemente de sexo, idade, origem social, cor/raça, experiências vivenciadas, expectativas, necessidades, etc.

A homogeneização dos sujeitos como alunos e também como professores, corresponde à homogeneização da própria instituição escolar que é compreendida como universal, e por isso deve conferir tratamento igualitário a todos, assim como garantir o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade.

Nesse tipo de instituição, esses conhecimentos se reduzem a fins e não a meios, já que valorizam apenas as provas, as notas e o “passar de ano”, a “objetos” materializados nos livros didáticos e nos programas escolares, que devem ser transmitidos e assimilados, enfim, ao conhecimento escolar desarticulado da vida e da própria diversidade dos alunos, cujas diferenças são apreendidas apenas sob a ótica da cognição, do bom ou do mau aluno, do obediente ou do rebelde, do disciplinado ou do indisciplinado, mas não em sua dimensão humana (DAYRELL, 1996).

Como espaço sociocultural, entretanto, a escola é um processo dinâmico, uma construção social permanente e permeada por conflitos e negociações estabelecidas nas relações entre sujeitos em ação, concretos, sociais e históricos (homens e mulheres, adultos, jovens e crianças, negros e brancos, pobres e ricos, etc.). Para Dayrell (1996), considerar a escola como espaço sociocultural consiste em:

[...] superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno [e de professor], dando-lhe um outro significado. Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios. O que cada um deles é, ao chegar à escola, é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais. Assim, para compreendê-lo, temos de levar em conta a dimensão da ‘experiência vivida’ (p.140).

Na instituição escola, em que predomina o discurso da igualdade de tratamento e, conseqüentemente, a tentativa de homogeneização de um espaço que é sociocultural, são recorrentes as práticas educativas discriminatórias, em particular as práticas racistas veladas e muitas vezes explícitas.

Essas práticas são processadas tanto na relação estabelecida entre os (as) alunos (as) quanto entre professores (as) e alunos, brancos e negros, e desses com o material pedagógico, como é o caso do livro didático. Ao longo dos tempos, o livro didático tem veiculado apenas as contribuições das “três raças fundadoras” (brancos, negros e indígenas) à formação da nação brasileira, em termos de culinária, língua, música, etc., bem como o convívio harmonioso entre elas; a condição do negro como mão-de-obra escrava submetida ao projeto de colonização portuguesa; uma imagem desumanizada e anti-social do negro (“o escravo coisa”, destituído de família, de amigos, do convívio social, etc.); o papel subalterno na hierarquia social, como nas chamadas atividades desqualificadas; entre outros aspectos. Ele tem veiculado estereótipos racistas e contribuído para a baixa-estima de crianças e adolescentes negros.

Os xingamentos trocados entre os alunos, os quais normalmente partem das crianças e adolescentes brancos para os negros, tais como fedorento (a), neguinho (a), preto (a) fedido (a), macaco (a), carvão, nego (a) do cabelo duro etc, e muitas vezes considerados “brincadeiras”, estão constantemente presentes no cotidiano das relações em sala de aula, nos corredores e pátios das escolas. A tentativa é depreciar e inferiorizar crianças e adolescentes negros, tal como demonstram as pesquisas de Cavalleiro (2000), Fazzi (2006) e Silva (2003); dentre outras.

Cavalleiro (2000), em estudo sobre o processo socializador na escola e na família, busca apreender as “relações raciais” entre crianças em idade pré-escolar (educação infantil), de escolas de São Paulo/SP, a atuação das professoras diante das situações de conflito, bem como os contatos estabelecidos entre professoras e crianças negras e a visão dos pais. Durante a observação das crianças no parque, ela presenciou situações concretas de preconceito e discriminação, principalmente nos momentos de disputas e através dos xingamentos das crianças brancas em relação às negras. Após serem hostilizadas, as crianças negras preferem brincar sozinhas, “como se nada lhes tivesse acontecido”, e assim vivenciar o sentimento de dor decorrente da depreciação da cor de sua pele. Muitas das

professoras, ao presenciarem tais relações, silenciam e acabam por legitimar o direito dos alunos brancos reproduzirem este comportamento.

Fazzi (2006), em trabalho sobre a manifestação do preconceito racial entre crianças de 6 a 14 anos de idade, de dois grupos socioeconômicos diferentes, de escolas de Belo Horizonte/MG, e a importância da socialização entre pares na fixação de atitudes e comportamento preconceituosos, analisa o conteúdo dos estereótipos que circulam nos grupos por ela investigados, tais como “preto é feio, preto parece diabo, ladrão é preto” (p.114), bem como aqueles que emergem das relações cotidianas vivenciadas pelas crianças, por meio da gozação e dos xingamentos (“macaco, carvão, nego preto, negona, xuxa preta”, etc.). Para a autora, uma das conseqüências, entre tantas outras, do contato com os xingamentos depreciativos e inferiorizantes, é a rejeição à própria cor preta, negra. Ela destaca de vários depoimentos o desejo de muitas crianças de deixarem de ser negras.

Silva (2003) no trabalho com as experiências vividas pelas professoras negras araraquarenses como alunas, também apreendeu, por meio dos relatos das próprias professoras, as lembranças das então crianças e adolescentes Nazaré, Aparecida e Terezinha sobre o contato com a discriminação racial.

A professora Nazaré relatou que quando criança era excluída das brincadeiras de roda e de picles por ser pobre e, principalmente, negra, a “neguinha do saravá”, como várias vezes foi chamada e do próprio espaço da sala de aula, ao “sentar no fundo da sala”, o mais distante possível da professora e de seus elogios, os quais eram conferidos apenas às alunas brancas e não a ela. Isso tudo no período de 1^a. a 4^a. Série, faixa etária de 7 a 9 anos, em que Nazaré não se posicionava diante da discriminação, mas apenas silenciava a sua dor. Mais tarde, já de 5^a. a 8^a. Série, faixa etária de 10 a 13 anos, diante de apelidos como “Mamãe Dolores” (alusão à personagem negra da novela *O Direito de Nascer*, 1964), “macaca” e “bombril” a adolescente Nazaré “brigava, xingava, chutava o pau da barraca”, como ela mesma disse.

Nas relações com os demais alunos e com a professora, é o corpo negro da aluna Nazaré que se encontra em evidência, estando sujeito às gozações e aos xingamentos depreciativos dos colegas e à ausência de contato físico e afetivo com a professora. Assim como também percebeu Cavalleiro (2000), há um tratamento diferenciado e mais afetivo na

relação com as crianças brancas. Com elas acontece o contato físico e afetivo, por meio do toque nos cabelos, dos beijos e abraços, somados aos elogios.

Gomes (2003) nos lembra que o corpo é um dos principais elementos do processo de construção da identidade, logo, a depreciação do corpo negro compromete significativamente a construção da identidade da criança, do adolescente e do adulto negro, e a escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, à medida que (re) produz representações negativas sobre o negro, seu corpo e sua estética. Ela nos alerta para a necessidade de questionar como a escola lida com o corpo negro e o cabelo crespo, um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo, na tentativa de apreender as representações do corpo negro no cotidiano escolar, contribuindo para desvelar o preconceito e a discriminação na escola; de construir “estratégias pedagógicas alternativas” que permitam compreender a importância do corpo na construção da “identidade étnico-racial” de alunos e professores negros e não-negros, e como ele interfere nas relações entre esses sujeitos no universo escolar.

A professora Terezinha, assim como a Nazaré, se lembrou de ter sido excluída das brincadeiras de roda, porém não atribuiu nenhum significado racial a essa exclusão. Ela a associou ao fato de ter sido uma criança muito “arredia”. Em sua adolescência, a ausência de experiências com a discriminação foi assim justificada por ela:

[...] não sei se eu que não prestava atenção, mas eu nunca senti mesmo; acho que às vezes os negros se subestimam, não será? Meu pai sempre procurou comprar uma roupinha melhor pra mim, pra eu poder sair, dar algum dinheirinho se eu fosse em alguma festa, então eu falo mesmo que eu nunca senti, tanto que todos os meus colegas me convidavam pra dançar, pra sair...” (SILVA, 2003, p. 110).

De forma semelhante, a professora Aparecida relatou que durante o período de sua escolarização não teve contato com a discriminação racial, seja na infância, seja na adolescência. Na primeira fase porque foi uma criança que requeria cuidados, e por isso sentava-se próxima à professora; na segunda fase, porque buscava “observar e selecionar muito bem” os colegas com os quais poderia brincar e conviver, o que parece ser uma “estratégia” para driblar a discriminação racial (SILVA, 2003).

Subliminarmente, as experiências com a discriminação racial podem ser percebidas nas entrelinhas dos depoimentos das professoras Terezinha e Aparecida sobre suas

trajetórias escolares. Entretanto, o não reconhecimento e o silêncio em relação a elas podem ser explicados a partir das “conseqüências do impacto que o racismo pode acarretar” (GOMES, 1995). A dor e o sofrimento, por exemplo, fazem com que muitos dos sujeitos negros prefiram, mesmo que inconscientemente, esquecer e silenciar as experiências com a discriminação e até recusar-se a ser negro.

Uma outra conseqüência do impacto do racismo presente nas relações vividas por crianças e adolescentes negros na escola é seu baixo desempenho escolar. Castro e Abramovay (2006) realizaram uma ampla pesquisa sobre o rendimento escolar de alunos negros e brancos, de diferentes extratos socioeconômicos, de escolas privadas e públicas, do ensino fundamental e médio, de diferentes regiões do país (Belém, na região Norte; Salvador, na região Nordeste; Distrito Federal, na região Centro-Oeste; São Paulo, na região Sudeste; e Porto Alegre na região Sul). Tendo por base os dados do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (SAEB) de 2003, elas verificaram que o baixo desempenho escolar dos alunos negros nas provas do SAEB deve-se ao contato com uma gama de práticas discriminatórias na escola.

A posição socioeconômica dos alunos tem sido a mais utilizada, tanto por leigos quanto por especialistas da educação, para explicar a desigualdade racial entre negros e brancos, na educação brasileira, inclusive no desempenho escolar. No entanto, desde 1995, quando o quesito cor/raça foi introduzido nos questionários aplicados pelo SAEB, tem-se atentado para o fato de que a cor/raça dos alunos se constitui num dos principais fatores que influenciam na “proficiência escolar”. Segundo as autoras:

[...] os estudantes negros obtiveram uma proficiência escolar média inferior à dos estudantes brancos nas cinco oportunidades em que o SAEB coletou informações sobre a inscrição racial dos alunos (1995, 1997, 1999, 2001 e 2003) (p.106).

Essa pesquisa também revela que os estudantes brancos alcançaram maior rendimento que os negros em todas as séries pesquisadas, sendo que a menor diferença entre eles foi constada na 4ª. Série do ensino fundamental e a maior na 8ª. Série do ensino fundamental e na 3ª. Série do ensino médio; o fator socioeconômico não é suficiente para explicar a diferença de rendimento escolar entre alunos brancos e negros. Os estudantes negros estão em desvantagem em relação aos brancos em todas as classes econômicas analisadas, mesmo nas situações de igualdade econômica. A desvantagem aumenta nas

classes de maior renda familiar, rompendo com a crença de que a redistribuição econômica levaria à redução da desigualdade racial. Os dados informam haver uma “maior força da discriminação racial à medida que há maior quantidade de recursos – culturais, sociais ou econômicos – em disputa” (CASTRO e ABRAMOVAY, 2006, p. 124).

Ao contrário de uma explicação estritamente socioeconômica ou de natureza racista, que confere o insucesso escolar de alunos negros à dimensão biológica (“os alunos negros são biologicamente menos dotados de inteligência”) via testes de Q.I. (MUNANGA, 2000), constatou-se que preconceito e discriminação racial existentes na escola sustentam a hipótese de que as idéias e práticas racistas são as responsáveis pelo efeito negativo da cor/raça sobre o desempenho escolar de crianças e de adolescentes negros (CASTRO e ABRAMOVAY, 2006).

Assim como o trabalho anterior (SILVA, 2003), este também revela que muitas das experiências vividas com a discriminação racial pelas então alunas Nazaré, Aparecida e Terezinha são semelhantes às vividas por muitos alunos negros, Brasil afora. E que não só o (a) aluno (a) negro (a) está submetido (a) às praticas racistas, tais como xingamentos e estereótipos depreciativos, mas também as próprias professoras negras.

O contato com as professoras negras Nazaré, Aparecida e Terezinha provoca em seus alunos negros e não-negros, na maioria das vezes, estranhamento. A simples presença da professora negra aciona reações as mais adversas, como, por exemplo, xingamentos, brincadeiras de mau-gosto, depreciação, etc. Em jogo, estão a diversidade cultural, a diferença étnico-racial e a alteridade.

A diversidade cultural⁵⁷, presente nas diversas sociedades e constitutiva da própria história da humanidade, é fato incontestável e, por isso, deve ser reconhecida. No entanto, não basta a simples constatação das diferenças (de sexo, “raça”, idade...), partes do todo (diversidade), pois a constatação não dá conta de explicar as relações entre os diferentes

⁵⁷A diversidade cultural contém as diferenças (de sexo, “raça”, classe social, idade, etc) e representa o universo das relações entre o “eu” e o “outro”, relações estas imersas num espaço (contexto histórico) e tempo específicos, e permeadas pelo poder. A (s) diferença (s) que constitui o “outro”, geralmente é apenas constatada a partir de certas características fenotípicas observáveis de forma imediata, como é o caso da cor da pele e outros traços físicos representativos, por exemplo, da diferença racial. A simples constatação da diferença não nos permite apreendê-la e conhecê-la em suas propriedades e potencialidades. Na maioria das vezes, ela é manipulada de forma deturpada, levando aos processos de subjugação, dominação e discriminação.

sujeitos e grupos sociais. Essas relações entre o “eu” e o “outro” são estabelecidas pelo encontro, pelo confronto e pelo conflito, e estão permeadas pelo poder.

A alteridade, o “eu” e o “outro” em relação, própria das relações humanas, é o tema central da Antropologia, cujo aporte conceitual (cultura, alteridade, etnocentrismo, etc.) nos permite entender o contato entre alunos (as) negros e não-negros, e as professoras negras, as quais, nessa relação, são concebidas como o “outro”, o diferente.

De acordo com Jovchelovitch (1998), “o *outro* não está lá simplesmente, mas emerge enquanto tal quando é reconhecido” (p.69), ou seja, quando é reconhecido em sua (s) diferença (s), constatada, de forma imediata, em seu corpo, como é o caso da cor da pele das professoras negras e de outros traços físicos (cabelo, nariz, lábios...).

O reconhecimento da diferença que constitui o “outro” é a descoberta do sentimento de que nem tudo é o que “eu” sou e nem todos são como “eu” sou (BRANDÃO, 1986). O que “eu” sou e o que o “outro” é depende do que se acredita ser um e outro. Esta relação é mediada pela cultura (sistema simbólico), que revela a capacidade que os seres humanos têm de perceber, significar e interpretar a si mesmos (sempre em relação a...) e aos outros, bem como aquilo que vivem e experimentam (GUSMÃO, 2000).

O ato de reconhecer, entretanto, não significa conhecer. O reconhecimento da diferença do “outro” provoca um sentimento de estranhamento e de avaliação a partir da própria cultura do “eu”, resultando no etnocentrismo.

[ato de] julgar como ‘certo’ ou ‘errado’, ‘feio’ ou ‘bonito’, ‘normal’ ou ‘anormal’ os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros a partir dos próprios padrões culturais. O etnocentrismo pode consistir numa desqualificação de práticas alienígenas, mas também na própria negação da humanidade do outro (THOMAZ, 1995, p.431).

O julgamento estereotipado e desqualificado que se faz do “outro” leva na maioria das vezes à subjugação, à dominação e à discriminação e, em casos extremos, ao extermínio do “outro”, não permitindo com que se conheça as propriedades e potencialidades do diferente.

Logo, conhecer o “outro” significa “a superação do etnocentrismo, a apreensão do diverso para compreendê-lo em relação, significa relativizar o próprio pensamento para construir um conhecimento que é outro” (GUSMÃO, 1997, p.16-7).

Por tudo isso, na relação estabelecida entre professoras e alunos, ir além do reconhecimento se torna um desafio constante. A diferença que as constitui, a cor da pele e outros traços físicos, é imediatamente constatada pelos alunos no momento do primeiro contato e ratificada, muitas vezes, ao longo da convivência em sala de aula.

Esse contato provoca, por parte dos alunos, estranhamento e avaliação, uma vez que eles sempre partem de seus padrões culturais (etnocentrismo). Não se pode esquecer que os alunos são sujeitos socioculturais que significam e interpretam as experiências vividas de diferentes formas. Porém, eles estão submetidos às mesmas imagens estereotipadas sobre o negro: associação do corpo negro à feiúra, inferioridade, incapacidade intelectual, e a “lugar” previamente determinado, porque socialmente construído na sociedade (GONZALES & HASENBALG, 1982).

Aos sujeitos negros atribuiu-se um “lugar” nas atividades ditas desqualificadas (tais como limpeza urbana, serviços domésticos), nas moradias precárias (das senzalas às favelas), nas prisões e hospícios (já que considerados indolentes e insanos). Ao contrário dos sujeitos brancos, a quem quase sempre são reservados os “lugares” que lhes confere *status* social.

O “lugar do negro”⁵⁸ construído pela sociedade associa de forma automática a imagem da mulher negra à da empregada doméstica. Essa imagem, produzida e reproduzida, vem sendo ao longo da história veiculada tanto pelas telenovelas como pelas histórias da nossa infância (quem não se lembra da Tia Anastácia de Monteiro Lobato?) e pelas cartilhas que alfabetizaram tantas crianças, como a *Caminho Suave*.

A imediata revisão dos livros didáticos infantis, infanto-juvenis e específicos às diversas áreas do conhecimento (História, Português, Geografia, etc.) se mostrou imprescindível diante das imagens estereotipadas, depreciativas e discriminatórias do negro (subalterno, submisso, etc.), e da mulher negra, por eles veiculadas. Bandeira política do Movimento Negro desde 1978, o combate ao racismo nos livros didáticos tornou-se uma preocupação não só dos ativistas negros, mas a partir deles também do governo federal, assim como de educadores e de pesquisadores.

Em 1987-1988, representantes das organizações negras de todo o país, técnicos e pesquisadores participaram da avaliação dos livros didáticos promovida pelo Programa

⁵⁸ Termo utilizado por Gonzáles & Hasenbalg (1982).

Nacional do Livro Didático (PNLD) e fizeram um balanço da situação de discriminação existente nestes livros (GONÇALVES & SILVA, 2000).

Segundo ROSEMBERG *et al* (2003), é apenas a partir de 1996⁵⁹, com a implantação do processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos no PNLD, que se tem, por parte do governo federal, uma ação voltada especificamente para os componentes racistas dos livros didáticos: em 1997-1998, os livros não poderiam expressar preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e demais formas de discriminação; em 1999-2000, eles não poderiam veicular preconceitos de origem, cor, condição sócio-econômica, etnia, gênero e outras formas de discriminação⁶⁰.

No grupo de ex-alunos de cada uma das professoras negras araraquarenses (Nazaré, Aparecida e Terezinha), parcela significativa reconhece ter estranhado a presença da professora negra no universo da escola e, em especial, da sala de aula.

Para uma das ex-alunas da professora Nazaré (Aline, período inicial, 29 anos, negra), o primeiro contato com a professora provocou o questionamento quanto à presença da mulher negra numa profissão centrada no saber formal e intelectualmente legitimada, majoritariamente constituída por mulheres brancas. A aluna chegou a associar Nazaré à Zazá, personagem retratada na cartilha *Caminho Suave*, como sendo a empregada que exerce “serviços subalternos”. Sendo assim, “como a Zazá poderia ser a professora?”.

Não só essa ex-aluna, mas outras estranharam a presença da professora Nazaré num “lugar” que, socialmente, é atribuído às professoras brancas:

[...] geralmente a gente tá mais acostumado com professores brancos, quando chega uma pessoa de outra cor, no caso negra, e bem negra, fica aquela coisa diferente... (Márcia, período intermediário, 24 anos, negra);

⁵⁹A necessidade do combate ao racismo nos livros didáticos está presente na agenda do Movimento Negro desde 1978, e vem sendo destacada: nos Conselhos da Comunidade Negra, estaduais e municipais; em documento entregue ao então Presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1995, com a Marcha Zumbi Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida; em relatório da III Conferência Mundial das Nações Unidas Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas; e no Programa Nacional de Direitos Humanos.

⁶⁰ Os livros avaliados pelo PNLD recebem a seguinte classificação: recomendados com distinção; recomendados; recomendados com ressalva; não recomendados ou excluídos. Entre os excluídos está “Banzo, tronco e senzala”, de Elsi Nascimento e Elzita Melo Quinta, publicado pela Editora Habra, em 1996. Ele foi apreendido e proibido de circular em 2003 por veicular imagens violentamente discriminatórias contra os negros.

[...] a gente vem de uma sociedade em que os professores são brancos, então eu estava sempre acostumada, porque no Sesi não tinha professor negro, não tinha de jeito nenhum... (Daniela, ex-período intermediário, 27 anos, negra).

Se por um lado, a diferença que constitui o “outro”, a professora negra, atemoriza, por outro atrai (BRANDÃO, 1982). O “outro” é o que “eu” não sou, mas o que “eu” sou é constituído a partir do que o “outro” é. Ora, se o temor ocorre por conta do reconhecimento da diferença do “outro”, a atração ocorre por também me ver refletido na imagem desse “outro”.

O temor e a atração estiveram presentes no primeiro contato de duas ex-alunas com a professora Nazaré, embora ambas tivessem convivido com uma outra professora negra, e uma delas com os negros da família. As alunas se “*assustaram*” com o modo de vestir e pentear da professora:

Eu fiquei muito assustada quando eu cheguei na sala de aula, porque a professora Nazaré tem um tipo diferente do que eu estava acostumada, que na 2ª. série, apesar de ter tido aula como uma professora..., que era a professora Regina, e na família da minha mãe todos serem negros, a professora Nazaré se veste diferente do que as pessoas da minha família se vestiam e se porta muito diferente...A professora Nazaré sempre usando umas coisas assim de coco, sempre vestida diferente, de bata, um estilo diferente. Eu perguntei pra minha mãe “porque a pessoa Nazaré era tão diferente das pessoas da nossa família”, que todo mundo era negro, e a minha mãe dizia que “cada um tinha o seu jeito, que ela gostava do cabelo dela daquele jeito” (Simone, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra);

O impacto que eu tive é porque ela começou diferente, ela se vestia diferente, então você não está acostumado, ela vestia aquelas saias esquisitas, umas blusas, umas roupas soltas, tipo afro mesmo, aquelas saias comprimidas, soltas, blusas bem estampadas, coloridas (Silvia, período intermediário, 26 anos, branca).

O jeito “afro” de se vestir, maquiagem e pentear da professora Aparecida também foi motivo de estranhamento para uma de suas ex-alunas (Laís, período inicial, 26 anos, negra), que no seu depoimento pareceu atribuí-lo a seus colegas e não a si mesma. Esse tipo de estranhamento não foi mencionado por nenhum dos ex-alunos da professora Terezinha.

Uma das alunas da professora Nazaré (Simone, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra) mencionada logo acima representou/interpretou o contato com

a professora negra a partir de dois momentos distintos de sua escolarização: a 2^a. Série do ensino fundamental, com oito anos de idade, e o ensino médio, com dezesseis anos.

Para ela, o estranhamento frente ao “diferente”, nesse caso à mulher negra professora, é comum entre as crianças, que por sinal não o esconde. Os jovens, por sua vez, estariam mais acostumados com as diferenças ou em “simular reações” que mascaram o estranhamento.

Segundo Iturra (1992), a criança elabora sua própria explicação do mundo ao comparar o que vê e o que ouve e, criando um mundo de fantasias, procura comprovar se sua realidade é verossímil ou inverossímil. Desse modo, a criança já antes dos seis ou sete anos atribui significados à cor da pele mediante as relações que estabelece com seus pares, seja nos jogos e nas brincadeiras, seja na família, na rua ou na escola, mas não têm uma noção definida sobre o significado social que esta diferença assume. O jovem, se comparado à criança, tem maior “consciência” do significado social das diferenças (de raça/cor, sexo, classe...) e dos papéis atribuídos a cada sujeito (SILVA, 2003).

É possível deduzir que esses jovens alunos percebem, sim, a diferença que constitui a professora negra e que observavam as reações dos outros em relação a ela. No entanto, dissimulam as suas próprias reações. Comparativamente à criança, eles têm maior facilidade em dissimular e, muitas vezes, ao não dissimular podem ser “cruéis”.

De acordo com um dos ex-alunos da professora Nazaré (Hugo, período intermediário e de maturidade, 21 anos, branco), que também viveu com ela momentos distintos de sua escolarização, a 3^a. e 4^a. séries do ensino fundamental e o 1^o. ano do ensino médio, a discriminação contra a professora negra é mais ofensiva no período do ensino médio, ocasião em que os alunos estão na faixa etária de quatorze a dezessete anos.

Nas 3^a. e 4^a. Séries, faixa etária dos nove aos dez anos, a discriminação se processava às escondidas, por meio das chamadas brincadeiras de mau gosto, formalizadas através de sussurros depreciativos (“*macaaaaaaaaca....*”), “risadinhas” e olhares entrecruzados, irônicos, e que nem sempre eram identificados. No ensino médio, as expressões ofensivas eram gritadas em “alto e bom som” e direcionadas a um “alvo certo”, a professora negra, algumas vezes com emissor conhecido e outras não.

Se, por um lado, a professora negra (“estranha”, “diferente”) rompe com o “lugar” da empregada doméstica, por outro, ela tem dificuldades de romper com os estereótipos de

inferioridade e de incapacidade intelectual conferidos de um modo geral aos sujeitos negros.

As visões dos ex-alunos demonstram que, no exercício da profissão docente, principalmente no início do ano letivo, a professora Nazaré não era “*levada a sério*” por conta de ser negra. O mesmo não acontecia com os professores não-negros.

[...] tinha muita brincadeira, não levavam a sério, tanto quanto levavam outros professores. Até era engraçado porque ela era muito melhor que os outros professores que a gente tinha. Só que ela conseguiu mostrar a pessoa, o profissional dela (Aline, ex-aluna da professora Nazaré, período inicial, 29 anos, negra).

[...] no começo as aulas dela eram muito tumultuadas, as pessoas não prestavam muito atenção, depois começaram a prestar, ela cativou todos os alunos... (Laís, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, negra).

A crença na inferioridade e na incapacidade intelectual do negro presente no imaginário do coletivo social deslegitima a competência profissional da professora negra e, como consequência, legitima a dos demais professores, não-negros. Portanto, no decorrer do ano letivo cabia à professora negra provar sua competência e assim conquistar a confiança do alunado.

As “*brincadeiras*” diante da professora negra assumem pelo menos dois significados: primeiro, a brincadeira é sinônimo de farra, dispersão e tem o objetivo de impedir que a professora ministre suas aulas, já que se supõe que ela seja incapaz e incompetente, porque está “fora do lugar” socialmente permitido; segundo, a brincadeira significa depreciação, desqualificação das propriedades que constituem a mulher negra professora e até mesmo a sua desumanização, especialmente através da utilização de apelidos⁶¹ como “*macaca*”, “*tição*”, “*gorilão*”, etc. Ela significa, sobretudo, a forma pela qual os alunos encobrem e dissimulam a discriminação étnico-racial, na tentativa de não explicitarem o racismo.

[...] vai ter aula com a macaca, tinha que ser aula de Ciências e não Geografia”, por que era Geografia e História, também teve OSPB, logo

⁶¹ De acordo com Silva (1995), a substituição do nome por apelidos pejorativos desqualifica, inferioriza e desumaniza o sujeito negro, destituindo-o de sua singularidade.

veio a mudança e não tivemos mais. Então brincadeiras desse tipo, brincadeiras de estereotipagem. Até eu mesmo, eu sendo negra, brincando com o negro como se não fosse gente... (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra);

[...] sempre saia brincadeiras... “ah, lá vem aquela nega”... (Fernando, ex-aluno da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, branco);

Sempre tem aqueles engraçadinhos que bagunçam na classe e jogam pra aquele lado “nossa, professora negra, tinha que ser negra mesmo”... (Márcia, ex-aluna da professora Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra);

[...] teve piadinhas sobre a cor dela negra, não pra que ela escutasse, mas entre alguns alunos, piadinhas sobre a cor dela, tipo assim que eu cheguei a ouvir “macaca”... (Luciana, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, branca);

[...] a gente brincava com ela porque ela tinha uma voz grossa, então a gente chamava ela de gorilão... (Rafael, ex-aluno das profas. Terezinha, período de maturidade, e Aparecida, período inicial, 19 anos, branco);

[...] nem se referiam ao nome, mas pela cor da pele, usavam preta, a professora preta. Esses alunos se referiam a ela desse modo, mas não na frente dela, longe dela... (Thiago, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno).

As “brincadeiras” tornam-se a forma mais eficaz de expressar o estranhamento e a resistência às professoras negras, mesmo quando que não diretamente a elas dirigidas, tal como nos bastidores da sala de aula, nas rodas de amigos formadas nos corredores, no pátio, etc.

Muitas dessas “brincadeiras” são as mesmas já experimentadas por elas, quando ainda alunas, particularmente pela professora Nazaré. Esse tipo de experiência tem atuado na reprodução de práticas racistas, de uma geração para outra.

O processo de depreciação, desqualificação e desumanização acionado no primeiro contato com a professora negra também se faz presente ao longo de todo o ano letivo, em especial nos momentos de insatisfação do aluno com as solicitações escolares e extra-escolares feitas pela professora.

As atividades “para a casa”, seminários, provas, e seus possíveis resultados, principalmente as notas não desejadas, fazem com que os alunos fiquem “irritados” e, em consequência, que a discriminação racial contra a mulher negra professora venha à tona.

*[...] aquela macaca me deu nota baixa, aquela macaca não sei o quê...
(Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca);*

*[...] sempre que eles se irritavam com ela ou que ela fazia alguma coisa, ou trabalho demais, ou alguma coisa que irritasse eles, eles sempre comentavam pelas costas entre eles, eu mesmo já ouvi algumas vezes...
(Hugo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 21 anos, branco).*

A discriminação racial se manifesta frente à postura “rígida”, impositiva e rigorosa assumida pelas professoras em alguns momentos de suas práticas docentes.

As visões de duas das ex-alunas da professora Nazaré e de um ex-aluno da professora Terezinha demonstram que esse tipo de postura é por eles associada ao fato dessas professoras exigirem responsabilidade, compromisso e aplicação nos estudos, ou seja, de imporem e solicitarem respeito como profissional e, no caso de Nazaré, também como negra:

*[...] sempre foi muito rígida, no sentido de cobrança, de pedir as coisas em dia, de não querer que os alunos faltassem, de querer que os alunos prestassem atenção...os alunos ficavam muito irritados com isso...
(Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra);*

*[...] a Nazaré, pra ser sincera pra você, nunca foi muito cativada pelos alunos, eu acho que de cada dez, um gostava dela, eu acho que era justamente porque ela se impunha como profissional que ela era...
(Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca);*

Todo mundo respeitava ela normalmente, porque ela era bem rigorosa, bem brava, mas todo mundo respeitava a cor dela. Que eu me lembre nunca teve nenhum preconceito, não. Tem as molecagens, né, as brincadeiras das pessoas, mas nada sério assim contra ela. Mas não diretamente a ela, às vezes eles brincavam com a cor dela, mas não ofendendo, porque ela é muito brava essa professora Terezinha, então as pessoas brincam, mas não diretamente com ela, entre os colegas, a gente assim, mas nada...(Rafael, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, branco)

Para além da rigidez e das exigências feitas pelas professoras, tal como destacadas nas visões dos alunos, a “irritação” e as “brincadeiras” nada mais são que mecanismos de exteriorização e, ao mesmo tempo, dissimulação do racismo, também acionado pela desestabilização do modelo de professor predominante entre a maioria dos alunos: o

professor branco, “autoridade” e “ser supremo”, ou seja, aquele que deve dominar e a quem os alunos devem se submeter.

A postura docente assumida principalmente pela professora Nazaré, mas também seguida por Terezinha, se contrapõe ao estereótipo do negro submisso, portanto, do professor que deve se sujeitar e, com isso, estar abaixo de tudo e de todos.

[...] eu fiquei meio assim impressionada do jeito dela falar, porque ela se impunha, não tinha coisa com ela, não, não tinha moleza... (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca).

Para essa aluna, a postura da professora Nazaré ora representa comprometimento e profissionalismo, ora representa uma autodefesa frente à possibilidade sempre latente de experimentar a discriminação:

[...]ela exigia que fosse respeitada, que era o mais correto...ela se empenhava muito em passar essa coisa ‘vamo respeitá’, porque ela sofria muito com isso...

De fato, as experiências com a discriminação causam sofrimento e, por isso, nos munimos com mecanismos de autodefesa, tal como os acionados pelas professoras Nazaré e Terezinha (rigidez, imposição, etc.). No entanto, o sofrimento também pode gerar indignação e resistência.

No caso da professora Nazaré, a indignação e a resistência se tornam presentes, de uma forma mais efetiva, no processo de sua afirmação como negra e na constante tentativa de romper com os estereótipos de incapacidade intelectual e submissão tanto do negro como da mulher negra, e de desconstruir mentalidades racistas através de sua prática docente.

A professora Terezinha, por sua vez, defende-se do racismo e da discriminação, mesmo que inconscientemente, enfatizando exacerbadamente seu profissionalismo, mas pouco se indigna e resiste no sentido da desconstrução de mentalidades, tal como mostrou a pesquisa sobre sua prática docente com a “questão racial” (SILVA, 2003).

Como as professoras Nazaré e Terezinha foram consideradas portadoras de uma postura rígida, Aparecida foi lembrada pelo grupo de seus ex-alunos como uma professora afetiva, com um “*jeito alegre e descontraído de ser*”. Há a exceção de uma ex-aluna, que a

julga agressiva e com certa dificuldade de ensinar os conteúdos da Matemática. A aluna não explicita a discriminação étnico-racial vivenciada pela professora na relação com eles, alunos, e atribui sua insatisfação, assim como a dos colegas, ao fato de a professora Aparecida “*não explicar direito*”. Porém, a discriminação étnico-racial se mostra presente, em particular, no momento em que aluna diz da necessidade da professora impor respeito, já que “*não é porque ela é negra que vai fazer o que quer*”.

Houve impacto, por ela ser negra não, pela agressividade dela, o fato dela não explicar direito, e quando ela entrou os alunos ficaram com medo do modo dela agir, falar, de explicar, então os alunos tinham respeito, quando viam ela chegar na porta. Agora, no momento que ela saía, começavam a xingar, não viam a hora que acabava a aula para ela ir embora. Os alunos não entendiam e perguntavam pro outro que entendeu. Eu mesmo perguntava para os meus amigos, e não tinha conversa na época, por causa que todo mundo tinha medo dela. E se ela escutava alguma coisa ela colocava pra fora. Isso é o direito dela né, mas eles tinham medo dela. Então no primeiro dia ela impôs o respeito, não é porque ela é negra que vai fazer o que quer... (Luciana, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, branca).

Por outro lado, os ex-alunos que a julgam afetiva, alegre e descontraída atribuem a inexistência do estranhamento diante da professora negra a essas características e alegam que elas a isentavam das experiências com a discriminação racial. No entanto, um entre eles revela que a professora não estava imune à discriminação, já que, mais uma vez, ela se manifestava através das “*brincadeiras*”.

[...] não houve tanto espanto, não, não houve; porque ela tem um caráter bem alegre, assim. Então já chegou fazendo farrá na sala e ninguém se preocupou com essa questão de negra ou branca. Ela brincava às vezes, com as brincadeiras dela tal, falava “negrona” e aí todo mundo foi se acostumando com o jeitão dela e acho que ela foi meio que passando a raça dela na conversa com os alunos pra deixar até... não como se fosse uma intimidade, mas uma característica dela marcante que ninguém ficasse com medo de falar ou de pensar. Ela fazia umas brincadeiras tipo “presta atenção na negrona que está aqui na frente”, pra descontrair... ela tentava passar para o aluno como ela era, pra ninguém ficar assim de cochicho, eu acho. Agora, paralelamente, sem estar na presença dela houve... do jeito de se referir a ela... tirava uma nota baixa xingava ela em relação a cor, basicamente isso o que mais acontece... (Paulo H., ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, moreno).

Ele ainda revela que a professora Aparecida também se protegia da discriminação étnico-racial, mas diferentemente das outras duas. Mais que a ênfase no profissionalismo, ela buscava destacar algumas de suas outras qualidades, como afetividade, alegria e descontração, e “brincar” com sua própria negritude, antes que os alunos o fizessem.

Se, aparentemente, a postura docente da professora Aparecida sugere sua afirmação como negra, e ao mesmo tempo a sub-valorização de sua imagem negra ao “brincar” com ela mesma, essa postura também sugere a não desconsideração quanto à existência do racismo e da necessidade de se posicionar diante dessa problemática.

A professora Nazaré foi a única a perceber e relatar, no trabalho anterior (SILVA, 2003), o estranhamento e as atitudes discriminatórias, atuantes muitas vezes sob a forma de “brincadeiras”, que sua presença provocava em seus alunos negros e não-negros. Ela elaborou representações acerca de como seus alunos “olhavam” para ela, ou seja, de como eles “viam” a professora negra e muitas de suas representações puderam ser constatadas nas visões de seus ex-alunos.

Essa percepção não foi declarada pelas professoras Aparecida e Terezinha em Silva (2003), contudo, ela se torna visível nas visões de seus ex-alunos. Entre essas visões existem aquelas em que o estranhamento à presença da professora negra não é declarado pelo próprio aluno e nem mesmo observado por ele em seus colegas de classe, no entanto, elas são minoritárias frente à maioria que reconhece ter estranhado a presença da professora negra na escola e, em particular, na sala de aula.

[...] não, da minha parte pelo menos, não, que eu me lembre, não. Acho que não teve nada disso, não... (Marcelo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 25 anos, “japonês”);

[...] eu tenho absoluta certeza que não teve nenhum impacto por isso... (Ivan, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, moreno);

Não, não houve impacto por ela ser negra, em hipótese alguma. Nunca observei nada, ou então, se observei não me lembro, nunca presenciei nada... (Mirian, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca).

As relações étnico-raciais processadas na escola, em especial aquelas vividas entre os ex-alunos e as professoras negras Nazaré, Aparecida e Terezinha, nos levam a refletir

sobre o papel da escola no combate ao racismo, e essa reflexão parte das visões dos próprios ex-alunos.

3.2 O papel da escola no combate ao racismo

Os ex-alunos, de uma forma geral, atribuem à escola importante papel no combate ao racismo. No entanto, uma parcela significativa não lhe confere exclusividade nessa tarefa, uma vez que a família e a mídia também devem se responsabilizar em produzir discursos e práticas não-racistas.

[...] é na escola que se aprende, é na escola que vai chegar na universidade, os detalhes pra vida cotidiana, então eu acredito que é muito importante pra escola os assuntos como cota dos negros, os negros como amigos... (Roberto, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, branco);

[...] a escola é fundamental, mas a família deve ser trabalhada também, o pai, a mãe, começar ai trabalhar essa questão do racismo... (Eliezer, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco);

[...] não só na escola, dentro de casa também precisa ter isso daí, os canais de televisão, todo mundo assiste televisão hoje, e a imagem que passa na televisão... (Marcelo, ex-aluno profa. Nazaré, período intermediário, 25 anos, moreno);

[...] Isso é uma batalha que tem que começar na escola e isso tem que ser uma coisa contínua pra mudar essa situação... (Ivan, ex-aluno profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, moreno);

Como se passa grande parte do tempo dormindo, se passa grande parte do tempo na escola, se passa grande parte do tempo aprendendo, e não adianta fingir ou fugir do fato... (Thiago, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno);

[...] dentro da escola tem que chegar algo para direcionar, através de projetos e outros; da escola tem que sair isso daí. Em casa vai ajudar, ajuda, só que em casa você também tem a televisão, é complicado. A base para isso tem que ser na escola, e é a médio e longo prazo, isso não vai ser assim...Se tem algum segmento que deve bater nessa tecla é a escola, embora a escola também traz alguma coisa que é negativo...(Luis, ex-aluno da profa. Terezinha, 45 anos, período inicial, branco).

Se, por um lado, os ex-alunos percebem o importante papel da escola na desconstrução de visões racistas, por outro, eles enfatizam que tanto ela quanto a família e a mídia contribuem para sua construção, à medida que insistem em “silenciar” a respeito da questão étnico-racial, reproduzindo e veiculando estereótipos depreciativos contra os sujeitos negros.

A não exclusividade da escola, também na construção de visões racistas, decorre do fato de receber alunos cuja socialização familiar foi feita numa cultura preconceituosa e racista, como acontece em muitas famílias brancas, ou numa cultura do silêncio existente tanto nas famílias brancas quanto nas negras, principalmente por não saberem como tratar esse assunto ainda considerado tabu, o racismo. Nas famílias negras, entretanto, o silêncio pode resultar do fato de pais e mães negros vivenciarem cotidianamente a discriminação racial e não saberem como processá-la tanto em suas vidas quanto na de seus filhos.

Uma consulta realizada com pais, mães e responsáveis sobre a percepção da existência do racismo na escola constatou que ela fica muito aquém do esperado, devido ao distanciamento entre escola e família, assim como ao fato de a “vivência sobre a discriminação racial sentida ou exercida na escola não ser compartilhada em casa” (SOUZA *et al*, 2007)⁶².

A troca de experiências entre pais e filhos sobre as situações de discriminação racial vividas na escola ou na sociedade envolvente não faz parte do cotidiano da maioria das famílias, sejam elas brancas ou negras, como foi o caso das famílias negras das então alunas Nazaré, Aparecida e Terezinha.

A professora Nazaré relatou não compartilhar com seus pais as experiências vividas por ela na escola, pois “*procurava resolver tudo a sua maneira*” Já as professoras Aparecida e Terezinha disseram não ter o que compartilhar, uma vez que julgam não ter vivenciado tais experiências. No entanto, as três professoras trouxeram uma experiência comum, “*o incentivo constante dos pais para que elas estudassem*”. O incentivo demonstra que essas famílias não estavam alheias à problemática étnico-racial, já que entendiam que só através dos estudos seriam possíveis a ascensão social e a isenção das experiências com

⁶² Consulta realizada em escolas de educação infantil e ensino fundamental, da rede municipal das cidades de São Paulo, Salvador e Belo Horizonte, tanto com pais, mães e responsáveis quanto com outros atores da comunidade escolar (professores, diretores, coordenadores, funcionários e alunos).

a discriminação racial. Porém, elas não traziam a discussão sobre os obstáculos enfrentados pelos sujeitos negros na sociedade brasileira, mesmo “tendo estudo” (SILVA, 2003).

Esse tipo de discurso, muito presente nas famílias negras e no próprio imaginário social brasileiro, reproduz a ideologia de que basta ascender socialmente para que o negro não seja mais visto como negro e, com isso, se livre da discriminação racial, já que o “problema do negro” é social, de classe e não racial.

Entre os ex-alunos, apenas uma aluna traz a lembrança da ausência, ou seja, da não discussão sobre a questão étnico-racial no espaço familiar, devido, segundo ela, ao fato de sua família ser miscigenada. Embora não explicitado pela ex-aluna, pressupõe-se que a crença na democracia racial era predominante em sua família de origem. A lembrança da ausência, entretanto, faz com que ela assuma o compromisso de promover essa discussão com sua filha, com as gerações futuras e com seus alunos.

Então o que eu lembro da minha infância nunca teve essa discussão, o que eu já acho que vai ser diferente agora com a minha filha, netos e com quem vem pela frente. É legal saber dá onde você veio e quem veio antes de você, como foi a história, é a sua história, e nessa minha história tem um negro lá que sofreu muito, escravo. E se hoje a minha posição como negra já é de desigualdade, e a dele. Vamos pensar como era a vida desse negro que eu tenho um pouquinho dele dentro de mim. Então eu vou fazer questão de levar isso pra frente, pros meus filhos, pros meus netos, inclusive para os meus alunos, eles também tem. Todo mundo tem o seu negro dentro, pode não estar na pele, mas na história da pessoa, da família [...] (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra).

O não tratamento da questão étnico-racial pelos pais, no âmbito da família, e pelos professores, na escola, também decorre do fato de ambos serem “filhos da conjuntura histórica que os formou” (ITURRA, 1994). E, por isso, eles estão sujeitos a contribuir com a reprodução da ideologia racista vigente na sociedade brasileira, seja pela omissão em relação à existência do racismo ou à possibilidade de vir a existir nas experiências vividas e observadas por seus filhos, brancos e negros, seja na prática efetiva do mesmo, através de ações, gestos, expressões, etc.

Assim como escola e família buscam transferir uma para a outra a responsabilidade pela reprodução do racismo, elas também procuram delegar seu papel na superação do mesmo. A escola alega ser um espaço democrático e igualitário que não deve conferir

tratamento diferenciado a alunos negros e brancos, e a família acredita no maior preparo da escola enquanto detentora do conhecimento universal cientificamente validado.

O argumento defendido pela escola para se eximir de uma responsabilidade que também, mas não só, é sua, a promoção de uma educação anti-racista e, com isso, a superação de visões racistas, encontra significativa adesão junto à comunidade escolar (professores, diretores, funcionários e pais), como constatou Souza *et al* (2007)⁶³, e entre alguns dos ex-alunos. Esse argumento vai de encontro ao princípio universalista e individualista, tão caro a uma sociedade democrática, que prega a igualdade de oportunidades a todos os indivíduos, independentemente do pertencimento étnico-racial, de classe, sexo, etc. Ele nega, portanto, a diferença.

Não sei se a escola tem um papel, eu acho que tem que vir de casa, é claro que a escola tem que contribuir, tem porque criança às vezes brinca por causa da cor, mas acho que tem que vir mesmo de casa, do meu ponto de vista. Por que tem que abordar o assunto de negro na escola se você é igual ao branco? Tinha que ser geral... (Elen, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 23 anos, negra).

O caráter democrático e igualitário da escola, garantido no corpo da Carta Magna que rege a sociedade brasileira, deve ser, sim, reconhecido e valorizado por todos nós. No entanto, o texto legal somente se tornará efetivo à medida que a escola construir, no seu interior, práticas concretas e inclusivas que não discriminem nenhum grupo social, racial, étnico, religioso, etc.

A atribuição à escola ou à família de uma maior ou menor responsabilidade, na construção ou na superação do racismo, representa fixar uma ou outra como o centro do processo de socialização, porém, essa tentativa é colocada em xeque à medida que surgem outras instâncias socializadoras e outras propostas de socialização.

De acordo com Setton (2005), até a década de 1960, família e escola foram consideradas pela sociologia as principais instituições formadoras e socializadoras com funções e papéis distintos, mas complementares e em sintonia, já que direcionadas para um único objetivo – a “ordem do sistema social”, que deveria ser inculcada no e interiorizada

⁶³ Segundo consulta realizada junto aos atores da comunidade escolar (professores, coordenadores, diretores, alunos, funcionários e pais) quanto à percepção de igualdade e de diferença, prevalece na escola o “discurso da igualdade”. Para Souza *et al* (2007), “esse discurso, ao aclamar a igualdade como ponto de partida, vem, de fato, negar a diferença. E, negando a diferença, impossibilita-se a consolidação da igualdade nas relações, sejam elas étnico-raciais ou outras” (p.72).

pelo indivíduo⁶⁴. À família, espaço privado e de afeto, caberia a formação de base (patrimônio e herança cultural); à escola, espaço público, a educação moral, social e profissional dos indivíduos. Entretanto, a partir dos anos 1970, com a propagação dos meios de comunicação surgem outras propostas de socialização.

A televisão, em particular, assume importante papel na relação estabelecida entre adulto e criança tanto no interior da família quanto da escola, assim como em outras áreas da vida social. A inclusão da criança como espectadora e protagonista do mundo televisivo ocorre com os programas infantis, baseados principalmente nas estórias da literatura clássica infantil. A partir dos anos 1980, esses programas passam a ter uma apresentadora como figura central e as crianças ora são “pano de fundo”, ora protagonistas nas brincadeiras, danças, competições. Desse universo “mágico” e lúdico surge um mercado de produtos infantis vinculados aos programas e à figura das apresentadoras (bonecas, jogos, cosméticos, etc.) e, com isso, a criança ganha “*status* de consumidor” (PEREIRA, 2002).

O contato com uma variedade de programas televisivos, proporcionados por uma gama de canais por assinatura, faz com que a criança não tenha acesso apenas à programação infantil, mas também aos programas adequados ao público adulto, tais como filmes, telenovelas, telejornais, *talk show*, etc.

No que diz respeito ao tratamento concedido à questão étnico-racial pela mídia, em particular pela televisão, têm prevalecido a invisibilidade e a reprodução de estereótipos do negro. Nos programas infantis baseados nas estórias da literatura, princesas, fadas e príncipes são brancos, assim como os outros heróis da infância, e as apresentadoras são todas loiras, de olhos azuis. Portanto, os produtos infantis vinculados à figura dos heróis e heroínas, bem como das apresentadoras, como é o caso das bonecas e de outros objetos de consumo, podem ser imediatamente reconhecidos pelas crianças brancas, mas não pelas negras⁶⁵, as quais não se vêem neles.

Segundo Araújo (2000), nas telenovelas brasileiras, a maioria dos personagens reservados para os atores negros é: o negro de índole escrava, humilde e resignado (Pai Tomás, Tia Anastácia); a escrava imoral (Xica da Silva); o escravo traiçoeiro e ingrato, o quilombola selvagem; a mulata sedutora, símbolo da sensualidade brasileira, presente

⁶⁴ Ver DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

⁶⁵ É recente a presença de bonecas negras e de cosméticos para cabelos e peles negras no mercado consumidor.

principalmente nas personagens femininas de Jorge Amado (Gabriela); o negro como portador da ginga, do balanceado, da alegria, do liberalismo sexual, etc.

A temática predominante na teledramaturgia aborda o racismo apenas no período anterior à escravidão (*A Gata*, *Banzo*, *Escrava Isaura*, *Sinhá Moça*, etc.), não tratando o conflito racial diretamente, com raríssimas exceções. As novelas *Cor da Pele*, de 1965, e *Corpo a Corpo*, de 1984-1985, foram as primeiras a abordar os conflitos decorrentes das relações inter-raciais entre homens negros e mulheres brancas, e vice-versa.

A presença de uma classe média negra também tem sido pouco retratada. Em *Pecado Capital*, de 1975, Milton Gonçalves representa o papel de um psicólogo negro que vive um romance com uma mulher branca; em *Baila Comigo*, de 1981, também há o homem negro de classe média baixa, casado com uma mulher branca; em *A Próxima Vítima*, de 1996-1997, tem-se a primeira família de classe média negra de sucesso no horário nobre das telenovelas da TV Globo.

A representatividade da população negra na TV brasileira está aquém de sua real participação no país. A representação do negro ainda está restrita aos papéis estereotipados e servis, com poucas possibilidades de personagens que o retratem em outros “lugares sociais”, que rompam com a constante afirmação da branquitude, padrão de beleza, e com os muitos estereótipos ainda conferidos a ele.

Como diz Araújo (2000): “...a televisão tornou-se o mais poderoso cúmplice do nosso tabu, a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial” (p.77).

Em meio às novas maneiras de interpretar o mundo, à heterogeneidade de experiências socializadoras, ora convergentes, ora concorrentes e contraditórias, a criança busca compreender o mundo que vê, ouve e observa nas relações com os adultos e com outras crianças, comparando-o com mundo já instituído e imposto pelo adulto em nome da sociedade. Na comparação, a criança elabora um conhecimento de si mesma, do outro e do mundo (GUSMÃO, 2003; ITURRA, 1992), como parte do processo de construção de sua identidade.

Nesse processo, em que “eu” e “outro” se confrontam e muitas vezes se afrontam, crianças negras e brancas entram em contato com o mundo das relações étnico-raciais tal como instituídas pela sociedade brasileira, tal como significadas pelos “outros significativos” (BERGER e LUCKMAN, 1985) que lhes servem como modelos, ou seja,

pais, professores, apresentadoras de programas infantis, atores e seus respectivos personagens, etc. Esse contato também ocorre nas experiências vividas com outras crianças, por meio das brincadeiras, disputas, xingamentos, e até mesmo dos materiais didáticos e paradidáticos, como é o caso dos livros infantis, dos brinquedos e de outros produtos.

A partir da comparação entre aquilo que se vê, observa e experimenta são construídas identidades valorativas (branco, belo, inteligente, herói, heroína, etc.) ou identidades depreciativas (negro feio, burro, escravo, anti-herói, etc.), com maior prejuízo, portanto, para as crianças negras e, conseqüentemente, para os adolescentes e adultos negros que elas virão a ser.

Para Berger e Luckmann (1985), a socialização primária, na família, se sobrepõe à secundária, na escola e em outros ambientes socializadores (vizinhança, clube, trabalho, etc.), pois:

[...] a criança não interioriza o mundo dos outros que são significativos como sendo um dos muitos mundos possíveis. Interioriza como sendo o mundo, o único mundo existente e concebível, o mundo *tout court* [...]. O mundo interiorizado na socialização primária torna-se muito mais firmemente entrincheirado na consciência do que os mundos interiorizados nas socializações secundárias (p.180).

De fato, a socialização primária realizada pela família parece ser decisiva para o processo de construção do “primeiro mundo do indivíduo” (BERGER e LUCKMAN, 1985, p.182), pois é nesse momento que a criança elabora um conhecimento de si mesma, do outro e do próprio mundo.

No entanto, se partirmos do pressuposto de que não há uma separação rígida entre socialização primária e socialização secundária, tal como estabelecem Berger e Luckmann (1985), uma vez que a criança desde muito cedo transita entre a família e a escola, no espaço da creche e da pré-escola, períodos que compreendem a educação infantil, e do ensino fundamental (de 1ª. a 4ª. Série), e está em contato direto com a televisão, podemos afirmar, contrariando os autores, que todas essas instâncias e seus agentes socializadores (família e pais; escola e professores; mídia e seus atores) são decisivos para a construção das visões de mundo de crianças negras e brancas, e de suas identidades.

Para a construção de visões não-racistas é importante, portanto, a prática de uma educação anti-racista desde a tenra idade, assim como sugere o grupo de ex-alunos das

professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha. Essa prática deve tomar a escola como um espaço privilegiado e o professor como um forte aliado para formar sujeitos brancos e negros livres do racismo.

Nós formamos a nossa opinião, a nossa personalidade muito cedo, então precisa assim...desde o prezinho, desde...aprendeu a falar “gugu” tem já ensinar, ir ensinando a criar o respeito, porque assim...hoje você o pessoal, a molecada de 12, 13 anos já está totalmente formado com relação às opiniões, talvez futuramente vão mudar, mas aí depende de fatores que vão ocorrer em suas vidas ou não vão. O trabalho de conscientização tem que ser feito desde pequenininho, desde creche... (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca);

[...] a sala de aula é um momento pra se levantar discussões sobre tudo, onde é possível levantar discussões sobre tudo, especialmente com as crianças, as crianças ainda não estão com aqueles caracteres arraigados, é o momento de você discutir, de levantar questões, questões que vão pra casa das crianças, que as crianças levantam lá e depois que vão pros pais, que vão se deparar com realidades diferentes... (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra);

Acho que deveria começar mais cedo a ter esses temas, pegar desde crianças menores também, já começar a aplicar isso daí desde o primário, não só na escola, dentro de casa também precisa ter isso daí, os canais de televisão, todo mundo assiste televisão hoje, e a imagem que passa na televisão o que é que é...Então um negócio bem...teria que mudar praticamente tudo... (Marcelo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 25 anos, moreno);

É essencial que a escola comece desde pequenininho. A escola teria que ter um método pra conscientizar, vir adubando isso desde pequeno pra quando esse jovem, essa pessoa, quando sair da escola, não sair se comparando com o negro ou sair se achando melhor ou superior, mas igual... (Everton, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, e da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, pardo);

Isso tem que vir desde pequenininho, começa dentro de casa, os pais conversando com os filhos e na escola que também é muito importante eles falarem, bater sempre na mesma tecla. (Fernanda, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca);

[...] pra você aprender uma coisa, você tem que trabalhar desde o princípio, desde o comecinho, desde criança, eu acho que tem que começar a debater logo que a criança entra na escola e não esperar que nem no meu caso que eu fui começar a debater isso no colegial, aí como eu me formei a três anos minha mente já é um pouco aberta, porque eu comecei a ver isso no 1º. Colegial, mas se começar a trabalhar com uma

criança na 1ª, 4ª. série que seja, acho que a bagagem dela vai ser maior, a mente dela vai ser mais ampla que a minha... (Rose, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca).

Como espaço privilegiado para a prática de uma educação anti-racista, a escola deve estabelecer uma relação de troca e comunicação com seu entorno, ou seja, com a comunidade em geral e, em particular, com a família (pais, mães e responsáveis). Escola e família podem vir a compartilhar as situações de racismo, que envolve alunos e filhos, e, juntas, buscar soluções.

A escola também pode vir a ser um espaço de debate e socialização do conhecimento sobre a questão étnico-racial, não só para professores e alunos, mas também para os demais educadores que compõem a comunidade escolar (diretores, coordenadores, funcionários, pais e responsáveis). O como promover essa troca e comunicação ainda se mostra um desafio a todos aqueles que buscam uma “educação intercultural”, baseada na troca, na partilha, do diálogo entre os mais diversos sujeitos socioculturais e instâncias socializadoras.

Com relação à mídia, em particular à televisão, a possibilidade do diálogo com a escola torna-se mais difícil, já que negociar e influenciar diretamente a programação televisiva, de forma a romper com a não representatividade dos sujeitos negros na TV brasileira, com os estereótipos depreciativos, “lugares socialmente estabelecidos” para o negro (atividades ditas desqualificadas), etc., não é algo fácil. No entanto, algumas mudanças têm sido conquistadas através de ações do movimento negro e de contestações da opinião pública brasileira, hoje mais atenta ao racismo que perpassa os canais de comunicação. Neste ínterim, é atribuída à escola, e também à família, a tarefa de fazer com seus alunos, e filhos, uma releitura anti-racista dos conteúdos veiculados pela televisão.

No grupo de ex-alunos, alguns reiteram a necessidade de um maior envolvimento entre escola e família, na tentativa de romper com os discursos e práticas racistas elaborados também pelos próprios pais. Eles ainda destacam que, mesmo socializados nesses dois ambientes com forte tendência à prática do racismo (as escolas nas quais estudaram e as famílias com as quais convivem), não se julgam racistas.

O papel da escola é importante, mas muitas vezes o racismo está dentro das casas, você pega, por exemplo, o pai que é racista, a mãe que é

racista e o filho convivendo nisso vai ser racista também. Eu te digo que até mesmo dentro da minha casa, tem pessoas que fazem esse tipo de brincadeira, fazem esse tipo de comentário e eu não segui esse tipo de pensamento, eu graças a Deus nunca tive essa cabeça, tenho o pensamento mais longe. Eu acho que você trabalha a escola e não trabalha a família, não vai surgir muito resultado, a escola é fundamental, mas a família deve ser trabalhada também, o pai, a mãe, começar ai trabalhar essa questão do racismo... (Eliezer, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco);

Tem casos de discriminação em família, é fato isso. Minha mãe é branca e o meu pai é negro e por parte dos meus tios, por parte da minha mãe passam muito isso, muito, muito. Minha vó mesmo fala, minha vó é branca, deixa eu ir dormir que amanhã é dia de branco... O meu tio é super racista, comigo não porque eu sou sobrinha dele, mas eu sei que ele é racista... (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra);

[...] conheço muitas pessoas racistas, meu pai é um. Ele critica bastante, porque ele tem essa visão da escravidão, porque tinha que ser assim. Eu sou totalmente contra. Meu pai tem de 1ª. a 4ª. Série, então eu acho que ele não tem a visão que eu tenho - a escravidão impediu muita coisa, o negro perdeu espaço - e ele não tem essa visão, não consegue enxergar isso. Para ele, se é negro não pode estudar, não pode trabalhar nisso...E minha mãe pensa como eu, não é dessa forma... (Cristiane, ex-aluna da profa. Terezinha, período intermediário, 24 anos, branca).

O maior grau de escolarização, se comparado ao dos pais, as experiências numa família inter-racial e o “*pensamento mais longe*”, que aquele alcançado pelos pais, são algumas explicações traçadas por esses ex-alunos para justificar o fato de não serem racistas.

Pode-se acrescentar, ainda, a importância do processo de construção de suas trajetórias de vida, a partir das quais se deparam com diferentes sujeitos e experiências e, assim, constroem posturas que podem ser “interculturais” (VIEIRA, 1999), porque prontas para o reconhecimento, o respeito e o diálogo com as diferenças. Somada às trajetórias de vida está a experiência social desses sujeitos, que, ao vivenciarem, observarem, interpretarem e (re) elaborarem o vivido na escola, na família e em outros ambientes em que o racismo se faz presente, não são totalmente socializados por essas diversas instâncias socializadoras. Para Dubet (1996):

[...] a noção de experiência social rompe com a idéia de socialização total, decorrente de uma “lógica única” interiorizada pelos indivíduos em

prol da padronização das condutas sociais. A experiência social representa uma “combinação de várias lógicas de acção” (...), verificada e experimentada pelos atores sociais como forma de “construir o real”. Com isso, “o actor não está totalmente socializado” (...), uma vez que “não há adequação absoluta da subjectividade do actor e da objectividade do sistema” (...). A socialização não é total, não porque o indivíduo escape do social, mas porque a sua experiência se inscreve em registros múltiplos e não congruentes. É nisso que assenta aquilo que se poderá considerar como a autonomia do indivíduo (p.93-98).

O papel atribuído pelos ex-alunos à escola no que diz respeito à prática de uma educação anti-racista não deixa de apontar o professor e sua prática docente como fortes aliados para formar sujeitos brancos e negros livres do racismo.

O grupo de ex-alunos da professora Nazaré revela que, entre os professores com os quais tiveram contato em suas trajetórias escolares, ela foi a única a tratar a questão étnico-racial em sala de aula e na própria escola, com exceção de alguns ex-alunos que citam mais um ou outro professor. Para o grupo de ex-alunos das professoras Aparecida e Terezinha, entretanto, elas não se incluem no seletivo grupo de docentes que trazem essa questão para a sala de aula, de forma a romper com visões racistas.

Eu fui ter com a Nazaré, na 8ª. série. Depois eu fui ter com uma outra professora bem crítica, mas ela não abordou esse assunto...(Aline, ex-aluna profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra);

[...] nunca teve essa discussão em sala de aula, tinha o que só comentava “porque o negro sofreu isso, porque sofreu aquilo”, mas nunca teve debate. No colegial, com a Nazaré, que a gente realmente discutiu...(Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra);

[...] eu tive uma outra professora [negra] de história, ela também, às vezes ela falava alguma coisa mais por cima, então ela comentava alguma coisa sobre o assunto, mas de debater não, aí ela não aumentava o assunto. Foi com a Nazaré que tive contato, de forma mais crítica...(Sílvia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branca);

Até apareceu a parte dos escravos, mas de uma forma bem distante, a história bem lá atrás, mas não se discutia o que acontece hoje, que eu me lembre do primário até aqui sempre foi assim, sempre foi estudado de acordo com os livros, mas nunca se colocava o que acontece hoje. A professora Nazaré foi a primeira a enfocar essa entre os professores que já tive... (Marcelo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 25 anos, “japonês”);

No Sesi tinha uma professora, inclusive eu achei muito interessante, ela era professora de História também e ela era loira, e ela defendia a raça negra até o último fio, a última gota, e eu amava ela, porque ela defendia com unhas e dentes. Então eu achava assim, ela coloca, ela expunha da mesma forma que a Nazaré, ela contava a história em si, o que aconteceu naquela época, depois ela colocava a opinião dela... (Daniela, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 27 anos, negra);

Que eu me lembre na aula de história tinha alguma coisa relacionada ao racismo, mas não no assunto racismo, mas sobre esse negócio de escravidão houve alguns comentários (Tiago, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, negro);

Houve professores que trabalhavam o dia do aniversário do Zumbi, 13 de Maio, só esses dias assim. A escola, os professores nunca discutiram, a escola nunca ofereceu nada tratando a discriminação, tirando os preconceitos, bloqueando, nunca teve nada. Uma professora que eu me lembro, que também deu aula aqui, ela abordava muito essa discussão, ela é a professora que eu me lembro que mais tratou, mas de forma amena... (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra);

[...] não me recordo de ter tido um outro professor negro na minha trajetória escolar...Somente na faculdade de educação física foi falado algo sobre a cor no esporte...na universidade onde eu fiz a pós foi o primeiro lugar que eu vi um médico negro...na minha época o que estava na história era o que tava no papel, então acabou, vira a página e parte pra outro assunto... (Luis, ex-aluno da profa. Terezinha, período inicial, 45 anos, branco).

Pelo fato de o (a) professor (a) e sua prática docente tornarem-se fortes aliados na prática de uma educação anti-racista, busca-se compreender, neste trabalho, as visões dos ex-alunos acerca da prática docente relativa à questão étnico-racial das professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha.

CAPÍTULO 4

PRÁTICA DOCENTE RELATIVA À QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

As visões dos ex-alunos acerca da prática docente desenvolvida pelas professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha acerca da questão étnico-racial, ora se aproximam, ora se distanciam das representações das próprias professoras sobre essas mesmas práticas, tal como analisadas em Silva (2003). Compreende-se que a prática docente das professoras negras araraquarenses não foi investigada em todas as suas dimensões, ou seja, em todos os saberes que a compõe (saberes da formação profissional, pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais). Uma maior atenção foi dada aos saberes da experiência, àqueles construídos no cotidiano das relações estabelecidas na sala de aula entre os alunos, e entre eles e as professoras, particularmente no que diz respeito às relações étnico-raciais. Porém, como um saber não exclui o outro, vêm à tona alguns traços da prática docente decorrentes do saber pedagógico, aquele referente aos procedimentos (métodos, técnicas) adotados pelas professoras no trabalho com a temática étnico-racial, e do saber disciplinar, ou seja, os conteúdos abordados e relativos a essa temática.

Com as visões sobre a prática docente relativa à questão étnico-racial encerra-se a análise que pretende compreender as visões dos ex-alunos na relação com o contexto da situação étnico-racial vigente na sociedade brasileira, em especial no interior da escola. E abre-se o debate sobre o processo de formação de professores para a reeducação das relações étnico-raciais e para o conhecimento da história e cultura afro-brasileira e africana, no atual contexto da Lei 10.639/2003.

4.1 A prática docente das professoras negras com a questão étnico-racial

4.1.1 Professora Nazaré

A partir das situações emergentes das relações estabelecidas em sala de aula, de “tudo que dê margem para que se trabalhe a questão racial” (SILVA, 2003), a professora Nazaré tem feito dessa questão uma prática constante em sua trajetória profissional.

O grupo de seus ex-alunos se lembra muito bem das aulas com a professora Nazaré, a começar pelos primeiros dias, em que, assim como há o contato com a professora negra e, com isso, o estranhamento, há também a história sobre o negro e os africanos no Brasil.

Pelo que eu me lembro ela já iniciou a aula com essa temática, ela já começou introduzindo o tema africanos no Brasil, assim bem pedagógico. Hoje eu já vejo que tinha uma intenção por trás, não foi assim aleatório, nem do programa, porque ela já começou daquilo...ela foi muito fantástica na disciplina dela, na profissão dela, porque ela soube introduzir aquele assunto de forma que a gente começasse a pensar, rever conceitos e até perceber que negro é gente, porque a gente brincando não tinha essa noção que a gente tava brincando com... até eu mesmo, eu sendo negra, brincando com negro como se não fosse gente. Quer dizer, ela humanizou o que a gente estava desumanizando nas brincadeiras. Até hoje eu vejo que não foi à toa que ela começou pela escravidão (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra).

Não por acaso a professora Nazaré inicia suas aulas contando essa história. Ao se deparar com a negação da diferença étnico-racial que a habita, através de “brincadeiras” que têm a função de desqualificá-la e desumanizá-la, ela procura humanizar a imagem “negro não é gente” projetada pelos alunos acerca dos sujeitos negros.

Essa imagem, socialmente construída e amplamente difundida no tecido social, ainda hoje, remete ao momento de legitimação do modelo econômico mercantilista que transformou seres humanos em mercadoria ao escravizá-los, sustentando o regime colonial e o tráfico de “escravos”. Defendia-se, com o apoio da Igreja Católica, que o negro era destituído de alma e por isso poderia ser comprado e vendido a preço de mercado e escravizado (MEILLASSOUX, 1995).

A prática docente voltada para a (re) humanização do sujeito negro frente às “brincadeiras” depreciativas e desumanizadoras acontece não só quando ela, professora, é a vítima, mas também seus alunos negros. Uma das intervenções da professora Nazaré ocorreu diante do conflito entre dois alunos de uma 3ª. série, em que um, branco, apelida o outro, negro, de “neguinho”.

Eu lembro de um ato na 3ª. série que o menino foi chamar o outro de neguinho, e ela ficou super brava, esse ato eu nunca esqueço, o menino já nem mora mais aqui no Selmi Dei. O apelido do menino era neguinho, e ela chamou, se eu não me engano, a mãe do menino pra falar pra que

ela que não deixasse que as pessoas apelidassem o filho dela de neguinho, falasse que ele tem nome, eu nunca esqueço esse ato, ela chamou a mãe e dentro da sala de aula ela falou, “você não chamem mais ele de neguinho que ele tem nome”. Como ele chamava? Não me lembro se era Carlos, José Carlos, e ela falou pra ele “fale pras pessoas...ah, neguinho...fale que você tem nome, José Carlos”, e na reunião de pais ela falou pra mãe, “não deixe que chamem seu filho de neguinho, o nome dele é José Carlos” (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca).

De acordo com essa ex-aluna, a professora Nazaré se dirigiu aos demais alunos, exigindo que não se referissem aos colegas com apelidos, em especial àquele chamado de “neguinho”, uma vez que cada sujeito tem um nome próprio que o individualiza e o torna singular. O uso de apelidos destitui o sujeito da sua condição de ser único, portador de um nome, sobrenome e de identidade (SILVA, 1995).

Ela ainda convocou os pais para uma reunião e, entre outros assuntos, os aconselhou a ensinar os filhos a não apelidarem os colegas, e à mãe do aluno negro discriminado a ensiná-lo a não permitir ser apelidado “neguinho”. Isso demonstra a preocupação da professora Nazaré com o papel da família na educação de crianças e adolescentes brancos e negros livres do racismo.

Uma outra ex-aluna lembrou o comentário feito por um colega de classe, numa das aulas da professora Nazaré, quanto à semelhança do negro com o macaco. Como já visto, é recorrente nas manifestações de racismo associar, de forma a desqualificar, o sujeito negro ao macaco. No contato com esse comentário, a professora Nazaré inverteu a associação feita pelo aluno e lhe deu o seguinte tratamento:

[...] ela falou assim “primeiramente, quem tem semelhança com o macaco é o branco porque eu não tenho cabelo liso, macaco tem, eu não tenho o lábio fino, macaco tem, você tem os olhos arregalados, coisas que vocês tem, então pensa bem no que você está falando. Se é o pelo, se é a pele, tudo bem, mas a semelhança não é nada parecida, é um ser humano que poderia ser como qualquer outro...” (Daniela, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 27 anos, negra)

Esse tipo de experiência com a desqualificação do aluno negro e da própria professora negra e o tratamento docente conferido às situações de discriminação também foram lembrados pela própria professora Nazaré em Silva (2003), sem contar que muitas dessas experiências são comuns às vividas por ela como aluna.

A trajetória de vida de Nazaré (sua infância, adolescência e maturidade), em especial as experiências vividas no processo de sua escolarização e inserção na profissão docente, atua muitas vezes como matéria-prima de sua prática docente. O conteúdo que dá forma à vida da pessoa e da professora Nazaré serve para demonstrar aos seus alunos aspectos convergentes entre as experiências com a discriminação racial vividas por eles, por ela e por grande parcela da população negra brasileira.

[...] ela sempre mostrou isso, que o negro tem uma sociedade a parte, ele faz parte da sociedade, mas ao mesmo tempo não faz. Ela mostrou assim a trajetória dela, o quanto foi difícil pra ela estudar, o quanto foi difícil pra ela tá onde ela tá, e que ainda tava estudando. Ela soube fazer uma ponte da vida dela com a vida da professora.... (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra);

[...] ela imaginava aquilo que ela já sofreu lá no Industrial. Ela já contou uma fase da vida dela que uma pessoa subiu na parte de cima pra ver o que estava acontecendo lá fora, a diretora já mandou ela pra diretoria... (Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra);

[...] eu não sei o que ela passou na vida dela, não conheço muito a história de vida dela, mas parecia que aquilo era uma coisa nata dela, era dela, e eu achava legal, porque, é o contrário, a maioria da população negra se oprime e ela não, ela fala 'vão ter que me ouvir, vão ter que me respeitar e acabou'. E eu via que na escola era uma coisa nata, uma coisa nata dela, eu não sei se ao longo da vida dela....porque eu tive aula com ela, ela devia ter seus trinta anos de idade, vinte e pouco, acho que trinta, eu não sei a idade dela, mas eu me lembro de uma pessoa muito adulta...lembro dela uma mulher dos seus trinta e poucos anos. Então, o que acontece, eu via que era uma coisa dela, aquilo era dela, ela não fazia forçado, é dela de pessoa, está dentro dela, agora eu não sei se ao longo da vida dela ela sofreu alguma coisa, deve ter sofrido...só que ela teve coragem de formar essa opinião e falar 'eu sou o que sou e as pessoas vão aprender a me respeitar' e trazer pra sala de aula... (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca).

A visão dessa última ex-aluna aponta para a “disposição” (GARCIA, 1999) da professora Nazaré em trazer para a sala de aula o debate sobre a questão étnico-racial e em se posicionar como negra. A afirmação de sua negritude está presente em seu corpo, seja na cor de sua pele e outros traços físicos, seja nas roupas, colares e outros traços culturais de estilo “afro” usados por Nazaré para dizer de sua opção por uma origem ancestral africana.

Para a ex-aluna, essa disposição é algo inerente à Nazaré, “*uma coisa nata, coisa nata dela*”.

Se as “disposições” são tendências para agir (GARCIA, 1999), o debate da questão étnico-racial, o posicionamento como negra e a solicitação pelo respeito à diferença étnico-racial que a constitui são tendências que habitam a professora Nazaré não como algo inato a ela, por que biológico ou genético, mas como algo construído ao longo de sua trajetória de vida, “na dor e na delícia de ser o que é”⁶⁶, tal como demonstra Silva (2003).

A afirmação como negra leva Nazaré a questionar com seus alunos a classificação racial, de cor, atribuída por cada um deles a si mesmos, e a identificação com uma das três “raças” fundadoras (DAMATTA, 1981), africana, européia e indígena, como demonstra a atividade com filmagem realizada com alunos negros, brancos e de origem indígena. Essa identificação visa a fazer com que os alunos por ela considerados negros reconheçam uma ancestralidade africana comum.

[...] ela pegou três alunos, no caso eu para representar a negra, uma índia, descendente de índia, e um branco. Nós fomos num lugar, fizemos uma filmagem, tudo voltado pra parte pedagógica, ela conseguiu fazer com que cada aluno dentro da sua origem se identificasse muito bem. Um exemplo, eu que sou negra, você que é indígena, você branco, foi muito legal... (Laís, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, negra).

[...] na 3ª. série surgiu a pergunta pra classe “qual cor a pessoa era”. Eu falei que eu era morena, quase me matou nessa época, e ainda falou assim como..., perguntou umas duas vezes e eu falei morena, e a classe estava fazendo silêncio, “sua mãe é negra, como você é morena, olha os seus traços que você tem”, quando a gente tem aquela idade assim pequena acha que só porque tem um tonzinho de pele mais clara que a mãe já é morena, nada a ver... (Mônica, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, negra);

Então era aquela coisa de incentivar a pessoa a reconhecer qual é a raça. Então era aquela coisa “ah, você é pardinho, você é mulatinho, não, você é negro ou você é branco”. Tem os mulatinhos, os pardinhos que acham que não são negros... (Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra).

A convicção de que todos os sujeitos portadores de certas características, como é o caso da cor da pele e de outros traços físicos, compartilham uma ascendência racial comum,

⁶⁶ Paráfrase à Caetano Veloso, **Dom de Iludir**, 1988.

baseada em “laços de sangue”, faz com que a professora Nazaré estimule os alunos classificados como morenos, mulatos e pardos a se reconhecerem negros. A idéia de uma ascendência racial comum está associada à noção científica de raça:

[...] uma vasta família de seres humanos, em geral de sangue e língua comuns, sempre com uma história, tradições e impulsos comuns, que lutam juntos, voluntária e involuntariamente, pela realização de alguns ideais de vida, mais ou menos vividamente concebidos (APPIAH, 1996, p.54).

No entanto, sabemos que a tentativa de construção de uma “vasta família negra”, de uma “identidade negra” baseada numa ascendência racial e étnica comum, por meio de um suposto “laço de sangue”, de uma história e tradições comuns, esbarra na escolha dos próprios sujeitos, nesse caso os alunos negros de Nazaré, em compartilhar ou não uma história comum de um grupo. Para Appiah (1996):

[...] compartilhar uma história grupal comum não pode ser um *critério* para sermos membros de um mesmo grupo, pois teríamos que ser capazes de identificar o grupo para identificar sua *história* (...). É bem possível que a história nos tenha feito o que somos, mas a escolha de uma fatia do passado, num período anterior ao nosso nascimento, como sendo nossa própria história, é sempre exatamente isso: uma escolha. Embora a expressão ‘invenção da tradição’ tenha um ar contraditório, todas as tradições são inventadas (p.58-9).

De acordo com esse autor, o que efetivamente faz com que os sujeitos negros tenham algo em comum são as experiências com a discriminação por eles vividas nos diferentes países da diáspora, experiências que podem se constituir num elemento aglutinador em prol da luta anti-racista e no próprio referencial para se chegar à opção por uma identidade étnico-racial.

Se o reconhecimento de uma ascendência racial e étnica é uma escolha, algumas ex-alunas de Nazaré optaram pela “identidade negra”, assim como julgaram ter acontecido com outros colegas de classe. Esse reconhecimento ocorreu por conta dessas alunas julgarem compartilhar com os outros sujeitos negros um “fenótipo negro” (cor da pele, independente de uma tonalidade mais escura ou mais clara, e outros traços físicos) e uma suposta ancestralidade africana. Ele também está associado ao trabalho de desconstrução de uma

imagem negativa do negro (submisso, anti-herói, etc.), decorrente das concepções racistas vigentes na sociedade brasileira, realizado pela professora Nazaré.

[...] ela fez muita gente enxergar, não só porque o tom da pele é claro que a pessoa não vem a ser negro, os pais são. Tudo bem, cores diferentes, mas o pigmento é maior da parte negra. Até mesmo assim, a mãe poderia ser mulata e o pai branco, mas mesmo assim lá atrás os avós eram negros...Muita gente não enxergava isso, não dava atenção pro que ela falava... (Mônica, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, negra);

[...] a gente não falava sou negro, mas sou moreninho. Até o final do curso, tinha muita gente que já tinha se definido, sou negro, não tenho vergonha, por que ter vergonha se foram os negros que construíram o Brasil? Mas, até então, negro era o que limpou o chão do Brasil, não tinha aquela imagem heróica, ela mostrou mais esse lado heróico...Eu lembro que foi essa imagem mais heróica que ela mostrou, depois tinha gente até querendo ser negro, quem era branco, porque fez uma boa imagem mesmo...Eu aprendi na escola que sou marrom...eu poderia dizer pra você, meu sobrenome é italiano, tem mais branco que negro, poderia por parda, mas se eu tenho essa visão que eu sou negra, da minha origem, foi também pela introdução que eu tive, pela versão e pela crítica que a Nazaré me passou. Com certeza eu não teria essa visão que eu tenho hoje, a base começou com ela, a base em que fui formada começou com ela, porque na minha família não tem esse tipo de discussão... (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra).

Essa última visão aponta, ainda, para o papel da escola e da família no processo do não reconhecimento do sujeito negro como negro e descendente de africano. Ao dizer que na escola aprendeu a ser “marrom”, a ex-aluna nos permite fazer referência à idéia de miscigenação predominante no Brasil, em que a mistura das três “raças” fundadoras se torna responsável pela “morenidade” da população brasileira. Discurso esse também difundido no interior de sua família, considerada uma “mistura entre portugueses, negros, índios, holandeses e italianos”.

O fato de a professora Nazaré se posicionar como negra e de promover o debate sobre a questão étnico-racial faz com que alguns alunos a considerem uma “racista às avessas”, à medida que o racismo partiria dela, negra, em direção aos alunos, brancos, e não ao contrário, como geralmente acontece nas relações raciais.

[...] às vezes ela era um pouco radical no jeito dela. Às vezes ela não gostava muito de branco, mas nada pra ofender... Todos achavam que

ela era racista, geralmente pegava uns pontos assim só sobre negros, eles achavam que ela dava nota porque fez trabalho a respeito do negro (Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra);.

[...] entre os alunos até houve comentários dizendo que ela era racista, não gostava de branco. Isso foi um comentário que surgiu no intervalo, “ah, a professora Nazaré é muito boa, mas ela não gosta de branco”, esse tipo de comentário saía. Eu acho que as pessoas falavam isso sem base nenhuma, eu não sei de onde partia, eu acho que as pessoas não tinham fundamento para falar isso dela, acho que era antipatia mesmo, e isso é uma coisa que eu lembro muito bem. Dela para os alunos o tratamento era muito bom, isso eu não posso reclamar nada, mas de alguns alunos para ela, sentia um certo preconceito sim, pelo fato de ser negra, pelo fato dela questionar e querer ouvir a resposta dos alunos, de promover o diálogo, então alguns alunos não gostavam disso não, então eu acho que por causa disso que surgiam os comentários (Eliezer, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco).

O “racismo às avessas”, supostamente praticado pela professora Nazaré na relação com os alunos brancos, está presente na visão da ex-aluna (24 anos, período intermediário, negra), porque ela mesma o atribui à professora ou porque assim interpreta os comentários de alguns de seus colegas de classe. Já a visão do ex-aluno (26 anos, período intermediário, branco) se refere apenas à interpretação que faz das visões dos colegas, uma vez que ele não concorda com elas.

Esse tipo de ideologia pode estar associado à crença existente na sociedade brasileira de que denunciar o preconceito racial significa ser preconceituoso, trazendo à tona a idéia de que “o próprio negro é preconceituoso”, já que é ele quem, na maioria das vezes, faz a denúncia. E, ao contrário, não denunciar significa não ser preconceituoso. A isso Florestan Fernandes (1978) chamou de “o preconceito de não ter preconceito”, pois o silêncio, que geralmente encobre o racismo, por si só é representativo do preconceito.

Como professora nas disciplinas de Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica⁶⁷, Geografia e História, no ensino fundamental de 5^a a 8^a. série e no ensino médio, e de temas comuns a elas no ensino fundamental de 1^a. a 4^a série, a professora Nazaré busca desconstruir os componentes racistas encontrados nos livros didáticos e reconstruir a história e a condição do negro na sociedade brasileira, tanto no período anterior quanto no posterior à abolição, destacando: os movimentos de resistência à escravidão, como é o caso

⁶⁷ As disciplinas Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica já não são parte do currículo escolar; elas foram ministradas nas décadas de 1970 e 1980, em pleno regime militar.

dos quilombos; os obstáculos enfrentados para superar a exclusão social ou “inserção pelas margens”, como prefere Martins (1997); as dificuldades para concluir os estudos e ascender socialmente; a desigualdade, em relação ao branco, no acesso a determinadas posições profissionais, à renda, etc. Ela também visa a desconstruir os estereótipos de incapacidade, imoralidade, inferioridade, dentre outros, conferidos aos sujeitos negros.

Na disciplina de História, em especial, ela procura trabalhar os conteúdos referentes à história do negro no Brasil, assim como outros temas históricos, sociais, políticos, por meio da articulação entre os acontecimentos do passado e a realidade contemporânea, presente. A tentativa é mostrar que a história é mais continuidade que ruptura, à medida que os fatos passados não estão desconectados das experiências vividas e/ou observadas por seus alunos, ao contrário, muitos desses fatos exercem influência direta na atual realidade brasileira, em particular na situação étnico-racial.

Ninguém melhor que os próprios ex-alunos da professora Nazaré, ou alguns entre eles, para expressar suas visões acerca de sua prática docente com os conteúdos da história do Brasil e dos negros no Brasil:

[...] ela mostrou mais esse lado heróico, ela falou bastante da formação dos quilombos, que hoje também existem quilombos, só que os quilombos hoje não são mais de resistência, mas de segregação mesmo, que os negros se colocavam mais à margem da sociedade, que não tem espaço. Na época dos quilombos era a procura de espaço, agora é por falta de espaço e ele vai cada vez mais se fechando entre eles... (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra);

Ela colocava essa matéria como uma maneira de mostrar pra gente como foi a história dos negros, das dificuldades na sociedade deles, tentando mostrar pra gente o traço cultural que a gente carrega até hoje, do preconceito e tudo, não era essa visão realmente, ela queria mostrar da maneira que a realidade é mesmo, assim não essa cultura que a gente carrega que o negro não presta, que é assim, ela mostrava que ele tem a mesma capacidade que os brancos, os mesmos direitos, por igual... (Fábio, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco);

[...] tudo quanto é fato histórico que ela explicava, ela conseguia sempre ligar com a atualidade e falar “isso acontece por causa disso, disso, disso...”, mas sempre de forma crítica. Eu lembro quando teve a II Guerra e as mulheres foram costurar, se mobilizaram, e ela disse “vocês viram, precisou acontecer uma catástrofe pra mulherada...”, ela tinha uma visão assim, pra explicar as coisas, que era muito diferente... Outra

coisa que eu gostava nela, ela foi...eu acho que ela ainda é petista, assim, nossa...alucinante, ela ia trabalhar com a estrelinha do PT, eu lembro muito disso. E ela era uma das únicas professoras de História que explicava muito bem o papel político, eu acho que porque ela já era envolvida, sempre foi filiada com o partido, essas coisas, ela sempre se informava muito sobre isso, porque a maioria dos atos na história tem baseamento político, acontecem por causa da política, e ela explicava isso muito bem, muito bem, eu sempre gostei...Ela explicava tudo, porque que....e ela sempre fazia uma conexão atual, explicava “esse governo que a gente tem aqui hoje é igual aquele, e o mesmo sistema”, quando a gente estudou coronelismo, no norte até hoje é assim, no norte, Mato Grosso do Sul, lá pros fundão, e ela sempre explicava “olha gente isso aconteceu....”, e ela sempre fazia as pontes, e era muito bom... Tem vários tipos de preconceito e ela sempre falava do religioso, tem muitas pessoas evangélicas que tem piadinha, do racial, do bairro...porque ela falava que as amigas dela do magistrado “ah, você vai dar aula lá naquela escola, porque lá já mataram...”, não era, ela deu aula aqui não sei quantos anos....mas é uma coisa dela, incorporou isso, ela tinha essa preocupação... (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca);

A história verdadeira do negro eu vim saber com ela depois de tantos anos dentro de uma escola. Então eu percebi assim, ela, sim, sabe passar, ela é ativa em relação ao negro, o afrodescendente é com ela mesmo...Além da teoria ela mostrava na prática como eram os negros antigamente, o que eles sofreram, como eles vieram da África para o Brasil, a forma como eles eram tratados, que muitos negros morreram no navio negreiro, então ela explica muito bem, que o negro não pediu para ser escravizado, os nossos descendentes não pediram pra ser transportados de lá pra cá. Então foi uma agressão com o nosso povo.... (Laís, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, negra);

[...] ela queria ensinar pra gente a não pensar o racismo, de como a gente aprendeu a História no primário até a 8ª. série, que era uma coisa assim, negro era escravo ou era empregado, ela não, ela achava...E ela ensinava história não pelos livros, nem apostila, ela fazia o que ela achava interessante, nós não líamos sobre guerra mundial, essas coisas, era mais coisas do Brasil, que ela ensinava. Ela ensinava coisas do nosso cotidiano, do que podíamos melhorar o Brasil, porque ela falava muito, conversava muito, era muito aberta... Eu não lembro dela ficar falando muito de história de fora, porque a maioria dos professores eles pegam o livro e a maior parte da história do Brasil é os portugueses, os imigrantes italianos...e eu me lembro que ela não era muito nessa parte, mais Brasil mesmo, das relações entre as pessoas, entre a comunidade, ela falava muito em comunidade, que o estudo era muito importante e que o negro nunca devia de ter vergonha de dizer “eu sou negro” e sim ter orgulho da sua cor, da sua raça, ela sempre falou isso... (Silvia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branca);

A respeito das indústrias, do como começou geralmente ela pegava e dizia “qual foi o povo que foi mais escravizado”, então automaticamente todo mundo dizia “os negros” e ela “não, os índios também foram escravizados”, “quem eram os senhores feudais”, “os brancos”, às vezes ela dava algumas tiradinhas, mas sem ofender os alunos. Até mesmo nas caricaturas nós víamos quem que mandava, quem estava sentado no trono, sempre um branco, e quem que estava lá ajoelhado nos pés ou era negro ou era índio. Ele também falou de uma parte sobre japoneses, logo que eles chegaram aqui, eles tinham o valor da mão-de-obra deles, mas bem mais baixo, eles eram explorados que nem o negro. Então, ela provou de formas como uma pessoa pode ser escrava... (Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra).

A prática docente da professora Nazaré com os conteúdos referentes à questão étnico-racial em sua dimensão histórica, social, política, etc., assim como a outros temas, é vista pela maioria de seus ex-alunos como uma prática não-convencional, inovadora, ou seja, diferente do modelo tradicional praticado pelos demais professores com os quais tiveram contato.

Para os ex-alunos, o ensino tradicional é aquele que se baseia na lousa, na cópia, numa explicação superficial, na exigência de que o aluno se mantenha de “cabeça baixa” e no não estímulo ao raciocínio ou ao pensamento crítico. Por outro lado, as pesquisas no museu de Araraquara; as pesquisas em revistas, na tentativa de encontrar fotos de sujeitos negros e a partir delas debater a sua não exposição na mídia e a sua condição sócio-econômica desfavorável; a exposição oral dos trabalhos elaborados; o estímulo à escrita de redações; as entrevistas com pessoas mais velhas, com o objetivo de cruzar fontes documentais e orais; o ver televisão de forma crítica – tudo isso são formas inovadoras de ensinar, tal como praticadas pela professora Nazaré.

As visões dos ex-alunos acerca da noção de ensino tradicional e de ensino não-convencional se aproximam, respectivamente, da concepção “bancária” e libertadora de educação, defendida por Freire (2005). Segundo ele, na educação “bancária”, que visa apenas a depositar, transferir, transmitir valores e conhecimentos, o educador é aquele que educa, sabe, pensa, fala, disciplina, prescreve, atua, escolhe, impõe, enfim é o sujeito do processo; por outro lado, os educandos são aqueles que devem ser educados, os que não sabem, os pensados, os que escutam passivamente, os disciplinados, os que seguem a

prescrição, os que acham que atuam, os que se acomodam às escolhas e imposições feitas pelo educador, enfim, são os objetos do processo.

Na educação libertadora, que “não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (FREIRE, 2005, p.77), não há a contradição educador-educandos, não há comunicados e sim comunicação. Há uma relação dialógica entre educador-educandos, bem como a criticidade, a criatividade, o desafio, etc.

A prática que não se restringe à lousa e ao giz, assim como o debate acerca das mais diversas questões sociais, dentre elas as relações étnico-raciais, e o diálogo estabelecido entre professora e alunos são vistos pelos ex-alunos como dimensões da prática docente da professora Nazaré.

Com base no debate e no diálogo, essa prática visa a educar para o questionamento da realidade tal como ela está socialmente instituída, em particular a situação étnico-racial brasileira; educar para aprender a escolher e a decidir. Sobre esse aspecto, uma ex-aluna (*Simone, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra*) se lembrou do exercício de simulação da eleição municipal daquele ano letivo proposto pela professora Nazaré, por meio do qual os alunos deveriam decidir em quem votar e saber que uma escolha equivocada pode resultar em sérias conseqüências. Assim, a prática docente de Nazaré objetiva educar para se posicionar diante da sociedade em que vive e das pessoas com as quais convive; educar para respeitar e ser respeitado; educar para ouvir e ser ouvido. Esse último tópico pode ser percebido em alguns fragmentos da visão de uma outra ex-aluna da professora Nazaré (*Sabrina, período inicial, 26 anos, branca*):

Sabe o que eu gostava nela, porque a Nazaré é assim olho no olho, ela te perguntava uma coisa e se você estava assim na carteira de cabeça baixa, ela falava “ergue a cabeça, fala mais alto”, eu acho assim excelente, porque você tem que aprender a se posicionar como pessoa, a falar para pessoas te ouvir, e ela dizia “eu grito porque as pessoas precisam me ouvir”;

[...] a maioria da população negra, se oprime, e ela não, ela fala “vão ter que me ouvir, vão ter que me respeitar e acabou”; ela foi a única que batia de frente, que exigia, que explicava, que exigia respeito, não só com ela, porque na classe existiam outras pessoas negras.

Mais do que falar⁶⁸ sobre questões sociais diversas, principalmente sobre a questão étnico-racial, a professora Nazaré demonstra dialogar com seus alunos e alunas, pois não se limita apenas a transmitir e reproduzir uma informação ou conhecimento, mas a recriá-la juntamente com seus alunos. O diálogo coloca locutor e interlocutor (o “eu” e o “outro”) em relação, por meio da mediação da cultura e do mundo (FREIRE, 2005), à medida que os significados atribuídos por um e por outro às experiências vividas e observadas são trocados, compartilhados, de forma não hierárquica. E com isso, o “ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, numa outra, de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação” (OLIVEIRA, 1996, p.21). O diálogo entre professora e alunos também se torna possível pelo fato de sua trajetória de vida cruzar com a trajetória de seus alunos, e vice-versa.

De acordo com Freire (2005), a dialogicidade da educação permite que o educador não seja apenas o que educa, “mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos [...]” (p.79).

A aula organizada numa roda, em que “*todos podiam olhar um pro outro*”, e o debate sobre cultura e suas diferentes concepções são lembranças marcantes para os ex-alunos da professora Nazaré, entre eles uma de suas ex-alunas. Ela relata que, nessa aula, expôs o que entendia por cultura, ouviu a opinião dos colegas e esperou pela definição da professora Nazaré.

[...] acreditava que a minha avó tinha muita cultura, apesar de não saber ler, escrever...Os alunos da sala disseram que isso não era cultura, que cultura era outra coisa. Aí começou uma grande discussão sobre o que era cultura, o que não era cultura, que cultura era tudo o que a gente tinha escrito, que por isso os índios não tinham cultura, os negros não tinham cultura, e em momento nenhum a Nazaré parou a discussão, ela deixou todo mundo dizer o que pensava e a sala começou a falar até mais alto, aí eu falei que a minha vó tinha cultura, porque ela conseguia perceber nas pessoas um pouco do que elas são, aí a menina falou que não era nada disso, que isso era bruxaria, e começou o maior quebra-pau na sala e ela deixou aquela balburdia e estava terminando a aula e ela disse “bom gente, a aula acabou, a gente se encontra a semana que

⁶⁸ Segundo Gusdorf, citado por Oliveira (2001), a fala sempre proporciona o encontro, seja de um sujeito com o (s) outro (s), seja de um sujeito consigo mesmo ou com seu “outro” interior. No entanto, existem, pelo menos, dois tipos de fala: a autêntica, constantemente recriada, pois parte de novas significações; e a banal, caracterizada pela repetição, pela reprodução do sistema instituído (Amatuzzi apud Oliveira, 2001).

vem... (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra).

Não por acaso, a professora Nazaré não respondeu imediatamente ao debate, ou melhor, ao embate estabelecido em torno da noção de cultura. Pressupõe-se que a intenção da professora era incentivar os alunos a pesquisarem sobre o assunto, pois foi o que fez a ex-aluna. Após a pesquisa, ela chegou à conclusão de que sua idéia de cultura, se comparada a dos colegas, não estava incorreta, e pôde constatá-la com a explicação de Nazaré.

[...] e na outra semana quando voltou ela disse, “bom, então agora vamos explicar o que é cultura. Cultura é um modo mais amplo de ver...”, e deixou claro que todo mundo tem cultura, mas mesmo assim ela não obrigou as pessoas a pensarem como ela, os alunos que disseram negro não tem cultura, as pessoas que não escrevem não têm cultura, ficaram assim um pouco chocados, alguns engoliram sapo, alguns acreditaram, outros tudo bem, “se ela acha que é isso e eu acho outra coisa”... (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra).

De acordo com outra ex-aluna, hoje pedagoga, a professora Nazaré, ao estimular seus alunos a pensarem sobre diferentes temas, ouvi-los em suas opiniões, sempre por meio do questionamento, do debate e do diálogo, constrói juntamente com eles, alunos, o conhecimento, revelando ter uma prática construtivista.

Hoje eu falo que além de Paulo Freire, ela era totalmente construtivista, porque a gente fazia parte, a gente estava construindo conhecimento, e ela mediatizando, porque eu sempre estudei na mesma escola, sempre era o mesmo grupo de professores e era um ensino tradicional, chegava passava tudo na lousa, baixava a cabeça, copiava, explicava por cima o que era, mas se não explicasse nós iríamos entender do mesmo jeito, porque o que o professor explicou era o que nós tínhamos escrito, então não fazia muita diferença. Só Matemática, era a única disciplina que nós tínhamos que raciocinar, o restante não tinha raciocínio, e ela não, ela veio para a fazer a gente pensar mesmo (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra).

Para essa ex-aluna, a prática docente da professora Nazaré também permitiu que a imagem carregada de preconceitos elaborada pelos alunos, inclusive por ela mesma, no primeiro contato com a professora negra, fosse gradativamente desconstruída, ao mesmo

tempo em que construíam com Nazaré um outro conhecimento, tanto acerca da história, da vida, quanto dela, como pessoa e profissional.

O processo educativo desenvolvido pela professora Nazaré é, portanto, ensino e aprendizagem, e não um ou outro, tal como aponta Iturra (1994)⁶⁹. Sendo assim, ela se aproxima da prática do ensino à medida que transfere os conteúdos curriculares tidos como válidos, mas, ao desestabilizar “as verdades” instituídas e difundidas no universo da escola, ela promove o que se aproxima de uma “aprendizagem da conflitualidade dos conhecimentos” (SANTOS, 1996). Esse tipo de aprendizagem visa a estabelecer o conflito entre o conhecimento como regulação, mantenedor da ordem social vigente, e o conhecimento como emancipação, questionador dessa mesma ordem, na tentativa de gerar um conhecimento novo.

Nazaré também pratica o ensino ao exigir que seus alunos estudem, façam “tarefa de casa”, prestem atenção nas aulas, sejam pontuais e responsáveis, tenham disciplina, assim como destaca, com certa contrariedade, uma ex-aluna (*Sabrina, período inicial, 26 anos, branca*). Contudo, como sua prática não é apenas ensino, mas também aprendizagem, a contrariedade se transforma em prazer, admiração. Os alunos, sujeitos socioculturais (DAYRELL, 1999) porque constituídos por diferenças de sexo, “raça”, classe social, trajetórias de vida e “bagagem cultural” específicas, se tornam sujeitos no processo de construção do conhecimento voltado para a emancipação, reconhecendo na professora a mesma condição.

A preocupação da professora Nazaré com o sujeito sociocultural aluno também pode ser constatada nas “cartas de final de ano letivo”, encaminhadas por ela a cada um deles. As lembranças dos conteúdos dessas cartas, ainda guardadas por alguns de seus ex-alunos, foram compartilhadas com esta pesquisadora e revelam que, ao escrever para e sobre os (as) alunos (as), a professora demonstra conhecer suas qualidades, potencialidades e dificuldades, assim como sempre os respeitou em suas diferenças.

[...] eu não esqueço o que ela escreveu pra mim, porque ela escreveu uma carta pra cada aluno da sala, e aí eu li a carta e a carta estava dizendo assim “que ela esperava que eu convidasse ela pra minha

⁶⁹ O ensino é a prática de transferir conhecimentos, é repetir, criando uma subordinação; e a aprendizagem é descobrir, criando uma relação de comunicação (ITURRA, 1994,30-1).

formatura do ensino médio e pra minha formatura da faculdade; convidasse ela quando eu fosse defender mestrado, doutorado e tal”. Eu falei pra mim mãe “eu não entendo o que ela quer dizer”, eu não acho que eu vou chegar tão longe assim, e foi o máximo pensar que alguém acreditava no seu potencial, mesmo uma criança assim, sabe, e que ela olhava pra cada aluno diferente... (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra);

[...] eu me lembro que ela de alguma forma sabia assim como que era cada aluno, quais as dificuldades, as qualidades...Eu lembro que no final do ano ela escreveu uma carta e nessa época eu já desenhava...e ela escreveu nessa carta que os bilhetes que ela mandava pra minha casa teve resultados, que esperava que no futuro quando eu tivesse fazendo alguma exposição com quadros ou qualquer tipo de coisa relacionada à arte, que era pra mim convidar ela pra estar presente.... (Roberto, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, branco);

[...] no final do ano ela sempre dava... sabe esses papéis de carta?... pra todos os alunos, o que ela achava de cada um do começo até o final do ano. Engraçado que ela me deu o meu, tenho ele até guardado, só que eu não sei onde está, que era menina, boneca dos laços de fita, e aí escreveu do jeito que eu era, que parecia uma bonequinha, e nunca saiu isso da minha cabeça “boneca do laço de fita vermelha”, eu não sei porque, ela chegou nesse ponto que eu parecia a menina, não sei do que se trata... (Mônica, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, negra).

A visão dessa última ex-aluna nos leva a supor que Nazaré estabelece a comparação entre a aluna e a protagonista do livro *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado. Nesse livro, uma linda menina negra é admirada por um coelho branco que não mede esforços para escurecer os próprios pêlos. Ele tem sido utilizado na valorização da auto-estima da criança negra, que passa a se ver retratada positivamente. A tentativa dessa estória é romper com o estereótipo de que os negros são destituídos de beleza, ideário comum tanto entre as crianças brancas quanto entre as negras, e tratar as diferenças.

O fato de a aluna dizer não entender o conteúdo da carta indica que o livro não foi usado como material didático na prática docente da professora Nazaré, pelo menos na série em que a ex-aluna foi uma de suas alunas. Porém, a mensagem que traz o livro, em especial a valorização da auto-estima da criança como negra, já havia sido trabalhada por Nazaré no momento em que questiona a essa mesma ex-aluna, assim como aos demais alunos, sobre sua auto-classificação racial, de cor. A esse questionamento a então aluna responde morena, e parte daí o exercício de fazer com que se reconheça negra.

Por tudo isso, a prática docente desenvolvida pela professora Nazaré, anteriormente analisada mediante as representações que têm a própria professora sobre ela, e agora abordada a partir da visão de seus ex-alunos, parece se aproximar, tal como observado por Silva (2003), de uma “pedagogia ou educação intercultural”. Para Vieira (1999), esse tipo de pedagogia:

[...] resulta do facto de se crer que nos espaços educativos se está de alguma forma sempre entre culturas: diferentes saberes, sistemas de valores, sistemas de representações e de interpretações da realidade, hábitos, formas de agir, etc. E se diferentes culturas produzem diferentes estilos cognitivos, diferentes formas de percepção e diferentes estilos de aprendizagem, a escola, se quiser ser mais democrática, terá de optar por uma pedagogia intercultural, uma pedagogia da troca e partilha de experiências (...). O intercultural implica não somente reconhecer as diferenças, não somente aceitá-las, mas – e o que é mais difícil – faz com que elas sejam a origem de uma dinâmica de criações novas, de inovação, de enriquecimentos recíprocos e não de fechamentos e de obstáculos ao enriquecimento pela troca (p.67-8).

O “professor intercultural” que habita a professora Nazaré não apenas constata a diversidade cultural que compreende sujeitos e relações no universo da escola, mas também a conhece e se comunica com ela, na tentativa de transformar e inovar o processo ensino-aprendizagem, e, sobretudo, a realidade social instituída acerca da questão étnico-racial na sociedade brasileira e, conseqüentemente, araraquarense.

4.1.2 Professora Aparecida

As representações de Aparecida sobre a própria prática docente com a “questão racial” revelam seu comprometimento e preocupação com essa questão. Apesar de não aprofundar o debate no sentido de desconstruir os estereótipos atribuídos aos negros, ela desenvolve uma prática que visa a orientar seus alunos negros quanto às noções básicas de higiene, na tentativa de aproximá-los da “boa aparência” conferida aos brancos (limpeza, bom cheiro, etc.) e os distanciar da imagem do negro sujo e mal cheiroso. E, no contexto mais recente do debate sobre “relações raciais” na sociedade, a partir dos anos 1990, ela questiona com seus alunos o 13 de Maio (Abolição da Escravidão) e a Lei Áurea, exaltando Zumbi dos Palmares, o 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra) e refletindo

sobre o 21 de Março (Dia Internacional Contra a Discriminação Racial). Esses conteúdos, entretanto, se restringem às datas comemorativas mais gerais (SILVA, 2003).

Se as representações da professora demonstram a prática com a “questão racial”, o mesmo não acontece com as visões de seus ex-alunos sobre ela. Para eles, a prática docente da professora Aparecida se limita ao ensino da Matemática.

[...] essa parte de preconceito, também ela nunca chegou a falar, porque ela convivia pouco, ela dava duas, três aulas na semana pra gente, quando acontecia de faltar, e a tarde que ficava na parte do Profic, ela ficava o dia todo e também ela nunca passou nessa parte racial, ela nunca tocou. Devia ser porque tinha pouco tempo pra falar com a gente, porque era muito rápido a aula dela. Ela ficava mais assim pra dedicar ao ensino, pra reforçar o que a gente já tinha aprendido na parte da manhã ou se ela tivesse dado aula pra gente na parte da manhã, reforçava na parte da tarde... (Mônica, ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 24 anos, negra);

[...] ela estava lá para dar a sua aula e nada mais. Ela ensinava Matemática, ficava restrita a sua matéria, não debatia sobre nada. Também naquele tempo a gente não gostava muito dessas coisas, a gente gostava mais assim do que nos interessava na época... (Ivan, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 17 anos, moreno);

Eu não lembro assim muito bem se ela discutia sobre racismo, essas coisas, mas a aula dela ela dava muito bem, pra mim. Só que de ter racismo assim na classe, com a classe e ela assim acho que nunca teve, alguma coisa assim discriminação... (Aline, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, branca);

[...] não chegava a se posicionar e nem discutia o assunto... (Luciana, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, branca);

[...] nem ela, nem nenhum outro professor, pelo menos no meu período que estudei, nunca vi ninguém trazendo um debate a esse respeito... (Paulo, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 31, moreno);

[...] acho que ela não chegou a debater na sala de aula, acho que ela não colocou nenhum ponto de interrogação, nem o fato dela ser negra ou não; ela não falou, nem trouxe o tema pra nossa sala... (Paulo H., ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, moreno);

[...] só trabalhava a Matemática, nunca trabalhou sobre outra matéria, só Matemática... (Nilza, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, morena).

Apesar de não abordar a questão étnico-racial enquanto prática docente, como demonstra as visões dos ex-alunos, dois dentre eles relatam que num ou noutro momento de suas aulas, geralmente “quando ficava brava com a classe”, a professora Aparecida se posicionava como negra ao dizer se orgulhar de ser negra e de ter conquistado seu “lugar” como profissional da educação.

[...] ela se classificava como negra e batia no peito com orgulho. Era o que ela dizia mesmo, até todo mundo tinha orgulho dela por ela ser negra, tal. Provavelmente ela tenha feito isso [falado sobre a temática étnico-racial], mas eu não me lembro, pelo jeito dela ser, lecionar, ela gostava da cor dela, ela tinha orgulho... (Everton, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, pardo);

[...] ela colocava esse ponto que ela lutou bastante, teve que batalhar bastante pra chegar onde chegou, quando ela ficava brava, começava a passar um sermão na gente... (Rafael, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, branco).

O orgulho de ser negra foi notado por uma de suas ex-alunas no jeito de vestir e pentear da professora Aparecida.

[...] ela sempre tinha uma postura de assumir o fato de ser negra. Ela valorizava o que ela tinha de bonito, o cabelo....Cada um tem o seu jeito de se vestir, mas ela...ela se comportava eu acho como uma mulher negra... (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra).

A postura assumida por Aparecida como negra e professora, principalmente nos momentos de tensão da relação professora e alunos, parece também indicar, para além da afirmação e valorização de uma identidade étnico-racial e profissional, uma sua reação à presença da discriminação racial, que para a maioria dos ex-alunos inexistia. Para eles, a professora Aparecida esteve imune às experiências com esse tipo de discriminação, devido ao fato de ser afetiva, alegre e descontraída no trato com os discentes. Porém, em vários momentos do processo ensino-aprendizagem vivido por ela e seus alunos, a discriminação racial se manifestou, particularmente, através das “brincadeiras” racistas, muitas vezes às escondidas.

A visão de que a prática docente da professora Aparecida se limita ao ensino da Matemática pode ser relativizada pelas lembranças de duas ex-alunas: uma delas (*Josilaine,*

período intermediário, 25 anos, branca) se lembra do momento em que a professora falou com sua turma sobre religião e a outra (*Amanda, período de maturidade, 19 anos, negra*) sobre sexualidade. A questão étnico-racial não foi lembrada como tema das conversas entre professora e alunos.

O desencontro, entre as representações da professora Aparecida sobre a prática docente com a questão étnico-racial e as visões dos ex-alunos sobre a não-prática dessa questão, pode ser interpretado tomando-se como referência o significado atribuído por Aparecida a sua própria prática.

A orientação de seus alunos negros quanto aos hábitos de higiene, as conversas sobre o 13 de Maio, o 20 de Novembro da Consciência, o 21 de Março, nas respectivas datas comemorativas, têm um significado para a professora Aparecida na sua luta contra o racismo, por conta mesmo das experiências com a discriminação racial vividas por ela como professora negra. Pode-se citar aquela que se tornou “caso de polícia”, logo no início de sua inserção no magistério araraquarense⁷⁰.

Sem desconsiderar o valor das práticas desenvolvidas pela professora Aparecida, uma vez que elas trazem a possibilidade do debate sobre a questão étnico-racial para o universo da escola, dado que ele ainda é tão pouco difundido na prática da maioria dos (as) professores (as), supõe-se que elas não ganharam um significado para os alunos, pelo menos para aqueles que foram entrevistados. Talvez porque não construídas com eles por meio de um debate fundamentado num conhecimento teórico e empírico específicos? Porque não coletivas, já que eram direcionadas a alguns alunos e não a outros, como é o caso da orientação sobre as noções de higiene? Porque pontuais, esporádicas, apenas presentes nas datas comemorativas e, mais uma vez, sem o aprofundamento necessário e adequado?

No momento da pesquisa de mestrado, a professora Aparecida considerou não aprofundar sua prática docente com a questão étnico-racial, justamente por conta das limitações impostas pela disciplina na qual ministra suas aulas, a Matemática, e pelos supervisores de escola. Ao contrário, apontou para as possibilidades das disciplinas de História e Geografia. Diz ela:

⁷⁰ A professora Aparecida foi chamada de incompetente por uma funcionária de uma das escolas em que lecionou e ao associar essa atitude à discriminação racial e questioná-la foi levada à delegacia num carro de polícia como a opressora e não como a vítima.

[...] algumas datas do negro eu comentava, mesmo não sendo minha disciplina, porque tem que ser História ou Geografia, por isso que eu tomo esse cuidado, senão o supervisor vai lá e fala “escuta, você passou a dar aula de História?”, então discretamente eu falo, porque eu sou Matemática, é diferente de quem é História, Geografia, é diferente (professora Aparecida).

Os argumentos utilizados por Aparecida esbarram nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental, lançados pelo Ministério da Educação (MEC), em 1998, e nas diretrizes para trabalhar os Temas Transversais (ética, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo, e pluralidade cultural). Tanto os professores de História e de Geografia quanto os de Matemática, e das demais disciplinas, têm legitimidade em travar o debate sobre a temática étnico-racial em sala de aula, pois cada tema transversal deve ser abordado transversalmente pelas diversas áreas do conhecimento que compõem o currículo (BRASIL, 1998). E, ainda, poderia considerar algumas possibilidades de trabalho já existentes com a questão étnico-racial na Matemática.

Como sugestão para o trato dessa questão na Matemática, pode-se citar o trabalho interdisciplinar em torno de uma situação de saúde típica da população negra, a anemia falciforme. Para o desenvolvimento desse trabalho indica-se: a explicação e a difusão de informações sobre a ocorrência da doença em afro-descendentes e dos procedimentos necessários para que se evitem novos casos; a discussão acerca da necessidade de iniciativas que promovam a equidade racial no sistema de saúde, combatendo o racismo institucional. E como atribuição das disciplinas envolvidas: na Biologia, o debate sobre hereditariedade, genética e características sanguíneas; na Química (junto com Biologia), captação, interação e liberação do oxigênio pelo organismo humano; e na Matemática, o recurso de probabilidade e suas aplicações (a probabilidade genética).

Silva (2001) sugere a prática docente com as “Africanidades Brasileiras”, ou seja, a cultura e a história dos povos africanos e de seus descendentes nas Américas nas diversas disciplinas do currículo escolar. Para a Matemática, ela propõe o trabalho, através de ilustrações e fotografias, com a geometria presente nas grandes obras arquitetônicas construídas por diferentes povos africanos, entre elas as pirâmides egípcias, e em outras expressões da arte africana, como nas pinturas dos Ndbele⁷¹ em suas casas. O trabalho com

⁷¹ Um dos grupos étnicos do sul da África do Sul.

as “Africanidades” visa a promover a aprendizagem acerca das diferentes culturas africanas na construção do conhecimento, não eurocêntrico, que vem sendo acumulado e, até então, não apresentado pela maioria dos professores aos seus alunos negros e não-negros, por conta, também, do desconhecimento deles próprios.

As questões levantadas acima e os argumentos defendidos pela professora Aparecida remetem à reflexão sobre a importância da formação de professores para o trato da questão étnico-racial. Para essa formação, a aquisição de conhecimento teórico específico é imprescindível e deve se somar ao conhecimento decorrente das experiências que constituem as trajetórias de vida dos sujeitos professores.

Um e outro conhecimento pode ser usado como matéria-prima da prática docente desde que anteriormente problematizados pelos educadores, no processo que Santos (1996) denomina “conflitualidade dos conhecimentos”, presente em sua “pedagogia do conflito”. Pode ainda, da mesma forma, atuar com seus alunos, no sentido de romper com as pré-noções e, nesse caso, com os preconceitos que os habitam.

Se o debate sobre a questão étnico-racial não é um traço marcante na prática docente da professora Aparecida, a afetividade, a meiguice, a tranqüilidade, a alegria, a amizade, a disposição em ajudar e a descontração o são. Essas características foram lembradas por seus ex-alunos como sendo inerentes à Aparecida.

Eu lembro que era uma professora muito tranqüila, explicava a matéria dela (Laís, ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 26 anos, negra);

A Aparecida deu aula pra mim, que ela era substituta, de Matemática, na parte da manhã. Ela tem um jeito todo delicado de ensinar, fala baixo, super delicada... (Mônica, ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 24 anos, negra);

A professora Aparecida era muito aplicada, uma pessoa que gostava do que fazia, pela forma de explicar, o incentivo que ela dava para os alunos, que os alunos tivessem o interesse de aprender a matéria. Ela era uma pessoa assim, como pessoa e como professora sempre pronta, disposta a ajudar, sempre que o aluno pedia alguma informação ou vinha até a mesa dela pedir uma explicação melhor sobre o assunto, ela sempre se prontificou a fazer. Como professora na minha opinião ótima. Ela cativava os alunos, tratava os alunos com uma igualdade, fazia com que todos se sentissem bem com ela, não tinha essa distância professor-aluno. Então, conforme ela ia passando a matéria, o aluno tinha essa liberdade com ela, isso que fazia com que nós compreendêssemos melhor

a matéria... (Paulo, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 31 anos, moreno);

Eu lembro que é super amorosa, ela falava com a gente como se fosse bem criança, bem próxima. Eu sentia ela como minha amiga. Ela falava meus queridinhos, meus amorzinhos, bem meiguinha. Quando ela entrou na escola todos os alunos gostaram dela. A maioria dos professores, tem uns que chegam e já põem a distância, eu sou professor – professor – não sou seu amigo e ela não, ela tirou isso, eu sou professora, sou amiga. O que diferenciava era o fato de falar carinhosamente. Ela falava o numerozinho, o maiszinho, isso era o diferencial... (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra);

Pelo que eu me lembro, ela explicava super bem. Eu me lembro que ela era bem paciente com os alunos, explicava bem a matéria. Eu sou difícil de aprender, mas geralmente com ela assim...que ela tinha bastante paciência de explicar a matéria Matemática, então eu ia bem nas aulas dela, porque ela explicava bem e direito, tinha paciência, explicava várias vezes quando a gente não entendia, eu gostava da aula dela. Ainda ela falava assim “se alguém tiver alguma dúvida pode procurar na outra sala”, ela sempre procurava ajudar a gente, sempre. Nunca ninguém via pela cor, às vezes chegava e alguém dizia assim “ah, não gosto desse professor”, mas nunca...Ela era a única negra, professora de matemática, mas nunca a gente falava assim “xi chegou a professora negra”, nunca.... (Nilza, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, morena);

Ela era uma professora que gostava de brincar, nas aulas dela havia descontração, ela dava aula bem, eu aprendi bem com ela. Ela era alegre, brincava com todo mundo, eu gostei bastante. Ela brincava, dançava assim com a gente, mas assim, ela passava as coisas e no fim da aula ela brincava com a gente, contava piada. Eu lembro que de vez em quando ela fazia tipo uma gincana de matemática. Ela fazia perguntas e aí quem respondia primeiro sabe assim, tipo gincana, de matemática, ela fazia bastante com a gente, eu lembro... (Aline, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, branca);

[...] o jeito dela ensinar era mais tipo “molecão”...ela tentava fixar bem, porque era a parte de contas, então ela fazia brincadeirainha, musiquinha pra tentar aprender “sobe um, desce um” e às vezes até cantava nas aulas algumas músicas que estavam na moda pra tentar descontrair... (Everton, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, pardo);

A Dona Aparecida é uma pessoa super espontânea, super alegre, você via pelo jeito dela ficar na sala de aula. Pelo jeito dela ensinar, ela cativava a aula, ela fazia um universo dentro da aula que introduzia o aluno, que fazia ele prestar atenção. Ela fazia todo aquele aparato dela de captação de atenção, por meio de brincadeira, distração... (Paulo H.; ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, moreno);

Ela sempre ajudava assim, um aluno não passava numa prova, ela dava um trabalho, ou ia ela mesma acompanhar o aluno, fazendo alguma coisa, ajudando. Estava sempre do lado dos alunos com mais dificuldades, pedia para alguém ajudar. Ela era uma professora muito boa, sabe ensinar os alunos. A maioria dos alunos que tinham dificuldade aprendiam, entendiam o assunto, por ela estar junto com os alunos, explicando, dando aula particular também...Alguém não entendia alguma coisa na sala de aula e tinham vergonha de falar, ela dizia “quem quiser em casa pode ir em casa que eu explico”, o pessoal que mora aqui no bairro (Tiago, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, negro).

Essas e tantas outras visões dão ênfase às características da professora Aparecida e atribuem a ela uma maneira não tradicional de ensinar a Matemática. O ensino não tradicional tornava mais fácil entender os cálculos matemáticos e, com isso, sentir prazer em realizá-los, rompendo assim com a rigurosidade do ato de ensinar, com o distanciamento professor-aluno e com a expressiva aversão que demonstra a maioria dos alunos à “famigerada” Matemática. Uma de suas ex-alunas (18 anos, branca) conta que foi Aparecida quem a fez ter vontade de ser professora de Matemática.

Como toda regra tem a sua exceção, uma ex-aluna (*Josilaine, período intermediário, 25 anos, branca*) considera que a professora Aparecida “*não tinha muita paciência*”, “*era meio agressiva*” e “*não foi uma ótima professora*”. No entanto, a pessoa Aparecida era “*uma ótima pessoa, quando precisasse dela ela estava sempre pronta para ajudar*”. Para a ex-aluna, a professora “*explicava do jeito dela e quem soubesse, quem aprendeu, aprendeu, quem não aprendeu se vire*”.

Outros dois ex-alunos também percebem certa dificuldade da professora Aparecida em transmitir o conhecimento relativo à Matemática, mas não atribuem a ela um comportamento agressivo.

Eu entendo assim que ela sabia pra ela, mas não sabia transmitir o conhecimento que ela tinha com relação a Matemática (Laís, ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 26 anos, negra);

Desde o começo que ela entrou na escola, na sala de aula, eu a achei uma professora muito legal. Ela gostava dos alunos, ela conversava. Ela tinha suas horas ...como todo professor. Já na base do ensino eu achava assim...eu gostava da aula dela, mas eu não conseguia entender a explicação dela como a dos outros professores. Eu procuro entender o máximo a matéria, mas ela não explicava daquele jeito que eu

entendesse. Passou um tempo e as minhas notas caíram, porque eu não conseguia entender parte da explicação dela, por causa da própria explicação dela, talvez fosse dificuldade minha. Depois passei a não gostar das aulas dela, mas tinha que vir. Ela falava assim de um jeito como se a gente fosse mais novo do que a gente era. Eu tinha 12 anos na época e ela falava como se tivesse uns 6, 7 e eu não gostava. Daí eu não conseguia muito me ligar, eu via ela falando desse jeito e aí não gostava. Muitos não gostavam, mesmo que seja uma forma de ensinar muitos não gostavam, por isso que era difícil a explicação dela pra mim... (Ivan, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, moreno).

Para esse ex-aluno, sua dificuldade em entender as explicações da professora Aparecida estava relacionada ao “jeito infantilizado” com que ela explicava a Matemática: “como se a gente fosse mais novo do que a gente era”.

O “jeito” infantilizado e carinhoso de falar (“o numerozinho”, “o maiszinho”) era, entretanto, o que a diferenciava dos outros professores, segundo uma de suas ex-alunas (19 anos, negra), já que representava a relação de amizade e proximidade travada entre a professora e seus alunos. No entanto, para a ex-aluna, essa relação fazia de Aparecida mais uma “boa pessoa” que “uma boa professora”, devido à existência de um caderno utilizado por ela para orientar suas aulas. Esse caderno incomodava e muito a essa ex-aluna, que chegou até mesmo a colocar em xeque a competência profissional da professora.

Uma coisa que eu não gostava dela, era que ela dava aula pelo caderno, ela não desgrudava do caderno dela, então eu não sentia muita firmeza, ficava consultando no caderno, então pensava será que ela sabe, será que ela não sabe? Só isso me incomodava...(Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra).

Mais duas ex-alunas citaram o uso do caderno na prática docente da professora Aparecida com a Matemática. Uma delas também o vê como algo que coloca em xeque a competência profissional da professora e a outra apenas como mais um dos materiais didáticos de apoio ao professor, respectivamente.

[...] ela não ensinava no livro, ela ensinava no caderno que ela tinha. Acho que ela fazia as anotações dela e o que ela entendia no caderno. Então o que ela entendia no caderno dela, ela explicava o que ela entendia. Então, muitas das vezes os alunos até corrigiam ela...então, isso também tem que estar prestando atenção, e ela ficava bem assim nervosa porque os alunos não entendiam, e iam reclamar na diretoria, mas não podiam fazer nada, diziam que era implicância dos alunos por

causa da cor, mas na minha classe não teve esse negócio de racismo, porque tinham medo dela...ela dava o respeito... se tivesse alguma piadinha era por detrás, mas na frente dela todo mundo ficava em silêncio, tinham medo dela (Josilaine, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, branca);

Ela ensinava bem matemática, dava para entender bem, usava lousa, explicava na mesa dela, no livro, não só o livro, mas ela tinha um caderno dela, toda professora tem (Luciana, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, branca).

Se para a maioria dos ex-alunos a afetividade e a descontração representam uma maior aproximação entre professora e alunos, bem como uma forma inovadora de ensinar a Matemática, para estes outros o excesso de afetividade pode até significar o não distanciamento professora-aluno, mas não significa o rompimento com o ensino tradicional da Matemática. Isso porque, de um lado, conserva a rigidez e a severidade do ato de ensinar e, de outro, a dificuldade de trocar conhecimentos com os alunos.

Entre os possíveis significados atribuíveis à afetividade ou ao excesso de afetividade presente na prática docente de Aparecida, está aquele que só pode ser trazido à tona como indagação: será ela [afetividade] uma forma de driblar a discriminação racial vivida pela professora Aparecida no universo da sala de aula?

Segundo Silva (2003), ao longo de sua trajetória de vida, a professora Aparecida desenvolve algumas “estratégias” para driblar a discriminação, tamanho é o impacto com o racismo (dor, sofrimento, resistência, etc.): como aluna procura observar e selecionar as pessoas com quem poderia brincar e conviver; como professora, ainda observa e seleciona, mas também se utiliza de outras “estratégias”, como é o caso da oração e da estória “A surpresa”.

Na tentativa de minimizar os conflitos estabelecidos por conta da cor da pele entre professora e alunos, bem como entre os próprios alunos, a oração no início de cada aula visa a mostrar que “todos somos iguais perante Deus” e, com isso, recorre aos valores religiosos e universalizantes. Com o mesmo objetivo, “A surpresa” apela para a afetividade, à medida que associa a cor da pele da professora à alegria, à amizade e ao ato de ensinar.

*No começo do semestre, meus pais me mudaram de escola
O primeiro dia de aula foi cheio de surpresas
Prédio grande e muitos alunos*

*Mas a maior surpresa que eu tive ao entrar na sala
Foi ser apresentado a nova mestra
Era uma moça negra, que logo riu para mim
Mostrando seus dentes muito brancos
Mas não gostei dela
Por que? Ora, porque era negra
Com o tempo parei de reparar na cor da pele da professora
E descobri que era alegre, amiga e ensinava muito bem.*

Apesar de não terem sido lembradas pelos ex-alunos, oração e estória demonstram, mais uma vez, a preocupação da professora Aparecida em inserir a “questão racial” em sua prática docente, já que para ela essa questão é significativa, pois representa a sua luta, talvez mais pessoal que profissional, contra o racismo.

Diferentemente da professora Nazaré, que apresenta uma postura docente muito próxima à “pedagogia intercultural” (VIEIRA, 1999), à medida que busca transformar e inovar o processo ensino-aprendizagem, sobretudo no diz respeito às relações étnico-raciais, trazendo para sua prática o conflito e o diálogo entre diferentes saberes, trajetórias de vida, a professora Aparecida transita entre a “pedagogia intercultural” e a “pedagogia multicultural”, fundamentada na

[...] simples constatação e admissão da realidade social como naturalmente diversificada (...). É uma atitude que não vai além da sensibilidade e solidariedade entre os povos e culturas [...], pois não privilegia o diálogo e a comunicação intercultural – quer dizer a comunicação entre diferentes que podem entender-se e cooperar mutuamente (VIEIRA, 1999, p.65)

Mais próxima à pedagogia multicultural que intercultural, a professora Aparecida busca tratar a “questão racial” com base na sensibilidade, na afetividade e na solidariedade, em particular com seus alunos negros, o que mostra sua preocupação com essa questão. Embora importantes, serão elas suficientes para romper com mentalidades racistas?

4.1.3 Professora Terezinha

Terezinha foi lembrada pelo grupo de seus ex-alunos como uma professora rígida, exigente e que “*ensinava muito bem*”. Se, por um lado, sua rigidez significa autoritarismo para alguns ex-alunos, por outro lado, é sinônimo de comprometimento com a prática docente e com os próprios alunos.

[...] ela explicava bem, mas uma vez só...ela andava de braços cruzados, de cara fechada, dificilmente dava um sorriso, ela era bem séria; se pedia para ir ao banheiro ela não deixava... (Ângela, ex-aluna da professora Terezinha, período inicial, 45 anos, branca);

[...] ela era muito rígida, muito rígida, ensinava bem, fazia os alunos aprenderem. Com ela eu aprendi a ter disciplina... eu acho que ela teve um avanço com os alunos. Alguns não prestavam atenção anteriormente, e aí chegou a vez dela e ela conseguiu colocar eles na linha.. (Everton, ex-aluno da professora Terezinha, período de maturidade, 19 anos, pardo);

[...] ela se mostrou brava no início, mas depois a gente acabava notando 'não é brava, ela ta buscando outra coisa, ela ta buscando o melhor dos alunos (Thiago, ex-aluno da professora Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno);

Ela é uma professora rígida, mas ensina muito bem, inclusive foi mais com a Terezinha que eu passei a gostar de Matemática, antes eu não gostava, ela elogia, não é como as outras professoras que, vamos supor, você faz uma conta lá e acabou, tá certo, tá errado... (Rafael, ex-aluno da professora Terezinha, período de maturidade, 19 anos, branco);

As lembranças que eu tenho é que ela era muito preocupada em passar o que ela sabia, ela gostava do que ela fazia, hoje a gente pode ver que vários professores não gostam do que fazem, acho que prestaram o vestibular porque é o menos concorrido, 'eu vou passar, eu vou ser professor, mas não é o que eu quero ser'. Ela transmitia que ela gostava mesmo do que ela fazia... (Rose, ex-aluna da professora Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca);

Eu lembro que ela era bastante autoritária, ela tinha bastante pulso firme nas horas que precisavam ser. Mas eu lembro também que tinha horas que ela sentava, contava estórias, pra sair um pouco daquela rotina, levava a gente pra sala de vídeo...(Fernanda, ex-aluna da professora Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca).

Um dos ex-alunos mais antigos de Terezinha, que não se lembra da rigidez da professora, tal como conferida pelos demais, também destaca o comprometimento dessa professora com seus alunos e, conseqüentemente, com o exercício de sua profissão.

[...] eu me lembro que ela era uma pessoa que enquanto fazíamos alguma coisa, ela andava pelas carteiras, observava o que a gente estava fazendo... (Luis, ex-aluno da profa. Terezinha, período inicial, 45 anos, branco).

Para ele, esse aspecto da prática docente da professora Terezinha se mostra um diferencial em relação aos demais professores daquela época (início dos anos 1970), que “*ficavam lá na frente olhando*”. No entanto, ele mesmo questiona se esse diferencial não estaria relacionado ao fato de Terezinha ser uma professora no início de sua trajetória profissional, e nesse momento substituindo uma professora licenciada, ou por se tratar de uma “linha” específica de trabalho.

[...] eu até acredito nisso, por ser iniciante. Todo mundo que inicia tem uma preocupação maior, talvez aquele que tá há algum tempo já é mais acomodado. Talvez por uma linha que seguia ou por estar iniciando...

O impasse criado por ele parece ser solucionado por uma das ex-alunas mais novas do grupo de ex-alunos da professora Terezinha, no momento em que diz:

[...] ela era uma excelente professora, explicava bem, passava das carteiras pra saber se tinha dúvidas, se você tinha realmente dúvida ela procurava explicar bem... (ex-aluna da profa. Terezinha, 17 anos, branca).

Isto posto, conclui-se que a preocupação de Terezinha em acompanhar de perto, passando de carteira em carteira, os alunos em seus acertos e desacertos não se restringiu ao momento inicial de sua trajetória profissional, mas se manteve presente ao longo dessa trajetória, constituindo-se como um dos traços significativos de sua prática docente.

Como o processo educativo deve ser ensino e aprendizagem, em que “o ensino é a prática de transferir conhecimentos, é repetir, criando uma subordinação; e a aprendizagem é descobrir, criando uma relação de comunicação” (ITURRA, 1994, p. 30-1), a prática docente da professora Terezinha esteve mais centrada no ensino que na aprendizagem, pelo que indicam as visões dos ex-alunos e as da própria professora (SILVA, 2003).

A concepção de ensino e aprendizagem presentes em Iturra (1994) está muito próxima à noção de educação “bancária” e libertadora em Freire (2005), respectivamente. Essas concepções também estão associadas à idéia de ensino tradicional, de um lado, e ensino inovador (não-convencional ou alternativo), do outro.

Desse modo, o ensino tradicional de Terezinha pode ser caracterizado como aquele que se vale da lousa, do livro didático, da cópia, da sala de aula como único espaço possível

de promoção do conhecimento, do relativo distanciamento entre professora e aluno, decorrente da postura rígida por ela assumida.

Eu acho que a gente acaba ficando muito tempo na sala fazendo esse tipo de estudo básico, o tradicional. A gente estudava muito via de livro, lousa...era meio que...eu acho que começou a diferenciar mais pra frente esse tipo de estudo diferenciado, sair da sala, esse tipo de coisa diferente foi muito mais pra frente. Nessa época a gente ficava muito tempo na sala, lendo, escrevendo...acho que nessa época não era tão diferente assim...(Thiago, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno);

[...] ela gostava de escrever na lousa, escrevia bastante na lousa. Isso aí eu me lembro... (Luis, ex-aluno da profa. Terezinha, período inicial, 45 anos, branco).

Ao mesmo tempo, há algumas tentativas da professora em fazer de sua prática também aprendizagem e algo não convencional, principalmente no momento em que vai além da lousa, do livro didático, trazendo a literatura, o vídeo e a pesquisa:

Ela usava os livros, textos, xérox também, vídeos. Ela passava bastante trabalho, no caderno e não pra entregar, uma coisa meio informal. Ela dava um trabalho e a gente ia pesquisar na biblioteca, respondia um questionário, ela passava um questionário e a gente respondia... (Rose, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca);

Pelo que eu lembro, ela passava a matéria na lousa e tinha um livro que a gente seguia, e vídeo de vez em quando, era mais...ela passava na lousa, a gente copiava, ela explicava, às vezes ela pegava o livro que tinha mais explicação, pra gente não copiar muito a matéria. Ela passava um monte de trabalho pra gente, teve um que a gente fez sobre Monteiro Lobato, e até ela colocou em exposição... (Cristiane, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca).

Recursos didáticos como vídeo, pesquisa, literatura podem contribuir para que o processo educativo seja também aprendizagem, à medida que possibilitam promover a troca, a comunicação, o diálogo entre professor-aluno e aluno-aluno, isso se adequadamente utilizados.

Ensino e aprendizagem se tornam possíveis no processo educativo de Terezinha já no final de sua trajetória profissional, que tem início nos anos 1970 e se encerra no ano de 2002, quando ela se aposenta. O depoimento da professora Terezinha, durante a pesquisa de

mestrado, ilustra a transição de uma postura baseada estritamente no ensino para uma postura que busca conciliar ensino e aprendizagem, e ainda *uma “educação mais antiga”* e uma *“metodologia mais moderna”*, como ela mesma denomina.

[...] eu sempre fui considerada uma professora um pouco brava, eu acho que pra você dar aula, se você não conseguir manter uma disciplina, com bagunça não dá pra ensinar, então um ponto que eu peguei foi a disciplina em sala de aula, que naquele tempo era até imposta. Hoje em dia, a gente vê com outros olhos o fato da criança conversar, levantar do lugar, a gente acha que ela tem mesmo que se comunicar mais uns com os outros, mas hoje eu olho pra trás e vejo que é lógico que essa educação tradicional tinha muitos pontos negativos, muita coisa...não que considerada errada, mas é que a educação foi evoluindo, a gente começou a pensar que certas metodologias estavam muito antiquadas. Essa metodologia mais tradicional era assim, o aluno lá sentado no seu lugar e uma professora era assim considerada muito boa quando ela conseguia que os alunos calassem a boca...Então eu gosto mais da educação de hoje, a criança tem mais informação também, tem mais liberdade de chegar no professor e contar coisas, e reivindicar os direitos deles. Naquele tempo você ficava sentada lá e o professor ia tacando coisa e você tinha que dar conta, hoje em dia, não. Ainda mais com essa interdisciplinaridade que existe entre as matérias, você usa muitos recursos audiovisuais, de revista, leitura mais informal, televisão, hoje em dia tem o computador...Então muitas coisas eles trazem pra você, o professor não está só ensinando, ele está aprendendo também com as crianças...Apesar de tudo que existe aí, você não pode largar todo aquele tradicional e jogar tudo pro alto, eu acho que existe muita coisa da educação antiga que você pode misturar com essa metodologia mais moderna...você não pode abandonar tudo aquilo lá...deve saber utilizar de forma crítica... (professora Terezinha).

A tentativa de *“misturar” a “educação mais antiga”* com a *“metodologia mais moderna”* também pode ser percebida na prática docente da professora Terezinha com a questão étnico-racial. As visões dos ex-alunos indicam, em sua maioria, que essa prática ficou restrita aos conteúdos que envolvem a escravidão, a abolição, a Lei Áurea, Zumbi dos Palmares e, conseqüentemente, certas datas comemorativas, como o 13 de Maio e o 20 de Novembro.

Ela falar sobre a atualidade eu não me lembro, mas ela tratar os assuntos historicamente... “olha, aconteceu isso, abolição da escravatura, Zumbi e outras coisas”. Eu acho que era o básico dos livros, não saindo muito dessa linha, eu posso estar enganado, faz algum tempo já... (Thiago, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno);

[...] ela explicava sobre escravidão, abolição, Lei Áurea, mas falar sobre ela, não... (Cristiane, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca);

Eu só lembro de um trabalho, que ela pediu pra gente do Zumbi, que ele era um negro. Só me lembro desse trabalho, que ela debateu com a gente, que ele era um escravo, o Zumbi, não era isso? Ela passou sobre isso, tinha um livro que falava sobre isso, que eu me lembre que ela tenha trabalhado foi esse, agora dela falar sobre a condição dela, eu não lembro se ela trabalhou ou não. Nós fizemos uma pesquisa sobre ele, aí depois ela explicou... (Fernanda, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca);

Eu lembro dela ter dado um trabalho sobre racismo, que tinha que procurar em jornais, recortar e colocar no caderno, sobre isso, sobre o racismo, procurar nos jornais matérias que trouxessem casos de discriminação... Ela só viu, viu o que a gente tinha procurado, lido, pesquisado a respeito, mais nada, parou nisso... Eu acho que coincidiu com essa de estudar história, do dia de racismo, dos negros, a escravatura, coincidiu mais ou menos com essa época... (Rose, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca).

Nas visões desses ex-alunos não há indícios do uso da trajetória de vida da professora como matéria-prima de sua prática docente, nem tampouco das experiências por ela vividas com a discriminação racial. Essas experiências foram ocultadas até mesmo quando Terezinha relatou sua trajetória como aluna e como professora, uma vez que não atribuiu à maioria delas qualquer conotação racial (SILVA, 2003). Antes de conferirmos à Terezinha a total responsabilidade por esse ocultamento, devemos considerar que ele pode estar relacionado:

[...] ao impacto do racismo que resulta em uma situação conflituosa para o negro (a) brasileiro (a). Olhar-se nesse espelho resulta incômodo. Mexe com as imagens, lembranças, sentimentos. As conseqüências que este impacto acarreta levam alguns (mas) negros (as) a adotar, além da negação, comportamentos como a passividade e o descomprometimento em situações de discriminação racial” (GOMES, 1995, p.156).

Somente em seus últimos anos no magistério, a professora Terezinha diz desenvolver um trabalho que retrata as diferenças entre as pessoas e as diferentes descendências percebidas pela reconstrução da árvore genealógica de cada aluno (a). Por meio de atividades de pesquisa, recorte e colagem de figuras, ela também procura tornar visível a presença do negro nos meios de comunicação, em especial nas revistas de grande

circulação. No entanto, as representações que têm a própria professora sobre sua prática docente acerca da questão étnico-racial são incompatíveis com as visões dos ex-alunos entrevistados.

Nenhum deles se lembrou das atividades desenvolvidas por ela. Uma de suas ex-alunas (*Rose, período de maturidade, 18 anos, branca*) traz a informação sobre um dos trabalhos de pesquisa solicitados pela professora Terezinha: busca de casos de discriminação nos jornais. No entanto, uma vez prontos e entregues à professora, os trabalhos foram apenas “vistados” e não debatidos em sala de aula.

A inexistência do debate não permite desconstruir o discurso racial, e ideológico, vigente na sociedade brasileira em sua essência, demonstrando aos alunos sua origem e as conseqüências em termos dos sujeitos negros. Apesar da “boa vontade” da professora em trazer a questão étnico-racial para sua prática docente e para o universo da escola e da sala de aula, mesmo que tardiamente, no contexto dos PCN’s, a prática foi significativa apenas para ela, mas não para seus alunos, já que não se lembram de tê-la vivido.

Como também observado em Silva (2003), a professora Terezinha, ao contrário de uma “pedagogia intercultural”, assume ao longo de sua trajetória profissional uma postura docente que se aproxima de uma “pedagogia multicultural”, que apenas constata a diversidade de saberes, representações, trajetórias de vida, mas não as coloca em conflito e diálogo. Essa postura impede o desenvolvimento de um processo educativo que, de fato, transforme a situação étnico-racial predominante na sociedade brasileira e no universo da escola.

A apreensão das visões dos ex-alunos sobre a prática docente das professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha e sua relação com as representações das professoras acerca das próprias práticas, tornou possível compreender a propriedade, o alcance e o limite da prática docente de cada professora no tocante à questão étnico-racial.

Somadas às práticas das três professoras negras araraquenses, outras experiências educativas espalhadas por todo o país, comparativamente e de forma crítica, podem ser matéria-prima de reflexão e de busca por alternativas que subsidiem o redimensionamento da prática docente voltada para o tratamento da questão étnico-racial. Essa reflexão e busca se tornam ainda mais prementes no atual contexto da Lei 10.639/2003 e da necessidade de

formação de professores para a reeducação das relações étnico-raciais e para o conhecimento da história e cultura afro-brasileira e africana.

4.2 A Lei 10.639/03 e a formação de professores para o tratamento da questão étnico-racial

A diversidade cultural é introduzida no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, mediante o destaque às “contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia” (BRASIL, 1996).

Mas é através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o ensino fundamental que ela se faz presente no currículo de maneira mais enfática, em particular por meio do Tema Transversal Pluralidade Cultural, que, em linhas gerais, propõe: o reconhecimento e valorização das diversas culturas presentes na constituição do Brasil (européia, africana e indígena); o respeito aos valores pertencentes aos diferentes grupos culturais; a solidariedade e a convivência pacífica entre as diferenças, na tentativa de superar a discriminação e a desigualdade social (BRASIL, 1998).

Para atender aos PCN's, muitas escolas passam a desenvolver atividades voltadas para o tratamento da pluralidade cultural, a partir de uma abordagem estereotipada e folclorizada das culturas, “raças” e etnias, em detrimento do debate sobre a origem e as conseqüências das práticas discriminatórias cotidianas a que estão submetidos os grupos sociais (negros, indígenas, etc.), encobrando, assim, relações de poder e conflitos sociais, culturais, políticos e econômicos.

Essas atividades se restringem a apresentar as “contribuições” dos negros à formação da cultura brasileira, por meio da culinária, da música e de seu modo de vida, geralmente em certas datas comemorativas. E nelas, ou até mesmo antes delas, a história do negro no Brasil, oficialmente contada, limita-se a sua condição de “escravo” trazido da África, portanto, um sujeito sem história, tanto em relação ao seu “lugar de origem” (África) quanto ao “lugar de destino” (Brasil).

Apesar de inovador, o tema transversal pluralidade cultural não trata especificamente da questão étnico-racial. Ele não busca a desconstrução do chamado racismo tradicional, que se orienta pela associação do fenótipo negro à inferioridade racial e não pelos conflitos que emergem da diversidade cultural (neo-racismo) (OLIVEIRA, 2000). Tampouco parte da crítica à hegemonia do etnocentrismo ocidental, rompendo com a omissão, no interior do currículo escolar, sobre a história da África (LARKIN, 2001), e do negro no Brasil.

Pinto (1999), ao analisar os PCNs e o tema transversal pluralidade cultural, alertou para a dificuldade dos (as) professores (as) em lidar com as situações de conflito decorrentes da diferença racial, e sinalizou para a necessidade de investimento na formação docente, que, por sinal, não foi prevista pelos Parâmetros. Segundo a autora:

[...] posicionar-se perante [essa diferença] ou abordá-la na escola não é uma tarefa fácil, dada à carga ideológica de que se reveste essa questão e à multiplicidade de crenças arraigadas subjacentes à sua percepção (p.207).

No contraponto aos PCN's, e como resultado das lutas históricas e reivindicações do Movimento Negro, a Lei 10.639⁷², de 09 de janeiro de 2003, inclui a história e cultura afro-brasileira no currículo escolar nacional, e a partir dela torna-se possível tratar, especificamente, a questão étnico-racial.

A Lei 10.639/03 altera a LDB 9.394/1996 em seu Art. 26, que passa a vigorar acrescida dos Artigos 26-A e 79-B. Esses artigos se referem, respectivamente, à obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História, nas escolas do ensino fundamental e médio, públicas e particulares, e à inclusão do dia 20 de Novembro no calendário escolar. O conteúdo a ser ministrado envolve o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003). Objetiva-se que o Art.26-A:

⁷² A Lei 11.645, de 10 de março de 2008, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

[provoque] bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos explícitos da educação oferecida pelas escolas (BRASIL, 2005, p. 17).

As “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”⁷³ vêm dar suporte à implementação da Lei 10.639/2003, apontando aspectos e princípios que orientem ações voltadas para (a) a valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, e para (b) a educação de relações étnico-raciais positivas.

Respectivamente, e de forma sintética, esses aspectos e princípios são: (a) a História da África⁷⁴; o papel dos anciãos e *griots* na preservação da memória histórica; a religiosidade africana; as grandes civilizações e suas contribuições para o desenvolvimento da humanidade; o tráfico e a escravidão do ponto de vista dos escravizados; o colonialismo na perspectiva dos africanos; as lutas pela independência política dos países africanos; as relações entre a história e a cultura dos povos do continente africano e os da diáspora; a participação dos africanos e de seus descendentes na construção econômica, social e cultural da nação brasileira; a participação dos negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, artística e de luta social; a história dos quilombos e de remanescentes de quilombos; as manifestações culturais, etc.; (b) a desconstrução de conceitos, idéias, comportamentos, mentalidades racistas e discriminatórias; a superação da indiferença, injustiça e desqualificação com que os negros são comumente tratados, etc. (BRASIL, 2005).

As Diretrizes destinam-se, principalmente, aos estabelecimentos de ensino, a seus gestores e professores, mas também às famílias dos estudantes e a eles próprios, e a todos os sujeitos comprometidos com a educação dos brasileiros. Aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, cabe a execução da História e Cultura Afro-Brasileira e da Educação das Relações Étnico-Raciais, assim como a formação de professores⁷⁵.

⁷³ Parecer CNE/CP 3/2004, aprovado em 10/03/2004.

⁷⁴ Oliveira (2000) defende que a inclusão da História da África no currículo escolar é relevante desde que a África seja vista como uma das origens do povo brasileiro e como o meio de compreender a trajetória de um povo que deixou acentuadas marcas na sociedade brasileira, e não como fonte de identidade, pois o real retorno à África, além de impossível, é indesejável.

⁷⁵ O processo de implementação da Lei 10.639/03, especialmente no que diz respeito à formação de professores, tem se restringido a projetos e iniciativas isoladas por parte de alguns municípios e estados,

A formação de professores torna-se imprescindível para a abordagem da história e cultura afro-brasileira, para a elaboração de estratégias pedagógicas que viabilizem as práticas educativas anti-racistas e para a promoção da reeducação de posturas e valores no sentido de relações positivas entre sujeitos de diferentes pertencimentos étnico-raciais.

Várias iniciativas de formação estão sendo (ou já foram) praticadas por todo o país, e são representativas de uma grande diversidade de abordagens teóricas e metodológicas, entre elas o programa *São Paulo Educando pela Diferença para a Igualdade*, que será apresentado logo adiante.

É importante mencionar, aqui, que antes mesmo da promulgação da Lei 10.639/03, bem como dos PCN's, já existiam experiências de educação anti-racista no ensino formal, e também não-formal, em diversas cidades brasileiras como, por exemplo, Salvador⁷⁶ e São Paulo. Essas experiências foram desenvolvidas enquanto projetos das escolas ou por iniciativa de alguns professores, como é o caso da professora Nazaré, que ao longo de sua trajetória profissional, com início nos anos 1980, tem atuado em prol de uma educação anti-racista.

De modo geral, as propostas giraram em torno da reforma curricular, com inclusão de novos conteúdos ou de novas disciplinas relacionadas à história do negro no Brasil e à história da África, da formação de professores, dentre outras. Essas iniciativas ganharam visibilidade na sociedade dos anos 1980 e 1990, atingindo professores, estudantes, pais, representantes dos órgãos do governo e colaboraram para fomentar o debate nos vários espaços sociais, sempre com o apoio dos movimentos negros.

havendo, portanto, a necessidade de sua intensificação e extensão enquanto política de formação federal, estadual e municipal, de seu monitoramento e avaliação. Isso exige um maior envolvimento e comprometimento do Ministério da Educação (MEC), das Secretarias Estaduais e Municipais e dos Conselhos de Educação, como constatou a consulta realizada por Souza *et al* (2007) em escolas da cidade de Belo Horizonte, São Paulo e Salvador, no ano de 2005. Recentemente, em 20 de maio de 2008, foi instituído, via Portaria Interministerial MEC/MJ/SEPPPIR, o Grupo de Trabalho Interinstitucional com a finalidade de elaborar metas e estratégias nacionais que visam subsidiar a construção de indicadores para implementação desta Lei. Neste momento, também está em processo a elaboração do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares da Educação das Relações Étnico-Raciais, com o objetivo de garantir a institucionalização da Lei 10639/03 como política de Estado, fortalecer o papel promotor e indutor do MEC e acelerar o ritmo de sua implementação.

⁷⁶ Em 1985, por pressão de educadores e alguns setores do Movimento Negro foi aprovada a inclusão de uma disciplina voltada para a história e cultura africanas na parte diversificada do currículo do 1º. Grau das escolas oficiais do Estado da Bahia. No entanto, a maior parte dos projetos educativos de caráter anti-racista são desenvolvidos por grupos culturais, como os blocos afro (Ilê Aiyê e Olodum) e os terreiros de candomblé (Ilê Axé Opô Afonjá e Ilê Axé Jitolú).

Em São Paulo, particularmente, no período de 1984 a 1986⁷⁷, a Comissão de Educação do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo⁷⁸ desenvolveu projetos de intervenção anti-racista junto à Secretaria de Educação e às escolas da rede municipal e estadual, quais sejam: a) o projeto piloto “Salve Zumbi dos Palmares”⁷⁹, texto enviado a uma escola do interior e à algumas escolas da zona leste de São Paulo, resultando num diagnóstico sobre como a escola pensava a problemática racial; b) a revisão curricular da Secretaria Municipal de Educação, que possibilitou “dar novo enfoque à história do negro dentro do currículo”⁸⁰; c) a inclusão no calendário escolar do dia 13 de Maio como um dia de Debate e Denúncia Contra o Racismo; d) o projeto “Salve 13 de Maio?”⁸¹, “a primeira intervenção no programa oficial da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo”, dá início ao debate sobre relações raciais nas escolas da rede estadual(OLIVEIRA, 1992).

Para desenvolver o “Salve 13 de Maio?”, o jornal com o mesmo título do projeto foi encaminhado para as 5.000 escolas que compunham a rede estadual no ano de 1986 e

⁷⁷ No ano de 1986 é criado o Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros da Secretaria da Educação (GAAT) de São Paulo, que atua junto à Comissão no desenvolvimento do projeto “Salve 13 de Maio?”.

⁷⁸ Segundo Rachel de Oliveira (1992), naquela época coordenadora desta Comissão, essa era constituída por professores da rede escolar paulista, com formação de 2º. Grau e/ou no ensino superior, a maioria militantes do Movimento Negro, e nenhum especialista em educação ou na questão racial, por isso foi preciso aprofundar os estudos nestas duas áreas, através de grupos de estudos, de participação nas associações de classe (dos professores) e no próprio movimento negro.

⁷⁹ O texto discutia: “como veio o negro para o Brasil e se tornou escravo; como era o transporte dos escravos; a resistência do povo negro; o que eram os quilombos; o que foi o quilombo dos Palmares; como se chegou a 13 de maio; e após 13 de maio, como ficou o negro liberto? Pretendia-se desmistificar a idéia de democracia racial e dar novo enfoque ao negro no processo de organização da sociedade brasileira”. Ao final do texto havia 6 perguntas (o que a escola conhecia sobre a história do negro; sua opinião sobre o próprio negro; quais os negros conhecidos pela população escolar; quais os direitos dos negros que deveriam ser reclamados na Constituinte) que poderiam ser respondidas por qualquer um dos membros da comunidade escolar. As respostas dos professores e dos alunos foram analisadas por dois sociólogos da Comissão, e serviram como parâmetro para saber como a escola pensava a questão racial (OLIVEIRA, 1992, p.37).

⁸⁰ Do trabalho conjunto entre a Comissão e a Secretaria Municipal de Educação resultou a revisão do currículo escolar e a elaboração de um “caderno-programa” para cada disciplina que compõe a grade curricular de cada série. Esse “caderno” traz os conteúdos sobre “a questão do negro, do índio e, de forma geral, sobre as desigualdades sociais”, adaptados às disciplinas, como é o caso de História e Geografia. Com relação à “questão do negro”, em linhas gerais, são abordados os seguintes temas: reconhecimento pelos alunos de sua origem étnica, e de sua família; trabalho com as diferenças étnicas existentes na classe; situação do negro no passado e no presente; o negro como escravizado e não como escravo, trazido forçadamente da África; resistência do negro à escravidão e formas de luta; quilombos como forma de resistência à escravidão; localização no continente africano dos grupos negros que vieram para o Brasil; vida do negro na África; marginalização do negro no pós-abolição; etc. (OLIVEIRA, 1992)

⁸¹ O Projeto foi coordenado pela Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional (ATPCE), órgão central da Secretaria de Educação, e desenvolvido pela Comissão e pelo Grupo de Trabalho. O jornal “Salve 13 de Maio?” foi elaborado por uma historiadora e uma socióloga, contratadas pela ATPCE, e por dois membros da Comissão (um professor e uma pedagoga) (OLIVEIRA, 1992).

serviria como base para as atividades a serem desenvolvidas pelas escolas. O conteúdo do Jornal apresentava os seguintes aspectos:

[...] de onde vieram nossos descendentes negros; como o negro foi trazido para o Brasil na condição de escravo; como era o transporte de escravos; o que eram os quilombos; e como se chegou a 13 de Maio. Dentro desses tópicos, enfatizavam-se fatos omitidos pela história oficial como, por exemplo, a resistência do negro e suas formas de organização desde o período de escravidão até informações atuais sobre o movimento negro (OLIVEIRA, 1992, p.50).

Com o jornal seguiram algumas perguntas, que foram respondidas por 3.000 escolas.

“1) a partir dos trabalhos desenvolvidos pela escola, onde se poderia observar ocorrência de discriminação racial; 2) com base na avaliação dos trabalhos já mencionados, quais as propostas que a escola teria para colaborar na solução; 3) outras observações” (idem).

As respostas, com base nas atividades desenvolvidas pelas escolas contra o racismo, foram reenviadas à Comissão em forma de relatórios e analisadas, resultando num relatório⁸², aberto à consulta tanto aos membros da comunidade escolar como às demais pessoas interessadas. A partir da análise constataram-se as dificuldades do professor em organizar atividades e abordar a “questão racial”. Apesar de algumas experiências poderem ser consideradas adequadas, outras tantas se mostraram equivocadas, em especial no trato com as crianças negras.

Na 2ª. edição do jornal “Salve 13 de Maio?”, no ano de 1987, a metodologia e o conteúdo do jornal foram mudados:

Foi elaborado um texto específico para alunos do ciclo básico, 3ª. e 4ª. Séries, com o objetivo de mostrar que a população do Brasil é composta de várias etnias e todas contribuem igualmente para o desenvolvimento da nação. Para as 5ª. e 6ª. Séries, o objetivo era mostrar como o racismo se apresenta numa situação cotidiana e como é importante o cidadão reagir para preservar sua dignidade. Nas 7ª e 8ª. Séries, o objetivo era discutir os aspectos históricos, sócio-econômicos, culturais e psicológicos do racismo no Brasil. Para cada texto eram sugeridas atividades tais como: debate, pesquisa, trabalhos em grupo, desenhos, interpretação do texto por escrito, dramatização e observação da ocorrência da situação do

⁸² Ver Anexo 11 (OLIVEIRA, 1992).

racismo em sala de aula. Ao final desses textos foi incluído como tema de reflexão a seguinte questão: “Criança negra na escola. De acordo com o censo de 1980, em São Paulo, as crianças brancas das classes menos favorecidas têm em média 5 anos de escolaridade, enquanto as crianças negras, pertencentes às mesmas classes, ficam na escola menos de 3 anos. Na sua opinião, qual é o motivo?” (OLIVEIRA, 1992, p.54).

As respostas às atividades e pergunta propostas foram devolvidas ao Grupo de Trabalho Para Assuntos Afro-Brasileiros, totalizando 1.352 relatórios, entre os quais 843 respondem a questão sobre a criança negra na escola. A análise desse material foi sistematizada em Oliveira (1992).

O projeto “Salve 13 de Maio?” terminou em 1988, Centenário da Abolição, ano em que foi publicada uma revista com o mesmo título, material de subsídio às escolas, contendo artigos de historiadores e professores de escolas públicas militantes do movimento negro (OLIVEIRA, 1992).

Esse projeto deflagrou o debate sobre a problemática racial nas escolas participantes e em outros espaços sociais, quebrando parte do silêncio sobre a existência do racismo e suas implicações. No entanto, não houve o acompanhamento do pós-projeto, ou seja, da continuidade ou não das práticas anti-racistas desenvolvidas pelos professores e se desenvolvidas como o foram, o que torna difícil dimensionar seus avanços e seus limites.

Oliveira (2001) desenvolveu uma “proposta de intervenção político-pedagógica, que inclui a formação e a pesquisa” junto a um grupo de professoras de uma das escolas da zona sul da cidade de São Paulo, objetivando a formação para o conhecimento e para o tratamento das questões relacionadas à discriminação e a pesquisa sobre:

[...] como se desenrola e se desdobra o processo formativo de professores que buscam estratégias para combater preconceitos e discriminações, a partir da tentativa da elaboração de materiais didáticos (p 78).

No início do processo de formação houve certa resistência por parte das professoras com relação à complexidade dos textos, o que exigiu leituras mais simples e textos mais curtos. As professoras preferiam compartilhar problemas cotidianos com a discriminação e, sobretudo, com o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Para elas, se possível, seria ter um manual de instruções sobre como detectar e combater o racismo e a discriminação. Por falta do manual, decidiu-se por articular as experiências aos principais

aspectos abordados nos textos, como forma de dar maior sustentação à formação, pois para superar o preconceito é preciso “entender a origem política e ideológica dos fatos e saber detectar os mecanismos de produção” (OLIVEIRA, 2001, p.103). Ao longo desse processo, a troca de experiências, a busca por formas de desenvolver a questão étnico-racial na sala de aula, fez com que as professoras se interessassem em conhecer e ler outras bibliografias, para além dos textos indicados.

Como parte da formação, as professoras desenvolveram alguns trabalhos sobre as questões que envolvem a discriminação e os produtos desses trabalhos (questionários, cartazes, vídeos, peça de teatro, etc.) foram expostos à comunidade escolar e disponibilizados para a pesquisadora, que, a partir deles, realizou a análise sistematizada em Oliveira (2001), a qual não parece ter sido satisfatória. Diz ela:

[...] quando observei o conjunto das produções, tive a impressão de que o processo de formação não proporcionou condições para que as participantes percebessem a origem e os efeitos do preconceito. Talvez porque o grupo teve dificuldade de se desinstalar, sair do seu campo de visão, do seu modo específico de produzir e transmitir conhecimentos. E, assim, ao orientar seus alunos as professoras não trataram o preconceito e a discriminação como questões de cunho político, estrutural e conjuntural, na forma em que esses fenômenos se revelam no cotidiano (p.121).

Apesar da não percepção da “origem e dos efeitos do preconceito”, a autora considera que as professoras se tornaram mais sensíveis às situações de discriminação, em especial na escola e na sala de aula, e dispostas a intervir, no entanto:

Reconhecer a ação do preconceito, como se manifestaram algumas professoras, não implica necessariamente entender que elas farão intervenções mais profundas ou que já estão preparadas para tal. Mas, já as coloca em disposição de caminhar para o processo de intervenção, já que agora estão capacitadas para reconhecê-lo e vêem o que antes não enxergavam (p.135).

Com isso, ela conclui:

Essa experiência mostrou que o processo de formação pôde instrumentalizá-las para o reconhecimento de certos mecanismos, mas foi insuficiente, ou mostrou-se insuficiente naquele momento, dadas as condições e a forma como foi processado, para torná-las “hábeis” no

enfrentamento do preconceito. Entretanto, aquelas professoras deram o primeiro passo rumo à construção do conhecimento para a superação do preconceito... (p.136).

Esperava-se dar continuidade à “intervenção, formação e pesquisa” com a produção de material didático, no entanto, as professoras não se mostraram dispostas a continuar.

Mais recentemente, no contexto da Lei 10.639/03, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (NEAB/UFSCAR), em parceria com o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, desenvolveu o programa *São Paulo Educando pela Diferença para a Igualdade*, com o objetivo de:

[...] desenvolver ações de formação continuada por meio de curso para professores/as do ensino fundamental (ciclo I) e ensino médio, com ênfase nas diversidades em geral e, em especial, na diversidade étnico-racial⁸³.

O programa foi implementado junto às Diretorias de Ensino que compõem a rede estadual de educação, no período de 2004 a 2006, e envolveu professores do ensino fundamental de 1ª. a 4ª. Série (Ciclo I) e do ensino médio. Para cada Diretoria foram selecionados oitenta (80) professores e, posteriormente, divididos em dois grupos (um no período da manhã e o outro à tarde). No caso do ensino médio, deu-se preferência aos professores que atuam nas disciplinas de Língua Portuguesa, História e Educação Artística. Esses professores devem atuar como multiplicadores, em suas escolas de origem.

Composto por dois módulos de 40 horas⁸⁴, que incluem a parte presencial (15 horas) e a não-presencial (9 horas de videoconferências e 16 horas de atividades de pesquisa e estudos dirigidos, sob a orientação dos monitores⁸⁵) o curso visou: sensibilizar os professores quanto à questão étnico-racial, buscando a compreensão e a reflexão sobre os processos discriminatórios ocorridos na escola, em especial na sala de aula, bem como, na sociedade em geral; aprofundar o conhecimento sobre a história e cultura afro-brasileira e da África, pouco conhecido ou desconhecido; construir com os professores atividades

⁸³ <http://www.ufscar.br/~neab>. Acesso em 20/01/2008.

⁸⁴ O curso totaliza 80 horas, com aproximadamente dois meses de duração, sendo 30 horas presenciais e 50 horas não presenciais.

⁸⁵ Mestrandos, mestres, doutorandos e doutores pesquisadores das relações raciais, em sua maioria, nas áreas de Sociologia, Antropologia, História, Educação.

educativas e pedagógicas para o enfrentamento da discriminação; e contribuir para a construção de uma outra perspectiva que enfrente e acolha as diferenças.

O curso contou com o apoio de um material previamente elaborado por pesquisadores das relações raciais e da educação, sob a forma de apostilas (para os professores do ensino fundamental e para os do ensino médio), que contêm: textos de fácil leitura e sobre os mais variados temas (conceitos básicos sobre a temática racial; educação e diversidade; livro didático, literatura e as representações do negro; diversidade cultural e currículo; juventude, ensino médio e diversidade; aspectos da história africana; etc.); indicações de outras leituras, filmes (sessão *Leia Mais e Para Ver*), músicas, *sites* e outras informações que contribuam com sua formação; propostas de atividades a serem realizadas pelos professores nos encontros presenciais do curso, e na sala de aula com seus alunos.

Na parte não-presencial do curso, os professores participaram das videoconferências sobre os temas gerais e geradores da grande temática. Realizaram atividades de pesquisa (exemplo, identificação das situações de discriminação nas relações cotidianas, na própria escola, na família, nos círculos de amizade; o tratamento da diversidade étnico-racial nas novelas, filmes, imagens gráficas, jornais, propagandas, livros na escola, literatura, aos quais os professores têm acesso, etc.) e estudos dirigidos (leitura dos textos da apostila e desenvolvimento das atividades propostas). Na parte presencial, mediada pelos monitores, eles trocaram experiências; discutiram os textos e as atividades propostas nas apostilas. Ao longo do curso, os professores deveriam construir e desenvolver uma proposta de trabalho para a sala de aula na temática diversidade étnico-racial.

As experiências de formação de professores para a reeducação das relações étnico-raciais e para o conhecimento sobre a história e cultura afro-brasileira e africana desenvolvidas no Estado de São Paulo, de forma a abranger a rede estadual de ensino ou tratar isoladamente uma escola ou outra, expostas aqui - “Salve 13 de Maio?”, “proposta de intervenção político-pedagógica, de formação e de pesquisa”, e “São Paulo Educando pela Diferença para a Igualdade” -, que certamente não são as únicas, apresentam aspectos comuns mesmo no interior de suas especificidades.

No que diz respeito aos seus alcances e limites, as três experiências de formação alcançaram o objetivo de sensibilizar os professores quanto à existência e às conseqüências

do racismo, do preconceito e da discriminação étnico-racial, tanto no interior das escolas quanto da sociedade mais ampla.

Elas ainda conseguiram instrumentalizar os professores com alguns conhecimentos necessários e possíveis, dado o reduzido tempo que geralmente caracteriza a formação continuada (no caso do programa *São Paulo Educando pela Diferença para a Igualdade* 80 horas, sendo 30 horas presenciais e 50 horas não presenciais), relacionados à temática étnico-racial. Vale destacar que, na tentativa de compensar esse limitado tempo, foram deixadas informações sobre livros, filmes, *sites* e outros materiais. No entanto, basta saber se esse material é acessado pelos professores no momento pós-formação, assim como é preciso saber se as propostas de trabalho com a questão étnico-racial elaboradas e desenvolvidas, durante o processo de formação, têm continuidade após o término do curso e, se continuam ou são renovadas, serão adequadas?

Cabe, em futuros trabalhos, investigar os impactos deste tipo de formação, neste caso a promovida pelo Programa *São Paulo Educando pela Diferença para a Igualdade*, na escola e, em especial, na prática docente dos (as) professores (as) que participaram da formação e daqueles que não tiveram contato com ela.

A sensibilização somada à instrumentalização, que denota aquisição de conhecimentos e habilidades (capacitação), também permitiu que os professores adquirissem uma maior percepção das situações de discriminação processadas nas relações intra-escolares, seja entre os alunos, seja entre alunos e professores, ou extra-escolares.

Apesar de se mostrarem um primeiro e importante passo na extensa caminhada rumo à construção do conhecimento para a possível superação do racismo, preconceito e discriminação racial, sensibilização, percepção e capacitação, apenas, são suficientes para gerar nos professores a disposição para praticar a reeducação das relações étnico-raciais e desconstrução de visões de mundo racistas?

Segundo Garcia (1999),

[...] as disposições são tendências para agir num contexto particular, que não devem ser confundidas com as destrezas ou habilidades. Pode acontecer que um professor domine uma destreza, mas que não tenha disposição para a utilizar (p.81).

Isto posto, para esse autor, é necessário desenvolver nos professores, desde a formação inicial, uma disposição favorável face à diversidade cultural, bem como “estimular atitudes de abertura, reflexão, tolerância, aceitação e proteção das diferenças individuais e grupais: de gênero, raça, classe social, etc.” (p.92). Para isso, os professores devem adquirir amplos conhecimentos, competências, habilidades e, sobretudo, “tomar consciência de si mesmos, das suas origens e preconceitos culturais e sociais” (p.94).

Logo, para além dos conhecimentos, competências e habilidades, existe algo mais: crenças, valores, representações, visões de mundo, atitudes, comportamentos que os professores já trazem consigo quando iniciam sua formação. Diante da “bagagem cultural” que já traz o professor, defende-se que a formação docente, a começar pela formação inicial, lhe proporcione situações que possibilitem a reflexão e a tomada de consciência de suas concepções e práticas discriminatórias em relação às diferenças (GARCIA, 1998).

Vieira (1999) também defende que a formação de professores não deva ser apenas pedagógica, mas também cultural, e que a reflexão autobiográfica é primordial para que os professores questionem e, assim, transformem suas idéias, condutas e práticas face à diversidade cultural.

[...] há que disciplinar um pouco menos a formação de professores para agir com a diversidade cultural e apostar mais na reflexão autobiográfica, comparativamente depois com outras histórias de vida, para uma “auto-aprendizagem” e como contributo para a construção de pessoas e professores capazes de agir interculturalmente (p.364).

Diferentemente de Garcia (1998; 1999), ele propõe a análise das histórias de vida dos professores da infância à adultez, o que permite entender por que alguns professores já trazem consigo uma disposição para o trato da diversidade cultural e outros não, e como essa disposição é construída no decorrer de suas trajetórias de vida. Ela não resulta, portanto, apenas da formação, mas das demais experiências vividas e do como foram vividas e interpretadas pela pessoa que é o professor, e vice-versa.

Silva (2003), que toma Vieira (1996; 1999) como referência, constata a importância da reconstrução das trajetórias de vida da infância à maturidade, nesse caso das professoras negras araraquenses, para a compreensão da postura e da prática docente transformadora e/ou reprodutora das “relações raciais” tal como processadas na sociedade brasileira e, em especial, na escola. Ainda, para a possibilidade de ressignificação e de redimensionamento,

por essas professoras, de representações, condutas e práticas docentes com a questão étnico-racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender as visões de ex-alunos acerca de três professoras negras araraquarenses e suas práticas docentes com a questão étnico-racial, e, ao mesmo tempo, sobre as “relações raciais” no Brasil e o papel da escola no combate ao racismo.

A compreensão dessas visões na relação com o contexto da situação étnico-racial brasileira, processada tanto na sociedade mais ampla como na escola, espaços nos quais elas estão inseridas e são construídas, partiu do pressuposto de que o pensamento é sócio-historicamente determinado/condicionado, ou melhor, é relativamente autônomo, já que não somos meramente condicionados pelo contexto à nossa volta, mas também aqueles que o modela.

Na relação estabelecida entre os ex-alunos, homens e mulheres, de diferentes idades e meios sociais, negros e não-negros, e o contexto da situação étnico-racial, esse contexto se impõe a eles, determinando/condicionando suas visões de mundo. Isso ocorre a partir das ideologias que perpassam a estrutura e o imaginário social na tentativa de manter a situação étnico-racial tal como instituída, caracterizada pelo racismo, pela discriminação, exclusão e desigualdade entre negros e brancos, quanto das utopias que apontam para a possibilidade de transformar essa situação. No entanto, ao mesmo tempo, na experiência vivida e observada, os ex-alunos significam e interpretam a vida assim como ela é por eles vivida, por intermédio da cultura, resultando em visões de mundo relativamente autônomas.

Para a contextualização da situação étnico-racial tomou-se como referência as visões sobre as “relações raciais” no Brasil sistematizadas nas produções acadêmicas dos pesquisadores brasileiros e brasilianistas e as que pertencem aos próprios ex-alunos. A partir de suas experiências de vida, eles expressam as suas interpretações sobre as relações étnico-raciais operantes na sociedade brasileira e em Araraquara.

Nesse mesmo processo, foi possível contextualizar a situação étnico-racial presente no interior da escola e da sala de aula. Para além das visões sistematizadas pelos pesquisadores das relações étnico-raciais estabelecidas entre os alunos e entre eles e seus professores, as visões dos ex-alunos acerca do contato e do estranhamento diante da presença da professora negra informam sobre a situação étnico-racial na escola e, ao

mesmo tempo, podem ser compreendidas a partir dela. Até mesmo quando expressam suas interpretações sobre o papel da escola na reafirmação e no combate ao racismo, sem desconsiderar semelhante papel à família e à mídia, em particular à televisão.

Do “olhar” lançado pelos ex-alunos em direção à escola e à professora negra emergem as visões sobre a prática docente com a questão étnico-racial das professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha. Nesse momento, as visões dos ex-alunos se encontram com as representações das professoras acerca das próprias práticas, tal como analisadas em Silva (2003), o que torna possível compreender a propriedade, o alcance e o limite da prática de cada uma delas no tocante a questão étnico-racial.

As visões dos ex-alunos sobre a professora negra e sua prática docente com a questão étnico-racial fecham, portanto, o círculo da relação docente/discente iniciada no trabalho anterior (SILVA, 2003). Nele, buscou-se compreender a postura transformadora e/ou reprodutora das “relações raciais” socialmente instituídas assumida pelas três professoras negras araraquenses diante do tratamento da “questão racial”, a partir de suas trajetórias de vida (da infância à adultez), reconstruídas através da memória e das representações das próprias professoras acerca de suas experiências pessoais e profissionais.

As diferentes posturas docentes adotadas por elas, aquela que tende à transformação das “relações raciais” tal como instituídas pela sociedade brasileira (e araraquense), aquela que reproduz essas mesmas relações e aquela que ora as transforma e ora as reproduz, decorrem do como cada professora interpretou e significou, principalmente, as experiências vividas com a discriminação racial, como alunas e profissionais da educação, ao longo de suas trajetórias de vida.

O trabalho com as professoras Nazaré, Aparecida e Terezinha, a partir da análise de suas trajetórias de vida (da infância à adultez) possibilitou compreender, portanto, o processo através do qual elas se descobrem mulheres, negras e professoras. Ainda, a construção de suas diferentes representações acerca das “relações raciais” experimentadas com seus alunos e demais sujeitos presentes no universo da escola, dos diferentes graus de envolvimento e de percepção da “questão racial” e, conseqüentemente, das diferentes posturas e práticas docentes adotadas diante dessa questão.

Já o trabalho com os ex-alunos permite compreender suas “visões de mundo” na relação estabelecida com o contexto da situação étnico-racial processada na sociedade mais ampla e na escola, no momento em que, no processo de construção dessas visões, esse contexto exerce certa influência sobre elas. Essa influência pode ser percebida na relação existente entre a dimensão ideológica e/ou utópica de muitas dessas visões de mundo, que ora parecem defender a manutenção da ordem étnico-racial predominante na sociedade brasileira, ora sua transformação, e as ideologias e utopias que perpassam a estrutura social e a “consciência coletiva”.

Embora não investigadas, as trajetórias de vida dos ex-alunos, desde a infância até a vida adulta, também detêm um importante papel no processo de construção de suas visões de mundo.

Como propôs Vieira (1996; 1999) e constatou Silva (2003), a história ou a trajetória de vida do professor, que também é uma pessoa, bem como a do aluno, é o ponto de partida para se conhecer o processo de construção de posturas, representações e práticas diante da diversidade humana, e, a partir desse conhecimento, também se torna matéria-prima para sua desconstrução.

Assim como sugeriu Mannheim (1986a; 1986b) e atesta este trabalho, a compreensão do processo de construção das “visões de mundo” na relação com o contexto de uma situação sócio-histórico específica também representa a possibilidade de sua desconstrução, a partir do momento em que se demonstra a influência da vida social sobre o homem ou a “dependência do pensamento sobre a realidade social” (1986b, p. 42).

Logo, o encontro entre as visões dos ex-alunos e as representações das professoras negras araraquarenses não só fecha a relação docente/discente, mas também constata a necessidade de tomar a relação sujeito, trajetória de vida e contexto de uma situação sócio-histórica específica como matéria-prima para pensar a educação e o processo de formação de professores. Educação e formação voltadas para o tratamento da diversidade cultural, ou seja, para o reconhecimento e valorização das diferenças (de raça/etnia, gênero, etc.), e, com isso, para a promoção da igualdade nas relações entre sujeitos socioculturais.

No tocante à formação de professores para a reeducação das relações étnico-raciais, parte-se do pressuposto de que ela pode promover situações que possibilitem a relação dos

sujeitos socioculturais, professores e alunos, com suas histórias ou trajetórias de vida e com o contexto da situação étnico-racial predominante na sociedade brasileira e na escola.

Dessa relação poderá emergir o conhecimento sobre o processo de construção de representações e mentalidades racistas e não-racistas, construídas a partir dos sentidos e significados atribuídos às experiências vividas ao longo das trajetórias de vida, bem como às ideologias e utopias que constituem o contexto da situação étnico-racial.

Dela também poderá surgir a possibilidade de desconstrução de visões racistas, por meio da reflexão sobre a trajetória de vida e da aquisição do conhecimento sobre as origens das ideologias baseadas no racismo e de todo o processo sócio-histórico que leva à desigualdade entre negros e brancos, à omissão da história e cultura afro-brasileira e africana, aos valores, crenças e atitudes que não reconhecem e não valorizam as diferenças, em especial, a étnico-racial. A partir dela, há a possibilidade de se colocar em prática, de forma efetiva, as utopias que almejam a transformação da realidade étnico-racial em curso na sociedade brasileira.

Do que pensam professores e alunos sobre relações e práticas sociais, pessoais e profissionais podem emergir, portanto, os programas de formação de professores voltados para o trato da diversidade cultural, em especial da diferença étnico-racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Vieira de. **Tá na rua**: representações da prática dos educadores de rua. São Paulo: Xamã, 2001.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1984.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru (SP): EDUSC, 1998.

_____. O protesto político negro em São Paulo – 1888-1988. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 21, pp. 27-48, dez.1991.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARAÚJO, Joel Zito. Identidade racial e estereótipos sobre o negro na TV brasileira. *In*: HUNTLEY, Lynn; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Tirando a máscara**: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Dilemas do Brasil moderno: a questão racial na obra de Florestan Fernandes. *In*: MAIO, Marcos Chor (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Anti-racismo e seus paradoxos**: reflexões sobre cota racial, raça e racismo. São Paulo: Annablume, 2004.

BACELAR, Jéferson. **Etnicidade. Ser negro em Salvador**. Salvador (BA): Ianamá, 1989.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A Queiroz, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. **Identidade e Etnia – Construção da Pessoa e Resistência Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 003/2004. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Direitos Humanos. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH II)**, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais (terceiro e quarto ciclos): apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam (coords.). **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade**. Brasília (DF): UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CONSORTE, Josildeth Gomes. Culturalismo e educação nos anos 50: o desafio da diversidade. **Cadernos CEDES**, v. 18. n. 43, Campinas, dez. 1997, pp.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo (Prefácio). *In*: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. **Tempo Social**. São Paulo, 13 (1): 143-158, maio/2001.

CUNHA, Célio da. **Educação e autoritarismo no Estado Novo**. 2ª. ed. São Paulo: Cortes, 1989.

DAMASCENO, Caetana Maria. “Em casa de enforcado não se fala em corda”: notas sobre a construção social da “boa” aparência no Brasil. *In*: HUNTLEY, Lynn; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DAMATTA, Roberto. “Digressão: a fábula das três raças, ou problema do racismo à brasileira”. *In*: **Relativizando** – uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. *In*: **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 5ª. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1968 [Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz].

EAGLETON, Terry. **A ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental**. *In*: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. São Paulo: Contraponto, 1996.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras**: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 3^a. ed, 2 vols., 1978.

FONSECA, Marcus Vinícius. A arte de construir o invisível: o negro e a historiografia educacional brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.13, jan/abr.2007.

FORACCHI, Marialice M. (org.). **Karl Mannheim**: sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRY, Peter. O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a “política racial” no Brasil. *Revista USP*. São Paulo, n. 28, p.122-135, dez/fev/95/96.

GARCIA, Carlos Marcelo. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 9, set/out/nov/dez. 1998, p.51-75.

_____. **Formação de professores - Para uma mudança educativa**. Porto (Portugal): Porto Editora, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005 (Coleção Educação para Todos).

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. São Paulo. **Educação e Pesquisa**, v.29, n. 1, jan/jun.2003.

_____. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Maza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. (orgs.). O desafio da diversidade. *In: Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2002.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, set/out/nov/dez.2000.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Negros e educação no Brasil. *In: LOPES, Eliane M. Teixeira et al (orgs.). 500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **O Silêncio, um Ritual Pedagógico em Favor da Discriminação Racial**. Belo Horizonte, Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação/ UFMG, 1985.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Desigualdades raciais em novo regime de estado: as ações afirmativas no governo Lula**. XXVII Congresso Internacional da LASA. Painel DEM014, 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia>. Acesso em: 20/02/2008.

_____. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. V.29. n.1. p.93-107, jan/jun 2003.

_____. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. A desigualdade que anula a desigualdade: notas sobre a ação afirmativa no Brasil. In: SOUZA, Jessé (org.) *et al.* **Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil – Estados Unidos**. Brasília: Paralelo 15, 1997, pp.233-242.

_____. Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960. In: MAIO, Marcos Chor (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: origens de um diálogo. In: Antropologia e Educação. Interfaces do Ensino e da Pesquisa. **Cadernos Cedex**. Campinas, n. 43, dez.1997, p. 8-25.

_____. Linguagem, Cultura e Alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa**, n. 107, p.41-78, junho/1999.

_____. **A noção de cultura e seus desafios**. Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática (Atas). São Paulo. FE/USP, 2000.

_____. **Os filhos da África em Portugal** – antropologia, multiculturalidade e educação. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. O negro nas vésperas do centenário. **Estudos Afro-Asiáticos**, no. 13, 1987.

_____. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, Marcos Chor (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

_____. O negro no Rio de Janeiro: revisitando o Projeto Unesco. In: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle; LIMA, Márcia. **Cor e estratificação social**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

ITURRA, Raul. O processo educativo: ensino ou aprendizagem? **Educação, Sociedade e Culturas**, n.º 1, p.20-50, 1994.

_____. O jogo e a experimentação pessoal na infância: uma hipótese exploratória. **Revista Portuguesa de pedagogia**, ano XXVI, n.º 3, p. 493-501, 1992.

JACCOUD, Luciana de Barros; BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental**. Brasília (DF): Ipea, 2002.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 9ª.ed.São Paulo: Cortez, 2007.
_____. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MAGGIE, Yvonne; FRY, Peter. A reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras. **Estudos Avançados** 18 (50), 2004.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.14, n. 41, out.1999.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986a.
_____. **Sociologia do Conhecimento**. Vol. I. Porto: Rés Editora, 1986b.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MAUÉS, Maria Angélica Motta. Da 'branca senhora' ao 'negro herói': a trajetória de um discurso racial. **Estudos Afro-Asiáticos**, (21): 119-129, dez.1991.

MEILLASSOUX, Claude. **Antropologia da Escravidão: o ventre de ferro e o dinheiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida n 3º. Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB/RJ, 05/11/03.

NASCIMENTO, Abdias. **Combate ao racismo: discursos, pronunciamentos e projetos apresentados pelo Deputado Abdias do Nascimento**. Brasília (DF): Câmara dos Deputados, 1983.

NASCIMENTO, Abdias do; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997. In: HUNTLEY, Lynn; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. In: **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. São Paulo: T.A Queiroz, 1985.

NUNES, Clarice. As políticas públicas da educação de Gustavo Capanema no governo Vargas. In: BOMENY, Helena (org.). **Constelação Capanema: intelectuais e políticas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. (Co-edição Universidade São Francisco).

OLIVEIRA, Rachel de. **Relações raciais na escola: uma experiência de intervenção**. São Paulo, Dissertação (Mestrado), PUC/SP, 1992.

_____. **Preconceitos, discriminações e formação de professores** – do processo alcançado. São Carlos (SP), Tese (Doutorado), UFSCAR, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, v. 39, n.º 1, 1996.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Infância, televisão e publicidade. São Paulo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, pp. 235-264, março/2002.

PINTO, Regina Pahim. Diferenças étnico-raciais e formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, n.108, p.199-231, nov/1999.

_____. **Movimento negro em São Paulo: luta e identidade**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1994.

_____. Movimento negro e etnicidade. **Estudos Afro-Asiáticos**, (19): 109-123, 1990.

PORCARO, Rosa Maria *et al.* **O lugar do negro na força de trabalho**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius B. da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan/jun.2003.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In*: Nóvoa, Antonio (org.). **Profissão professor**. Porto: Porto, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma pedagogia do conflito. *In*: SILVA, Luiz H. *et. al* (orgs.). **Novos mapas culturais. Novas Perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulinas, 1996.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília (UNB), 2007.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. São Paulo. **Tempo Social**, v.17, n.2, 2005.

SILVA, Consuelo D. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SILVA, Eva Aparecida da. Presença e experiência da mulher negra professora em Araraquara/SP. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. **Dissertação de Mestrado**, 2003.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das Africanidades Brasileiras. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SOUZA, Ana Lúcia Silva e; CROSO, Camila (coords.). **Igualdade das relações étnico-raciais na escola**: possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10.639/2003. São Paulo: Petrópolis: Ação Educativa, Ceafro e Ceert, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003

TENÓRIO, Valquíria Pereira. **Baile do Carmo**: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara. Araraquara (SP), Dissertação (Mestrado), Sociologia/UNESP, 2005.

THOMAZ, Omar Ribeiro. A Antropologia e o mundo contemporâneo: cultura e diversidade. In: SILVA, Aracy L.; GRUPIONI, Luis Donizete B. (orgs.). **A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º. e 2º grau**. Brasília (DF): MEC/MARI/UNESCO, 1995.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIEIRA, Ricardo. “Mentalidades, escola e pedagogia intercultural”. **Educação, Sociedade & Culturas**, n.º 4, p. 127-147, 1995.

_____. “Da infância à adultez: o reconhecimento da diversidade e a aprendizagem da interculturalidade”. In: ITURRA, Raul (org.). O saber das crianças. **Cadernos ICE**, 3, Instituto das Comunidades educativas, Setúbal, 1996.

_____. “Da Multiculturalidade à Educação Intercultural: a Antropologia da Educação na Formação de professores”. **Educação, Sociedades & Culturas**, n.12, p. 123-162, 1999.

_____. **Histórias de Vida e Identidade**. Professores e Interculturalidade. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

WELLER, Wivian; BOHNSACK, Ralf. O método documentário e sua utilização em grupos de discussão. **Educação em foco**. Juiz de Fora (MG), v.11, n.1, p.19-37, mar/ago. 2006.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n.2, p.241-260, maio/ago.2006.

_____. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, n.13, p.260-300, jan./ju.2005.

_____. **Hip Hop em São Paulo e Berlim: orientações político-culturais de jovens negros e jovens de origem turca**. II Seminário Internacional Educação

Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais. www.rizoma.ufsc.br/pdfs/211. Acesso em: 15/03/2008.

_____. *et. al.* Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. **Sociedade e Estado**. Brasília (DF), v.17, n.2, p.375-396, jul/dez.2002.

ANEXO A

ORGANIZAÇÃO DOS RELATOS ORAIS POR TEMAS

IMPACTO/ESTRANHAMENTO DIANTE DA PRESENÇA DA PROFESSORA NEGRA

Teve bastante impacto porque não tem nenhum professor, profissionais, quando tem é muito raro, então tinha muita brincadeira, só que ela conseguiu mostrar a pessoa, o profissional dela, levou um tempo, e nesse tempo tinha muita brincadeira: “Ah, vai ter aula com a macaca, tinha que ser aula de Ciências e não Geografia”, por que era Geografia e História, também teve OSPB, logo veio a mudança e não tivemos mais. Então brincadeiras desse tipo, brincadeiras de relação, de estereotipagem. Era no núcleo de alunos, ela não tinha...se tinha conhecimento ela era muito discreta, sabia muito bem contornar, não deixava transparecer, porque hoje, eu estando na posição que ela ta, de professora, eu sei que se a gente deixa transparecer o quanto a agente dá força, reforça esse comportamento. Então tinha muita brincadeira, não levavam a sério, tanto quanto levavam outros professores. Até era engraçado porque ela era muito melhor que os outros professores que a gente tinha. Se ela ficou sabendo das brincadeiras, ela sabia muito bem contornar e prosseguir, porque na sala não tinha brincadeira, era mais quando ela não estava, justamente pela imaturidade, pelo desconhecimento, por não ter [professores (as) negros (as) pela imagem do professor, porque conviver com negro todo mundo convive, todo mundo tem um tio, um primo, um vizinho, ou é, então acho que é pela presença mesmo, por não representar aquela autoridade de professor, porque professor na época que eu estudava era aquele ser supremo, e de repente ser um professor negro põe em pé de igualdade...Eu fui alfabetizada com cartilha, a Caminho Suave, e tinha a Zazá, que era a negra que fazia...era a empregada, fazia serviços subalternos. E a maioria que estava na 8ª. série foi alfabetizado com essa Cartilha e de repente vem a Zazá ser a professora. (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra)

[...] a classe, sempre saia brincadeiras, os outros falavam, mas eu nunca falei. Por exemplo, quando ela vinha chegando “ah, lá vem aquela nega”...comigo nunca aconteceu. Ela nunca chegou a ouvir, na frente ninguém fala. Quando ela faltava, vinha substituta sempre saía “ah, aquela nega não veio hoje, a gente vai sair mais cedo”. Eu nunca falei isso. (Fernando, ex-aluno da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, branco)

O primeiro dia de aula é o pior que existe. Na parte de cor não, pela expressão, porque tem professor que já é meio sarrista, ela já era mais séria, no primeiro momento lógico. Pra mim foi normal, geralmente a gente ta mais acostumado com professores brancos, quando chega uma pessoa de outra cor, no caso negra, e bem negra né, que ela é, fica aquela coisa diferente “como será aquela professora né!”, mas isso só foi a primeira impressão. Que eu saiba nunca ninguém tinha comentado, falado da cor, nada, foi normal, só da parte assim da fisionomia né, que ela demonstrava ser uma pessoa brava, mas na realidade era queria mais

é ensinar os alunos. Sempre tem aqueles engraçadinhos que bagunçam na classe e jogam pra aquele lado “nossa, professora negra, tinha que ser negra mesmo”, tirando isso....ou assim negócio de nota, acham que está implicando, sabe essas pessoas que não prestam atenção na aula e quando faz a prova acha que tem o direito de sair colando, nada mais justo né ela ter o porte dela de professora, as atitudes. (Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, negra)

[...] pela questão dela ser negra, ela não traz pra nenhum aluno, pelo menos que eu tenha presenciado, esse tipo de preconceito, de distanciamento de aluno-professor por esse motivo, então eu acho que ela supera todas as expectativas dela e as nossas também...Pelo menos na minha turma, pelo que eu lembre, a gente considerava isso normal, mesmo a gente sendo assim...considerado criança não teve nenhuma atitude que faria achar que teria algum problema por ela ser negra. Não teve nenhum comportamento desse tipo, mesmo porque ela sempre foi uma professora competente, responsável, que passava bem as coisas pra gente, aprendia bastante com ela, uma ótima professora, acho que continua sendo ainda, então nunca teve nenhum tipo de problema, nem quanto a racismo, nenhum comportamento estranho, nem nenhuma dificuldade com o ensinamento que ela passava pra gente. (Elaine, ex-aluna da profa.Nazaré, período inicial, 25 anos, negra)

Não me lembro especificamente duma situação dessa (Fábio, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco)

Olha, era uma coisa muito assim...porque a Nazaré, pra ser sincera pra você, nunca foi muito cativada pelos alunos, eu acho que de cada dez, um gostava dela, eu acho que era justamente porque ela se impunha como profissional que ela era, não ficava com docinho “ah nhenhe, nhenhe...”, ela se impunha, ela sempre foi assim, ela nunca foi muito assim...eu gostava dela, mas as minhas amigas não podiam nem ver ela na frente, e era uma coisa muito assim...ficava uma coisa chata, porque quando se referiam a ela, no corredor, fora da sala ou mesmo na sala de aula que não fosse com ela, vinha aquela coisa “aquela macaca me deu nota baixa, aquela macaca não sei o que...”, mas eu nunca tive esse problema, eu acompanhava muito bem as aulas dela, porque eu entrava nessa coisa que ela passava, eu ia embora...e ficava uma coisa chata, porque hoje...talvez antes eu não me preocupasse muito com isso e não percebesse isso, mas hoje eu vejo “nossa, ela batia tanto em cima...”, e ela sofria muito, mesmo sem saber...sem saber não, porque uma vez um aluno, que brigou com ela chamou ela de macaca no corredor da escola, eu não lembro...e ela quebrava o pau mesmo, porque ela exigia que fosse respeitada, que era o mais correto, e ficava uma coisa assim, e ela se preocupava tanto com isso que acho que...ela se empenhava muito em passar essa coisa “vamo respeita”, porque ela sofria muito com isso...todos os anos que eu estudei aí, eu tive dois professores negros, dois, ela e o Eduardo, então você vê, tinha bastante professores aí na época, muitos professores....[na sala de aula] podia até ter comentário, mas sem ela ouvir. Agora, conflitos fora esse, dentro da sala de aula, eu não lembro de nenhum forte, eu só lembro desse do corredor, do menino do apelido, dentro de sala de aula...sabe porque, o pessoal tinha medo dela, como ela se impunha e tinha aquele vozerão,e ela falava assim....o pessoal ficava meio com medo dela, só um muito ousado como esse menino que falou isso uma única vez...o pessoal tinha medo, porque muitos já não conseguiam acompanhar a aula dela, já ficava com nota baixa, então acho que tinha até medo de ter atrito com ela, ficava com medo de piorar “vou brigar com ela e aí que ela não

vai me dar nota mesmo”. (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca)

Mas o fato dela ser negra não foi um impacto não, para ninguém. Foi mais impacto uma menina só numa sala de aula, era 46 alunos e eu a única garota. A classe era assim, eles eram muito brincalhões, eles nunca foram de desrespeitar nenhum professor, a não ser que o professor tirasse algum ponto de vista ou recriminasse, aí era motivo para formar guerrinha na sala de aula. Não teve nada. Ela pegou falou bom dia, meu nome é Maria de Nazaré, professora de História, ela brincou que tinha uns três alunos dela que tinha reprovado...que eu lembre não, a não ser que por trás eles falavam alguma coisa. Eram quatro professores que nós tínhamos, era difícil eles verem cor, eles viam mais a questão de matéria... (Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra)

Foi muito assim assustador para eles, teve aquele “oh!”, só que ela causou um impacto, pra mim foi um impacto muito bom, pra outras pessoas não, mas com o jeito dela, porque ela é uma pessoa muito ativa, é um diferencial da Aparecida, porque por ela ser ativa as pessoas também tentavam ser ativas conforme ela era, mas ela com o jeito dela todo especial, sem grandes transtornos, conseguiu com que os alunos prestassem atenção nas aulas dela, conhecessem realmente a história do negro, como vieram para o Brasil, enfim ela explicou muito bem explicado.

Por ela ser negra, os alunos de pele clara não aceitavam muito bem que uma professora negra desse aula de história, porque!...No Antonio Bueno de Oliveira, onde eu já estudei, uma professora da pele clara, de História, foi explicar a história de uma maneira totalmente diferente, a maneira de explicar é diferente porque ela não viveu, ela não é da raça negra, ela não sabe como foi, ela conta o que ela aprendeu na faculdade dela. Agora a Nazaré não, ela vivenciou, ela sabe o que é ser negro, e assim, os alunos não prestavam muita atenção na aula dela, mas ela fez assim que gostassem dela. Eu lembro assim que, no começo, as aulas dela eram muito tumultuadas, as pessoas não prestavam muita atenção no começo, depois começaram a prestar, ela cativou todos os alunos. (Laís, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, negra)

O que eu lembro da Nazaré, o que eu lembro da 3^a. série, em especial, é que eu fiquei muito assustada quando eu cheguei na sala de aula, porque a professora Nazaré tem um tipo diferente do que eu estava acostumada, que na 2^a. série, apesar de ter tido aula como uma professora..., que era a professora Regina, e na família da minha mãe todos serem negros, a professora Nazaré se veste diferente do que as pessoas da minha família se vestiam e se porta muito diferente...A professora Nazaré sempre usando umas coisas assim de coco, sempre vestida diferente, de bata, um estilo diferente. Eu perguntei pra minha mãe “porque a pessoa Nazaré era tão diferente das pessoas da nossa família”, que todo mundo era negro, e a minha mãe dizia que “cada um tinha o seu jeito, que ela gostava do cabelo dela daquele jeito”.

Eu era uma pessoa muito retraída, muito tímida, nessa época da minha vida, e eu tinha amizade com uma única aluna da sala, que era Marta, com quem eu andava junto. E eu me lembro de conversar isso com ela, e ela por ser mais velha do que eu dizia “ah, mas as pessoas são diferentes, não é porque todos da sua casa são assim, que todos tem que ser assim...”. Eu lembro que ela achava bonito, mas também achar ter um estranhamento, porque não era uma coisa que você estava acostumado. Eu me lembro de algumas situações

no sentido de que assim, quando a gente queria...quando os alunos ficavam com raiva por determinado motivo da professora, a professora Nazaré era referida assim “aquela professora”, como se fosse “aquela professora” a professora diferente, e eu lembro, eu me lembro que na minha família, meu pai, especialmente, dizia assim “nossa essa neguinha é fudida né, porque ela é muito boa, não sei que...”, mas os alunos falavam assim “aquela professora”, “a Nazaré é difícil mesmo”, eu não sei com que isso tinha relação, eu não consigo me lembrar claramente.

(Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, negra). 1ª. experiência de escolarização com a profa. Nazaré (2ª. série)

Se existiu [impacto diante da professora negra] ele não foi tão claro, porque a gente tinha 15, 16 anos, eu acho que já está mais acostumado a encarar certas coisas, a perceber o diferente, a simular reações. Isso acontece claramente quando se é criança, mas se isso aconteceu eu não percebi na sala. Mas ao invés dela ser a professora...todos os professores chegavam, porque foi o primeiro ano de ensino médio no Industrial, o ano que eu estava lá, se apresentavam, contavam da vida deles, a Nazaré chegou disse que o nome dela era Nazaré, que estava ali pra ensinar História e que queria ouvir a vida de todo mundo, primeiro deixou todo mundo falar da sua própria vida e não falou da sua vida em especial. A Nazaré sempre foi muito rígida no sentido de cobrança, de pedir as coisas em dia, de não querer que os alunos faltassem, de querer que os alunos prestassem atenção, isso era uma coisa difícil de acontecer na sala, porque os alunos ficavam muito irritados com isso, dela ser a professora que dá prova, da prova, que exige que chegue na hora, que saia, disso eu me lembro claramente. (Simone, aluna da profa. Nazaré, período de maturidade, 23 anos, negra). 2º. momento de escolarização com a profa. Nazaré – ensino médio

Eu não lembro se teve algum caso de algum colega que ficou surpreso, minha irmã já tinha estudado com ela e ela já tinha comentado sobre a professora, que ela era uma professora severa, se você não fosse bem nas provas você repetia, então eu já vim com essa idéia que ela era uma professora que impunha respeito. Então quando eu cheguei aqui o modo dela tratar, eu vi que ela era mais uma pessoa amiga do que um carrasco, assim que eu fiquei imaginando “poxa vida uma professora muito severa então...”, aí ela me ajudou bastante, e os alunos eu não me lembro de ter algum caso de...eu lembro que ela simplesmente ajudava bastante nas dificuldades, ela conhecia, de alguma forma, cada um, pelo dia-a-dia, e tava sempre ajudando...[diz não ter havido nenhum caso de discriminação pelo fato da professora ser negra].

[Estranhamento da aluna Simone, colega de turma de Roberto diante da maneira diferenciada da professora Nazaré se vestir e assim se posicionar como negra]. Eu não lembro de nenhum trabalho em classe sobre discriminação, essas coisas assim, sobre vestimenta que caracterizava ela, eu não estranhava porque nessa época da minha vida sempre via coisas diferentes, tudo era novidade, até por estar na 3ª. série tudo era novidade e eu por ser criança não esquentava muito assim com o que a pessoa veste ou...mais tinha uma coisa muito importante nisso tudo que a autoridade dela, do carinho que ela tinha pelos alunos e isso fazia com que ela se tornasse agradável no meio dos alunos, minha opinião como aluno. Por ela ter um posicionamento forte, uma presença, não me incomodou, não senti diferença nenhum e eu acredito que foi bem importante ter as diferenças assim com naturalidade, como uma coisa agradável, um impacto assim chocante [não houve]... (Roberto, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, branco)

Isso sim, com certeza houve. Inclusive entre os alunos até houve comentários dizendo que ela era racista, não gostava de branco. Isso foi um comentário que surgiu no intervalo, na boa “ah, a professora Nazaré é muito boa, mas ela não gosta de branco”, esse tipo de comentário saía. Eu acho que as pessoas falavam isso sem base nenhum, eu não sei de onde partia, eu acho que as pessoas não tinham fundamento para falar isso dela, acho que era antipatia mesmo, e isso é uma coisa que eu lembro muito bem, dela para os alunos o tratamento era muito bom, isso eu não posso reclamar nada, mas de alguns alunos para ela, sentia um certo preconceito sim, pelo fato de ser negra, pelo fato dela questionar e querer ouvir a resposta dos alunos, de promover o diálogo, então alguns alunos não gostavam disso não, então eu acho que por causa disso que surgiam os comentários. A Nazaré não era uma professora que entrava em sala de aula, passava a matéria na lousa, com eu já te disse, e não demonstrava interesse, ela era interessada em ensinar sim, ela demonstrava muito assim interesse, inclusive no Industrial, que eu tenho mais lembranças. No Industrial o pessoal já um pouco mais maduros, já participavam melhor das conversas. (Eliezer, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco)

O impacto que eu tive no primeiro dia é porque ela começou diferente, ela se vestia diferente, então você não está acostumado, você vem de um colégio em que você só teve...eu tive uma outra professora negra, mas ela se vestia normal, ela não, ela vestia aquelas saias esquisitas, umas blusas...umas roupas soltas, tipo afro mesmo, aquelas saias compridas, soltas, blusas, bem estampadas, coloridas, o impacto que eu tive foi assim, mas não por ela ser negra. Agora teve alunos que ficaram meio assim “vai vir uma pretinha dar aula”, aqueles comentários de aluno idiota, na idade que a gente tinha sempre tem nem, mas da minha parte não. Eu fiquei meio assim impressionada do jeito dela falar, porque ela se impunha, não tinha coisa com ela não, não tinha moleza, ela vim e falava, ela ficava só em pé na classe, era muito difícil ela sentar pra falar, explicar alguma coisa, ela era muito direta no que ela queria dizer, tanto é que o caderno também não tem tanta coisa escrita porque ela mais falava...então ela falava”se vocês quiserem anotar alguma coisa vocês anota, mas eu estou falando sobre isso, vocês prestem atenção porque eu não vou falar duas vezes”. E ela gostava muito de dar trabalho, esse trabalho que a gente apresenta na frente...seminário, ela dava seminário também, porque ela falava que o importante pra gente é você saber se expressar, saber falar por causa da nossa profissão também, saber anotar o que é importante, isso ela dava bastante também. De impacto que eu me lembre foi isso. Tinha uma aluna que odiava ela, “ah essa mulher é muito chata, e fazia comentários...”, mas era uma pessoa só, isolada, ainda na minha sala tinha mais umas três pessoas que eram negras também e se davam bem com a Nazaré, porque ela queria...a experiência que ela passou, ela queria passar pra gente, que em cima do racismo não se faz nada....Que eu me lembre parte dela [experiências] ela não falava nada, mas do orgulho de ser negra...acho que até hoje, porque ela tem muito e é uma ótima profissional. O que ela falava,quando você ia fazer a prova, estudar em casa, você lembrava, porque ela tinha, ela tem o dom de falar e as pessoas concentram sua atenção, então você nem precisava estudar...mas ela falar de lembranças dela assim, não...

[...] às vezes tinha alguma coisa, numa prova, uma nota...porque todos gostavam dela, ela cativou...então não tinha quem não gostasse, se falasse mal da Nazaré, saía briga, ela cativa as pessoas, o jeito dela falar, então não tinha discriminação contra ela. (Silvia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branca)

Não, da minha parte pelo menos não. Que eu me lembre não. Acho que não teve nada disso não (Marcelo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 25 anos, “japonês”)

[...] eu lembro claramente um dia que ela chegou e falou assim...teve uma aula sobre a escravidão, sobre a época da abolição e um aluno engraçadinho falou uma besteira pra ela “que deveria ter escravos ainda, que ele gostaria de ser servido”...ela deu uma ralada nele e falou assim “olha...”, ele falou também em relação ao macaco, porque o negro tem tanta semelhança com o macaco, isso foi a aula que marcou, naquele dia eu a vi, com o perdão da palavra, “p” da vida, ela falou assim “primeiramente, quem tem semelhança com o macaco é o branco porque eu não tenho cabelo liso, macaco tem, eu não tenho o lábio fino, macaco tem, você tem os olhos arregalados, coisas que vocês tem, então pensa bem no que você está falando. Se é o pelo, se é a pele, tudo bem, mas a semelhança não é nada parecida, é um ser humano que poderia ser como qualquer outro”. Eu percebi que mexeu lá no fundo dela, no íntimo, então você percebe que a pessoa fica brava, eu não ligo, eu posso não ter percebido alguma coisa, sempre existe, eu sempre falo pra todo mundo que tem a pele mais escura, é moreninha, é mulata e tudo o mais, existe, existe, infelizmente existe. Não pode chegar e dizer assim “eu não sofri discriminação”, você não percebeu ou você é uma pessoa muito tranqüila e aquilo não te afetou em nada. No caso dela ele conseguiu afetar, então ela deu um exemplo bem claro assim “não mexe comigo e com quem é dessa raça, porque hoje nós somos dependentes daquela época de escravidão e tudo mais, eu sou professora, eu estou dando aula e sei muito mais que você”. Ele se dirigiu a ela e as outras negras da sala, porque é uma escola pública e não tinha só branquinhos que nem escola particular, e ele quis ofender as negras mesmo. Eu estava ali no meio, eu também me classifico [pele mais clara que a da professora, traços finos...], mas a mim não afetou em nada, achei o comentário pobre, mas ela ele conseguiu afetar. Ela era ponta firme, ela era transformadora, ela não ficava quieta em nenhum momento. vem de uma sociedade em que os professores são brancos, então eu estava sempre acostumada, porque no Sesi não tinha professor negro, não tinha, de jeito nenhum, por ser do estado também não tinha, então quando ela entrou eu vou te falar pelo meu primeiro impacto, não foi preconceito, seria ridículo da minha parte, mas a hora que eu olhei falei “nossa, tamo ferrados”, porque ela entrou com aquela posição..., com aquele olhar, com aquela posição “eu sou brava mesmo, quero todo mundo quieto, quero que ninguém conversa na minha aula, quero que todo mundo presta atenção”, aquele tipo de professor que impõe respeito, foi isso que ela me passou. Com certeza pros outros alunos não foi, tipo assim...que pensamento ridículo, mas “o que essa negra está fazendo aqui”, porque isso existe, acho com certeza o que ele deve ter pensado e os outros da sala. O meu impacto foi esse dela, de bem imposição mesmo, porque ela deve ter sofrido muito na vida com isso, como muitos negros, então acho que de tanto se machucar, de tanto ouvir as coisas que fere, a pessoa acaba sendo uma pessoa mais dura, um pouco mais fechada, já fala assim com uma pessoa com um certo restrito porque “não sei que você está pensando de mim”, então ela impunha mesmo. Mas eu gostei, apesar do meu primeiro impacto eu gostei dela, mas só que eu pensei assim “não sei o que vai dar, o que vai virar, mas depois disso a gente percebendo as gracinhas da sala, os comentários, tudo o mais, então você percebia o próprio preconceito das pessoas que estavam do seu lado”.

[enfrentamentos não diretos – brincadeiras...; não há enfrentamentos explícitos e diretos]. Não porque ela colocava pra fora, até as brincadeirinhas, ela colocava pra fora da sala de aula, ela fazia isso. Tinha aluno que as vezes incomodava a aula nem entrava, entrava

assistia a aula de outro professor e quando ela vinha pra aula dela, levantava e ia embora. (Daniela, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 27 anos, negra).

A maioria dos alunos que teve com ela na 4ª. série veio da 3ª., então...mas sempre que eles se irritavam com ela ou que ela fazia alguma coisa, ou trabalho demais ou alguma coisa que irritasse eles, eles sempre comentavam pelas costas entre eles, eu mesmo já ouvi algumas vezes, e também naquela época não contraria eu só ria, mas sempre tinha desde a 4ª. série sempre tinha as crianças que fazia brincadeirinhas, principalmente aqueles mais lorinhos, mais branquinhos, com mais dinheiro que os outros, eram sempre aqueles que mais brincavam e sempre quando ela irritava eles com...irritava entre aspas, com algum tipo de atividade a mais ou uma repressão, falando mesmo....mas isso sempre teve. Era nos bastidores [da sala de aula], mas as vezes, sabe quando eles comentam entre si alto pra que ela pudesse ouvir também, mas entre eles, então a maioria das vezes era assim e era sempre quando eles se irritavam. Eu acho que era pra ofender o máximo que eles pudessem, eu acho que era o máximo de ofensa que eles podiam fazer era isso, levando em consideração o tanto que ela se dispunha a combater o preconceito, era uma ofensa grande. Ela sempre se posicionava, se contrapunha, mas era difícil que a maioria das vezes não sabia de onde vinha o som, então geralmente, na maioria das vezes, ela se impunha pra classe toda, falava no geral, explicava, tentava mostrar como aquela situação deveria ter acontecido no geral, geralmente não sabia de onde vinha aquele barulhinho, aquela ofensa, os alunos todos sabiam, mas o professor não. [Ofensas] A maioria sempre as mesmas, era macaca, era tição, todas que a maioria já ouviu, de ofensa pra negro.

(...) [ensino médio]. Teve uma situação que eu lembro, eu lembro que desta vez ela tinha se manifestado e queria saber quem era a pessoa, até foi avisar o diretor, porque ela entrou...eu não lembro o que ela tinha falado pra nós, mas trabalho a mais ou prova sempre desagradava os alunos e chamaram ela de Xuxa, aí ela ficou bastante exaltada, ela ficou quase a aula toda explicando sobre preconceito, falando sobre preconceito pra toda classe, uma que ela não sabia quem tinha sido...sem ofender também, ela só explicava, só falava sobre o preconceito, como ele era presente, e falou pra toda sala, chamou o diretor, queria saber quem foi, até punir toda a sala pra achar o responsável, acabaram não fazendo porque não ia ser justo, mas ela falou toda aula e acho que ela ficou realmente chateada com tudo isso, chateada de verdade. E também, esse tipo de preconceito no 1º. Colegial já era mais direto e ofensivo, já não era mais escondido e baixinho, já era mais direcionado, bem mais ofensivo, porque eles já não tinham mais medo ou receio de ter represália nada os alunos, então eles já ofendiam direto e gerava discussão direta, o que mudou da 8ª. pra 4ª é que as vezes gerava discussão direta, os alunos que ofendiam. Os alunos também rebatiam e ela fazia questão de discutir na frente de toda a classe, pra toda classe ver como preconceito gera discussão e como as pessoas podem ser bem preconceituosas. Mas do resto, as brincadeiras continuavam nos cantos, nos fundos, mas o que mudou foi que as pessoas ficaram mais diretas e as discussões mais concentradas (Hugo, ex-aluno da profa. Nazaré, período de maturidade, 21 anos, branco)

Não, nenhum, de ninguém. Apesar de eu ser negro e ter vários amigos negros na classe, não teve nenhum tipo de preconceito. Por que ela sabia ser amiga dos alunos, então não tinha nenhum tipo de preconceito.

Não, não, por que a classe todo mundo assim todos unidos, mais de 5 anos juntos, a mesma classe, todo muito junto. Mas, assim, só de brincadeira, todo mundo levava no mundo, todo

mundo um amigo do outro, não assim de prejudicar o outro, nada disso, sempre nas amizades, na brincadeira... (entre colegas). (Tiago, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, negro)

Olha, eu tenho absoluta certeza que não teve nenhum impacto por isso, porque nos tínhamos outros professores negros também e isso é completamente normal, ninguém tem racismo aqui, tem aquelas brincadeiras de falar neguinho, mas nada assim., normal. Ninguém aqui tem preconceito porque nós moramos na periferia e grande parte da periferia é negra, então nós temos que respeitar. É ruim avaliar a pessoa pela cor e isso pode fazer mal para você. Ninguém tinha nenhum racismo com ela. (Ivan, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, moreno)

Não, como eu falo para o meu pai independe da cor do professor, desde que ele esteja lá para ensinar o aluno. Todo mundo da sala, ninguém repara nas coisas como a professora é... (Mirian, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, branca)

Na minha sala não, eu não lembro. Todo mundo gostava muito dela, a gente a chamava de doninha. Ela falava, vem aqui com a doninha...Eu não me lembro de ter tido alguma discriminação. Eu fiquei super contente pelo fato de eu ser negra também, foi a minha primeira professora negra, eu particularmente gostei. Eu lembro que ela tinha uma implicância...uma professora implicava com uma professora, não sei se era professora, só sei que alguém implicava com ela, tanto é que ela saiu daqui o outro ano. Não sei se for por causa disso, mas eu me lembro que ela sempre falava. Não sei se era professor, ou diretor.... (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra)

Houve sim, não no começo das aulas, mas assim mais ou menos quase no final do ano, teve piadinhas sobre a cor dela negra, não pra que ela escutasse,mas entre alguns alunos, piadinhas sobre a cor dela, tipo assim que eu cheguei a ouvir “macaca”. Ela não escutou essa conversa entre os alunos, fazendo piadinhas sobre ela. (Luciana, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, branca)

Sempre há discriminação, mas sempre às escondidas, há sempre aquelas brincadeiras, que não deveriam ser feitas, mas sempre às escondidas, então nunca houve um fato que tivesse causado alguma polêmica, mas sempre brincadeiras de alguns alunos, sempre às escondidas, até mesmo pela forma dela tratar as pessoas, ela acaba conquistando os alunos, aquelas pessoas que estão ao seu redor e acaba revertendo aquela imagem, aquele impacto entre as pessoas que tem o preconceito. A forma com que ela trata as pessoas acaba transpassando tudo isso. Se alguém no primeiro dia de convívio com ela tem algum preconceito, alguma coisa, após a convivência mudando com a pessoa que ela é, com a forma de tratar as pessoas. (Paulo, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, moreno)

Houve impacto...por ela ser negra não, mas pela agressividade dela, pelo fato dela não explicar direito, e quando ela entrou os alunos ficaram com medo do modo dela agir, falar, de explicar, então os alunos tinham respeito, quando viam ela chegar na porta...agora no momento que ela saía , começavam a xingar, não viam a hora que acabava a aula para ela ir embora...os alunos não entendiam e perguntavam pro outro que entendeu...eu mesmo

perguntava para os meus amigos...e não tinha conversa na época, por causa que todo mundo tinha medo dela...e se ela escutava alguma coisa ela colocava pra fora, isso é o direito dela né...mas eles tinham medo dela, então no primeiro dia ela impôs o respeito, não é porque ela é negra que vai fazer o que quer...(Josilaine, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, branca)

Bom...comigo não, porque inclusive a minha mãe é negra, então comigo não teve tanto impacto, mas eu percebi que algumas pessoas ficaram sim, tanto é que quando ela entrou todo mundo achava que ela era outro sargento da escola, porque toda professora que entrava gritava “não vai fazer isso, não é pra fazer isso”, mas ela chegou e conquistou rapidamente, tanto é que no primeiro dia a gente só conversou, então ela conquistou todo mundo no primeiro dia, mas tem aqueles que não vai mesmo, que ta ali não pra estudar, quer fazer farra. Com esses, ou ela excluía ou ela interagia, porque quando realmente a pessoa não quer estudar e atrapalha o jeito é excluir do grupo, ou senão ela trazia também...a pessoa se introduzia no meio, e pelo que eu me lembro nenhum saiu, só se introduziu, então eu lembro que o rendimento escolar de todos da sala melhorou, quase que 90% do rendimento da sala melhorou, subiu, inclusive naquele ano, teve um pessoal da 8ª. série que saiu, se não me engano ela foi madrinha de alguma sala, então todos os alunos ficou cativado com ela. Ela não dava espaço pra isso [discriminação], ela entrava, ela cativa você. Na hora que ela entrava e começava a conversar, ela te cativava de um jeito que quebrava totalmente esse tabu, esse tabu de que é negra... É lógico tem a parte série, a parte séria é aquela que não tem como mexer, que é a parte de explicação, horas assim que chega parte da explicação e a explicação fica chata, mas isso era relevante, mas a aula dela era totalmente diferente dos outros professores. (Paulo H., ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, moreno)

No começo teve um pouquinho, porque a gente começou a ter aula com ela e com o marido dela, dois negros, então no começo teve um impacto sim, todo mundo. Lembro assim que o pessoal ficou bem espantado quando ela chegou, porque...não lembro se ela entrou no primeiro dia de aula ou no meio do ano, eu lembro que...a gente sempre estou com a mesma turma, já estávamos acostumados com os professores, acho que ela entrou depois sim, que a primeira turma que ela pegou foi a minha, e o pessoal não esperava que fosse ela que ia dar aula, mas eu não me lembro dos comentários, faz muito tempo. (Elen, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 23 anos, negra)

Pra mim não fez muita diferença, porque a maioria dos meus amigos são negros, não teria porque me espantar só porque a professora era negra, mas com o resto da turma não houve tanto espanto, não, não houve, porque ela tem um caráter bem alegre assim, então já chegou fazendo farra na sala e ninguém se preocupou com essa questão de negra ou branca. [Ela não chegou se posicionando como negra]. Ela brincava às vezes, com as brincadeiras dela tal, falava “negrona” e aí todo mundo foi se acostumando com o jeitão dela e acho que ela foi meio que passando a raça dela na conversa com os alunos pra deixar até...não como se fosse uma intimidade, mas uma...característica dela marcante que ninguém ficasse com medo de falar ou de pensar. Ela fazia umas brincadeiras tipo “presta atenção na negrona que está aqui na frente”, pra descontrair...ela tentava passar para o aluno como ela era pra ninguém ficar assim de cochicho, eu acho. Agora paralelamente, sem estar na presença dela houve...do jeito de se referir a ela...tirava uma nota baixa xingava ela em relação a cor,

basicamente isso o que mais acontece. (Everton, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, pardo)

A gente tratava ela como as demais professoras, não pelo tom de pele. Ela era uma excelente professora, todo mundo gostava dela. (AnyKelly, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 22 anos, parda)

Sim, pela maneira dela se vestir os alunos comentavam muito. Eu não me lembro perfeitamente, mas me lembro que sempre haviam comentários, faixa na cabeça, um lenço colorido, um acessório que ela usava e chamava muita atenção, a maquiagem, mais puxado pro afro. “Ah, a perua tá passando, o elefante tá passando”, macaca esse tipo não. (Laís, ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 26 anos, negra)

Ela entrava na classe ela já tinha um sorriso, ela não entrava séria, por ela ser grande e tal, então não tinha nem como ter medo daquela professora, porque ela já entrava com um sorriso, falando bom dia, boa tarde, perguntando se estava tudo bem como tinha passado o final de semana. Então por ela ser alta...não tinha como ter medo daquela professora, se ela ia fazer alguma coisa, ser brava. Ela já entrava com um sorriso na boca, já perguntando como tinha sido, se alguém tava bem, ela diferente da Nazaré....[por ela ser negra], já estava ficando normal porque a Nazaré dava aula num período e ela em outro, estava ficando normal, mas na época só eram as duas, e tinha uma professora Ana de Educação Física, que eram as únicas negras lá da escola, o resto só professoras brancas. (Mônica, ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 24 anos, negra)

Eu me lembro. Ninguém ficou impressionado, ninguém comentou nada, porque pra mim, falar assim negra né, eu nem via isso nela, cor, eu sei que ela era negra, mas nunca comentamos sobre isso, nunca. (Nilza, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, morena)

Um ou outro os mais bagunceiros, brincavam, falavam, mas no geral não, ninguém se espantou. Eu lembro do modo de se referir a professora. Nós tivemos uma outra professora da pele mais branca, então chamavam ela de morena, de professora morena, Terezinha, nem se referiam ao nome, mas pela cor da pele...mas usavam preta, a professora preta. Esses alunos se referiam a ela desse modo, mas não na frente dela, longe dela. (Everton, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, pardo)

Todo mundo respeitava ela normalmente porque ela era bem rigorosa, bem brava, mas todo mundo respeitava a cor dela. Que eu me lembre nunca teve nenhum preconceito não. Tem as molecagens né, as brincadeiras das pessoas, mas nada sério assim contra ela. [risadas, sem jeito] Mas não diretamente a ela, às vezes eles brincavam com a cor dela, mas não ofendendo, porque ela é muito brava essa professora Terezinha, então as pessoa brinca, mas não diretamente com ela, entre os colegas, a gente assim, mas nada...[risadas, sem jeito]. Da Terezinha não é tanto, mas mais da professora Aparecida, aquela lá também era rigoroso e a gente brincava com ela porque ela tinha uma voz grossa, então a gente chamava ela de “gorilão”, essas coisas assim, mas...e ela sempre com a gente também, chamava a gente de branquelo, mas nunca teve nenhuma briga assim, entre aspas (Luiz Rafael, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, branco)

Todo mundo respeitava ela normalmente porque ela era bem rigorosa, bem brava, mas todo mundo respeitava a cor dela. Que eu me lembre nunca teve nenhum preconceito não. Tem as molecagens né, as brincadeiras das pessoas, mas nada sério assim contra ela. [risadas, sem jeito] Mas não diretamente a ela, às vezes eles brincavam com a cor dela, mas não ofendendo, porque ela é muito brava essa professora Terezinha, então as pessoa brinca, mas não diretamente com ela, entre os colegas, a gente assim, mas nada...[risadas, sem jeito]. Da Terezinha não é tanto, mas mais da professora Aparecida, aquela lá também era rigoroso e a gente brincava com ela porque ela tinha uma voz grossa, então a gente chamava ela de “gorilão”, essas coisas assim, mas...e ela sempre com a gente também, chamava a gente de branquelo, mas nunca teve nenhuma briga assim, entre aspas (Thiago, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno)

Que eu me lembre não, dessa parte nunca presenciei nada, nem nos meus colegas, nem em mim, no entanto a minha família é negra, então eu já estava acostumada. Eu sou uma mistura de tudo, por parte da minha mãe são todos branquinhos, italianos, e por parte do meu pai todos negros, eu falo que eu sou cor de pele, sou branquinha assim, mas tenho o sangue negro, tenho uma força...eu me classifico como uma pessoa negra, não sou branca, gosto muito do tom de pele mais escura. [se classificou como negra porque ficou sem jeito de se auto-classificar branca, apesar de ter explicitado a admiração pela raça negra]. (Cristiane, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca)

Não, a nossa turma achava normal, nunca teve isso, nem pela minha parte também, porque eu acho que somos todos iguais perante Deus, então...Eu sempre fui tipo tagarela, que conversava com a classe inteira, então esse tipo de brincadeira nunca teve, nunca teve esse tipo de preconceito, a gente via ela como nossa professora mesmo, norma, sem nenhum preconceito. (Fernanda, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca)

Não, não houve impacto por ela ser negra, eu que foi mais quando ela entrou assim na sala...de perceber uma pessoa que não conhecia, de ser uma professora que você nunca...só ouviu falar, mas não pelo fato dela ser negra, em hipótese alguma. Nunca observei nada, ou então se observei não me lembro, nunca presenciei nada. (Rosemeire) Não, não houve impacto por ela ser negra, eu que foi mais quando ela entrou assim na sala...de perceber uma pessoa que não conhecia, de ser uma professora que você nunca...só ouviu falar, mas não pelo fato dela ser negra, em hipótese alguma. Nunca observei nada, ou então se observei não me lembro, nunca presenciei nada. (Rosemeire, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca)

RACISMO E RELAÇÕES RACIAIS

Eu fiz bastante estágios por conta desses dois eixos e ainda vejo poucos professores negros, os poucos que têm não se impõem, enquanto estagiária você fica observando, e quando você vai de fora e fica com aquele olhar mais atento, você vê que não se impõem, o que é passado, o que é dirigido a eles é cumprido, são poucos que tem voz ativa, que tem esta

auto-afirmação “sou negro, sou gente, sou profissional”, não, ou ele não se considera negro, ou não se considera gente, ou não se considera profissional, não é simultaneamente os três, essa é a interpretação que eu tenho, mas não por culpa, não é uma coisa pessoal, é uma coisa que todo dia é afirmado pro negro que o espaço dele é uma coisa muito pequena e ele não pode sair daquele cercadinho. Eu vejo isso na minha área de trabalho onde eu sou a única, somos em oito professores, tem uma outra do corpo clínico também e eu sou a única negra. Então, às vezes querem fazer um cerceamento, querem deixar...eu não faço assim auto-afirmações “não sou negra tem que me respeitar”, enquanto pessoa eu acho que tem que ter o respeito, se a pessoa tem mais ou menos melanina isso é um detalhe biológico, não é porque a pessoa tem menos que vai ser mais e eu que tenho mais vou ser menos que ela. Eu tento não deixar evidenciado isso, mesmo que reforce. eu acho que o negro tem que se descobrir, porque eu acho que ainda não foi descoberto que o negro é uma pessoa, tem poucos sujeitos conscientes, então tem que ter um conhecimento coletivo e a partir disso buscar o reconhecimento da sua contribuição do passado e do presente para construir o futuro e isso para o profissional médico, dentista, político, enfermeira, pra todas as profissões, não ficar só assim negro tem talento pra cantar e pra esportes, não, ele tem talento pra ser físico, matemático...tem que abrir essa oportunidade desde a sua base, desde quando ele é bebê, desde seu pré-natal, deve ser igual para todas as crianças, desde seu maternal, infantil, ensino fundamental, pra que ele não precise de uma cota para entrar na universidade, mas que ele precise só mostrar o seu potencial intelectual, humano, emocional pra construir a sua identidade e passar pra quem vem adiante (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra)

Eu acho muito injusto, porque aonde você vai hoje, a maioria é tudo branco trabalhando, você entra no mercado, você entra em vários lugares, a maioria tudo branco trabalhando, pra mim é muito injusto, poderia ter chances iguais. Tem muitas pessoas negras que tem mais respeito que muitas pessoas brancas. É muito injusto eles não terem a oportunidade, demonstrarem o que eles podem ser, sem uma chance não tem como você....Acho que...tem alguns que bebem né e aí vai de cada um, deveria ter uma chance na cidade, no país, deles demonstrarem o que sabem. Muitas pessoas negras são superiores que muitas pessoas brancas...Tem muita pessoa branca que não tem o respeito que o negro tem, humilde, querer aparecer. Não sei se você já notou, se um branco tem um carrinho bom, já fica tudo metido, até para de conversar com você, tem o dinheiro, ta bem de vida, os negros não. A maioria dos meus colegas não são assim, não dá muito valor...Tem muito filhinho de papai...mulher também é a mesma coisa, metida..se passa uma menina negra...Estava tendo uma festa, a menina super bem de vida...só tem pessoas negras na classe, mas na festa, só tinha uma pessoa negra, só tinha branco, tinha mais de trinta pessoas lá... (Fernando, ex-aluno da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, branco)

Na minha opinião eu acho que mudou um pouco essa parte de racismo, parte de trabalho. Tem muitos negros entrando com grande capacidade que poucos brancos tem. Eu não sei se é da maneira de aprender ou se os próprios negros cansaram de ficar pra trás e se dedicaram mais, porque antes tinha muito mais preconceito onde a pessoa ta trabalhando do que agora. Eu vejo que mudou muito, porque vão crescendo com o passar do tempo.[Diz nunca ter sofrido preconceito pela cor da pele, “nunca aconteceu isso, a não ser que eu não tivesse entendido, se foi tom de ironia assim, aquele que fala brincando, mas na realidade é

verdade...então, assim nunca aconteceu, só se em tom de brincadeira, mas eu nunca levei a sério...brincadeiras entre colegas ‘pobre come muita banana né’, mas tirando isso, nada físico, que fosse de verdade”], mas a minha irmã sim, já várias vezes, coitada, ela até chorava. Só de pensar o fato dela ser mulher e negra, estar conseguindo trabalhar numa empresa, era muito complicado [a irmã, Márcia, também aluna da profa. Nazaré, fez curso técnico em mecânica]. Ela chegou a fazer um...prestar um concurso...mecânico, onde tinha ela e uma outra mocinha, só que essa mocinha tava começando a estudar essa parte de mecânica e ela já tinha se formado, e a menina era branca e, no entanto, quem entrou foi a menina e ela perdeu com isso. Não sei se era também pelo fato dela ser gordinha , negra, ela não acabou entrando, ela tinha de tudo, já tinha feito quatro anos de mecânica, e a menina dois anos, eu acho, entrou pra trabalhar na FMC. Então eu sofro por ela né coitada, batalhou, batalhou e não entrou, uma menininha clarinha de olhos claros chegou na frente dela, pegou e entrou. (Mônica, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, negra)

É bastante crítico essa questão de racismo, porque as pessoas não sabem considerar outros valores nas pessoas, ela distiguem...analisam o caráter da pessoa pela cor, não tem nada a ver, há pessoas competentes como incompetentes, independente da raça. Mas eu acho que no Brasil tem bastante racismo mesmo, não dão oportunidade de emprego pra pessoas negras, até preconceito com o peso também, gordo também não consegue emprego também porque tem essa diferença, e a pessoa não sabe o potencial que a pessoa poder ter tanto como um branco, uma pessoa magrinha, acho que é bastante crítico, mas eu acho errado, deveria dar oportunidades pra todos, porque a gente é tudo igual, independente de cor, de raça, deveria dar oportunidade pra todos (Elaine, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 25 anos, negra).

Isso eu acho que incondicional, porque é uma cultura que já vem de antes, desde a época da colonização do Brasil, os outros países traziam pra cá os negros pra trabalhar de escravo, então esse traço se estendeu até hoje e a gente vê isso aí com a discriminação aqui, desigualdade. Eu vejo isso aí por esse lado, onde u trabalho, a gente trabalha com pessoas de vários países, japonês, às vezes, então você está constantemente do lado de pessoas com culturas diferentes, jeito de se vestir diferente, se alimentar, tudo diferente, num lugar que eles também consideram diferente, então de certa maneira, a gente tem que aprender a conviver... Basicamente eu acho que tem isso aí, com o tempo tende a reduzir muito, a discriminação acabar, na minha opinião, e acho que a globalização tem um efeito forte também pra acabar com isso... (Fábio, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco)

Eu trabalhei num lugar, infelizmente, num jornal, veículo de comunicação, e aqui em Araraquara tem um baile chamado baile do Carmo, que é o baile da comunidade negra, o jornal todo ano vai cobrir, isso me deixou “p” da vida, obviamente se você for cobrir esse evento, a coluna social do outro dia vai ter fotos de negros, porque é um baile...é a comunidade negra que se reúne pra fazer fóruns, pra discutir tudo, e como... “tem algo de errado nessa página...”, “como assim tem algo de errado na página, é uma página normal..”, “não assim...não está muito escurinha!”, cara...olha..., aí você fala pro sicrano, branco, branco, de olho azul, raça ariana, aí você fala pra ele “olha, meu filho, é o baile da comunidade negra, você não consegue entender isso”, “não dá pra dar uma mesclada!”, sabe assim, e você vê ele empresário, e que depende de pessoas negras, e eu ficava

horrorizada e falava aqui na minha casa “mãe quem ele acha que ele é!”, eu ficava “p” da vida. Contratações, eu to contando isso, porque foi...até então eu não tinha vivido nada assim, for a o meu namoro, nada assim mais forte que isso, a pessoa era negra, entregava currículo, ele exigia foto, se ele via que era negra, ele não contrata, até hoje, lá só tem uma pessoa negra trabalhando porque é parente do editor chefe, porque se não fosse não tava lá, porque é parente de uma pessoa que tem poder, então conseguiu por. Hoje, infelizmente, poder envolve muito, e assim, eu sou contra, eu não sou branca, branca, e as minhas descendências!, não tem que ter essa de ter racismo, são pessoas tão cultas, tão inteligentes, porque tudo vai de oportunidade, então você vê...porque tudo vem lá do passado, eram escravos, todo um processo, tudo bem, ganharam a libertação, mas ficaram ao léu, porque não basta você...pra essa população tem que ter um apoio maior, uma coisa mais fortificada, todo um processo com mais infra-estrutura, com tudo, porque o sofrimento é maior, as dificuldades são maiores, então tem que ter...[mãe interrompe para que Sabrina conte acontecimento de racismo ocorrido na fila do caixa do supermercado Extra]. O trabalho de conscientização tem que ser feito desde pequenininho, desde creche, por em escolinha, principalmente em escolinhas, que criança tem mania de..., ah, chamou o amiguinho assim, assim..., não é assim, é assim, na realidade não é essa postura de corrigir, mas a postura de ensinar. De uns anos pra cá que fizeram bonecas negras, 4 anos ou 5 que lançaram, porque só agora!, só agora bonecas negras. Isso tinha que ter a muito tempo, tem que ter essa coisa de criar o respeito, porque a base é respeito, respeito pra quebrar um pouco o preconceito e infra-estrutura pra que os negros possam ter as mesmas oportunidades que os brancos tem, aí a infra-estrutura sim, aí o governo que tem que entrar com campanha de massa mesmo assim, treinar profissional, pra saber falar, porque é um assunto delicado, às vezes a criança é uma coisa assim inocente, muito influenciável, na sala de aula ela vai aceitar, quando ela chegar na casa dela e talvez falar pro pai, pra mãe, super-preconceituosos, e aí quem você vai ouvir, sua professora ou seu pai e sua mãe!, cria um atrito... É uma coisa maciça, tem que trabalhar a mente dos pais...mesmo em reunião, em reuniões, vai trabalhando isso, vai explicando, falando o que está acontecendo, e na mídia, você vê, quantos repórteres negros tem, não tem, o negro quando aparece na televisão, a maioria é empregado doméstico, então quer dizer, colaboram muito pra formar essa imagem, e devia ser diferente. Então eu acho que precisa ser trabalhado desde cedo e precisa trabalhar muito. Na realidade é assim, desde o governo deve mudar a sua postura com relação ao preconceito, porque a coisa pra dar certo, de onde vai surgir, dali não deve ter preconceito pra dar certo, porque se de onde vai surgir já tiver com o preconceito, aí também não vai adiantar...sabe aquela coisa de dó, não é, tem que gerar infra-estrutura. È aquela coisa, você não tem que dar o peixe, mas ajudar a pescar, dar infra-estrutura pra isso, e desde pequeno tentar mudar essa coisa, e trabalhar pai, porque também se a criança chegarem casa e o pai preconceituoso a coisa...porque é influenciável, não tem jeito, vai ouvir teu pai e tua mãe e deixar de lado o que o professor ta dizendo, e procurar bater em cima disso. E eu acho que a população negra, mesmo muito oprimida, tem que começar a falar assim “de que você me chamou!, então espera aí...”, sabe porque, tem que fazer senti “porque eu pago aluguel, eu pago imposto como todo mundo, eu tenho o meu trabalho, eu trabalho, eu sou decente, eu sou honesto...”, tem que começar a se impor, não deixar..essas brechas que dá, tem que se mostrar, dizer “você pensa que é quem aqui”, tem que procurar também se impor, chega de sofrimento, tem que se libertar, não houve a libertação, tem que procurar se libertar, não ter medo mesmo. Antigamente não se tinha apoio legal, hoje já está tendo, tem que usar desse apoio mais que nunca, tem que usar mesmo, fazer com que ele

seja exercido, quando for ofendido “vem cá, você me ofendeu, eu tenho... você está achando que eu estou desamparado, não...”, tem que fazer ser cumprido, e tem que começar de base. Olha quantas professoras eu tive e quantos anos de escola, só uma e muito corajosa, porque pra mim ela foi, é, muito corajosa, porque você tem que ter coragem, porque, eu falo aqui na minha casa, o difícil do preconceito pro negro é se aceitar negro, “sou negro, tenho os meus direitos, meus deveres”, e o que eu via na Nazaré era isso, primeiro ela se aceitava como negra, ela tinha consciência de tudo o que acontecia na sociedade, ela tinha essa consciência e usava disso como professora, porque aula...tinha três, quatros, cinco classes, então quantas pessoas não estavam ouvindo, e ela se aproveitava disso, justamente por ela ser professora, e ela se aproveitava no bom sentido, era porque ela conseguiu casar a profissão que ela tinha pra passar tudo isso, ela era professora de história, e a história tem tudo a ver com tudo e ela conseguia a todo momento...sempre critica, às vezes você ficava confusa, o livro fala uma coisa e ela fala outra, porque ela sempre muito critica, falava “vocês acham que foi assim...”, e acho que pra ela que assumiu essa profissão, o magistrado, acho que caiu bem pra ela, poder passar isso, ainda mais que ela fez história, caiu bem pra ela, caiu feito uma luva...eu pelo menos ela conseguiu influenciar bastante. (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca)

De uma forma geral eu posso dizer que se você tem dinheiro, porque eu trabalho num lugar de um nível social muito alto, você é tratado como eles. Se você está no meio deles, não há um preconceito pela cor da pele. Mas se você não está, não convive com eles, você é discriminado, é camuflado mesmo no Brasil, não é declarado. (Lais, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário; ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 26 anos, negra)

Você disse assim que não pode ser mais uma coisa ignorada, mas no meio que estou o racismo ainda é violado, as pessoas não dizem as coisas abertamente, tanto que é assim, ninguém fala assim pra mim “você é uma negra bonita, mas uma moreninha bonita, uma moreninha simpática, uma mulata né”, porque não podem dizer que eu sou negra, eu não vou me sentir ofendida, mas as pessoas pisam em ovos quando vão falar da cor da minha pele, é estranho, ou quando vão falar, por exemplo...o meu namorado é tão branquinho quanto ele [**ex-aluno branco, aguardando para ser entrevistado**] ou mais branquinho do que ele, então “ah que lindo um casal café com leite” ou “vocês já imaginaram que cor linda vai ser os filhos de vocês”, as pessoas pisam em ovos pra falar da cor da pele da gente...e eu percebo que é assim, nos meios mais financeiramente abastados, que você acaba conhecendo na universidade... Então são questões que estão no dia-a-dia e as pessoas não dizem pra você que você é negra, que você é isso, que você é aquilo...Eu tenho amigas que são da mesma cor que eu ou mais escuras que eu que dizem assim que elas são mulatas, que elas são índias, e você vê a mãe dela, e você vê a minha mãe, você vê a família, mas não isso não importa. E o que me deixa mais assustada é ser visto como um absurdo uma pessoa negra namorar alguém...Eu ainda acho...porque eu já tinha convivido com o preconceito, mas o que eu mais fiquei chocada foram duas situações: a primeira foi quando eu levei um namorado que eu tinha, que é negro pra casa pra conhecer a minha família, aí meu tio falou assim pra mim “nossa, eu não sabia que a minha sobrinha namorasse um menino tão negrinho quanto vocês”, eu fiquei pasma porque o meu tio é exatamente da mesma cor que ele, meu tio conviveu a vida inteira com isso e estava falando isso pro

moço, eu não sei o que fazia, se eu chorava, se eu ria, eu não sei o que fazia, e quando a gente tava junto falavam “um casal de *barbie e ken* negro, olha que fofo”, eu ficava muito brava porque você não sabe o que faz pra pessoa, se você responde, se você xinga, ignora, não sabe muito que reação ter; agora o meu atual namorado ele é muito branquinho e as pessoas ficam com essas piadinhas “ah vocês são um casal café com leite” ah que bonitinho vocês dois são tão diferentes”, somos diferentes mesmo, eu moro aqui no Selmi Dei, que é um bairro de periferia, ele mora lá no centro, ele sempre estudou em escola particular, eu sempre estudei em escola pública, ele presta vestibular pra medicina, eu faço pedagogia, tudo isso parece que contrasta aos olhos das pessoas de uma maneira tão gritante que incomoda todo mundo...mas você tem que saber a lidar com essas situações. Quando eu percebo que as pessoas estão abertas pra essa discussão, eu converso com elas, quando eu vejo que é dar murro em ponta de faca, eu prefiro não responder, tem pessoas que ta tão enraizado, que o diferente não pode ficar junto, que o diferente não pode se dar, que você não pode ter amigos de outra cor, raça que você... (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra)

Eu penso que é mais pelo medo da capacidade do próximo em estar se sobressaindo sobre uma tal pessoa, é mais a capacidade e historicamente sobre os negros serem os escravos e os brancos os senhores, então acho que vai mais da cultura mesmo. (Roberto, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, branco)

Araraquara eu considero uma cidade muito racista [entenda-se nesse discurso, preconceito, discriminação]. Uma cidade onde se você é negro, se você é nordestino, se você é metaleiro, se você é punk, as pessoas já te olham diferente. Eu considero racismo em Araraquara um negócio bem a tona, existe muito mesmo. A nível de Brasil, talvez mais da região sudeste pro sul, talvez no nordeste, norte, talvez não seja, pelo fato da população negra ser em maior número, mas aqui dentro da minha realidade que eu conheço as pessoas são racistas, no meu trabalho, na rua, na conversa, sempre surge alguma coisa relacionada, mas em Araraquara eu considero muito grande mesmo. [uma das formas do racismo se manifestar – brincadeiras]...Brincadeiras, brincadeiras e piadas, brincadeiras!, vai saber se o outro não está se ofendendo por menor que seja a pessoa está se ofendendo, não pode acontecer isso, o ser humano não deve ser medido pela cor, pelo pensamento, por sexo, religião... (Eliezer, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco)

Na minha família eu sou bisneta de africano, de bugre, de índio, de não sei o que, a gente não tem essa coisa. A minha mãe sempre ensinou que a cor da pele não influi no pensamento da pessoa, na inteligência.... às vezes o racismo vem da própria pessoa, às vezes a pessoa não se considera negra, ela diz eu sou morena, então o racismo já vem de dentro da pessoa, que não é assim, se você é negra, eu sou negra.... Acho que em primeiro lugar as pessoas devem se impor, não ter o racismo dentro de si próprio, porque eu acho que o racismo não é só contra o negro, eu sofria racismo porque era uma pessoa que usava óculos, então era conhecida como “quatro olhos”, eu era uma pessoa...sempre fui gordinha, então era “gorda baleia, baleia”, então eu acho que isso ofende muito as pessoas, magoa. Então o que eu não gostava que fazia pra mim, eu não ensino a minha filha a xingar o outro, porque é errado, se você continuar a ensinar os filhos a fazer o que você não gostava que fazia pra você, então vai estar contribuindo ainda mais pro racismo. Uma vez [minha filha] viu um negro no ônibus, ela era de colo, mal falava, e falou “nossa mãe, porque esse moço

é pintado”, ela queria saber o porque da diferença da cor, aí ele olhou pra ela e deu um sorriso tão bonito, e eu falei “não filha, ele não é pintado, é que algumas pessoas tem esse produto na pele que aumenta a cor e outros diminui”, então eu expliquei pra ela “ele é um negro e nós somos considerados moreno, pardo ou branco até”, então eu expliquei pra ela. Às vezes ela brinca na rua e começa a brincar de xingar e eu acho que isso é errado, porque não é só você xingar macaco, não sei o que, mas um outro xingo...a pessoa vai ficar muito mais magoada se você tivesse dado um tapa na cara dela. Então pra não incentivar isso, a gente ensina desde já, porque eu sou branca, o meu irmão é moreno, minha mãe é morena, minha irmã é morena, meu pai é branco, a minha filha é mais morena que branca, e o pai dela é branco, então nunca vou ter racismo com as pessoas que eu amo. Se eu gosto deles como eles são eu não vou gostar dos meus outros irmãos, porque somos filhos de um só [todos são iguais perante Deus], então não acontece racismo comigo, e se puder debater com uma pessoa que é errado, eu vou sempre debater. (Silvia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branca)

Posso até falar uma experiência minha mesmo, como eu já tinha falado pra você eu trabalhei um tempo no Japão, desde pequeno aqui no Brasil todo mundo fica tirando o sarro “oh japonês, abre o olho”, esse tipo de coisa, brincadeira de mal gosto. Aqui no Brasil a gente é visto como japonês, aí a gente vai para o Japão trabalhar lá e é discriminado também pelos japoneses, lá a gente é considerado brasileiro, ainda mais pelo fato da gente não falar o idioma de lá. Isso acho que fica mais bravo, tem a aparência de japonês, mas não tem nada a ver com japonês, e inclusive tem até um caso lá que não aconteceu comigo, mas com um amigo nosso, ele entrou numa loja pra fazer compra e anunciaram no alto falante da loja que estava entrando brasileiro que era pras japonesas tomarem cuidado com as bolsas, aí já prova como é o negócio por lá também, na maioria dos lugares é assim. [idéia de que não se pode confiar em brasileiros] principalmente pelos japoneses mais antigos, os mais novos já não tem muito problema, mas os mais antigos pegam no pé mesmo. (Marcelo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 25 anos, “japonês”)

Eu acho que foi em São Paulo, uma faculdade em que os alunos brancos estavam protestando porque eles estavam dando chances pros negros na mesma sala de aula, e eles não queriam que os negros estudassem juntos. Se sou eu que estou lá eu não fico quieta, a primeira coisa que eu faço é denunciar, porque existe uma lei, existe uma lei do preconceito, se todo mundo seguisse...por exemplo, se você chegasse pra mim e falasse alguma coisa que me perturbaria, que seria um preconceito propriamente dito eu iria te denunciar, eu não ia ter medo da pessoa. Eu acho que as pessoas se retraem muito, as pessoas negras, elas acham que elas podem ser ofendidas a qualquer momento, elas se acomodam com a situação no Brasil, “eu não posso trabalhar naquele lugar porque só aceitam gente branca, ah, então tá, tudo bem, então vou procurar serviço em outro lugar”, a culpa, a maior culpa disso é dos próprios negros, eles tem preconceito de si mesmos, se eles não se amarem, não virem que são pessoas normais, humanos como qualquer outro isso não vai acabar, só vai aumentar. Eu acho que o preconceito é do próprio negro, da nossa própria raça, que eles criaram. Tem gente que não, tem gente que se impõe, eu me imponho em qualquer lugar, se eu perceber que há alguma discriminação pro meu lado, eu uso da lei, da democracia, você me mostra onde eu sou diferente de você, se você conseguir provar se eu sou mais ou menos que você, tudo bem, até então eu uso da lei, eu denuncio. Eu acho assim, o Brasil tem muito a crescer, a se desenvolver, tem a fome, a miséria, tem o

preconceito racial, sexual, tem muita coisa, se a gente for colocar na balança metade da humanidade é exterminada por Deus, porque é impossível...Tem que trabalhar de pouco em pouco, só que eu acho que cada um tem que fazer a sua parte, porque colocar nas mãos de uma pessoa só, de uma autoridade só não vai virar nada, acaba tudo em pizza. (Daniela, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 27 anos, negra)

Preconceito racial existe até em país onde o numero de negro é maior do que o de branco, existe preconceito racial até onde o número é maior, na África...mas uma coisa da Nazaré, ela falava sempre que a solução...só existia uma solução pro preconceito que a consciência, não tem outra solução, mas eu acho que o preconceito aqui no Brasil, o preconceito racial, o preconceito é rebatido pelo próprio preconceito, o preconceito do branco é rebatido com o preconceito do negro com ele mesmo... acho que não devia ter distinção assim desse tipo, mas preconceito sempre existiu e vai ser difícil de ser eliminado, mesmo que mude de lado, vamos supor que preconceito daqui a 100 anos passe a ser dos pretos em relação aos brancos, o branco ser chamado de branco ser ofensa, agora é só na consciência, mas a maioria das pessoas usam preconceito, pré-concebido, pra mostrar que é superior e não igual. Eu quero ofender uma pessoa negra, eu sou branco, então eu uso a cor da pele dela pra mostrar que eu sou superior e é isso que faz o preconceito, é você querer ser superior e procurar uma desvantagem no outro pra tentar mostrar isso, acho que essa é a verdadeira definição de preconceito querer superior. (Hugo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 21 anos, branco)

Eu acho que todos nós somos iguais independente da cor, de tudo. Temos que ter as mesmas oportunidades em todos os aspectos, em relação a trabalho já ouvi dizer que o salário do negro é mais baixo, então tem mesmo diferenças entre as duas raças. Então eu acho errado, deveria ter a mesma oportunidade pro branco, pro negro na mesma proporção de trabalho, essas coisas, porque tem mesmo o racismo. Eu acho errado esse lado assim ah, o branco é melhor que o preto, eu particularmente não tenho nada contra, eu gosto, tenho muitos amigos negros e sempre me dei muito bem. Eu acho errado pessoas, ah, eu não gosto de negro....

Não. A gente sempre se deu muito bem. Às vezes a gente brincava, mas na brincadeira assim colocava apelido, mas discriminar alguém assim não. (entre os colegas). (Aline, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, branca)

O que eu acho disso...acho que é uma coisa, sei lá, que não podia ter isso, porque todos são iguais, são seres humanos, não deveria ter esse tipo de preconceito, negros, loiros, brancos, todos são seres humanos, todos iguais.(Tiago, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, negro)

Por enquanto eu nunca vivenciei. Pra que ter racismo, todo mundo é igual. (Hussani, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, negro)

Racismo existe desde que o Brasil, desde que o mundo é mundo, sempre teve racismo no Brasil. Cada pessoa tem que fazer sua parte não sendo racista, não fazer atos. Se cada um fizesse sua parte, parasse de discriminar e tentasse entender que todos somos iguais. Ninguém gostaria de...eu não gostaria de ser chamado de macaco, preto...tem que implantar na escola um projeto que desde pequeno, desde a pré-escola acabe com isso, porque isso é

uma coisa muito chata né, desmoraliza a pessoa e pode até levar a cadeia que discrimina. (Ivan, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, moreno)

Eu acho totalmente errado, por que todo mundo é ser humano, todo mundo tem direito de levar a vida do jeito que os brancos levam, então uma pessoa de cor ela pode fazer uma coisa que o branco pode fazer e ganhar o mesmo tanto,. Eu sou contra, como eu falei pro meu pai o Brasil não vai pra frente desse jeito. Ninguém da minha família é racista, tanto é que quando a gente vê uma pessoa de cor a gente abraça... (Miriam, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, branca)

Tem casos de discriminação em família, é fato isso. Minha mãe é branca e o meu pai é negro e por parte dos meus tios, por parte da minha mãe passam muito isso, muito, muito. Minha vó mesmo fala, minha vó é branca, deixa eu ir dormir que amanhã é dia de branco... O meu tio é super racista, comigo não porque eu sou da sobrinha dela, mas eu sei que ele é racista. Hoje mesmo, minha tia, foi casada com negro, a filha dela é da minha cor, aí tinha uma moça na televisão que estava sambando, bem escura, e ela, nossa, parece azul o que é isso!, com um tom irônico. Tem muito. Aonde eu fiz cursinho, o professor de História, ótimo, o melhor professor que eu já tive...é o jeito dele dar aula...ela falava dos escravos, aí teve um dia que ele retratou...eu não vi pelo lado negativo, a maneira que ele enxergou a situação...que ele soube expressar que tinha o navio negreiro...que tinha uma lei que ia proibir o tráfico negreiro...e ele contou assim o fato: estava todo mundo...um monte de escravinho lá, aí...se pegassem o navio com os negros o pessoal ia ser presos, os negros libertos...aí ele falou: o que eles faziam com os escravinhos, jogava no mar...tuc, tuc, tuc...ele fazinha bem assim. È mentira, não é verdade, mas essa foi a forma que ele retratou, porque era o fato de verdade. Eu não enxerguei isso pelo lado preconceituoso, foi irônico. È verdade, mas...é a vida de um monte de pessoa que estava lá. Uma coisa que eu acho muito engraçado, por parte da família da minha mãe tem meus tios, minha tia também, muito preconceito, só que pelo lado também há preconceito com relação aos brancos, isso que é o mais engraçado. Minha vó, quando minha mãe namorava com o meu pai, minha vó não aceitava o fato da minha ser branca, os meus tios, todos, “não porque somos negros temos que lutar”, sabe aquele negócio de quem foi muito pisoteado e não deixar ninguém montar em cima. Qualquer coisinha é “não, não pode deixar, porque os brancos...” então, há preconceito e é isso que tem que parar. È claro que o negro é mais evidenciado do que os brancos, mas tem também. Eu sou totalmente contra, eu acho que todo mundo é igual, é uma questão de oportunidade. Lá no meu cursinho eu era a única negra, era um cursinho super caro e fui tratada muito bem, fiz amigos como todo mundo... Ela que sofre...porque minha mãe acha lindo o negro, idolatra a cultura negra, ela gosta bastante, ela que fica muito brava com isso. Eu não esguento mais minha cabeça, acho que é uma ignorância, entra por aqui e sai por aqui. Sempre que tenho que ensinar as minhas priminhas eu falo: “eu sou igual a você, você é igual a mim”, elas são loiras de olhos azuis. Eu nunca tive problema, mas eu sempre procuro falar quando ouço algo racista, já cheguei a falar pro meu tio: “mas porque...”, já falei para minha vó: “mas porque é dia de branco, meu pai trabalha e é negro, você não é a única que trabalha”, “Ah, é maneira de dizer”, “é a maneira errada de dizer, você está falando uma coisa que não é verdade”, ela diz “é uma expressão”, “mas uma expressão que está errada”. Meu tio, eu falo pra ele...eu nunca sofri uma agressão assim, eu não sei qual seria a minha reação, não sei se eu ficaria chateada, não sei se eu

debateria...uma pessoa estranha, eu não sei qual seria a minha reação. (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra)

Acho uma situação humilhante, eu acho que a cor não tem nada a ver, a pessoa é negra, é branca, é índia, é humano a mesma coisa, é filho de Deus a mesma coisa. Eu acho que não deveria ter essa discriminação, porque é gente igual a gente. Tenho amizade com pessoas negra e não tenho nada contra, pra mim é tudo igual (Luciana, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, branca)

Se for fazer uma análise essa diferença não existe só na cor, até mesmo na condição social, um aluno e um professor...Eu penso assim, todos nós independente da cor ou da situação sócio-econômica somos seres humanos, eu acho que toda pessoa é digna de respeito independente de sua cor, independente de sua situação...nós, ninguém escolhe a cor que quer nascer, filho de quem quer nascer...então eu acho que o ser humano precisaria se conscientizar o que ser um ser humano e o que é ter respeito pelas demais pessoas. Quando o ser humano conseguir, isso depende de cada um, se conscientizar do que é o ser humano e o respeito pela vida, aí sim acabaria esse problema do racismo. (Paulo, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 31 anos, moreno)

Mas, sobre o racismo todas as pessoas são iguais...pra mim é ser humano, meu marido é de cor, eu convivo com pessoa de cor, eu gosto muito...todo mundo é ser humano, não importa a cor...importante é você ver a pessoa...eu convivo no meio de um monte de pessoas de cor, são meus amigos, queridos, eu tenho mais amizade com pessoas de cor do que da minha própria cor branco, e acho que às vezes os brancos são mais...é modo de falar porque tem os brancos bons e os negros também ruins, então tudo é ser humano, todo mundo erra, ninguém é perfeito. (Josilaine, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, branca)

O pessoal de Araraquara, eu acho, as pessoas muito fechadas...Eu tenho acho que cinco amigos que são gays, quatro meninas que são lésbicas, mas eu trato isso numa boa o pessoal que eu convivo trata isso numa boa, tem negros também dentro do nosso círculo de amizades, tem gordos, magros, e a gente se dá super bem, mas se você for ver essa é a pequena parte que se dá bem, a outra grande parte é a parte preconceituosa. Na verdade, quem se sente ameaçado pelo preconceito se une como pode, e é odiado pelas outras pessoas. Julgam sua vida, julgam o que você faz, não tem consciência, mas mera aparência, aparência física, não sabe se a pessoa é inteligente, não dá oportunidade...até o mercado de trabalho é assim. O mercado de trabalho é assim porque eles determinam “eu quero uma pessoa branca, dos olhos azuis, que tenha 1,80 m e magra, e é totalmente inaceitável uma coisa dessa...Isso vem do mercado de trabalho, já vem de dentro de casa, do como foi criado. Eu acho que 10% dos meus amigos são brancos e o resto são tudo negros, então tem muito desse lado também, de sua educação dentro de casa, se você conviveu com negros tudo bem, agora ofensas existe bastante, tem muitas ofensas que a gente fala e não percebe, some alguma coisa “ah, neguinho que pegou..”, porque neguinho, porque não poderia ser branquinho que pegou, então isso já vem da convivência familiar. Eu acho que a família devia estruturar a pessoa de um jeito, que visse tudo totalmente o mundo de outro jeito, de outros pontos de vida, por que tem gente que só sabe ver do mesmo ponto de vista e não de outros, por isso que o Brasil, apesar de falar “ah, não tem preconceito, que aqui é um país

de várias raças, cores, credos, mas tem muito preconceito. Por que tem preconceito (). Porque a pessoa se dá ao luxo de ser preconceituosa...porque se você cortar hábitos, você vai ver que você é preconceituoso, se você começar a juntar peças “ah, foi aquele negro que fez, porque não foi aquela pessoa que fez”, porque antes de xingar alguém tem que colocar o negro no meio, é uma ofensa ser negro (). Eles colocam uma fraseologia...então eles colocam negro na frente...uma fraseologia ofensiva, coloca o negro na frente como se fosse ofensiva também. Por isso, se cortar algumas coisas, se não der espaço...mas isso é em geral, então como 10% não são preconceituosos e os 90% são preconceituosos, então pode ter certeza que vai ser uma luta feia, tanto é que o racismo está aí, tem o preconceito aos homossexuais, aos gordos...porque o mundo está baseado nos magros, se eu fosse gordo todo mundo queria ser (), a sociedade já impõe isso pra você, não dá espaço pra você refletir e a pessoa simplesmente vai lá e absorve, só que não separa, não percebe se aqui faz bem ou mal pra você, simplesmente absorve...Pro mundo ser diferente, as pessoas tem que tomar atitudes diferentes, pra acabar com uma coisa, as pessoas tem que tomar consciência, tem que tomar uma atitude diferente, porque diante do criador todo mundo é igual, porque a gente tem que ser diferente. Então isso é barreira que a própria sociedade impõe...Pelo que eu me lembro, ainda não teve nenhum presidente negro, nenhuma presidente mulher, porque (), porque essas são as barreiras que a sociedade impõe e todo mundo absorve e aceita. Então, quando tiver algumas quebras de tabu a história vai mudar. Creio eu que o primeiro presidente negro vai ser mulher, negra, aí vai acabar com todo aquele tabu, não pode porque é mulher, negra. Então, creio eu que deveria ter leis mais rigorosas quanto tem. Uma barbaridade que eu vi um dia dessas na televisão era que uma escola só estava recrutando meninas brancas, não podia ser negra, nem morena...pra ser alunas tinha que ser branca e loiras, acho que podia ser ate morena, mas não podia ser negra. E o engraçado, os negros mesmos tem preconceito contra eles mesmos, “ah, que cor é você (), eu sou moreno”, “estou vendo que você é negro, você está falando que é moreno, moreno é uma pessoa de cabelo escuro, negra é diferente”, enquanto você não assumir que você é negra, porque a outra pessoa vai ter que assumir que pode conviver com você no mesmo espaço, se você não se assume, se você mesmo tem um preconceito contra você mesmo, então são raras as pessoas que entram em cargos altos, negras, porque “ah não, aquilo é muito difícil, eu não vou ter chance”, não tenta, se conforma com o que tem, se conforma cortando cana, apanhando laranja, trabalhando em supermercado. Isso é a grande dificuldade do povo brasileiro, de acomodação, de se conformar com tudo, tudo se conforma e fica quieto...Se houver uma pressão no governo...Meu pai está no Japão é lá é totalmente diferente, se subir um centavo o preço do pãozinho que você sempre costuma comprar, o japonês não compra mais....As pessoas tem que tem mais vontade, se tiver vontade a pessoa vai e realiza.... (Paulo H., ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, moreno)

Eu acredito que o racismo existe, mas a maior parte vem do negro, ele acaba se excluindo por ele ser negro, ele acaba não se esforçando pra ter um emprego melhor, ele acaba não estudando pra se por melhor da sociedade, então pra mim o negro é racista em primeiro lugar, isso na minha opinião. Eu sou negra, conheço muita gente e na minha opinião o negro é mais racista que o branco, porque ele não se impõe no lugar dele [e qual é o lugar dele()], igual, nós somos todos iguais, não tem diferença, porque a sua pele é mais clara e a minha mais escura, não tem diferença, você tem uma boca eu também tenho, você tem dois olhos e eu também tenho, não tem diferença, vai de cada um, se você quer alguma

coisa você tem que se esforçar. Eu não vivi o racismo porque eu me imponho no meu lugar. (Elen, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 23 anos, negra)

Racismo tem, tem muito ainda. Não vai ser de uma hora pra outra que vai acabar, vai demorar muito ainda, porque o pai racista vai passar pro filho, que vai ser racista, vai passar pro neto, vai indo de geração. Vai demorar muito pra acabar. O negro ainda...pela situação dele, ele se põe numa situação em que ele seria o coitado, eu acho que, claro que tem muitos negros que tem orgulho, se dão bem, tem um sucesso profissional e tal, mas na minha opinião tem muito racismo ainda, apesar do negro estar conseguindo o seu espaço na sociedade, então com a ajuda do governo também está conseguindo superar isso, mas é que tem muito racismo ainda, tem muito que mudar. (Everton, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, pardo)

É um assunto muito polêmico, tem muitas contradições. Eu particularmente não tenho preconceitos quanto a pessoa negra, acho que elas são humanas como a branca. Todo mundo tem um pouco também do negro. Eu acho que é uma pessoa como qualquer outra, é um ser humano com as suas limitações, seus defeitos, suas qualidades. Quanto às cotas pra negros, eu acho que é uma discriminação, porque você já está diferenciando ele do branco, e no que ele é diferente do branco!, que o tom de pele tem a ver com ele, com a personalidade dele, então ele deve ser tratado como o branco porque ele é humano também, eu penso assim, eu acho que não tem que ser diferente porque ele é negro, vou ter vergonha, ele é pior ou inferior a mim, não, ele pode ser melhor que eu, ele tem a capacidade dele, as limitações...(AnyKelly, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 22 anos, parda)

Acho que o preconceito era bem antes, agora acho que é normal, na minha sala de aula normal, ninguém falou assim “nossa essa professora sabe...nunca”, porque negra...nem por brincadeira, nem sério. Hoje se fala em preconceito, perto de mim nunca aconteceu essa história de preconceito, de negro, de falar alguma coisa. Na minha opinião, os próprios negros são racistas contra eles mesmos, na minha opinião, porque eles sempre ficam assim pensando que tem alguém discriminando, se você xinga uma pessoa “ah, ele me xingou porque eu sou negro”, por exemplo, eu já escutei “ah só porque é negro”, eu já escutei no meu serviço assim, mas eu acho que os negros também tem preconceito, não só os brancos não, contra a raça deles mesmos. Até negro fala assim “é negro só quer sujar a nossa raça”, então eu já ouvi muito, até eles tem...se tiver preconceito eu acho que eles também tenham. (Nilza, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, morena)

Acho que já vem de criação, de gerações que...você cresce com aquilo na cabeça, a discriminação do negro por causa da escravidão, os negros é mais forte, lutou bastante...mas acho que não tem nada a ver, são pessoas normais, até mais esforçados alguns, bem mais, acho que não deveria ter essas coisas, essas diferenças. (Luis Rafael, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, branco)

Racismo, eu acho estúpido, sabe! Não sei quem foi que disse isso, mas uma daquelas frases feitas que você acaba vendo em muitos lugares, “que o racismo é a maior prova de que você tem medo da outra pessoa, você tem medo da excelência da outra pessoa e o que essa outra pessoa pode fazer melhor que você”. Eu acho que é pura e simplesmente medo da

outra pessoa, tem um medo intrínseco que se coloca pra fora, sei lá, de forma...[a desqualificar o que a outra pessoa representar, é uma desqualificação e não um olhar pras qualidades que tem essa pessoa], exatamente, eu acho que é o primeiro ponto, todo mundo tem qualidades, não adianta fugir disso, e eu acho que qualidades e falta delas não ter a ver com a cor da pele de uma pessoa, muito menos com a origem étnica. (Thiago, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno)

Acho que é uma idiotice isso, porque são pessoas que nem nós, não importa a cor da pessoa, se é branca, amarela, parda, negra, eu acho que a cor da pessoa não importa, o que faz ela é o caráter dela. Esse negócio de discriminação contra negros é uma coisa assim...de gente que ainda vive na idade da pedra, porque na sala de aula, na minha sala de aula se os professores falam alguma coisa pra um aluno que é negro, ele fala assim “só porque eu sou preto, pros outros que são branquinhos você não fala desse jeito”, mas eu acho que isso também é deles, porque se eles fazem as coisas erradas tem que admitir, só que o que eles falam é que porque a cor da pele deles é negra e que está falando só por causa disso, isso aí é mera bobeira, esse negocio de cor de pessoa falar que é ser discriminado. Tem uns [professores] que não dizem nada, fingem que não é com eles, dão risada, mas tem alguns que passam um sermão mesmo, que não é desse jeito “só porque eu sou negro que fala pra mim”, tem uns que falam mesmo, até o ano passado teve uma professora que ficou a aula inteira falando com a gente, porque ela chamou a atenção do moleque e ele falou “só porque eu sou preto, você está falando isso pra mim”. Ela falou a aula inteira, ela deu sobre racismo, e ainda a gente faz trabalho, o ano passado com esse ano a gente ta fazendo um trabalho sobre racismo, pra ver se da uma amenizada nisso, mas no mais a maioria dos professores dão risada, ficam quietos, não falam nada. [mais recentemente essa “discussão” está sendo feita, ao longo de sua trajetória escolar não foi uma prática comum] aos professores que falam mais foram os de português, matemática e sociologia. Esse ano a professora de português mandou a gente escrever num papelzinho o que a gente achava sobre o racismo, depois ela leu de todo mundo em casa, então ela viu o que teve mais e debateu, explicou pra gente que o racismo vem de antigamente, da época dos escravos, que acabou, mais ainda continua, esse negócio de faculdade também, que as pessoas de cor negra tem dificuldade de entrar na faculdade, então ela comentou bastante coisa. Eles trazem o jornal pra gente ver. Foi mais o ano passado e esse ano, os outros não. (Cristiane, ex-aluna da profa. Terezinha, 17 anos, branca)

Eu acho que isso é uma grande bobeira, porque a pessoa ela não é melhor ou pior só porque...tipo, ela é branca, ela é melhor, ela é negra, é pior ou vice versa, eu acho que a pessoa...eu acho que não tem que ver o que a pessoa representa, tem que ver o que a pessoa é, sua amizade ou convivência com ela, não tem isso “eu vou ser amiga dela só porque ela é branca, mas aí...eu não vou andar com aquela ali porque ela é negra] ou discriminar...como...às vezes a pessoa chega e diz “você conhece fulano...ah, como ele é!...ah, é um preto aí”, eu acho isso racismo. Na minha família tem pessoas que tem racismo, a minha vó, por exemplo, eu vivo brigando com ela, porque ela é de idade né, então eu tenho uma prima que é bem branquinha, loirinha de olho azul, e ela tem uma amiguinha de cor, todo mundo sabe o nome da menina, mas a minha vó não sabe chegar e...”ah, sua prima veio aqui com a amiguinha ou com a fulana”, mas “ah, ela veio aqui com aquela negrinha, aquela pretinha”, então a minha vó tem, mas eu...eu sempre brigo porque eu acho errado isso, porque eu acho que a pessoa é o que é independente da cor de pele,

então eu acho super errado, não gosto que falem mal, que tenham preconceito. (Fernanda, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca)

Eu acho que as pessoas que tem...que mostram ser racistas, pra mim são pessoas que tem a mente fechada, pessoas sem cultura, sem conhecimento algum. É uma coisa que está aí pra tudo mundo ver, mas fala de racismo “ai...”, aí começa a falar “racismo, racismo...”, agora chega uma pessoa “você é racista!”, ela não assume que ela é racista, porque ela vai assumir!, tem medo. É muito fácil você falar “ah não, eu não sou racista”, e se ela falar que ela é, ela vai sofrer uma pressão da sociedade. (Rosemeire, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca)

NOVA CATEGORIA : AÇÃO AFIRMATIVA (COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES)

Na atual sociedade eu vejo que está tendo bastante avanço ao se considerar negro ou não, mas ao mesmo tempo nesse movimento de caminhar pra frente, tem uma força muita grande do negro em voltar pra trás. Um exemplo que eu acho ridículo, que eu tenho horror é aquela Revista Raça, é um espaço para deixar o negro, o modelo negro aparecer, só que eu acho que é uma maneira de se fechar, ele não tem que fazer uma revista pra ele aparecer, ele tem que tentar buscar o espaço dele em todas as revistas, programa específico de música negra, a cultura é geral, não tem que ter cultura negra, cultura...Assim, não estou falando que não tem que ter cultura negra no sentido de branquear a cultura, tem que reconhecer a cultura dos africanos, como a cultura norte-americana, indígena, mas não pode se fechar em blocos, e eu estou sentindo esse movimento de fazer blocos de negros aqui, blocos de...E uma coisa que está ajudando muito nisso é essa cota, essa cota é a gota que faltava pra dizer que o negro é diferente, porque dá uma entrada pro negro na faculdade, ele entra, e depois lá dentro vai abrir alguma facilidade pra ele. Lá dentro vai dizer “entrou porque é negro, teve facilidade pra entrar”, já vai subestimar a inteligência, vai ter o problema financeiro, então não basta abrir a porta e dizer “seu lugar está reservado”. Então, desde cedo deve estar preparando a pessoa para que tenha todas as condições mentais, físicas e intelectuais. Eu sempre estudei em escola pública, fiz cursinho público, o CUCA, prestei jornalismo e fiquei na lista de espera, depois como não fui chamada fiquei um tempo sem estudar, prestei Pedagogia e passei, mas sem fazer cursinho, estudando com o material que eu já tinha, consegui. Agora, se abre essa cota e eu vou pela cota, essa luta de estudar minha já é banalizada, agora eu consigo...minhas irmãs...eu sou mais negra, outra é branca e outra parda, eu conseguiria a cota e minha irmã do meio não, então é um absurdo, pela cor da pele dizer até onde uma pessoa pode ir, e vem falar que o Brasil é um país miscigenado, que não tem racismo, é o pior racismo que tem, por que ele é mascarado, maquiavélico, é o pior, porque em outros países eles são agredidos, é dito aqui ninguém gosta de negro, acabou, mas aqui não, passa a mão é fala “negro é meu irmão, todo mundo é igual”, mas impede que esse negro trabalhe na sua empresa, estude em colégios bons, que tenha condições de estar na escola, então eu sou assim muito desanimada em relação a isso e não tenho muitas esperanças que isso vá melhorar não. (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra)

[...] a universidade é elitizada, querendo ou não, os cursos de ciências humanas são menos, mas a faculdade ainda é elitizada, a gente escuta situações assim que são muito estranhas, por exemplo, os amigos do meu namorado dizem que as cotas são um absurdo, “é um absurdo o aluno tem que entrar por mérito, não importa se o cara estudou o tempo todo na favela, se ele não entrar é mérito dele na USP pra fazer medicina é problema dele, eu tive melhores condições, estudei melhor”, e você fala não, “não é assim, as pessoas tem atenções diferentes, então não tiveram as mesmas oportunidades”, mas “não, cada um faz o seu caminho”, a maioria faz o caminho das pedras, a não ser quem veio do nada ou é rico, mas uma em quantas não, não importa....(Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra)

Eu lembro que ainda o ano passado no cursinho popular teve a discussão sobre a cota na universidade para os negros e houve várias idéias, cada um tinha uma opinião, as opiniões eram iguais e teve um desenvolvimento desse pensamento e todo mundo chegava num ponto chave que seria as dificuldades do ensino, a falta de investimentos que fazia com que os alunos de periferia e a maioria negros não conseguiam entrar na universidade pública e que por um lado seria importante essa cota para os negros, não resolveria o problema no ensino, mas estaria dando uma possibilidade a mais de termos alunos negros na universidade. (Roberto, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, branco)

acho que não devia ser reservado o direito a negro em faculdade, porque tem que reservar um direito pra uma pessoa que é igual as outras!, eu acho que esse um preconceito do outro lado da moeda, ou como essa lei mais rígida sobre o preconceito, se você chama uma pessoa de negra, tudo bem é raça, mas mesmo assim ela quiser...agora a sociedade tentando separar e tentar diminuir o preconceito de forma formal e ética só acaba piorando as coisas, porque como eu disse, reservar 30% da faculdade pra negros ou pra deficientes..., o que eu acho que importa é a capacidade que ele tiver... Se um negro tem capacidade pra entrar vai entrar, se não tem não entra, assim como o branco. (Hugo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 21 anos, branco)

Não sei se vem ao caso, mas...o Prouni, o programa, o comercial do negro cantando, poxa, o que é aquilo, aí que está o problema de se discutir de uma maneira errada...aparecem várias etnias, mas a maioria são negros, é uma forma de mudar (), convenhamos, ta é uma forma de mudar, só que já começa por aí, vai entrar numa faculdade que as vezes nem tem aprovação do Mec, qualidade, já está começando com quota por não ter capacidade de passar numa pública, eu sei disso, é difícil, já vai ser o terceiro ano que eu vou prestar, mas não pelo fato de eu ser negra, mas o fato de eu ter estudado numa escola que não tem qualidade. Minha tia é negra e advogada, ela se deu bem na vida, tem bastante dinheiro, ela fala em voz alta, bate na mesa, “porque eu acho que os negros tem que se unir”, eu acho que não é o negro que tem que se unir, é todo mundo que tem que se unir, é um país pra todos, não um país só pra negro. Eu acho que eu não sou racista por este fato, por eu não só enxergar no grupo que tem as mesmas características que eu, eu penso em todo mundo...Não eu tenho minha consciência (tia e pais favoráveis à política de quotas), com a quota talvez eu entraria, mas não, e minha amiga que estudou na mesma escola que eu, que teve o mesmo aprendizado que eu, porque ela não pode, é aí que eu acho que está errado, não tem que ter Prouni, quota... (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos negra)

Quanto às cotas pra negros, eu acho que é uma discriminação, porque você já está diferenciando ele do branco, e no que ele é diferente do branco!, que o tom de pele tem a ver com ele, com a personalidade dele, então ele deve ser tratado como o branco porque ele é humano também, eu penso assim, eu acho que não tem que ser diferente porque ele é negro, vou ter vergonha, ele é pior ou inferior a mim, não, ele pode ser melhor que eu, ele tem a capacidade dele, as limitações... (AnyKelly, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 22 anos, parda)

PAPEL DA ESCOLA NO COMBATE AO RACISMO

A educação é primordial, dar condições para entrar na universidade. Todo mundo começa lá pequenininho, então pequeno ele tem que saber que todo mundo é igual, que todo mundo tem as mesmas condições, direitos e deveres. Então o papel da escola, não só com a questão racial, mas com relação ambiental, com todos os temas transversais, a escola que tem que fazer...Eu não sou esperançosa com relação ao papel do negro que tá cada vez pior com relação a discriminação racial, eu não sou esperançosa mas eu teria que ser a primeira a defender por ser negra e por ser da educação. Eu tento trabalhar, quando eu digo eu tento é porque lá eu sei que eu estou fazendo o papel da educação, que é mostrar que é todo mundo igual, que todo mundo tem direitos e deveres, só que eu sei que depois daquelas 4 horas que eu sair de lá vai ter o reforçador negativo de tudo aquilo que eu falei. Só que o bom com quem eu trabalho é que por serem pessoas que já sofrem um outro tipo de discriminação, por suas limitações físicas e mentais, eles tem mais sensibilidade de estarem absorvendo isso e de estarem levando pra frente, seguindo, agora...eu estou fazendo estágio no Colégio Progresso e eu não fui bem vista lá como estagiaria, os aluno...me senti um pouquinho Nazaré, que eu sei que tem comentários entre os alunos, já ouvi umas risadinhas, então eu sei que mesmo que trabalhe aquilo lá, na hora que chegar em casa a TV, vai reforçar aquilo lá. Então eu acho que educação não deve ser escolarizada, mas geral...e é essa educação ampla que eu estou desesperançosa, que eu não estou vendo por onde nós vamos conseguir. Por que assim, atualmente está havendo um movimento de estar preparando o cidadão, não mais preparar o funcionário, a mão-de-obra, ou elites, agora não, agora tem a proposta de preparar o cidadão. Então a minha esperança que é pouca, mas ainda tem, é que as novas gerações vai ter uma consciência melhor do mundo e dos deveres mais. Todo mundo fala “os meus direitos, os meus direitos”, mas não tem consciência dos deveres. E se perdeu a noção de educação humanizada de pessoa para pessoa, do bom dia, do abraço, da troca de sentimentos, então acho que tende a melhorar futuramente e até na questão discriminatória para as gerações futuras, porque as gerações passadas e essa atual eu não tenho muita esperança que vá ter um avanço, uma homogeneização, mas futuramente sim. Como se você estivesse fazendo essa pesquisa em 1800 e a pessoa dissesse “ah, eu creio que em 2005 vai ser melhor”, realmente eu acho que melhorou muito de 1800 pra cá, como eu acho que pra 2010 vai melhor mais, mas agora não esta no ponto em que o negro se afirme negro, o negro que tenha orgulho de ser, que o negro é visto como uma pessoa igual [...] não aquela informação do livro didático que já vem formalizada, mas uma forma de mostrar a realidade e a realidade histórica, mas não aquela formalidade histórica é imposto, é, só que a partir do momento que você é obrigado a fazer, tem que buscar formas e é aí nessas formas de realizar que vem a situação de ganho, porque você vai procurar dentro,

por exemplo, da capoeira, professor de educação física, enquanto ele esta trabalhando a capoeira, está trabalhando a história do negro no Brasil, no mundo. Um professor de inglês vai pegar música de jazz, ta trabalhando a história do negro lá na Lousiana, em outros locais dos EUA, acaba globalizando o ensino...e as formas podem ser muito criativas. Estava vendo a semana no Globo Esporte um encontro de capoeira, tinha gente do mundo inteiro, aí falou um moço da Suécia, que era bacana aprender capoeira no Brasil, porque aqui pra aprender capoeira era preciso aprender o português, se aprende o português, aprende a história dos negros no Brasil e no final a capoeira. Agora pra aprender judô você não aprende o japonês...agora aprendendo a falar o português está aprendendo a história do Brasil e a base dela é o negro, uma das bases. Eu tenho que deixar de ser um pouco pessimista, porque eu sou pessimista enquanto negra, então eu vivo isso e me sinto pessimista, mas preciso ser um pouco mais positiva, aberta às mudanças que estão ocorrendo enquanto educadora, se eu deixar esse lado pessimista, pessoal predominar, eu não vou ter ações transformadoras e vou acabar na marcha de manobra também.

[Experiência escolar com a temática] Eu fui ter com a Nazaré, na 8ª. série, mas e se ela fosse loira dos olhos azuis será que eu teria! Depois eu fui ter com uma outra professora bem crítica, mas ela não abordou esse assunto, essa temática, pegou outros que necessitavam de uma visão mais crítica, mas não abordou, então o que eu vi da história do Brasil, do descobrimento, no livro didático, e do negro que veio escravizado e trabalhou, teve a lei áurea e acabou. Eu tive por causa da Nazaré essa visão crítica, me influenciou hoje, e mesma assim, eu não sou uma pessoa que não sou engajada, mas agora se não tivesse, eu ia falar o que, porque de cor eu não sou preta, eu aprendi na escola que sou marrom, a raça negra...eu poderia dizer pra você meu sobrenome é italiano, tem mais branco que negro, poderia por parda...mas se eu tenho essa visão que eu sou negra, da minha origem, foi também pela introdução que eu tive, pela versão e pela crítica que a Nazaré me passou, que com certeza eu não teria essa visão que eu tenho hoje, a base começou com ela, a base em que fui formada começou com ela, porque na minha família não tem esse tipo de discussão. Como toda família brasileira é muito miscigenada, é português, negro, holandês, índio, italiano....eu e minhas irmãs...Então o que eu lembro da minha infância nunca teve essa discussão “ah é muito miscigenada, só falta o japonês aqui”, não tinha uma discussão, o que eu já acho que vai ser diferente agora com a minha filha, netos e com quem vem pela frente. É legal dá onde você veio e quem veio antes de você, como foi a história, é a sua história, e nessa minha história tem um negro lá que sofreu muito, escravo...e se hoje a minha posição como negra já é de desigualdade, e a dele! Vamos pensar como era a vida desse negro que eu tenho um pouquinho dele dentro de mim. Então eu vou fazer questão de levar isso pra frente, pros meus filhos, pros meus netos, inclusive para os meus alunos, eles também tem...todo mundo tem o seu negro dentro, pode não estar na pele, mas na história da pessoa, da família. Enquanto professor, a pessoa negra não se posicionar, assumir de onde ela veio, pra saber pra onde ela vai, não vai ter jeito, ela vai ficar parada. Ela tem que se assumir enquanto negra, enquanto descendente de uma história de escravidão, pra se libertar dessa escravidão e seguir pra frente como um indivíduo normal, igual a todos, e se a história mostra que sempre teve essa diferenciação, fazer a história que não tenha essa diferenciação (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra)

Eu acho que falta isso nas escolas mesmo, falta de diálogo sobre isso, mas não só antigamente na época que eu estudava, mas nos dias de hoje também você não vê muito

estudantes falando disso, que conversa sobre isso, porque se tivesse mesmo uma educação a respeito disso, eu acho que pouquinho já teria mudado, pouquinho cabeça das pessoas, dos jovens principalmente, porque eles são assim os que mais mostram que tem preconceito eu acho. Então eu acho que se existisse esse tipo de conversa, esse ensino, desde já, antigamente deveria ter tido também, um pouquinho havia mudado, porque você não consegue mudar a cabeça do mundo inteiro, mas começando a partir da escola, eu acho que algum resultado teria conseguido.(Elaine, ex-aluna da profa.Nazaré, período inicial, 25 anos, negra)

Acho que é fundamental. Nós formamos a nossa opinião, a nossa personalidade muito cedo, então precisa assim...desde o prezinho, desde...aprendeu a falar “gugu” tem já ensinar, ir ensinando a criar o respeito, porque assim...hoje você o pessoal, a molecada de 12, 13 anos já está totalmente formado com relação às opiniões, talvez futuramente vão mudar, mas aí depende de fatores que vão ocorrer em suas vidas ou não vão. Eu sofri muito com o racismo, porque eu namoro com ele [indica o namorado presente no momento da entrevista] que é já negro, então eu sofri bastante com isso, eu fico triste, eu não gostaria que essas coisas acontecessem. Eu fiz a faculdade, não tinha um professor negro e na minha classe de 80 só tinha um, que era alvo de piadas assim constantemente, porque pra mim quando se fala do racismo, não existe piada não maldosa, às vezes você...olha só eram amigos íntimos que ficavam gozando com ele “uh, uh, uh...” na cabeça dele [imitando macaco]. Ele não esquentava, talvez pra não gerar um conflito, porque aí tem que passar quatro anos na mesma sala, aí vou ficar de cara virada, não sei o que, então aí ele nem ligava, mas ele era alvo constante. Tinha um, eu não vou falar que talvez eles premeditavam aquela brinca....aquele negócio, não sei, mas eu acho que se ele tivesse sido instruído a anos atrás, se ele tivesse bom senso, se tivesse sido desenvolvido nele a questão do bom senso, porque olha o teu amigo pode não reclamar, mas no caminho pra casa ele vai voltar chateado, porque fez “uh, uh..” na cabeça dele, então eu fico muito triste, até hoje é muito forte essa coisa.... O trabalho de conscientização tem que ser feito desde pequenininho, desde creche, por em escolinha, principalmente em escolinhas, que criança tem mania de..., ah, chamou o amiguinho assim, assim..., não é assim, é assim, na realidade não é essa postura de corrigir, mas a postura de ensinar. De uns anos pra cá que fizeram bonecas negras, 4 anos ou 5 que lançaram, porque só agora!, só agora bonecas negras. Isso tinha que ter a muito tempo, tem que ter essa coisa de criar o respeito, porque a base é respeito. (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca)

Se continuar nesse caminho não vai contribuir nunca, porque está mais formando marginais do que homens de bem....O papel fundamental seria estar fazendo uma reunião com os pais, para estarem vendo com são os pontos para depois estar fazendo o debate, não só com os pais, mas com os filhos, os professores, todos, mostrando quais são os pontos, quais são as deficiências, que eu acho que isso nunca vai ocorrer, primeiro porque a educação vem de berço, se dentro de casa o pai é racista, automaticamente seu filho vai ser racista, embora hoje em dia os pais são mais ponderados...há uma lei que está protegendo...Os pais tem que começar a ter consciência, a ver na sua árvore se tem negro e perguntar pro filho “você é negro ou você é branco”, “ah, só branco”, “mas porque, olha o seu nariz, o seu corpo...” Então, tem que começar tudo de casa. A escola que faz o aluno, não, o aluno que faz a escola, então se o aluno não pede pra ter o debate, o professor nunca vai saber qual a necessidade deste aluno...Não adianta fazer o debate pra pessoa só ter a consciência e não

resgata qual é o valor dela, se realmente é negra ou branca...As crianças não têm uma identidade porque não começa dentro de casa....ele não quer admitir que ele é negro, porque o pai é branco e a mãe é negra [ou vice versa], e ele também é branco, ele nunca vai querer ser o negro porque o negro é esculachado, e sempre a faxineira na novela...e nunca um dono de empresa, um bom político...deve abrir essa discussão saber porque tem negros de pele mais clara, mais escura...[ênfatisa a postura do “negro” diante de “outros negros”, ao não se reconhecerem como negros, por conta de um conflito de identidade ou da ascensão social; parece defender a necessidade de se construir uma “identidade negra” homogênea]. Esse debate só veio a acontecer no colegial, porque na 5ª. série teve um caso de uma turminha me chamar de macaca, então eu comentei com um professor, que era um professor negro, e ele disse assim “todo mundo veio do macaco, não é porque você tem a pele clara que é menos macaco que ela, se você não para eu vou tomar minhas providências”. Foi a primeira vez que eu ouvi falar “vou tomar minhas providências”, porque até então eu achava que não tinha nada disso. Ele não chegou a trabalhar em sala de aula porque ele ficou pouco tempo... Teve o fato de um aluno negro me chamar de macaca, aí eu virei pra ele e disse “olha só a sua cor, você tem mais cara de macaco que eu”...ele quis me ofender e acabou sendo ofendido, ele não tinha consciência de que era negro, como uma pessoa não tem essa consciência. Realmente, nunca teve essa discussão em sala de aula, tinha o que...só comentava “porque o negro sofreu isso, porque sofreu aquilo”, mas nunca teve “e aí vamos debater”, isso teve no colegial...Participei de alguns grupos [fora da escola], que abriam uma ata e falavam alguma coisa “porque o negro sofre preconceito...”, mas só ficava no papel. No colegial, com a Nazaré, que a gente realmente discutiu, tanto da mão de obra que a gente tinha que aprender, quem que descobriu o metal, quem que trabalhou, quem que mandava...[a partir dos fatos históricos debatia fatos atuais, como a questão racial, de gênero...].Na minha sala [colegial em mecânica] nunca teve essas brincadeiras pelo fato de ser negra... [preocupação dos colegas em usar a palavra negro/a, daí utilizarem moreno/a, para “não ofender”]. (Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra)

Com certeza. Se nós tivermos professores capacitados, os alunos também chegarão em casa e explicarão para os pais. Não será uma coisa imposta, que negro é isso, é aquilo, mas vão saber a realidade. (Laís, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, negra)

Eu vejo a educação, hoje mais do que antes, como uma das coisas mais importantes pra sociedade, eu acho que as pessoas tem que ter saúde, comida pra poder se dedicar a estudar, à escola, a aprender, você vê que as pessoas fazem sacrifícios enormes pros filhos freqüentarem a escolar e poder ter a oportunidade que eles não tiveram, mas a educação...os professores não se levam a serio, essa é a imagem que eu tenho, eles percebem que o papel deles é ensinar, se os alunos não querem aprender, problema dos alunos, “sinto muito não quer aprender não aprende, eu estou aqui fazendo o meu possível”...depois que veio essa palhaçada de que professor tem que ser amigo, que tem que ser bonzinho e que tem que deixar a sala um ambiente agradável , gentil pra que todos estudem e prestem atenção, o professor vira cambalhota, veste roupa colorida, toca música, não tem propósito nenhum, só de ta todo mundo olhando e se sentindo bem na sala de aula, pra mim professor tem que ensinar, se ele puder ser um figura agradável, ele tem que ser uma figura agradável, se você puder ser amigo dele, tudo bem, mas o papel dele é ensinar. O que adianta seu filho ter adorado o ano, ter feito um monte de coisa se não sabe ler, nem escrever...e a sala de aula é

um momento pra se levantar discussões sobre tudo, onde é possível levantar discussões sobre tudo, especialmente com as crianças, as crianças ainda não estão com aqueles caracteres...com isso arraigado, é o momento de você discutir, de levantar questões, questões que vão pra casa das crianças, que as crianças levantam lá e depois que vão pros pais, que vão se deparar com realidades diferentes, isso podia ser feito muito abertamente, as pessoas tentam fazer isso, não sei se muito bem porque não tenho muito contato, na feira das nações, com isso, com aquilo, mas não sei até que ponto isso é levado a fim ou até que ponto é só constatar o outro é diferente e nada além disso, “ah, ele é diferente, é diferente, ele não tem comida, mas todo mundo não tem comida”, “ah no nordeste todos são assim”, e aí o que você pode fazer com as crianças que estão lá no nordeste, é questão de levantar pros alunos, pelo menos pra mim, a questão de que tudo está em rede, que o mundo apesar de ser muito grande, estamos todos ligados, você pode fazer alguma coisa diferente, você pode fazer a diferença se você perceber que a diferença existe....pode-se fazer muitas coisas desde que os professores queiram, que os estatutos queiram...o que faz uma política funcionar são os professores acreditarem nela e acreditarem naquilo que esta escrito e implantar isso quando eles vêm aquilo como verdade. Tem professores que não vem aquilo como verdade, pra eles não fazem diferença, alguns se encasulam, minha vida sempre foi assim, sinto muito, e então levam isso adiante, outros tentam mudar, e isso se reflete muito na sala de aula, os professores que se transformam, que buscam transformações mudam um pouco dos alunos, o importante eles pensarem que alguém pensou diferente do que eles pensaram a vida inteira. Acho que as pessoas só mudam as coisas desde que esteja disposto encarar a educação com seriedade, não como estatísticas e índices....

Eu encontrei a Nazaré a pouco tempo na universidade, acho que ela tava fazendo a tese dela de mestrado lá na Unesp, aí a gente se encontro...foi uma maravilha encontrar ela, eu disse que não tinha esquecido da cartinha, e ela falou que tinha guardado a cartinha que eu escrevi pra ela e que ia me devolver, que a gente tinha combinado de se encontrar no Campus pra ela me devolver, aí eu fiquei pasma, principalmente no curso de Pedagogia eu fico me perguntando assim, a gente na sala , 40, 50 alunos e você uma só que ta com eles 200 dias letivos, você marcar a vida deles é uma coisa, porque eles são 40, 50 olhando pra você todo dia , e eu fiquei pensando “nossa, ela consegue lembrar de mim, que era aluna no meio de 40”, pensar porque ela guardou isso, pensar que você também faz parte da vida do professo é muito legal, que ele lembra de você, das coisas que você viveu, isso é muito legal, principalmente da Nazaré, ela tratava cada aluno individualmente, isso é o que eu mais recordo dela como professora e que eu busco ter na minha prática como professor, de saber que cada aluno é um aluno, que cada um tem seu nome, sua história, e que apesar de precisar tratá-los muito no geral em certas coisas, eu tento lembrar que cada um é um, isso foi o que mais ficou marcado pra mim. Eu acho que são só três os professores que eu me lembro de conversarem, que é a professora Nazaré, o professor Manoel, que não é negro, que tratava a diversidade, e o professor Sérgio, que dava aula de Português, que trazia uns textos totalmente diferentes, eu lembro que na 7ª. série ele trouxe pra gente ler Macunaíma, e eu achava uma absurdo, porque não tinha ponto, não tinha vírgula, da onde surgiu esse texto horroroso, que não é bem escrito, não sei o que, a partir de fragmentos da literatura e da redação levantava questões política...foram os três professores mais importantes, porque eles levantavam coisas diferentes da rotina, diferente daquilo que tava no livro, diferente daquilo que você vê na TV, diferente daquilo que você ta acostumado. [Com relação a temática étnico-racial], o professor Manoel no colegial, até porque as disciplinas [História, Nazaré, e Geografia, Manoel] eram muito próximas...até me lembro que aconteceu uma

coisa muito chata que era a reação dos alunos frente aos dois professores, eles pediram...foram reclamar com os pais, pediram uma reunião com os pais, porque os dois professores, o professor Manoel e a professora Nazaré, não estavam preparando os alunos para o vestibular. Eu fiquei arrasada, a minha sorte é que tava no fim do 2º. Semestre do 2º. Ano ou no 1º. Semestre do 3º., eu sei que tinha um semestre que eu não tinha mais História e geografia, entrou as disciplinas técnicas, e os professores tinham que dar questionários e ensinar o que era a Revolução Francesa, o que tinha acontecido, o que Robspierre tinha feito, esse tipo de coisa, aí a aula perdeu muito da graça, e eu acho que os professores perderam muito do prazer, foi muito difícil, porque era a professora que levava Caros Amigos pra você ler, dizia que nem tudo que a Veja dizia tava certo, que o Industrial, não sei como ta hoje, mas na época que eu estudava, os pais que não tinham dinheiro pros filhos estudarem no Objetivo, nas escolas particulares, iam estudar lá, e os que tinham conseguido superar as dificuldades poderiam estudar lá, como é o meu caso, tinham alunos da classe média, e eu e meus amigos que eram menos favorecidos, então as conversas eram muito estranhas “o ensino médio tem que preparar as pessoas...a escolas não tem que preparar as pessoas para nada além do vestibular, era pra isso que os professores estavam lá, que graça essa de ensinar os alunos a ler Caros Amigos, de levar música diferente, ensinar os alunos a discutir, debater...você estava preparando para o vestibular!, meu filho sabe responder sobre isso, não sabe, então não é bom”. Eu fiquei muito chateada, depois a aula virou um tédio. (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra)

Eu acredito que sim, porque a maioria do tempo em que os alunos estão aprendendo....vê como muito importante a escola, porque é na escola que se aprende, é na escola que vai chegar na universidade, os detalhes pra vida cotidiana, então eu acredito que é muito importante pra escola os assuntos como cota dos negros, os negros como amigos...Bom, eu acho que é muito importante a temática sim, praqueles que não conheçam ver que não é uma coisa diferente, que está no dia a dia, pra que as pessoas não tratem com discriminação as pessoas, tanto se é japonês, se é outro tipo de raça, etnia. Eu acredito que é importante estar passando pros alunos como conhecimento do dia-a-dia, não ter alguma surpresa, às vezes a criança ser tratada com discriminação e não saber....não ter algum tipo de reação, ficar inibida, com algum trauma psicológico. (Roberto, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, branco)

O papel da escola é importante, mas muitas vezes o racismo está dentro das casas, você pega por exemplo o pai que é racista, a mãe que é racista e o filho convivendo nisso vai ser racista também. Eu te digo que até mesmo dentro da minha casa, tem pessoas que fazem esse tipo de brincadeira, fazem esse tipo de comentário e eu não segui esse tipo de pensamento, eu graças a Deus nunca tive essa cabeça, tenho o pensamento mais longe. Eu acho que você trabalha a escola e não trabalha a família, não vai surgir muito resultado, a escola é fundamental, mas a família deve ser trabalhada também, o pai, a mãe, começar ai trabalhar essa questão do racismo.

Pelo que eu me lembre não, era debatido mais o tema da aula mesmo, não sei se porque era algo passado pela diretoria, não lembro, mas uma coisa eu sentia alguns professores não se sentiam satisfeitos em passar aquilo que era mandado, eles queriam trabalhar outro tema, outra coisa, mas não sei porque trabalhavam aquilo que era pedido pra eles. Eu vejo isso através do professor Denivaldo [de História] que queria abranger mais as coisas e não podia por causa daquilo que era pedido pra ele passar. Os dois professores que eu admiro assim

que tem grande importância na minha vida pra eu ter gostado dessa parte de humanas é o Denevildo e a Nazaré, eu sempre falo isso pras pessoas. Eu acho que pelos professores serem presos não poderiam abordar aquilo que ...ficavam preso mais...a um currículo, o professor ficava preso a um currículo dizendo você vai abordar isso, isso e isso, e ele queria abordar outros assuntos, queria fugir daquilo lá porque não tem nada a ver com a nossa realidade. Eu creio que se os professores não mudaram esse currículo é porque eles eram supervisionados de alguma forma, cobrados, não sei, porque se não tivesse uma cobrança com certeza eles mudariam a temática das aulas, mostrar algo mais interessante, que abrangesse mais a nossa realidade. [...] Enquanto professora, ela e o professor Denivaldo foram as pessoas que mais me influenciaram assim, foram base nisso e até hoje são, eu sempre falo isso pras pessoas. Como pessoa a Nazaré é maravilhosa, sempre calma, uma pessoa sempre disposta a conversar, sempre disposta a tirar dúvida, quer em sala de aula, quer no pátio, quer em sala de professores, ela nunca negou o tirar de dúvidas pra ninguém, ela cumpria sua função super bem, uma ótima profissional, eu não posso dizer nada dela assim, e o que as pessoas diziam dela, assim, pessoalmente, eu creio que é infundado, não tinha fundamento nenhum, talvez aquilo que pais colocavam na cabeça das crianças, de chegar numa reunião de pais e se deparar com uma professora negra, comentários paralelos, como eu te disse trabalhar a família... (Eliezer, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco)

Eu acho que a escola ainda tem muito que mostrar, porque ainda não tem quase nada, porque você vê, o professor é o primeiro que demonstra afinidade com um aluno e com outros não, então isso a criança já vem com aquilo de pequena “porque eu não, porque eu sou excluída!”, então acho que na formação dos professores deveria ter uma orientação maior sobre isso, do como lidar com isso, porque às vezes a criança nem ela mesma sabe como lidar. Se o professor tivesse uma forma melhor de lidar ou um psicólogo na escola, uma pessoa que fosse formada pra isso, pra se comunicar melhor com a criança, porque eu acho que não tem, porque o que eu vejo nas escolas...esta um terror...pode abrir uma penitenciária...o professor vê que a classe ta daquele jeito porque ele vai debater alguma coisa, ele se acomoda e deixa, e a maioria dos alunos são os pardos, morenos, negros, eles não abrem um assunto sobre o racismo ou sobre a nossa geração passada, como que era, qual é a maioria. Eu acho que tinha que ter dados nas mãos dos professores, se a maioria era branca, se era negra, mas porque você acha que era branca a maioria das pessoas que existiam no país, se aqui só existiam índios!, então eu acho que a escola tinha que abranger melhor esse tema. A educação um pouco vem mais de casa do que da escola, a escola te dá informações sobre a vida, sobre o que você vai ver mais pra frente, do nosso passado um pouco, mas a maior parte é da família que ensina, e eu acho que mandar as crianças pra escola pra aprender tudo não vai adiantar, você tem que estar sempre junto do seu filho e acompanhar o que ele está vendo. Os pais tem o próprio racismo e aí não adianta a educação que ele está tendo em casa, porque as crianças de hoje já tem uma instrução maior do nós antigamente ou dos nossos pais, a inteligência deles é muito maior, então tudo tem que ser trabalhado, conversado quando se pergunta o porque, dependendo do ele está conseguindo saber, aí você fala assim pra ele “agora você não vai conseguir entender”....então a gente tem que ensinar se não... Eu me lembro muito vagamente, eu tive uma outra professora [negra] de história, ela também, às vezes ela falava alguma coisa mais por cima, porque a gente era mais novo, acho que tava na 6ª. série, então ela comentava alguma coisa sobre o assunto, mas de debater não, aí ela não aumentava o assunto, porque

nós éramos muito novos. [Considera que foi com a Nazaré que teve contato, de forma mais crítica, com a temática]...Ela explicava né, já uma idade assim, as pessoas já tem mais consciência das coisas e dos pensamentos, então pra ela já era bem mais fácil falar sobre as coisas. (Silvia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branca)

Acho que deveria começar mais cedo a ter esses temas, pegar desde crianças menores também, já começar a aplicar isso daí desde o primário, não só na escola, dentro de casa também precisa ter isso daí, os canais de televisão, todo mundo assiste televisão hoje, e a imagem que passa na televisão o que é que é...Então um negócio bem...teria que mudar praticamente tudo. Até apareceu a parte dos escravos, mas de uma forma bem distante, a história bem lá atrás, mas não se discutia o que acontece hoje, que eu me lembre do primário até aqui sempre foi assim, sempre foi estudado de acordo com os livros, mas nunca se colocava o que acontece hoje. Acho que [a professora Nazaré] foi a primeira a enfocar essa temática [pelo pouco que se lembra], entre os professores que já tive acho que foi a primeira sim. (Marcelo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 25 anos, “japonês”)

Olha tem muitas escolas que nem tocam mais no assunto. Na minha época do Sesi tinha essa professora e na época do 2º. Grau graças à Nazaré, a gente tinha essa pauta, esse assunto bem abordado, mas hoje em dia eu não sei como é, mas por exemplo se na história em si algum professor tocar nesse assunto, o dia mundial do preconceito, todos os professores abordavam o dia mundial da água, o dia do professor, eu não sei o professor colocar o dia mundial do preconceito, tem gente que acho que nem sabe que existe uma data e existe, preconceito geral, racial mais ainda. (...) Professores negros, os mais qualificados pra falar...pode ser que muitas escolas tenham adotado isso, mas eu te garanto que a maioria não fala, particular então. Olha só como o brasileiro é, hoje em dia a maioria da população, as pessoas que tem acesso a fazer um curso de inglês, informática, tudo mais, eles comemoram o dia da bruxa, que é uma cultura que não é brasileira, e deixa o dia do folclore de lado, se você for perguntar pra um adolescente qual o dia das bruxas, se não sabe o dia das bruxas, sabe o mês que é outubro, mas não sabe o dia do folclore, o dia do índio, coisas que são da nossa cultura. Então você percebe que isso vai se afastando cada vez mais, o pessoal está muito americanizado, é palavra usada em inglês, filmes, quem assiste filme brasileiro quase todo o dia, ninguém, então é muito difícil falar eu vou implantar tal e tal coisa, a educação em si não é isso que ela ensina, todo mundo tá preocupado em saber falar inglês, ter outras línguas, tem livro de faculdade em inglês e espanhol, porque não tem tradução na nossa língua, então tem preconceitos diversos.[Cada um tem que contribuir e a escola e mais uma]. No Sesi tinha uma professora, inclusive eu achei muito interessante, ela era professora de História também e ela era loira, e ela defendia a raça negra até o último fio, a última gota, e eu amava ela, porque ela defendia com unhas e dentes. Então eu achava assim, ela coloca, ela expunha da mesma forma que a Nazaré, ela contava a história em si, o que aconteceu naquela época, depois ela colocava a opinião dela, ela era até mais. Ela falava que achava ridículo, abominava, ela usava esses termos, que uma pessoa tenha preconceito com a outra por causa de cor de pele, não pode trabalhar, não pode ganhar mais, não pode ser mais inteligente porque é negro, só pode cantar porque tem a voz bonita quem é negro, o resto não pode fazer mais nada. Colocava bem isso, nossa isso já é praticamente do pré. [Fora essa experiência com essa professora, discutindo mais criticamente a questão racial, a professora Nazaré. Diz se lembrar apenas

das duas quanto a discussão sobre a questão neste período escolar]. (Daniela, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 27 anos, negra)

Nenhum professor se mostrava preconceituoso, mas a Nazaré, realmente, era a única que tocava no assunto, a não se que fizesse parte da matéria dos professores e eles não falavam isso, e a questão do racismo, eram poucos professores negros que existiam, então não era muito mencionado, então quando havia alguma cena, pelo menos no meu tempo de escola e aonde eu estudei, alguma cena de racismo e preconceito os professores não interferiam, eles mandavam os dois ficarem quietos, prestar atenção e continuar fazendo o que estavam fazendo. A Nazaré, se ela ouvia uma situação mesmo entre dois ela interferia. O que eu acho mais importante, o que as escolas deveriam fazer mais, é mostrar que as pessoas são iguais, no máximo, e não que elas são diferentes e tem que respeitar isso, não que a cor dele é negra e a sua é branca, mas pode falar pra ele isso ou ofender ele por isso. Você tem que mostrar que todo mundo é igual e não que há restrições pra cada área de grupo, isso é que é preconceito dividir raças, todo humano é igual, dividido em raças é o que faz o preconceito. A escola devia mostrar que os humanos são mais iguais que diferentes, é como uma pessoa querer ser mais importante que a outra é que gera o preconceito, então é mais..que ela deve conscientizar as pessoas que todo mundo é igual, e não tentar impedir o preconceito. Quanto mais você tenta impedir o preconceito, mais ele aguçava na cabeça das pessoas. Se você tentar mostrar que todo mundo é igual e deixar sempre isso na consciência, eles acabam esquecendo do preconceito, mas eu acho que até o fim do mundo, pelo menos um pouco de preconceito vai ter, isso vai ser inevitável. Ela [a Nazaré] se dedica muito a isso [a discussão sobre a questão racial] e se concentra muito nisso, nesta parte ela é muito boa, como professora também. Então, ao que se refere a área de preconceito, de ajudar as pessoas, de ensinar a história das pessoas, ela faz um trabalho muito bom. (Hugo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 21 anos, branco)

Poderia estar passando mais para os alunos sobre esse assunto...Ah, eu não lembro, sinceramente eu não lembro...Às vezes em História falava um pouco, às vezes tinha algum texto que ela discutia sobre escravidão... (Aline, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, branca)

Essa escola não teve muitos problemas de preconceito, mas acho que deveria ter uma discussão sobre isso. Que eu me lembre na aula de história tinha alguma coisa relacionada ao racismo, mas não no assunto racismo, mas sobre esse negócio de escravidão houve alguns comentários. (Tiago, ex-aluno da profa. Aparecida, 16 anos, negro)

É obrigado fazer isso. A escola está aqui para ensinar, e isso não é ensinar!, então é uma coisa muito óbvia, não era nem pra ter essa pergunta. O continente americano é o maior em escravidão. Isso é uma batalha que tem que começar na escola e isso tem que ser uma coisa contínua pra mudar essa situação, mas isso não vai acabar de um dia para o outro, isso vai durar 100, 200 anos, mas eu tenho a fé que isso vai acontecer um dia, direitos iguais, tanto para as mulheres, porque isso são problemas que foram deixados para a humanidade resolver, para ter a sua própria igual, para conseguir o seu lugar no mundo, são obstáculos para o próprio ser humano. Nunca, só no dia da consciência negra, talvez faziam, eu não lembro. Eles escondiam tudo isso ou não queriam falar, casos eram muito poucos os que

aconteciam aqui, às vezes brincadeiras como te falei, mas nada muito sério. (Ivan, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, moreno)

A escola se ela fosse...ajudasse a esquecer o racismo e a conviver com as pessoas que são seres humanos iguais a gente, desde a primeira série...foi o que meu pai me ensinou desde quando eu era pequena. Difícil, era mais a professora de História. Ela falava sobre os escravos... (Mirian, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, branca)

Todos os temas, redação...tudo é educação...o que faz melhor o Brasil, o que faz melhorar...eu acho que a base de tudo é a educação, sempre, sempre, sempre. Não tem outra solução, é nisso que tem que investir. Eu acho que desde a creche, desde os contatos, desde bebezinho, através de ilustração com negro, com índio, com loiro, independente. Eu discrimino qualquer tipo de discriminação. Acho que tem que ter mais professores negros sim...O negócio de ensinar a cultura negra, eu acharia interessante, só que agora eu pensei assim, eu não sei se é uma coisa que daria certo, porque é a mesma coisa que ensinar religião, cada um tem a sua, eu acho que não precisava chegar no extremo, mas acho que tinha que ter um contato sim, que a escola tinha que bolar um jeito para não ter nenhum tipo de preconceito, porque o fato de ficar retratando o negro como coitadinho...é uma forma de discriminação, porque a pessoa vai olhar e falar assim: “ah, coitadinho, você quer um prato de comida”, e não é isso que ele precisa. Eu fiquei super contente que agora tem aqueles bebezão, a boneca negra, quando eu vi: ah, eu quero uma, porque não teve quando eu era pequena, e agora está mudando, eu achei ótima a idéia porque até então só tinha bonecas brancas, loirinha de olhos azuis, de cabelo liso. È aí que começa a quebrar as barreiras. Minhas priminhas, por exemplo, por parte de mãe, elas compraram o bebezinho, ela “aí, mas eu comprei a loirinha porque eu não gostei da pretinha”, ela falou. Aí eu falei: “mas porque você não gostou da pretinha, ia ficar parecendo comigo”, falei: “olha como ela é bonita, é que nem eu, tem a sua filhinha e ela é minha filhinha”, ela: “ah, é verdade né” e já quis trocar a boneca. È aí que começa, tem que ensinar desde pequenininho, mas de uma maneira que não fique discriminando. Hoje em dia o acesso...tem mais conversação, tem mais liberdade pra discutir o tema, mas ainda se discutindo meio que discriminando, e é isso que eu acho que tem que mudar, pensar de um jeito de ensinar sem discriminar, de igual para igual, talvez um professor negro ensinando os alunos seria uma boa situação.

Não. Houve professores que trabalhavam o dia do aniversário do Zumbi, 13 de Maio, só esses dias assim. A escola, os professores nunca discutiram, a escola nunca ofereceu nada tratando a discriminação, tirando os preconceitos, bloqueando, nunca teve nada. Uma professora que eu me lembro, que também deu aula aqui, ela abordava muito essa discussão...ela é a professora que eu me lembro que mais tratou..e amena também. Não tinha aquele negócio de tratar a cultura negra, de mostrar que o nosso português veio da cultura negra, que a nossa cultura em parte é uma cultura negra, não teve isso. È nossa cultura quer queira ou não. Acham que uma vez escravo sempre escravo, eles tinham uma cultura...Minha mãe falava sempre...eu lembro quando eu estava estudando que não importava podia ser rei, rainha, príncipe, ninguém respeitava isso, eles iam lá, tiravam e aqui eles viravam escravo, e talvez a África é pobreza..o pessoal vive na pobreza por causa disso. (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra)

Acho que deveria ter uma palestra de alunos, professores falando sobre o racismo. Não havia preocupação dos professores com essa discussão. (Luciana, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, branca)

A escola deveria reservar, arrumar uma reserva de tantas matérias, reservar um espaço, um dia, uma aula semanal para tratar desse assunto, para que haja uma conscientização dos alunos, porque nós somos aquilo que nos aprendemos e cada pai ensina o filho de uma determinada maneira, se dentro da escola os professores, a escola, se prontificam a reservar um espaço para esse tipo de trabalho, eu creio que futuramente, nós podemos até não ver, mas as pessoas que virão após nós, elas verão o resultado, porque houve alguém que trabalhou em cima disso. Se esse trabalho tivesse sido feito algum tempo atrás talvez hoje já não vivêssemos esse tipo de problema, então sei que a escola precisaria reservar uma aula semanal para conscientizar, incentivar alguém capacitado para dar o ensino sobre o que é o ser humano, a formação do ser humano, de que forma o ser humano nasce, porque preto, branco, o ser humano nasce da mesma forma, tem o mesmo destino que o outro, todo mundo nasce e morre. Se houver esse tipo de trabalho haverá maior conscientização sobre o assunto, mas se não for o fim, minimizar bem esse tipo de problema. (Paulo, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 31 anos, moreno)

Aconselhar, ter reunião sobre isso com os alunos, com a professora, começar pela direção, com os professores, depois dar conselho para os alunos, explicar porque um precisa do outro, a gente precisa do professor, o professor precisa da gente, a gente tem que ser unido, um quer aprender e outro ensinar, não importa se seja branco ou preto... Não havia o debate...na minha época não (Josilaine, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, branca)

A escola faz parte de 15% de sua vida, então tem um papel muito grande a escola na educação, porque resgata a criança desde pequena, e como grande parte das pessoas vem a educação só na escola, deveria ser criado um projeto dentro da História, por exemplo, onde poderiam puxar esse lado, e ser debatido, e ver o ponto de vista das pessoas, isso pode ser trabalhado, as pessoas podem mudar de opinião, só que tem que ser trabalhado em cima daquela pessoa, se mostrar pra ela, você muda a opinião dela, então a pessoa tem que tomar consciência. Então os professores de História, creio eu, eles podem fazer as pessoas tomar consciência, tanto no país quanto na sua casa. Então, se for criado um projeto, for colocado pros alunos, fazer trabalhos, pesquisas, perguntas, vão ter uma resposta, e aí vai ter uma resposta e através dessa resposta você vai ter que reagir com conteúdo. Então você vai ter uma resposta, talvez pode ser boa, talvez não pode, se for uma resposta boa é normal, mas mesmo assim eu acho que vai ter que ser trabalhado, conversado. Esse projeto pode dar certo, mas tem que ter vontade. Enquanto tiver todo mundo de braço cruzado não dando importância...

Pelo fato da escola, projeto da escola nada. Se não me engano, a gente tinha que fazer um trabalho sobre a introdução do negro no mercado de trabalho, na vida também, para um seminário, se não me engano, de um professor de História. E foi um seminário né, teve que chegar na frente da sala conversar e explicar, então eu fiz esse trabalho e coloquei todo lado preconceituoso que tem, porque minha mãe também é negra e eu compreendo bastante o lado preconceito, também entendo porque querendo ou não tem gente que tem preconceito contra gordo, branco, azul, amarelo...então, neste mundo tem muito preconceito. Então a

gente trouxe a polêmica, mas não saiu da sala de aula, ficou na sala de aula, foi coisa rápida. Pela recepção das pessoas, pelo assunto que se tratava, pelas elas foi superficial, mas pra quem tava dentro do meu grupo, pra quem tava debatendo junto comigo, pra gente não foi superficial, eles podem ter tratado até superficialmente, mas pra gente não foi superficial, tanto é que a gente levou super a sério, coisa que é difícil, aluno de 6^a. série levar a sério, e levou até o final, que foi até a conclusão que a gente chegou. Eu lembro que desenhou uma bola na lousa, cortou uma fatia e falou assim “essa fatia aqui é pequena porcentagem que não é preconceituoso, o resto é, o mundo é cheio de preconceito. Aí todo mundo falou “não, não é...”, tem como ver, hoje em dia já não é tanto, mas na época tinha bastante, pela cabeça das pessoas. Nós estávamos saindo da escravidão, era determinado pros grupos sobre o que ia fazer e a gente pegou sobre a introdução negra não mercado de trabalho e vida humana...era sobre industrialização, globalização...Tanto é que a gente caçou professores, tanto é que o Seu Carlos, ele é negro...a gente chegou a perguntar pra ele “o que você acha...”, mas foi coisa muito rápida. Então a gente trouxe, mas foi superficial, com relação às pessoas. (Paulo H., ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, moreno).

Não sei se a escola tem um papel, eu acho que tem que vir de casa, é claro que a escola tem que contribuir, tem porque criança às vezes brinca por causa da cor, mas acho que tem que vir mesmo de casa, do meu ponto de vista, porque a escola...porque se tem que abordar o assunto der negro na escola se você é igual ao branco, tinha que ser geral, como há bolsa pra negro, isso é um racismo, negro ter uma cota na faculdade, não existe isso, vai estudar pra conseguir entrar ter as mesmas condições das outras pessoas. Eu acho que cada um dentro de casa, cada pessoa...eu acho que tem que ser de você, tem que ficar esperando os outros fazer, você tem que conseguir. Já ouvi agora no Senac, que eu me lembre é mais recente, agora que o professor veio discutir, na disciplina de marketing. Foi um surgimento de um aluno, ele mesmo é negro e tem o problema racial ele mesmo, então o professor começou a explicar quantidade de negro no mercado de trabalho e aí que ele abordou o tema desse aluno, porque tudo pra ele é racismo, qualquer motivo, qualquer conversa, qualquer palavra, qualquer brincadeira pra ele é racismo. Ele mesmo é racista, ele mesmo tem racismo com a cor dele. (Elen, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 23 anos, negra)

É essencial. A escola começa desde pequenininho...a escola teria que ter um método pra conscientizar nós todos que somos iguais, vir adubando isso desde pequeno pra quando esse jovem, essa pessoa, quando sair da escola, não sair se comparando com o negro ou sair se achando melhor ou superior, mas igual. É basicamente passar uma forma, um meio de conscientizar os alunos, de passar pra eles que...em forma de trabalho ou de atividades em sala de aula pra que os alunos se enturmem mais, e eu acho que os professores são essencial nessa parte. Mesmo sendo negro ou não negro eles deveriam falar...Não são todos que debatem. (Everton, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, pardo)

Não há um trabalho, que eu me lembre não. Eles tipo assim...vai levando essa idéia que tem na cabeça do povo. Você percebe que ofende bastante assim quando fala... Nos últimos anos...porque antiga mente não tinha, trouxe as danças, a capoeira, essas coisas originadas dos negros, trouxe pra escola, mas eu já estava no terceiro [colegial]. De uma forma ou

outra eles tentam trazer essas coisas pra mudar a cabeça do povo. (Luis Rafael, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, branco)

Não havia preocupação em trabalhar esse tema na minha época. (Nilza, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, morena)

Como se passa grande parte do tempo dormindo, se passa grande parte do tempo na escola, se passa grande parte do tempo aprendendo, e não adianta fingir ou fugir do fato, dizem “olha, educação vem de casa, mas educação também e muitas outras coisas vem do meio onde se vive”. Eu acho que não só falar sobre o assunto, mas se discutir sobre o assunto, falar sobre o assunto é extremamente fácil, mas se discutir sobre o assunto é outra coisa. Muito poucas vezes eu me lembro ter discutido sobre o assunto na escola, mas muitas vezes de ter falado, muitos outros professores, ativamente, discutiram racismo na sala, tinha uma outra professora [Cida, Geografia] que entrava na sala com umas camisetas assim “Dia contra o racismo”, várias camisetas diferentes, muitas das vezes “olha gente, esse lugar é assim, assim, e nesse lugar há uma grande população negra”, e ela acabava discutindo o assunto e não passar por cima das coisas, não se pode fingir que não existe, é besteira, é virar a cara para uma coisa que todo mundo sabe que existe e ninguém tem coragem de dizer que ta ai. E eu acho que a parte da escola é tratar ativamente, não se tem outra maneira de descobrir um meio, é tratar, é conversar com os alunos, é ver o que os alunos pensam, acho que é isso. (Thiago, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno)

Os professores estão aqui pra ensinar, então eu acho que eles deveriam pegar isso um pouco, falar sobre o racismo porque é muito importante, desde os pequenos pra já crescer com aquele negócio “eu não tenho esse negocio de racismo de pele, desse tipo de coisa”, não só preconceito racial, mas também sobre homossexuais. Isso tem que vir desde pequenininho, começa dentro de casa, os pais conversando com os filhos e na escola que também é muito importante eles falarem, bater sempre na mesma tecla. (Cristiane, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca)

Que nem aqui, por exemplo, tem uma professora que é negra, todo mundo gosta dela, ela é uma ótima professora [Sônia, de Matemática], os alunos são tratados iguais, perante diretores, professores, funcionários, independente da cor, eu acho que aqui na escola eles passam pra gente que todos são iguais, na forma do tratamento são iguais, e a educação é essa, pra que a gente sempre aceitar cada um como eles são. Eu acho que eles sempre passaram isso, que você não deve discriminar as pessoas, que você não deve julgar, desmerecer uma pessoa, ofender ela pela cor, eles sempre falaram sobre isso, eles sempre passaram isso, mas debater assim é raro. O ano passado teve um papelzinho que passaram em sala, sabe aquelas perguntas, quantos anos tem, qual a sua cor [censo escolar], teve um colega que se revoltou, porque a pergunta era “você se considera branco, pardo, amarelo...” e ao invés de estar escrito negro, está escrito preto, e aí ele falou “preto, preto é cor de lápis, de uma borracha... nós somos negros, não preto, preto é cor, negro é a raça”, aí ele ficou todo assim, achando que estavam desmerecendo ele, aí o professor comentou “ninguém fez isso pra desmerecer”, então ele disse assim “preto pra mim é ofender”, ele se sentiu ofendido, então o professor conversou com ele, fez ele entender um pouco ou tentar aceitar

que aquilo lá não era ofensa, discriminação, então é raro essas situações de conversar sobre isso (Fernanda, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca)

[...] pra você aprender uma coisa, você tem que trabalhar desde o princípio, desde o comecinho, desde criança, eu acho que tem que começar a debater logo que a criança entra na escola e não esperar que nem no meu caso que eu fui começar a debater isso no colegial, aí como eu me formei a três anos minha mente já é um pouco aberta, porque eu comecei a ver isso no 1º. Colegial, mas se começar a trabalhar com uma criança na 1ª., 4ª. série que seja, acho que a bagagem dela vai ser maior, a mente dela vai ser mais ampla que a minha. Então eu acho que tem que trabalhado mais, independente da idade...Eu tinha comentado que nesses 11 anos [trajetória escolar], eu tive duas professoras negras, de uma sala de 45 alunos, você vê 3 negros, e não sei porque acontece isso, porque é tão poucas pessoas, poucos negros na sala de aula, não tem explicação, e quando você chega no colegial, você entra na Sociologia e parece que sua mente, em vários pontos discriminação, a sociedade em si, você abre a tua mente, você não fica naquilo “ah é negro, negro sofre discriminação...”, você vai buscar o porque aquilo acontece, porque foi uma coisa que me chamou bastante a atenção foi a sociologia, abre a sua mente. [o professora de Sociologia, não-negra, Maria, do ensino médio debatia o racismo]....isso, a política, tanto que eu comentei com a minha mãe que depois que eu passei a ter a Sociologia eu acho que fiquei mais crítica, eu passei a criticar as coisas, porque antes era “ah aconteceu isso...ah tá bom”, depois que eu passei a ter as aula de sociologia “mas porque isso acontece, que eu tenho que fazer, porque...”, você fica mais interrogativa. Até a 8ª. série, você escuta, tem trabalho sobre racismo, sobre política, mas aquilo acabou a aula, acabou, você fechou seu caderno, esqueceu, mas no colegial você começa a debate....Por você agora abrir a sua mente, você já quer transmitir pro teu pai, pra tua mãe, pras pessoas que você conhece...porque meu pai fez até a 7ª. série, minha mãe fez até a 4ª. e minha mãe também morava em sítio, então aquela coisa recatada, então a cabeça não é tão aberta assim como a gente hoje. (Rosemeire, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca)

PROFESSORAS NEGRAS E SUA PRÁTICA DOCENTE

PROFESSORA NAZARÉ

Pelo que eu me lembro ela já iniciou a aula com essa temática, ela já começou introduzindo o tema africanos no Brasil, assim bem pedagógico. Hoje eu já vejo que tinha uma intenção por trás, não foi assim aleatório, nem do programa, porque ela já começou daquilo...ela foi muito fantástica na disciplina dela, na profissão dela, porque ela soube introduzir aquele assunto de forma que a gente comesse a pensar, rever conceitos e até perceber que negro é gente, porque a gente brincando não tinha essa noção que a gente tava brincando com... até eu mesmo, eu sendo negra, brincando com negro como se não fosse gente. Quer dizer, ela humanizou o que a gente estava desumanizando nas brincadeiras. Até hoje eu vejo que não foi a tua que ela começou pela escravidão, e no final da 8ª. série ela foi paraninfa da turma, o pessoal adora, você vai fazer a sua pesquisa e vai ouvir elogios mil, porque ela foi a professora. Eu não sei se eu me envolvi um pouco mais, porque ela estudou com uma tia minha, foram vizinhas, então eu acabei me aproximando mais. Num contexto de escola ela trouxe **[experiências pessoais com a discriminação]**, mais muito superficial, dentro dessa

temática, o quanto é difícil pro negro conseguir se posicionar enquanto profissional, enquanto sociedade. Ela sempre mostrou isso, que o negro tem uma sociedade a parte, ele faz parte da sociedade, mas ao mesmo tempo não faz. Ela mostrou assim a trajetória dela, o quanto foi difícil pra ela estudar, o quanto foi difícil pra ela tá onde ela tá, e que ainda tava estudando, mas eu me lembro que foi assim...não foi tão aprofundado como eu fui buscar, “ah, estudou com a minha tia”, e aí eu comecei a me interessar mais em saber, e soube um pouco mais das dificuldades que ela enfrentar. Mas ela soube fazer isso sim, uma ponte da vida dela com a vida da professora. Ela sempre abordou a temática de forma natural, porque ela era muito franca, não tinha assim rodeios, e também não impunha, ela era franca...é que já faz muito tempo, mas deve ter tido alguma situação que ela chegou a falar porque eu lembro que o pessoal chegou a desrespeitar muito ela, então foi dela falar da vida dela, da experiência dela, de quanto negro sofre, então deve ter tido alguma ocasião, mas que não me marcou, até porque eu fazia parte daquilo tudo enquanto agressora, porque eu também tava agredindo, fazendo parte das brincadeiras, e isso desde o começo das aulas, porque depois nos formamos um vínculo de amizade, não só eu, mas a classe toda. [Prática pedagógica] Ela fazia muito a gente pensar muito, questionar muito, não só na questão racial, mas como era a geografia política. Ela fazia muito a gente fazer redações. O que chamava a atenção é que ela fazia muito debate, exposição oral e a gente não tinha que escrever. Só que a gente pensava muito, pensava, se posicionava . Ela fazia muito a gente questionar, pedia como tarefa pra gente assistir televisão, mas aí assistir de forma crítica, analisar os fatos, fazer pesquisa em museu, mas não aquela pesquisa que a gente tinha que escrever, recortar, tirava xerox e recortava, mas era aquela pesquisa na biblioteca, no museu, expor isso oralmente, fazer pontos com o que estava na história do museu e o que...fazer entrevista com vô, com vó, fazer uma ponte com a história do presente e documentada, e também era bacana que ela não fazia muitas aulas convencionais dentro de sala de aula, a gente às vezes ia pro pátio, conversava no pátio, então assim...isso tudo foi transformando a imagem que a gente tinha construído antes de conhece-la, a imagem que ela foi construindo com a gente, tendo a nossa participação. [Havia uma forma segregacionista, ao tratar de forma diferenciada alunos negros e brancos, ou a tentativa era integrar!] Os próprios alunos estavam dispersos em relação a ela e unidos contra, então quer dizer, se tinha uma segregação era por parte do aluno, então o que adiantava ela puxar os negros ou os que se consideravam moreninhos, porque a gente não falava sou negro, não sou moreninho, então ela não poderia fazer isso, ela tinha que puxar a classe toda. Até no final do curso, tinha muita gente que já tinha se definido, sou negro, não tenho vergonha, porque ter vergonha se foram os negros que construíram o Brasil, mas até então negro era o que limpou o chão do Brasil, não tinha aquela imagem heróica, ela mostrou mais esse lado heróico, ela falou bastante da formação dos quilombos, que hoje também existem quilombos, só que os quilombos hoje não são mais de resistência, mas de segregação mesmo, que os negros se colocavam mais a margem da sociedade, que não tem espaço. Na época dos quilombos era a procura de espaço, agora é por falta de espaço e ele vai cada vez mais se fechando entre eles. Eu lembro que foi essa imagem mais heróica que ela mostrou, depois tinha gente até querendo ser negro que era branco, porque fez uma boa imagem mesmo. Hoje eu falo que além de Paulo Freire que ela era totalmente construtivista , porque a gente fazia parte, a gente estava construindo conhecimento, e ela mediatizando, porque eu sempre estudei na mesma escola, sempre era o mesmo grupo de professores e era um ensino tradicional, chegava passava tudo na lousa, baixava a cabeça, copiava, explicava por cima o que era, mas se não explicasse nós iríamos entender do mesmo jeito, porque o que o

professor explicou era o que nós tínhamos escrito, então não fazia muita diferença. Só Matemática, era a única disciplina que nós tínhamos que raciocinar, o restante não tinha raciocínio, e ela não, ela veio para a fazer a gente pensar mesmo. Depois dela, eu só tive uma professora, que ao contrário dela era bem branca mesmo, bem nórdica, de História, da mesma linha dela, pensamento crítico, mas fora isso, desde a 1ª. série até 3º. Colegial só tive essas duas professoras que estavam preocupadas com o aluno, com a formação do aluno, com o que o aluno pensava, dele e do mundo, o restante lastimável. Eu até tenho o material dela, que até serviu de base para prestar o vestibular, porque eram textos críticos, que agora eu vejo que é um material riquíssimo que dá até pra usar na faculdade, porque ela trouxe pra uma turma que estava pisando nela e ela podia muito bem falar assim “bom, eles fingem que estão aprendendo, eu finjo que estou ensinando, e bola pra frente e o meu salário no final do mês está aí”, mas ela fez uma diferença muito grande na minha formação e creio que na formação de muita gente daquela turma... Experiência escolar com a temática] Eu fui ter com a Nazaré, na 8ª. série, mas e se ela fosse loira dos olhos azuis será que eu teria! Depois eu fui ter com uma outra professora bem crítica, mas ela não abordou esse assunto, essa temática, pegou outros que necessitavam de uma visão mais crítica, mas não abordou, então o que eu vi da história do Brasil, do descobrimento, no livro didático, e do negro que veio escravizado e trabalhou, teve a lei áurea e acabou. Eu tive por causa da Nazaré essa visão crítica, me influenciou hoje, e mesma assim, eu não sou uma pessoa que não sou engajada, mas agora se não tivesse, eu ia falar o que, porque de cor eu não sou preta, eu aprendi na escola que sou marrom, a raça negra...eu poderia dizer pra você meu sobrenome é italiano, tem mais branco que negro, poderia por parda...mas se eu tenho essa visão que eu sou negra, da minha origem, foi também pela introdução que eu tive, pela versão e pela crítica que a Nazaré me passou, que com certeza eu não teria essa visão que eu tenho hoje, a base começou com ela, a base em que fui formada começou com ela, porque na minha família não tem esse tipo de discussão. Como toda família brasileira é muito miscigenada, é português, negro, holandês, índio, italiano....eu e minhas irmãs...Então o que eu lembro da minha infância nunca teve essa discussão “ah é muito miscigenada, só falta o japonês aqui”, não tinha uma discussão, o que eu já acho que vai ser diferente agora com a minha filha, netos e com quem vem pela frente. É legal dá onde você veio e quem veio antes de você, como foi a história, é a sua história, e nessa minha história tem um negro lá que sofreu muito, escravo...e se hoje a minha posição como negra já é de desigualdade, e a dele! Vamos pensar como era a vida desse negro que eu tenho um pouquinho dele dentro de mim. Então eu vou fazer questão de levar isso pra frente, pros meus filhos, pros meus netos, inclusive para os meus alunos, eles também tem...todo mundo tem o seu negro dentro, pode não estar na pele, mas na história da pessoa, da família. Enquanto professor, a pessoa negra não se posicionar, assumir de onde ela veio, pra saber pra onde ela vai, não vai ter jeito, ela vai ficar parada. Ela tem que se assumir enquanto negra, enquanto descendente de uma história de escravidão, pra se libertar dessa escravidão e seguir pra frente como um indivíduo normal, igual a todos, e se a história mostra que sempre teve essa diferenciação, fazer a história que não tenha essa diferenciação. (Aline, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 29 anos, negra)

O ensino dela...é comparada a todos os professores, não tem diferença nenhuma. Paciente, super-educada, não tenho o que falar. Ela conhecia minha mãe também, era super amiga, fazia reuniões, brincava com a minha mãe....eu era super amigo dela, o ensino dela foi sempre muito bom, não teve nada de ruim nesse tempo que eu estive com ela , ensinou

assim como os outros professores... Nunca tiveram [os outros professores], naquela época nunca surgiu alguém pra debater esse assunto. Que eu me lembro ela tinha tocado nesse assunto, fazendo tipo uma pesquisa sobre o que os alunos achavam, não me lembro bem se foi um trabalho, mas foi algo assim...o que eles achavam sobre a professora negra. A questão levantada pela professora Nazaré naquele trabalho era sobre o que os alunos achavam sobre o racismo e não sobre a professora, mas daí já dá pra se ter uma base. Na escola acho que foram duas professoras negras que deu aula pra mim, o repertório é pequeno, a escola tem quantos professores...e quantos negros...daí dá pra ver a diferença. (Fernando, ex-aluno da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, branco).

Ela é uma ótima professora, eu aprendi muito com ela, tanto nas matérias que ela dava pra mim...ela fazia com que o aluno aprendesse mais, pelo interesse, por ela estar demonstrando a força de vontade que ela tinha. Engraçado que uma vez...no final do ano ela sempre dava, sabe esses papéis de carta!, pra todos os alunos, o que ela achava de cada um do começo até o final do ano. Engraçado que ela me deu o meu, tenho ele até guardado, só que eu não sei onde está, que era menina, boneca dos laços de fita e aí escreveu do jeito que eu era, que parecia uma bonequinha, e nunca saiu isso da minha cabeça “boneca do laço de fita vermelha”, eu não sei porque ela chegou nesse ponto que eu parecia a menina, não sei do que se trata...isso foi na 3ª. série, porque na 1ª. e na 2ª. dava medo dela, pelo jeito dela assim... Fora isso, normal, era considerada uma das melhores professoras. A matéria dela ela dava História nas aulas dela, então ela contava historinhas, em cima daquelas historinhas é que a gente gravava o que era importante, uma das maneiras, ficava até mais fácil pra prova. Em cima daquelas historinhas era o que fazia a gente lembrar. Não ficava só naquele ponto “ah, porque o descobrimento do Brasil foi tal, tal, tal”, então tinha sempre aquela historinha junto que tornava mais fácil a gente entender. Eu só tenho que agradecer a ela, porque ela fez eu enxergar muita coisa que...não que meus pais não falavam, é que as vezes a gente vai muito pela cabeça dos amigos, de andar com muito branquinho, mas com o passar do tempo ela me fez ver várias coisas demonstrando. Nós ficamos tão amigas que eu já freqüentava a casa dela, em aniversários, ela praticamente não foi só uma professora, mas uma super amiga que eu tenho até hoje, cada vez que eu encontro ela assim...ela nem acredita que eu estou casada agora no momento, mas é tudo de bom. Ela me fez enxergar] que a gente tem que se valorizar mais, demonstrar o nosso próprio valor, que a gente é capaz de fazer aquilo, demonstrar que gente somos capazes de estar fazendo, tanto na parte escolar quanto de trabalho, não deixar que os outros falem em cima de você, da sua cabeça. Demonstrar que se você está ali naquele lugar é porque você tem capacidade, você sabe que aprendeu o jeito certo que tem que fazer as coisas e não deixar ninguém passar por cima de você... Falava, ela tinha muito disso na aula dela, não no segundo ano, 2ª. série, mas na 3ª., porque como já era classe mais velha, todos os alunos foram para a terceira, então aí já ficava mais fácil a conversa, pra enxergar, como era visto, foi então que surgiu a pergunta pra classe “qual cor a pessoa...que a pessoa era”. Eu falei que eu era morena, quase me matou nessa época, e ainda falou assim como..., perguntou umas duas vezes e eu falei morena, e a classe estava fazendo silêncio, “Mônica sua mãe é negra, como você é morena, olha os seus traços que você tem”, quando a gente tem aquela idade assim pequena acha que só porque tem um tonzinho de pele mais clara que a mãe já é morena, na a ver”. Com isso, ela fez muita gente enxergar, não só porque o tom da pele é claro que a pessoa não vem ser negro, os pais são. Tudo bem, cores diferentes, mas o pigmento é maior da parte negra. Até mesmo assim, a mãe poderia ser mulata e o pai branco, mas mesmo assim lá

atrás os avôs eram negros...Muita gente não enxergava isso, não dava atenção pro que ela falava. (Mônica, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 24 anos, negra)

Ela era uma professora muito boa, enérgica, bastante enérgica, bem autoritária com os alunos. Pelo pouco que eu me lembro, ela é, foi e continua sendo uma professora excelente, competente, responsável pelo que faz, acho que ela é uma ótima profissional, ela consegue alcançar o objetivo dela que é ensinar as pessoas, e pela questão dela ser negra, ela não traz pra nenhum aluno, pelo menos que eu tenha presenciado, esse tipo de preconceito, de distanciamento de aluno-professor por esse motivo, então eu acho que ela supera todas as expectativas dela e as nossas também... Eu não lembro de ter tido nenhuma conversa a respeito disso. Pode ser que pode ter tido, mas não me recordo porque já faz muitos anos... Em outras séries mais recentes, que eu me lembre, conversava bastante sobre isso, não só na escola como trabalho, aqui [academia de ginástica], a gente conversa sobre isso. Não havia a preocupação dos professores em educar para essa temática. (Elaine, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 25 anos, negra)

A professora ela fez muito assim...desde quando eu vi ela, um traço muito forte de cultura, personalidade dela, a maneira dela se expor, vestir, falar, uma pessoa que a gente pode perceber que ela defende mesmo o fato dela ser negra e ela mostra isso se vestindo e agindo como tal. Essa é a maneira que eu vejo ela, desde quando eu vi ela, na forma dela dar aula também, ela mostrava isso claro, não querendo se impor forte em cima de ninguém, mas é a maneira dela se mostrar.[diz não se lembrar do período na escola Ergília]... escola Industrial, disciplina de História]. Ela colocava essa matéria como uma maneira de mostrar pra gente como foi a história dos negros, das dificuldades na sociedade deles, tentando mostrar pra gente o traço cultural que a gente carrega até hoje, do preconceito e tudo, não era essa visão realmente, ela queria mostrar da maneira que a realidade é mesmo, assim não essa cultura que a gente carrega que o negro não presta, que é assim..., ela mostrava que ele tem a mesma capacidade que os brancos, os mesmos direitos, por igual. Pelo fato dela se impor, ela tentava marcar isso, a imagem que ela passava pra gente, ela tentava marcar o fato dela ser negra. [não se lembra de um debate específico com a temática, nem da professora trazer e trocar experiências com a discriminação com os alunos]. (Fabio, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco).

Olha, é impossível não lembrar da Nazaré porque eu brigava com ela constantemente, tive um monte de arranca-rabo com ela, porque é assim...você vem dentro de um sistema educacional, se é uma professora que pega numa coisa fora do normal, diferente, pra se situar é difícil, naquela época era difícil, porque era tudo aquela coisa, aqueles trabalhos básicos, aquelas aulinhas básicas, era sempre a mesma coisa, e a Nazaré, ela pedia sempre coisas muito diferentes, trabalhos diferentes. Uma vez eu tive uma briga com ela tão forte, que ela falou assim pra mim...a gente fez o trabalho, demoramos um tempão pra fazer...ela falava assim “eu estou cansada de ver esses trabalhos de cartolina com coisa colada, escrito do lado que ninguém lê e não sei o que...”, e aí ela pegou....eu e os meus amigos, meu grupo, nós fizemos um trabalho com cartolina, mas com os desenhos que contavam a história e a gente foi explicando, e ela falou assim “olha, nos últimos anos assim foi o melhor trabalho que eu vi, mas ainda não é bom, bom...”, e eu falei “você nunca ta contente com nada...” e comecei a reclamar, e ela falava assim “e que eu não posso falar que é o

melhor, porque você tem que entender que as vezes vai ter alguém que vai fazer melhor que você...”, porque ela era muito polêmica, Nazaré era polêmica, eu via ela como sendo uma professora polêmica, ela sempre foi crítica, forte também, A Nazaré tem aquela coisa forte, um vozerão, eu nunca esqueci do vozerão dela, ela fala alto, aquela coisa imponente, mas ela sempre teve didática bem diferente de todos os outros professores, principalmente com questão social. Então social, racial, religiosa...e ela conseguia...o que eu achava bacana nela assim e as vezes brigava muito com ela, porque ela conseguia levar, porque ela me deu aula de História, ela consegui levar todo aquele teor da aula pra realidade. Ela me deu, na época tinha uma matéria chamada, agora eu não vou lembrar pra você, alguma coisa chamada Estudos Sociais...Educação moral e cívica, falava muito de sociedade e tal, e tudo quanto é fato histórico que ela explicava, ela conseguia sempre ligar com a atualidade e falar “isso acontece por causa disso, disso, disso...”, mas sempre de forma crítica. Eu lembro quando teve a II Guerra e as mulheres foram costurar, se mobilizaram, e ela disse “vocês viram, precisou acontecer uma catástrofe pra mulherada...”, ela tinha uma visão assim, pra explicar as coisas, que era muito diferente, desde os trabalhos, o jeito que ela falava, e ela sempre foi crítica demais, sempre, e crítica com a sociedade. Então, ela explicava o papel histórico e fazia sempre as conexões do passado com o presente, porque muita coisa é real ainda, acontece. Isso foi positivo pra mim, foi positivo. Outra coisa que eu gostava nela, ela foi...eu acho que ela ainda é petista assim, nossa alucinante, ela ia trabalhar com a estrelinha do PT, eu lembro muito disso. E ela era uma das únicas professoras de História que explicava muito bem o papel político, eu acho que porque ela já era envolvida, sempre foi filiada com o partido, essas coisas, ela sempre se informava muito sobre isso, porque a maioria dos atos na história tem baseamento político, acontecem por causa da política, e ela explicava isso muito bem, muito bem, eu sempre gostei. Eu brigava muito com ela, porque falava “você nunca ta feliz com nada”, porque tudo ela falava “ta bom, mas...foi ótimo, mas aqui...”, e então falava “você nunca ta feliz com nada” e ela “um dia você vai entender, porque eu nunca to feliz com nada, por que tudo se transforma”, um exemplo pra você poder entender assim, você nunca pode se julgar insubstituível, porque uma hora vai aparecer alguém que é melhor a você, igual ou melhor né, então ela sempre falava pra mim. Eu lembro que eu encontrei com ela quando o PT ganhou e eu tava na Tribuna e ela foi lá tal e eu ainda comentei sobre esse assunto com ela, “hoje eu faço os meus trabalhos na agência, olho assim...isso não ta bom...e aí que a campanha veiculou...eu podia ter feito daquele jeito, poderia ter ficado melhor ainda”, então ela influenciou bastante a Nazaré, ela é muito forte, uma pessoa forte assim. Há dez, quinze anos atrás, tema como preconceito, ela sempre foi muito preocupada, acho que porque ela sofria muito né, então ela sempre procurou passar isso pros alunos, nas aulas dela, debatia muito isso, preconceito, que ela sofria muito, colocava isso dentro da história, de professora de História foi a melhor professora que eu tive, foi a mais assim...por causa dessa crítica dela, dessa coisa que ela tinha com a sociedade, e ela é muito auto-crítica, então acho que casou bem assim a História, porque se ela fosse uma professora de geografia, então não teria sentido, mas a História em si, porque não é aquela coisa “sicrano descobriu o país...”, ela explicava tudo, porque que...e ela sempre fazia uma conexão atual, explicava “esse governo que a gente tem aqui hoje é igual aquele, e o mesmo sistema”, quando a gente estudou coronelismo, no norte até hoje é assim, no norte, Mato Grosso do Sul, lá pros fundão, e ela sempre explicava “olha gente isso aconteceu...”, e ela sempre fazia as pontes, e era muito bom... [na sala de aula] podia até ter comentário, mas sem ela ouvir, porque tinha não adiantava, porque ela não era...de dez alunos...ela tinha apelido de

sargentão, mas não era, porque ela chegava, ela se impunha, então ou respeita ou respeita, se você faz isso, o povo a sargenta, a não sei o que, mas porque ela exigia, exigia. Sabe que eu gostava nela, porque a Nazaré é assim olho no olho, ela te perguntava uma coisa e você estava assim na carteira [cabeça baixa], ela falava “ergue a cabeça, fala mais alto”, eu acho assim excelente, porque você tem que aprender a se posicionar como pessoa, a falar pras pessoas te ouvir, e ela dizia “eu grito porque as pessoas precisam me ouvir”, ela vivia falando isso, acho que até hoje ela tem esse jeito de falar meio alto, ela fala alto. Agora, conflitos fora esse, dentro da sala de aula, eu não lembro de nenhum forte, eu só lembro desse do corredor, do menino do apelido, dentro de sala de aula...sabe porque, o pessoal tinha medo dela, como ela se impunha e tinha aquele vozerão,e ela falava assim....o pessoal ficava meio com medo dela, só um muito ousado como esse menino que falou isso uma única vez...o pessoal tinha medo, porque muitos já não conseguiam acompanhar a aula dela, já ficava com nota baixa, então acho que tinha até medo de ter atrito com ela, ficava com medo de piorar “vou brigar com ela e aí que ela não vai me dar nota mesmo” . Ela fazia [não se intimidava]...com esse menino ela falou “você me respeita...” , porque eu não sei o que ela passou na vida dela, não conheço muito a história de vida dela, mas parecia que aquilo era uma coisa nata dela, era dela, e eu achava legal porque, é o contrário, a maioria da população negra, se oprime, e ela não, ela fala “vão ter que me ouvir, vão ter que me respeitar e acabou”. E eu via que na escola era uma coisa nata, uma coisa nata dela, eu não sei se ao longo da vida dela....porque eu tive aula com ela, ela devia ter seus trinta anos de idade, vinte e pouco, acho que trinta, eu não sei a idade dela, mas eu me lembro de uma pessoa muito adulta...lembro dela uma mulher dos seus trinta e poucos anos. Então, o que acontece, eu via que era uma coisa dela, aquilo era dela, ela não fazia forçado, é dela de pessoa , está dentro dela, agora eu não sei se ao longo da vida dela ela sofreu alguma coisa, deve ter sofrido...só que ela teve coragem de formar essa opinião e falar “eu sou o que sou e as pessoas vão aprender a me respeitar”e trazer pra sala de aula. Ela era super critica, ela falava, e aquela coisa assim de você...”olhem sempre pra frente, não deixem que ninguém pise em vocês”, ela sempre falava, ela se preocupava com o que a gente, com o que você ia sair dali, com a forma que você ia se posturar diante da sociedade, ela tinha uma preocupação muito grande com isso, ela falava “você vai pedir emprego assim de cabeça baixa, isso não existe, olha pra frente...”, e ela vivia falando “porque vocês bairro de periferia...”, selmi dei, até hoje, tem gente que fala “quem mora no selmi dei...”, tem vários tipos de preconceito e ela sempre falava do religioso, tem muitas pessoas evangélicas que tem piadinha, do racial, do bairro...porque ela falava que as amigas dela do magistrado “ah, você vai dar aula lá naquela escola, porque lá já mataram...”, não era, ela deu aula aqui não sei quantos anos....mas é uma coisa dela, incorporou isso, ela tinha essa preocupação. Se não me engano há anos depois ela deu aula pra mim no Industrial, e ela também tinha essa postura lá, minha irmã sempre falava, mas assim ela sempre procurou...na época ela disse que gostava de dar aula em bairro de periferia, porque ela fazia essa troca, tinha mais essa coisa sim, eu gostava dela, era uma excelente professora...

[...] Na 3ª. série, eu não vou falar pra você que eu lembro tudo, eu acho que até ela podia fazer [temática sobre a temática étnico-racial], mas de uma forma muito branda, porque é assim, é uma coisa muito complicada, o bairro é de periferia, existem muitas pessoas negras, mestiças, então 3ª. série é criança, dependendo o que você falar...é complicado lidar com 3ª. série, porque dependendo... eu não lembro assim certinho, eu não lembro, eu lembro dela assim...mesmo na 3ª. série, aquela pessoa...não eu lembro de um ato na 3ª. série que o menino foi chamar o outro de neguinho, e ela ficou super brava, esse ato eu nunca

esqueço, o menino já nem mora mais aqui no selmi dei. O apelido do menino era neguinho, e ela chamou, se eu não me engano, a mãe do menino pra falar pra que ela não deixasse que as pessoas apelidasse o filho dela de neguinho, falasse que ele tem nome, eu nunca esqueço esse ato, ela chamou a mãe e dentro da sala de aula ela falou, “você não chamem mais ele de neguinho que ele tem nome”, como ele chamava!, não me lembro se era Carlos, José Carlos...e ela falou pra ele “fale pras pessoas...ah, neguinho...fale que você tem nome, José Carlos”, e na reunião de pais ela falou pra mãe, “não deixe que chamem seu filho de neguinho, o nome dele é José Carlos”. Eu acho que não era nem maldade, não sei, se era ou não era, não sei, por parte da molecada, porque não tinha só ele de negro, mas uma vez, nunca esqueço “não sei o que, ah neguinho vem c[a]”, e ela escutou e falou “você não deixe que te chame de neguinho”, e na 3ª. série esse fato eu me lembro até hoje. Agora, falar uma coisa assim, como a lembrança que eu tenho de 5ª. série, talvez ela...porque na 5ª. série você está criando uma identidade, tá mais ou menos saindo daquela fase de criança, e vai começar a cria...vai reforçar uma personalidade, por isso que ela batia muito em cima disso. Na 3ª. série se ela falava assim, o fato que eu mais me lembro é esse assim, é porque ela...tem que ter um cuidado pra falar né, é criança, então tem que ter um cuidado, mas eu me lembro que é uma coisa que ela não gostava, de apelido, chamar ninguém por apelido ela nunca gostou, e era uma professora que falava “Sabrina Botega ou Sabrina”, ela deixava bem claro esse tipo de coisa, de profissão, ela era única que não gostava de ser chamada de tia ou coisa parecida. A minha irmã estuda Pedagogia e falava que hoje em dia, durante o ensino de Faculdade, já falam “não deixem que te chame de tia, você é a professora...”, na minha época não, era tia, mas com ela não, ou é Nazaré ou é professora, nem dona, nem tia, ela já deixava isso bem assim...naquela posição assim, não sei se de superioridade...[de personalidade]. Ela falava assim “eu não sou tia de ninguém, eu sou a professora, a Nazaré, me chama de professora Nazaré”, e ela não gostava nem de apelido...e eu lembro desse fato desse menino, que tinha apelido de neguinho, ele se chama José Carlos, e ela falou na reunião de pais, que eu lembro que a minha mãe chegou aqui em casa contando, ela ia na reunião de pais, “não deixa que chamem seu filho de neguinho, ele se chama Jose Carlos”, falou um monte de coisa pra mãe negra...que contribuía pra essa coisa da raça e falou “ele tem nome, José Carlos”, e aí ela chegou na sala de aula e falou “olha, o amigo de vocês chama José Carlos e não tem esse negócio de neguinho, cada um tem seu nome...”.

É que eu lembrei de um fato, num dos trabalhos, porque ela exigia muito...é que as aulas dela era quase sempre prática, ela fazia muita participação e trabalhos...queria sempre trabalhos diferenciados. Teve uma vez, eu não sei que série que foi, num trabalho, o pessoa tinha..a maioria dos trabalhos só tinham fotos de gente branca, e ela ficou pé da vida, ela devolveu os trabalhos, falou que não ia aceitar e que era pro pessoal repensar, não falou assim na hora o que tinha de errada, falou “você vão cata esses trabalhos, vão levar pra casa de vocês, olhem o que tem de errado neles...”, bom, ninguém viu nada, fizeram um trabalho diferente, mas com fotos de pessoas..., e aí ela falou “porque vocês...quantas revistas vocês recortara!”, perguntou, e falou “essas revistas não tinham foto de pessoas negras, porque vocês só escolheram fotos de pessoas brancas pra decorar os cartazes!”, eu lembro desse fato, que aí ela fez refazer, de novo, a terceira vez, com fotos de pessoas negras, porque os trabalhos falavam de história e renda familiar e os negros sempre tiveram renda familiar muito mais baixa, a maioria ainda tem, agora que está mudando, e ela fez mudar, ela disse assim “as revistas não tinham fotos de negros!”, e depois falou uma coisa que é verdade, muitas revistas não trazem fotos de negros, nas colunas sociais de jornais, é difícil você ver pessoa negra. Eu trabalhei num jornal e o dono de lá é extremamente

racista, ele exclui, você não tem noção, eu achava o cúmulo, então você não vê, e na época ela falou “você tem que procurar, não é só branquinho, não tem...existem...” , ela fez refazer tudo, ir atrás de fotos de pessoas negras. Ela foi a única, da minha 1ª. série até a 8ª., ela foi a única, pra não dizer tinha um professor chamado Denivaldo, que por sinal é muito amigo dela, os dois eram sempre grudados, ele também tinha uma postura crítica, mas às vezes eu via que ele ficava assim...porque esse professor, ele é homossexual, então o que acontece, toda vez que ele queria expor, querer falar, ele também sofria muito com o preconceito, o pessoal...ele era alvo de muita piadinha, ele meio que se retraía, ele não tinha coragem...mas que falou assim foi ela, nem falavam de preconceito, os professores nem falavam de nada, não falavam, e ela foi a única que batia de frente, que exigia, que explicava, que exigia respeito, não só com ela, porque na classe existiam outras pessoas negras, então....que eu me lembre foi só ela, que trouxe essa didática foi só ela. (Sabrina, ex-aluna da profa. Nazaré, período inicial, 26 anos, branca)

Bem, às vezes ela era um pouco radical no jeito dela. Às vezes ela não gostava muito de branco, mas nada pra ofender. Ela achava, ela imaginava aquilo que ela já sofreu lá no industrial. Ela já contou uma fase da vida dela que uma pessoa subiu na parte de cima pra ver o que estava acontecendo lá fora, a diretora já mandou ela pra diretoria [experiência vivida e contada por Nazaré aos alunos, com a qual se identificou, pois quando na infância, na escola, foi chamada de neguinha por uma das amigas, e na hora da saída a agrediu fisicamente, sendo chamada a diretoria, e questionada porque bateu colega. Ao relatar que havia sido chamada de neguinha [gostaria de ser chamada pelo nome], a diretora disse “só por isso”]. Então era aquela coisa de incentivar a pessoa a reconhecer qual é a raça. Então era aquela coisa “ah, você é pardinho, você é mulatinho, não, você é negro ou você é branco”. Tem os mulatinhos, os pardinhos que acham que não são negros. Geralmente te chamam de moreninho, e quando há o preconceito, na hora que a pessoa está com raiva te chama de macaco, de neguinho, então realmente existe muito o racismo. Se você não dá atenção pra um branco ele te chama de neguinha, cabelo duro. Então, em todas as elas ela mostrava, de uma forma pra não ofender os outros alunos, porque numa classe que eu estudei tinha três negros e um branco, então não tinha como ela falar de uma forma que as pessoas se ofendessem. Todos achavam que ela era racista, geralmente pegava uns pontos assim só sobre negros, eles achavam que ela dava nota porque fez trabalho a respeito do negro. Ela analisava todo o conteúdo que deu no trabalho ou mesmo nas provas, nunca teve uma passagem de racismo, pelo menos na minha classe não. Um dos trabalhos que ela deu e que eu até chorei, quantos negros tem numa escola, quando vocês estudam quantos negros vocês viram na sala de aula, uns viravam e falam um, outros dois..., mas como assim, eu sou negros (), ela virava e dizia você é, mas é por causa do tom da pele, não você tem que ver seus bisavôs, então ela puxava, seu bisavô é negros, então você é negro, você pode estar um pouco mais claro, mas ainda você é negro. Daí teve um que disse. É duro ser negro porque está em minoria, às vezes você abre a boca e escuta negrinho, macaca, você sempre tem algum apelido...agora branco nunca tem apelido, mas um negrinho sempre tem e se apronta ainda, aí que é esculachado. Então ela trabalhava mais essa parte de cada um ver a que raça pertence, então teve gente que levou isso a prática e teve outros que não. A maioria não leva à prática, a maioria pega... “ah, eu sou moreninha, mas eu não sou igual aquela lá, aquela lá é mais escuro que eu, eu sou morena escura, eu sou morena cor de chocolate”. Isso não existe, porque se você sobe num cargo, como administrador de empresa, se você sobe num cargo de chefia, por trás vão te chamar de macaca, de negrinha,

um já se viu uma negra no poder, eles não admitem que você pode chegar lá. Já teve fatos aqui no salão de funcionárias que trabalhando pra mim...elas não admitiam que eu mandasse nelas, por mais que respeitasse... de qualquer forma não mandar...elas queriam mandar em mim. Então ocorre sim, é tudo mentira que não existe mais racismo, existe sim, há um pouquinho em cada pessoa, pode ser tanto com negros, como com branco, com gays, com evangélico, com católico, acontece com todo mundo...Eu tenho clientes que se consideram morenas e é mais negra do que eu, quase azul, “ah, eu sou morena escura...”, eu falo assim “só se for do congo, não tem morena”, pra mim morena é branca, pele bem clarinha, cabelo escuro”. Não adianta dizer “você não é tão escura”, não adianta gente já sofreu preconceito, já fui chamada de macaca, de negrinha, eu sou o que então, branca, branca eu não sou, meu pai também tem uma mistura...desde branco até caboclo, negro e índio, vai falar que ele é branco, nem ele sabe o que ele é, só porque tem cabelinho bom, olhos claros, a pele dele é escura, tem irmãs dele que tem o cabelo duro, outros cabelos bons, olho claro, então é uma mistura tão grande, não dá pra falar que é 100% branco no Brasil, lá atrás deve ter “um pé na senzala”...devido essa mistura de raça que vem vindo sabe Deus desde quando...Acho que a pessoa está perdendo totalmente a dignidade quando diz sou morena ou branca, de repente o bisavô é azul...Quando chegar no nível profissional e subir de cargo, ela vai sofrer o preconceito sim....Tem branco que não admite se sentir por baixo de negro, como é o caso da cota. Eu não sou contra. Pra conseguir a cota você tem que atingir um certo número, você não vai entrar a toa, só por dizer sou negro... Geralmente sempre algum momento da vida dela, ela lembrava de uma situação que ela já tinha vivido. Então, geralmente ela colocava para conscientizar os alunos, que origem que veio, ela já chegou a fazer isso...nunca fez uma árvore genealógica, mas sempre ela debateu sim. Ela nunca chegou e falou assim “porque eu sou negra, vamos fazer isso”. A respeito das indústrias, do como começou geralmente ela pegava e dizia “qual foi o povo que foi mais escravizado”, então automaticamente todo mundo dizia “os negros” e ela “não, os índios também foram escravizados”, “quem eram os senhores feudais”, “os brancos”, às vezes ela dava algumas tiradinhas, mas sem ofender os alunos. Até mesmo nas caricaturas nós víamos quem que mandava, quem estava sentado no trono, sempre um branco, e quem que estava lá ajoelhado nos pés ou era negro ou era índio. Ele também falou de uma parte sobre japoneses, logo que eles chegaram aqui, eles tinham o valor da mão de obra deles, mas bem mais baixo, eles eram explorados que nem o negro. Então, ela provou de formas como uma pessoa pode ser escrava. Hoje, na minha concepção eu vejo que a gente tem que saber tratar bem qualquer pessoa não importa a raça, mas você vai ter que ver se ela irá ter esse mesmo transparecer, porque a pessoa pode não aceitar que você esteja acima dela, independente da cor, da raça, porque ela quer ficar no seu lugar... Hoje eu sei que a Nazaré está fazendo mestrado, mas para chegar aonde ela chegou eu sei que ela penou, o que eu acho que ela passou não foi nem um terço do que eu passei, só que foi aos trancos e barrancos, foi sofrendo o preconceito, que ela conseguiu chegar aonde ela está, isso que eu acho que ela conseguiu passar um pouco para os alunos que estavam interessados... (Márcia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 24 anos, negra)

Eu posso dizer que em relação a ela foi amor a primeira vista. Eu me lembro como se fosse hoje ela entrando na sala de aula, com o estilo dela bem afro, eu olhei pra ela e me identifiquei muito. A história verdadeira do negro eu vim saber com ela depois de tantos anos dentro de uma escola. Então eu percebi assim, ela sim sabe passar, ela é ativa em relação ao negro, o afrodescendente é com ela mesmo. Eu me identifiquei muito com ela

em tudo. Além da teoria ela mostrava na prática como eram os negros antigamente, o que eles sofreram, como eles vieram da África para o Brasil, a forma como eles eram tratados, que muitos negros morreram no navio negreiro, então ela explica muito bem, que o negro não pediu para ser escravizado, os nossos descendentes não pediram pra ser transportados de lá pra cá. Então foi uma agressão com o nosso povo e ela fez um trabalho muito lindo, a parte pedagógica dela é muito linda porque ela pegou três alunos, no caso eu para representar a negra, uma índia, descendente de índia, e um branco. Nós fomos num lugar, fizemos uma filmagem, tudo voltado pra parte pedagógica, ela conseguiu fazer com que cada aluno dentro da sua origem se identificasse muito bem. Um exemplo, eu que sou negra, você que é indígena, você branco, foi muito legal... Eu não me lembro assim o fato [que tenha levado a professora Nazaré fazer um trabalho mais denso com a temática racial], mas eu me lembro que ocorreu, mas ela teve uma postura assim perfeita, com a pedagogia dela, com a inteligência dela, ela soube amenizar a situação, nem mostrando assim superior, por ela ter um nível elevado em relação a nós que somos alunos e estamos ali pra aprender, mas tudo se resolveu, não foi nada assim muito grave. Eu lembro que o aluno saiu, os outros alunos também da pele clara saíram e eu fiquei, ainda falei assim “o que aconteceu aqui”, porque a aula dela pra mim era interessante. Algo que aconteceu em relação a cor da pele dela, eu não me lembro o que aconteceu, ela explicou a situação, a realidade como que é, aí acho que o aluno por sempre, desde a primeira série aprendendo errado sobre o negro e de repente ela foi mostrar o lado certo, o que realmente aconteceu, e ele ficou assustado, achou que ele queria mudar a história. (Lais, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, negra).

O que eu lembro da Nazaré, o que eu lembro da 3ª. série, em especial, é que eu fiquei muito assustada quando eu cheguei na sala de aula, porque a professora Nazaré tem um tipo diferente do que eu estava acostumada, que na 2ª. série, apesar de ter tido aula como uma professora..., que era a professora Regina, e na família da minha mãe todos serem negros, a professora Nazaré se veste diferente do que as pessoas da minha família se vestiam e se porta muito diferente...A professora Nazaré sempre usando umas coisas assim de coco, sempre vestida diferente, de bata, um estilo diferente. Eu perguntei pra minha mãe “porque a pessoa Nazaré era tão diferente das pessoas da nossa família”, que todo mundo era negro, e a minha mãe dizia que “cada um tinha o seu jeito, que ela gostava do cabelo dela daquele jeito”, e depois disso eu lembro que na 3ª. série eram terríveis as continhas de Matemática, que eu não conseguia fazer de jeito nenhum, mas eu não tinha coragem de dizer pra professora Nazaré que eu não conseguia fazer, porque ela tinha toda aquela coisa austera de vir conversar, e eu tinha a impressão que ela dava aula só pra mim, sempre que tinha dúvida ela estava perto, prestando atenção, parecia que era individual, isso era muito legal. E eu chegava em casa e chorava, todo dia porque eu não conseguia fazer as continhas de dividir e minha mãe não sabia o que fazer comigo [risadas], porque ela também não sabia fazer, aquelas continhas de dividir decimal, três números na chave, era complicadíssimo. Eu me lembro de ter não aprendido muito isso não, eu acho que eu passei na época, mas depois ficou marcado pro resto da minha vida. Eu me lembro da professora Nazaré fazer eleições na sala de aula, no ano que a gente tava, na 3ª. série, era um ano de eleição municipal, ela simulou uma eleição aqui pra gente, em sala de aula, a gente fez uma eleição e tudo mais, e me lembro que ganhou na nossa eleição um candidato que não era maioria na cidade, e ela falou que a gente tinha que decidir direito, pensar bem antes de decidir as coisas. A Nazaré sempre enfatizava isso, que a gente tinha que decidir certo aquilo que a

gente tinha que fazer, tudo que a gente escolhia tinha consequência, isso era muito claro na aula. E apesar dela ser uma professora....hoje eu vejo com prazer... dela ser uma professora que gostava de dar conteúdo, não deixava a gente passar batido, que apesar de ter festa junina, amigo secreto, essas coisas que criança gostava de fazer, gosta de fazer, ela dava muita ênfase ao que a gente tinha que estudar, a fazer tarefa, a prestar atenção na sala, ter pontualidade com as coisas, disciplina, pontualidade com os livros...hoje eu vejo isso como uma coisa muito rica. Apesar de na época eu chorar muito, “hoje eu estou aqui fazendo coisas”, de ficar triste, isso ensinou muito pra mim, no sentido de que o professor...você pode ter boas lembranças dele, você pode gostar dele, mesmo ele sendo professor que exige de você mais e mais, mais e mais, foi muito legal. E tem uma coisa que é o mais legal no fim da 3ª. série, a professora pediu pra gente fazer uma carta com que a gente achou do ano, com que a gente achou que tinha acontecido naquele ano, com o que a gente achou dela, e disse que isso não ia influenciar na nota. Eu não me lembro direito do que eu escrevi pra ela, mas eu não esqueço o que ela escreveu pra mim, porque ela escreveu uma carta pra cada aluno da sala, e aí eu li a carta e a carta estava dizendo assim “que ela esperava que eu convidasse ela pra minha formatura do ensino médio e pra minha formatura da faculdade, convidasse ela quando eu fosse defender mestrado, doutorado e tal”, eu falei pra mim mãe “eu não entendo o que ela quer dizer [risadas]”, eu não acho que eu vou chegar tão longe assim, e foi o máximo pensar que alguém acreditava no seu potencial, mesmo uma criança assim sabe, e que ela olhava pra cada aluno diferente. Eu não sei se as pessoas percebiam ela como eu percebo, ou como eu percebia na época. Eu tinha medo dela, mas tinha respeito, eu tinha medo de fazer coisa errada, de decepcionar a professora...porque ela era a professora, porque ela sabia mais, ela se portava diferente.

A Nazaré sempre fazia debate na sala de aula, isso eu me lembro claramente, não tinha uma coisa que você tinha que fazer porque você tinha que fazer, “porque eu tenho que fazer isso”, sempre tinha um motivo pra você fazer isso, não era porque ela queria, porque ela gostava, isso era muito legal...Eu lembrei de uma coisa que eu não gostava da professora Nazaré, a professora Nazaré fumava e acho que fuma até hoje, e meu pai também fumava e eu odiava cheiro de cigarro, então isso pra mim era péssimo, mas tudo bem...[risadas]. [Creio que se posiciona ao adotar uma vestimenta, cabelo e jeito de ser diferenciado]. A professora Nazaré pelo que eu me lembro sempre falava do diferente, que a gente tinha que respeitar o diferente, que a gente tinha que aceitar o diferente, que a gente tinha que entender que as pessoas não são iguais. Eu não me lembro de nenhum trabalho feito nesse sentido, de...cultura disso, cultura daquilo, mas eu particularmente sempre perguntava de onde viam as coisas que ela usava [risadas], porque eu era muito curiosa. Hoje é até moda e comum pessoas usarem brincos de coco, colar, e pra mim era muito lindo, diferente, eu sempre perguntava e ela sempre respondia em particular, na sala ela sempre enfatizava as pessoas são diferentes, particularmente eu perguntava e ela dizia que fazia parte de uma cultura, uma cultura que não existia no meu mundo pessoal, fui conhecer mais profundamente quando fiquei mais velha e o primeiro contato que eu tive foi a Nazaré, apesar de me considerar negra e a minha família toda negra. Eu acho que existiram conversas com o restante da classe também, mas eu não me lembro claramente não. (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra).

Ela era uma professora muito educada, muito legal, ela queria ensinar pra gente a não pensar o racismo, de como a gente aprendeu a História no primário até a 8ª. série, que era

uma coisa assim, negro era escravo ou era empregado, ela não, ela achava...ser negro pra ela era um orgulho muito grande, e ela falava “eu faço parte de não sei o que racial...e se você quiser participar não precisa ser negro, você vem, você entra, e a gente vai lutar gente”. E ela ensinava história não pelos livros, nem apostila, ela fazia o que ela achava interessante, nós não líamos sobre guerra mundial, essas coisas, era mais coisas do Brasil, que ela ensinava. Ela ensinava coisas do nosso cotidiano, do que podíamos melhorar o Brasil, porque ela falava muito, conversava muito, era muito aberta. E ela falava “eu sou negra, com muito orgulho, e se alguém tiver algum problema com isso retire-se agora, da sala, eu estou aqui, eu sou a professora, em primeiro lugar”. Ela não aceitava que ninguém fizesse algum comentaria, tirasse o sarro, ela não aceitava, ela já se impunha logo, ela não deixava rolar não. Então tinham alguns alunos até que batiam a boca...Eu batia boca com ela, porque ela era muito exigente e eu era uma aluna meio caxias, então uma coisinha errada ela já achava que eu não devia...que eu devia seguir pra melhorar e não deixar aquilo ali, deixar passar, então ela falava “faz melhor, porque você pode fazer melhor, dê o melhor de si”. Então o que eu me lembro dela e mais ou menos isso, porque já faz muito tempo que a gente passou por isso. [tomava fatos históricos passados para debater o presente]...Todo muito entrava na conversa, cada um dava a sua opinião, ela ouvia, aí ela explicava os pontos que ela achava errado, que na cabeça dela ela discordava daquilo, então ela explicava porque, ela falava “eu acho que assim, assim, assim, mas eu tenho a minha explicação”, mas ela deixava todo mundo falar, quem quisesse falar podia conversar com ela, era muito aberta, tanto é que ela era muito amiga de todos os alunos, todos gostavam muito dela, se dava muito bem, e não era por ela ser negra, porque isso, pra mim, não é defeito nenhum, porque na minha família eu sou bisneta de africano, de bugre, de índio, de não sei o que, a gente não tem essa coisa. A minha mãe sempre ensinou que a cor da pele não influi no pensamento da pessoa, na inteligência....E ela era uma professora que debatia bastante principalmente a parte racial, ela sempre foi muito crítica no que ela queria demonstrar, ela já falava logo, não ficava rodiando não, ética profissional, porque a gente fazia o curso de secretariado, então ela tinha que basear a história na parte que a gente ia usar, que é secretariar o empresário...então baseado também nessa parte, ela mostrava um pouco de tudo, mas eu não lembro dela ficar falando muito de história de fora, porque a maioria dos professores eles pegam o livro e a maior parte da história do Brasil é os portugueses, os imigrantes italianos...e eu me lembro que ela não era muito nessa parte, mais Brasil mesmo. [Discussão dos problemas sociais], das relações entre as pessoas, entre a comunidade, ela falava muito em comunidade, que o estudo era muito importante e que o negro nunca devia de ter vergonha de dizer “eu sou negro” e sim ter orgulho da sua cor, da sua raça, ela sempre falou isso, porque tem algumas pessoas que saio negras na classe e às vezes o racismo vem da própria pessoa, às vezes a pessoa não se considera negra, ela diz eu sou morena, então o racismo já vem de dentro da pessoa, que não é assim, se você é negra, eu sou negra. Agora, eu já não tenho cor definida, eu sou branca do cabelo escuro, então o que eu vou ser, então ela explicava muito sobre isso... [...] Ela é uma pessoa muito especial, que ela batalhou, acho que batalhou muito pra chegar onde ela chegou e conseguiu, ela sempre demonstrou isso, que ela sempre foi uma pessoa lutadora, ela não estacionou, porque ela falava “eu fui em frente, estudei, fui levando minha vida, persistindo no que eu queria, fazendo o que eu queria, e consegui, e ainda vou conseguir mais...”, então eu acho /eu ela é uma pessoa muito especial, passou experiências muito boas pra gente, pra ensinar a ser uma pessoa melhor, que não é por causa da cor que a gente deixa de ser melhor ou não, ela sempre ensinou ao contrário. Se ela fosse uma pessoa branca, ela ia ser daquele

jeito “eu sou branca e pronto, alguém tem algum preconceito”!, ela seria do mesmo jeito, então eu gostei muito dela, ela ensinou bastante coisa. (Silvia, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branca).

Bom eu me lembro que ela de alguma forma sabia assim como que era cada aluno, quais as dificuldades, as qualidades, então ela conseguia assim, como dizer, liderar o pessoal, saber ter os alunos, a tenção dos alunos. Eu lembro que eu tinha muita dificuldade, vim do início 1º. e 2º. ano com dificuldade de aprendizagem, então eu não era um aluno quieto, sempre levando bilhetinhos pra casa. Eu lembro que no final do ano ela escreveu uma carta e nessa época eu já desenhava...e ela escreveu nessa carta que os bilhetes que ela mandava pra minha casa teve resultados, que esperava que no futuro quando eu tivesse fazendo alguma exposição com quadros ou qualquer tipo de coisa relacionada à arte que era pra mim convidar ela pra estar presente. Eu lembro que nessa época da minha vida, no início ela foi muito importante, que eu acredito que foi a partir desse momento que eu consegui chegar até hoje assim com...certo que eu tenho um pouco de dificuldade no aprendizado até hoje assim...mas que nessa época amenizou bastante, que ela conseguiu encher e comunicar com os meus pais essa dificuldade que eu tinha e eles me ajudaram em casa também, e aí eu fui melhorando, e ver a dificuldade não como um impedimento, mas um fortalecimento e estar superando. Ela foi bem importante, até hoje. Ela é uma pessoa muito dedicada, uma pessoa que enxerga além do que é ser um professor, ela vai a fundo, ela ajuda a crescer, a fazer a criança a crescer como aluno, como pessoa, superar as dificuldades. Ela era assim uma pessoa muito importante, uma professora muito importante, não só professora, é a professora né. Eu não lembro de nenhum trabalho em classe sobre discriminação, essas coisas assim, sobre vestimenta que caracterizava ela, eu não estranhava porque nessa época da minha vida sempre via coisas diferentes, tudo era novidade, até por estar na 3ª. série tudo era novidade e eu por ser criança não esquentava muito assim com o que a pessoa veste ou...mais tinha uma coisa muito importante nisso tudo que a autoridade dela, do carinho que ela tinha pelos alunos e isso fazia com que ela se tornasse agradável no meio dos alunos, minha opinião como aluno. Por ela ter um posicionamento forte, uma presença, não me incomodou, não senti diferença nenhum e eu acredito que foi bem importante ter as diferenças assim com naturalidade, como uma coisa agradável, um impacto assim chocante [não houve]... (Roberto, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 23 anos, branco)

Pelo que eu me lembro a professora Nazaré sempre foi muito dinâmica, nunca foi uma pessoa de ficar só escrevendo na lousa, de dar aquela explicação superficial. É uma pessoa que tava sempre interessada em ensinar e em ouvir opiniões diferentes também, ela sempre se interessou em saber o que a gente pensava, através das explicações que ela dava. Sempre uma pessoa muito...uma professora muito legal, com método muito bom de ensino, prova isso que eu gosto dessa área de humanas, foi uma boa influência quando eu era mais novo pra mim poder estar hoje querendo fazer um curso superior nessa área. [referência a um método diferenciado de ensino...]. Eu me baseio pelo o que as outras professoras faziam, elas pegavam, escreviam na lousa a matéria toda, fazia aquela explicação superficial, ela não, ela desenvolvia o tema, abrangia melhor as idéias, fazia as pessoas perguntarem, sempre perguntava se as pessoas tinham dúvida ou não, preocupada em passar a informação e tirar a dúvida dos alunos, bem diferente de outras. Eu saía da sala de aula com as minhas dúvidas, sem dúvidas. Uma pessoa bem competente naquilo que fazia. Eu não me lembro,

eu não tenho lembrança, porque já faz muito tempo, mas se surgisse o tema em sala de aula, ela debateria sempre com muita calma, com muita sabedoria. O que eu lembro assim é muito pouco. Eu lembro assim do jeito que ela falava, do jeito que ela abordava os assuntos, através do questionamento, ela promovia o diálogo em sala de aula, era dessa forma, agora você perguntando sobre esse assunto que envolvia o negro eu não tenho muita coisa, se falou alguma coisa eu não vou estar te dizendo com certeza. [posicionamento como negra]...Que eu me lembre não, ela nunca chegou a fazer isso, são coisas que já aconteceram a quase dez anos...

[...] Sem gravar, relatou que em determinado momento de sua escolarização com a professora Nazaré, construiu uma suástica nazista e a pendurou no peito. Foi à escola. A professora Nazaré quando a viu pediu para que ele a tirasse, dizendo não os dois entraram num debate e ela, utilizando-se de argumentação e diálogo desconstruiu a idéia que ele tinha sobre o símbolo e o que ele representava. Por isso, e outros motivos, tem grande admiração pela professora, por seu lado crítico, questionador, através do diálogo, e por um outro professor de História. Ambos são significativos e despertaram nele o interesse pela área de humanas. Disse Eliezer que possui uma mente aberta, também por influência desses dois professores, uma negra e um homossexual (Eliezer, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 26 anos, branco)

Pelo que eu me lembro, nas aulas dela a gente acompanhava as matérias pelo livro e ela lançava um tema e lançava a discussão junto com os alunos pra gente desenvolver o assunto da matéria. Eu lembro que várias vezes dava até discussão entre os alunos e ela, o ponto de vista do aluno e com ela também. Era interessante, todo mundo prestava bastante atenção, principalmente nesses momentos que dava esses atritos de diferença de pensamento. Ela tentava sempre ouvir os alunos, o que cada um tinha pra dizer, locar sua opinião, e ela também colocava a opinião dela, como que era realmente a verdade dentro da história, ela queria sempre mostrar o que realmente acontecia e como tava o mundo hoje, é o que eu consigo guardar de lembrança das aulas dela. Eu lembro também nas provas, que ela deixava bem livre pra gente desenvolver, geralmente era redação, pra gente colocar o nosso ponto de vista, de acordo com as matérias que ela colocava pra gente. (...) Acho que ela foi uma ótima professora, conseguiu levantar vários assuntos em sala de aula e os alunos conseguiam debater, cada um expando sua opinião e com isso a gente acaba aprendendo bastante coisa, eu acho muito importante isso daí também. Se todos os professores tivessem essa dinâmica seria melhor a educação. Eu não lembro...mas ela deixava sempre aquele ponto de interrogação pra gente pensar o que acontece hoje. Acho que ela não colocava a condição dela não, não colocava muito sobre a vida dela, deixava mais pros alunos pensarem no que acontece. (Marcelo, ex-aluno da profa. Nazaré, período intermediário, 25 anos, “japonês”)

Eu achava ela bem didática, ela conseguia assim transparecer a aula, dar assim perfeitamente pra gente, embora eu que sou também da raça negra, a gente percebe algumas coisas, ela sempre colocava alguns exemplos, entre aspas a gente percebia que ou ela havia sofrido alguma discriminação ou gostaria que nós negras não sofrêssemos. Então, eu lembro claramente um dia que ela chegou e falou assim...teve uma aula sobre a escravidão, sobre a época da abolição e um aluno engraçadinho falou uma besteira pra ela “que deveria ter escravos ainda, que ele gostaria de ser servido”...ela deu uma ralada nele e falou assim “olha...”, ele falou também em relação ao macaco, porque o negro tem tanta semelhança

com o macaco, isso foi a aula que marcou, naquele dia eu a vi, com o perdão da palavra, “p” da vida, ela falou assim “primeiramente, quem tem semelhança com o macaco é o branco porque eu não tenho cabelo liso, macaco tem, eu não tenho o lábio fino, macaco tem, você tem os olhos arregalados, coisas que vocês tem, então pensa bem no que você está falando. Se é o pelo, se é a pele, tudo bem, mas a semelhança não é nada parecida, é um ser humano que poderia ser como qualquer outro”. Eu percebi que mexeu lá no fundo dela, no íntimo, então você percebe que a pessoa fica brava, eu não ligo, eu posso não ter percebido alguma coisa, sempre existe, eu sempre falo pra todo mundo que tem a pele mais escura, é moreninha, é mulata e tudo o mais, existe, existe, infelizmente existe. Não pode chegar e dizer assim “eu não sofri discriminação”, você não percebeu ou você é uma pessoa muito tranqüila e aquilo não te afetou em nada. No caso dela ele conseguiu afetar, então ela deu um exemplo bem claro assim “não mexe comigo e com quem é dessa raça, porque hoje nós somos dependentes daquela época de escravidão e tudo mais, eu sou professora, eu estou dando aula e sei muito mais que você”. Ele se dirigiu a ela e as outras negras da sala, porque é uma escola pública e não tinha só branquinhos que nem escola particular, e ele quis ofender as negras mesmo. Eu estava ali no meio, eu também me classifico [pele mais clara que a da professora, traços finos...], mas a mim não afetou em nada, achei o comentário pobre, mas ela ele conseguiu afetar. Ela era ponta firme, ela era transformadora, ela não ficava quieta em nenhum momento, e assim quanto a didática ela explicava muito bem, tudo certinho, o que tivesse relação com os negros ou não, independente disso ela era uma ótima professora ao meu ver. Eu não vou mentir pra você, até mesmo eu, a gente está acostumada, porque a gente vem de uma sociedade em que os professores são brancos, então eu estava sempre acostumada, porque no Sesi não tinha professor negro, não tinha, de jeito nenhum, por ser do estado também não tinha, então quando ela entrou eu vou te falar pelo meu primeiro impacto, não foi preconceito, seria ridículo da minha parte, mas a hora que eu olhei falei “nossa, tamo ferrados”, porque ela entrou com aquela posição..., com aquele olhar, com aquela posição “eu sou brava mesmo, quero todo mundo quieto, quero que ninguém conversa na minha aula, quero que todo mundo presta atenção”, aquele tipo de professor que impõe respeito, foi isso que ela me passou. Com certeza pros outros alunos não foi, tipo assim...que pensamento ridículo, mas “o que essa negra está fazendo aqui”, porque isso existe, acho com certeza o que ele deve ter pensado e os outros da sala. O meu impacto foi esse dela, de bem imposição mesmo, porque ela deve ter sofrido muito na vida com isso, como muitos negros, então acho que de tanto se machucar, de tanto ouvir as coisas que fere, a pessoa acaba sendo uma pessoa mais dura, um pouco mais fechada, já fala assim com uma pessoa com um certo restrito porque “não sei que você está pensando de mim”, então ela impunha mesmo. Mas eu gostei, apesar do meu primeiro impacto eu gostei dela, mas só que eu pensei assim “não sei o que vai dar, o que vai virar, mas depois disso a gente percebendo as gracinhas da sala, os comentários, tudo o mais, então você percebia o próprio preconceito das pessoas que estavam do seu lado”. [enfrentamentos não diretos – brincadeiras...; não há enfrentamentos explícitos e diretos]. Não porque ela colocava pra fora, até as brincadeirinhas, ela colocava pra fora da sala de aula, ela fazia isso. Tinha aluno que as vezes incomodava a aula nem entrava, entrava assistia a aula de outro professor e quando ela vinha pra aula dela, levantava e ia embora. (...) Ela foi ótima como professora e ser humano, deu pra perceber que ela era uma pessoa de boa índole, uma pessoa muito educada, bem instruída e sabe das suas posições Totalmente, tratava. Ela não fazia nenhum comentário, ela não se expunha [não trazia suas experiências com a discriminação]. Daí que eu acho que quem sofre preconceito não se

expõe, mas se impõe, é diferente, tipo assim “eu não vou falar coisas particulares da minha vida, coisas que eu sofri na minha infância com os meus coleguinhas aqui com o pessoal que já tem um certo preconceito comigo”, não, ela nunca falou nada particular. Ela era assim, sabe aquele repórter ancora, ele transmite a mensagem e no fim ele dá a sua opinião, ela era professora ancora, “olha, eu vou dizer pra vocês o que aconteceu sem mudar uma palavra, mas no fim ela dava a opinião dela”, “isso está totalmente errado, essa época da escravidão, essa época da igreja católica e tudo o mais que acontecia”, “eu acho isso, isso e isso, hoje a gente tem que mudar essa posição, esse tipo de pensamento, de violência, de tudo mais...” Ela conseguia dar a opinião dela, sem mudar nem um pinga da história do que aconteceu e conseguia envolver os alunos no debate (Daniela, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário, 27 anos, negra)

[Prática pedagógica lecionando a disciplina de História no ensino médio]. A Nazaré dava História Política, isso eu me lembro claramente, a gente estudou pelo menos um semestre o regime de Getúlio Vargas, a Era Vargas, e ela fazia trabalho em grupo, muita discussão, e eu acho que até hoje ela faz esse trabalho conjunto com o prof. Manoel, que dava aula de Geografia, porque ele pedia pra gente trazer música, ela pedia pra gente trazer figura, foto e pra gente fazer redação sobre o que a gente achava de Vargas, o que a gente achava se isso tivesse acontecendo hoje, a respeito dos seus direitos. Eu já me lembro mais claramente dela falar da relação étnica, e tudo mais, porque os adolescentes tem uma coisa assim muito maldosa, que é a coisa de falar e dar risadinha, todo mundo sabe o que se está dizendo, mas ninguém diz o que se está dizendo, e eu lembro de situações assim. A Nazaré nunca se posicionou contra as pessoas, nunca disse “você não pode pensar isso”, ela ia lá e dizia o que ela achava, “você tem o direito de pensar o que você quiser, mas eu penso diferente de você”. Eu lembro de uma discussão, a única aula

que a sala ficava em roda era a aula dela, todos poderiam olhar um pro outro, eu lembro de uma discussão que a gente fez sobre cultura e diferença e o que cada um acredita como cultura. E eu me lembro muito claramente de dizer que acreditava que a minha avó tinha muita cultura, apesar da minha vó não saber ler, escrever... Eu lembro que os alunos da sala disseram que isso não era cultura, que cultura era outra coisa. Aí começou uma grande discussão sobre o que era cultura, o que não era cultura, que cultura era tudo o que a gente tinha escrito, que por isso os índios não tinham cultura, os negros não tinham cultura, e em momento nenhum a Nazaré parou a discussão, ela deixou todo mundo dizer o que pensava e a sala começou a falar até mais alto, aí eu falei que a minha vó tinha cultura, porque ela conseguia perceber nas pessoas um pouco do que elas são, aí a menina falou que não era nada disso que isso era bruxaria e começou o maior quebra-pau na sala e ela deixou aquela balburdia e estava terminando a aula e ela disse “bom gente a aula acabou, a gente se encontra a semana que vem”, e eu lembro que eu saí revoltadíssima da aula porque ela não tinha explicado que aquilo era cultura e eu tinha certeza que aquilo era cultura, foi assim a primeira primeira reação de sair para a biblioteca e procurar o que era cultura, porque não era possível que cultura era aquilo que as pessoas estavam dizendo e que a minha vó não tinha cultura. E eu fiquei procurando e na outra semana quando voltou ela disse “bom, então agora vamos explicar o que é cultura” e disse que cultura é um modo mais amplo de ver...e deixou claro que todo mundo tem cultura, mas mesmo assim ela não obrigou as pessoas a pensarem como ela, os alunos que disseram negro não tem cultura, as pessoas que não escrevem não tem cultura, ficaram assim um pouco chocados, alguns engoliram sapo, alguns acreditara, outros tudo bem “ela acha que é isso e eu acho outra coisa”, mas eu me

lembro dessas discussões mais claras no colegial. (Simone, ex-aluna da profa. Nazaré, período intermediário e de maturidade, 23 anos, negra)

Desde a 4ª. série o ponto forte dela mesmo era o preconceito, era tentar livrar as pessoas do preconceito, não só os alunos daqui de dentro, mas tentar livrar eles de todo preconceito da sociedade de fora, aqui da 4ª. série. E ela sempre dava valor bastante pra quem se esforçava, ela tentava incentivar ao máximo pra não perder o ânimo e tentava animar quem não tinha ânimo ou fosse mais preguiçoso mesmo, ela tentava não desistir dos alunos e tentava realmente fazer com que a liberdade de preconceito fosse passada por fora da escola, através do ensino aqui pros alunos desde a 4ª. série. Ela sempre destacava os trabalhos bons, ela sempre dava mais importância e mostrava para o resto da classe os melhores trabalhos, eu acho que mais como incentivo pros outros alunos, e ela gostava bastante da confraternização entre os alunos, ela mesmo quando, principalmente na 4ª. série, quando tinha discussão ou alguma coisa, ela sempre tentava a ajudar de forma a orientar mesmo, a mostrar pros alunos como eles deveriam agir em cada situação. E quanto a parte do ensino é estranho, porque tudo que elas sempre ensinaram aqui, sempre me pareceu fácil, mas ela sempre tentava fazer que o que ensinava fazer desafio pra quem não era, sempre tinha as pessoas que já sabiam antes do professor explicar, mas ela sempre tinha coisa a mais pra ensinar quem queria saber mais. [Tinha uma preocupação em discutir a questão racial] e tentar levar pra fora...tentar fazer com que vivenciassem isso pra fora da escola, pra sociedade em si. Isso era sempre. Ela já fez parte de várias manifestações, palestras, ela sempre esteve nesses movimentos, mas ela sempre tentava fazer eles levarem para o lado social, ela sempre falava como devia agir e falava as situações delas, algumas experiência que ela teve ou algumas experiências que outras referência tiveram ou referências que nem eram conhecidas, mas que tinham uma história que podiam passar alguma lição através de história, isso ela sempre fez. (Hugo, ex-aluno da profa. Nazaré, período de maturidade, 21 anos, branco)

PROFESSORA APARECIDA

Eu lembro que era uma professora muito tranqüila, explicava a matéria dela, Matemática. Eu entendo assim que ela sabia pra ela, mas não sabia transmitir o conhecimento que ela tinha com relação a Matemática. Eu por ser negra como ela sempre tentei me aproximar muito, mas sempre observei que ela não me dava a atenção necessário. O negro tem essa consciência assim “preciso ser o melhor, mostrar que você é bom”, então eu queria ser a melhor da classe, independente da cor da minha pele, mas não foi isso que aconteceu, não senti que ela supriu a minha necessidade de aprender a Matemática. Não, a não ser assim sobre a pele dela sempre saía algum comentário, mas ela nunca se posicionou como negra ou tentou explicar, eu percebia que ela fazia de conta que não era com ela o assunto e isso passava e ela continuava a aula dela. Da parte dela nunca observei isso, a parte pedagógica voltada pros negros em si. Sempre observei isso, a educação que ela tem é pros brancos, ela não coloca a cor da pele da pedagogia que ela vai aplicar. (Lais, ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 26 anos, negra)

A Aparecida deu aula pra mim, que ela era substituta, de Matemática, na parte da manhã. Ela tem um jeito todo delicado de ensinar, fala baixo, super delicada, e ela nunca sofreu, pelo menos na nossa classe, essa parte de preconceito, também ela nunca chegou a falar, porque ela convivia pouco, ela dava duas, três aulas na semana pra gente, quando acontecia de faltar, e a tarde que ficava na parte do Profic, ela ficava o dia todo e também ela nunca passou nessa parte racial, ela nunca tocou. Devia ser porque tinha pouco tempo pra falar com a gente, porque era muito rápido a aula dela. Ela ficava mais assim pra dedicar ao ensino, pra reforçar o que a gente já tinha aprendido na parte da manhã ou se ela tivesse dado aula pra gente na parte da manhã, reforçava na parte da tarde. Ela também gostava muito que o aluno entendesse a matéria, não só passar por passar, se alguém não tivesse entendido ficava por aquilo, não, ela sempre explicava quantos vezes fosse possível pra ela. (Mônica, ex-aluna da profa. Aparecida, período inicial, 24 anos, negra)

A professora Aparecida era muito esforçada, ela explicava mesmo, podia ir na mesa dela, ela explicava direitinho. Era uma excelente professora, não tenho o que me queixar dela. Ela ensinava bem matemática, dava para entender bem, usava lousa, explicava na mesa dela, no livro, não só o livro, mas ela tinha um caderno dela, toda professora tem. Não chegava a se posicionar e nem discutia o assunto (Luciana, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 30 anos, branca)

A professora Aparecida era muito aplicada, uma pessoa que gostava do que fazia, pela forma de explicar, o incentivo que ela dava para os alunos, que os alunos tivessem o interesse de aprender a matéria. Ela era uma pessoa assim....como pessoa e como professora sempre pronta, disposta a ajudar, sempre que o aluno pedia alguma informação ou vinha até a mesa dela pedir uma explicação melhor sobre o assunto, ela sempre se prontificou a fazer. Como professora na minha opinião ótima. Como ensino era o ensino tradicional, mas a forma como ela cativava os alunos, que tratava os alunos com uma igualdade, fazia com que todos se sentissem bem com ela, não tinha essa distância professor-aluno. Então conforme ela ia passando a matéria, o aluno tinha essa liberdade com ela, isso que fazia com que nós compreendêssemos melhor a matéria, mas o método era o mesmo, lousa, livros... Nem ela, nenhum outro professor, pelo menos no meu período que estudei, nunca vi ninguém trazendo um debate a esse respeito. (Paulo, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 31 anos, moreno)

Quando ela veio para a escola eu já estava estudando. Como pessoa é uma ótima pessoa, quando precisar dela ela está sempre pronta para ajudar, mas como professora pra ensinar, para mim não foi uma ótima professora, porque ela não tinha muita paciência, os alunos tinham medo dela, ela era meio agressiva no jeito dela. Assim que ela chegou, ela pôs respeito nos alunos, os alunos tinham medo de perguntar alguma coisa pra ela. Com o medo de perguntar, ela achava que todo mundo tinha aprendido, e ela não tornava a explicar, explicava uma vez do jeito dela e quem soubesse, quem aprendeu, aprendeu, quem não aprendeu se vire. E também sobre...se um aluno fizesse uma bagunça já era motivo pra ela dar ponto negativo e dar trabalho para a classe toda, então quem sofria eram os alunos. Como pessoa era uma ótima pessoa, mas como professora...não teve um bom aprendizado, eu não consegui aprender com ela. Foi a 8ª. série que eu fiz com ela, mas na metade do ano eu não consegui e eu peguei e saí da escola. As professoras eram muito minhas amigas, gostavam muito de mim, porque sempre estudei aqui, então aí elas me incentivaram a não

perder o foi aí que eu fiz o supletivo e terminei a 8ª. série [mudou de escola por conta da matemática e da professora Aparecida]. Todos nós temos os nossos defeitos, ma...com ela eu não aprendi...você está aqui para aprender e a pessoa tem que ensinar. E ela às vezes chegava nervosa, não sei o que acontecia, e os alunos tinham medo dela. Ela veio substituir uma outra pessoa, depois ficou como efetiva, mas os alunos morriam de medo dela.. Ela falava alto com os alunos, era o medo de perguntar, e ninguém aprendia, e aí ela achava que tinha aprendido, explicava uma vez só e acabou. E outra coisa, ela não ensinava no livro, ela ensinava no caderno que ela tinha. Acho que ela fazia as anotações dela e o que ela entendia no caderno. Então o que ela entendia no caderno dela, ela explicava o que ela entendia. Então, muitas das vezes os alunos até corrigiam ela...então, isso também tem que estar prestando atenção, e ela ficava bem assim nervosa porque os alunos não entendiam, e iam reclamar na diretoria, mas não podiam fazer nada, diziam que era implicância dos alunos por causa da cor, mas na minha classe não teve esse negócio de racismo, porque tinham medo dela...ela dava o respeito... se tivesse alguma piadinha era por detrás, mas na frente dela todo mundo ficava em silêncio, tinham medo dela...não dela ser agressiva e chegar a bater no aluno, mas no modo dela conversar, explicar... O único debate que teve foi sobre religião...acho que ela tem uma religião, às tinha pessoas evangélicas, eu sou evangélica, então tinha debate sobre religião, agora sobre racismo não, porque todo muito respeitava ela na classe assim que ela chegou, então sobre racismo nunca teve... (Josilaine, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, branca)

Eu não lembro muito bem, faz tempo, mas ela foi minha melhor professora de Matemática, sempre tratou muito bem. Todo mundo que eu conheço, que estudou com ela...como professora pra mim ela é perfeita, muito bom o ensino dela. Ela é dinâmica, o jeito dela...não adianta você saber...ela sabia passar pra gente...Matemática é difícil todo mundo gostar, eu já gosto de Matemática, então pra mim...[disse gostar de Matemática também por influência da professora]...porque eu sou assim, eu gosto de uma coisa quando eu aprendo, tem matérias que eu não dominava, então eu não gosto, mas Matemática eu já gosto. A didática dela era muito boa, a forma de explicar....Que eu me lembre não (debate sobre a questão racial na escola). (Elen, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 23 anos, negra)

Com relação ao método dela de ensino era excelente, o jeito dela ensinar era mais tipo “molecão” de chegar “oh, vamo aprende e tal”, ela tentava fixar bem, porque era a parte de contas, então ela fazia brincadeirinha, musiquinha pra tentar aprender “sobe um, desce um” e às vezes até cantava nas aula algumas músicas que estavam na moda pra tentar descontraír. Acho que ela procurava ensinar bem nessa área da descontração, mais a parte de conta, teórica, ela não dava muita ênfase nisso, na parte prática ela já passava problemas que acontecem no cotidiano, essas coisas. [O que mais marcou] talvez o jeito brincalhão dela ensinar, agente nunca...a gente até teve mas mais posteriormente professor brincalhão...ela sinceramente foi a professora que eu mais aprendi, de todas, de todas não, uma das professoras que eu mais aprendi, aprendi a se relacionar mais com a cor negra, que eu aprendi mais a matéria mesma matemática, ela ensinava...alegria, passava alegria acima de tudo, poderia estar em qualquer situação que ela sempre estava com um sorriso e ensinava bem muito bem. Eu a classifico como negra do mesmo jeito que ela se classificava e batia no peito com orgulho. Era o que ela dizia mesmo, até todo mundo tinha orgulho dela por ela ser negra tal. Provavelmente ela tenha feito isso [debatido/falado sobre a temática],

mas eu não me lembro, pelo jeito dela ser, lecionar, ela gostava da cor dela, ela tinha orgulho. Talvez eu tenha até guardado aqui, mas eu não me lembro. (Everton, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, pardo)

A aula da professora Aparecida sem foi bem legal, a preocupação em querer ensinar mesmo... Ela fala porque...todo mundo sabe que é mais difícil, ela colocava esse ponto que ela lutou bastante, teve que batalhar bastante pra chegar lá onde ela chegou, quando ela ficava brava, começava a passar um sermão na gente, tem a discriminação, existe né, mas não tem nada....Não fazia nenhum tipo de discussão, trabalho... (Luis Rafael, ex-aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 19 anos, branco)

Uma professora super calma, meiga, explicava bem devagarzinho...Ela explicava a matéria, ela passava na lousa e explicava, não gostava de ser interrompida, mandava a gente prestar atenção porque ela não ia repetir de novo o que ela tinha dito, então quando ela falava era feito um silêncio total. Ela trazia cartazes, uma vez que ela ia falar do corpo humano ela trouxe um esqueleto [disciplina = Ciências], fazíamos recortes, figuras, pintava. Não, que eu lembre não, faz tanto tempo. (AnyKelly, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 22 anos, parda)

Pelo que eu me lembro, ela explicava super bem. Eu me lembro que ela era bem paciente com os alunos, explicava bem a matéria. Eu sou difícil de aprender, mas geralmente com ela assim...que ela tinha bastante paciência de explicar a matéria Matemática, então eu ia bem nas aulas dela, porque ela explicava bem e direito, tinha paciência, explicava várias vezes quando a gente não entendia, eu gostava da aula dela. Ainda ela falava assim “se alguém tiver alguma dúvida pode procurar na outra sala”, ela sempre procurava ajudar a gente, sempre. Nunca ninguém via pela cor, às vezes chegava e alguém dia assim “ah, não gosto desse professor, mas nunca...Ela era a única negra, professora de matemática, mas nunca a gente falava assim “xi chegou a professora negra”, nunca. Pra mim não existe esse problema de racismo, cada pessoa...pra mim cada pessoa existe na cabeça dela, eu acho. Tem pessoa que tem racismo de chinês, que é outro que não é brasileiro...acho que eles mesmos criam, eu acho. Eu tenho amigos negros, chineses, de todo o tipo, eu não dou...pra mim todo mundo é igual. Só trabalhava a Matemática, nunca trabalhou sobre outra matéria, só Matemática (Nilza, ex-aluna da profa. Aparecida, período intermediário, 25 anos, morena)

Ela era uma professora que gostava de brincar, nas aulas dela havia descontração, ela dava aula bem, eu aprendi bem com ela. Ela era alegre, brincava com todo mundo, eu gostei bastante. Ela brincava, dançava assim com a gente, mas assim, ela passava as coisas e no fim da aula ela brincava com a gente, contava piada. Eu lembro que de vez em quando ela fazia tipo uma gincana de matemática. Ela fazia perguntas e aí quem respondia primeiro sabe assim, tipo gincana, de matemática, ela fazia bastante com a gente, eu lembro. Eu não lembro assim muito bem se ela discutia sobre racismo, essas coisas, mas a aula dela ela dava muito bem, pra mim. Só que de ter racismo assim na classe, com a classe e ela assim acho que nunca teve, alguma coisa assim discriminação... (Aline, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 16 anos, branca)

Uma pessoa muito boa, inteligente, sabe dar aula, muito divertida, sabe descontrair os alunos, na hora de estudar estuda, na hora de brincar, tem tudo a sua hora certa. Ela é uma professora inteligente, ajuda todo mundo e sabe descontrair, contando piada, às vezes ela desfilava na sala, brincava, dançava, mas isso tudo nas horas vagas, faltando 5 minutos para terminar a aula, quando todo mundo já tinha terminado tudo. Todo mundo descontraía, brincava, se divertia. Ela sempre ajudava assim, um aluno não passava numa prova, ela dava um trabalho, ou ia ela mesma acompanhar o aluno, fazendo alguma coisa, ajudando. Estava sempre do lado dos alunos com mais dificuldades, pedia para alguém ajudar. Ela era uma professora muito boa, sabe ensinar os alunos. A maioria dos alunos que tinham dificuldade aprendiam, entendiam o assunto, por ela estar junto com os alunos, explicando, dando aula particular também...Alguém não entendia alguma coisa na sala de aula e tinham vergonha de falar, ela dizia “quem quiser em casa pode ir em casa que eu explico”, o pessoal que mora aqui no bairro. Falar assim que é negra não. Que eu me lembre não, nas aulas dela não. (Tiago, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, negro))

Ela era legal, divertida, inteligente. A maneira como ela dava aula, distraíndo os alunos para entender melhor. Não (trabalho com a temática). (Hussani, ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 17 anos, negro)

Desde do começo que ela entrou na escola, na sala de aula, eu a achei uma professora muito legal . Ela gostava dos alunos, ela conversava. Ela tinha suas horas ...como todo professor. Já na base do ensino eu achava assim...eu gostava da aula dela, mas eu não conseguia entender a explicação dela como a dos outros professores. Eu procuro entender o máximo a matéria, mas ela não explicava daquele jeito que eu entendesse. Passou um tempo e as minhas notas caíram, porque eu não conseguia entender parte da explicação dela, por causa da própria explicação dela, talvez fosse dificuldade minha. Depois passei a não gostar das aulas dela, mas tinha que vir. Ela falava assim de um jeito como se a gente fosse mais novo do que a gente era. Eu tinha 12 anos na época e ela falava como se tivesse uns 6, 7 e eu não gostava. Daí eu não conseguia muito me ligar, eu via ela falando desse jeito e aí não gostava. Muitos não gostavam, mesmo que seja uma forma de ensinar muitos não gostavam, por isso que era difícil a explicação dela pra mim. A primeira impressão foi muito boa dela, ela era legal, eu só tinha uma reclamação que era a explicação, que eu não achava perfeito, mas eu gostava da professora. Ela falava assim com os alunos, tinha essas horas, mas era uma boa professora. No começo tinha esse problema da maneira como ela falava, ela escrevia, falava de forma muito infantil. Nas aulas que eu tive, ela se posicionou como professora , ela estava lá para dar a sua aula e nada mais. Ela ensinava matemática, ficava restrita a sua matéria, não debatia sobre nada. Também naquele tempo a gente não gostava muito dessas coisas, a gente gostava mais assim do que nos interessava na época. (Ivan, aluno da profa. Aparecida, período intermediário, 17 anos, moreno).

Ela pra dar aula é boa, ela explica bem a matéria, tanto é que eu não sabia nada de matemática, eu comecei pegar matemática quando ela começou a explicar, tanto que eu quero fazer matemática. Ela me fez vontade de ser professora de matemática. Quando a gente não entendi matemática a gente não gosta, daí o professor explicando, aí a gente não entende, então ele senta do lado, aí a gente vai pegando o jeito. Ela explicava primeiro na lousa, aí ela falou quem não entender levanta a mão que eu vou na carteira, aí eu levantei a

mão e ela colocou uma carteira do meu lado e foi explicando, foi com isso que eu fui entendendo matemática. Ela brincava com os números, fazia umas brincadeiras, foi aí que o pessoal da sala inteira foi gostando da matéria. Eu lembro que ela colocou os números na lousa e ficava tipo pulando, porque tinha um sinal que ia subir e outro descer, então ela ficava sobe, desce, sobe, desce. Ela é uma excelente professora, não importa a cor dela. Contanto que ela leve a vida dela ensinando o próximo, para nós ex-alunos dela ...se a gente chegar lá na frente pode dizer que foi com a ajuda dela.

Não se posicionava como negra e nem debatia a temática racial. (Miriam, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, branca)

Eu lembro que é super amorosa, ela falava com a gente como se fosse bem criança, bem próxima. Eu sentia ela como minha amiga. Ela falava meus queridinhos, meus amorzinhos, bem meiguinha. Quando ela entrou na escola todos os alunos gostaram dela. Nas provas dela tinha A e A com estrelinha e eu assim...eu sempre quem queria tirar A, mas era assim A era para quem acertava tudo, mas tinha uns dois erros e A estrelinha era para quem acertava tudo. Então, eu não estava mais satisfeita em tirar A, eu estudava mais ainda para ficar com A estrelinha. Ela corrigia o caderno, ela falava n coisas, ela não só tratava da matéria em si, ela dava aula de sexualidade também pra nós, foi super legal, importante. Uma coisa que eu não gostava dela, era que ela dava do caderno, ela não desgrudava do caderno dela, então eu não sentia muita firmeza, ficava consultando no caderno, então pensava será que ela sabe, será que ela não sabe, só isso me incomodava. Mas, sempre encontrava ela, porque ela mora no mesmo bairro que eu, sempre parava para conversar. Uma vez eu e minhas amigas fomos tomar sorvete e ela passou e perguntou onde vocês vão, vamos tomar sorvete, e aí ela, bem manziona mesmo, toma água depois senão vão ficar resfriadas...Eu sentia ela muito próxima. A maioria dos professores...tem uns que chegam e já põem a distância, eu sou professor – professor – não sou seu amigo e ela não, ela tirou isso, eu sou professora, sou amiga. O que diferenciava era o fato de falar carinhosamente. Ela falava o numerozinho, o maiszinho, isso era o diferencial. Eu vejo ela mais como uma boa pessoa, uma boa professora do que no conteúdo em si. O que eu guardei mais dela foi o jeito carinhoso, a maneira de ser, não como aquela professora nossa! Que manda mundo bem em matemática, manda muito bem sabe...eu vejo mais pelo outro lado, pelo fato do caderno mesmo. Eu não lembro...É assim, pelo que eu vejo nela, ela sempre se mostrou...ela sempre tinha uma postura de assumir o fato de ser negra. Ela valorizava o que ela tinha de bonito, o cabelo...Cada um tem o seu jeito de se vestir, mas ela...ela se comportava eu acho como uma mulher negra. Teve um caso que eu lembrei agora. O marido dela tinha um fusca e a casa dela é super bonita, ela já levou a gente lá para ensaiar quadrilha, pra você ver a intimidade, e uma vez, não sei o que aconteceu, ela foi num lugar e só tinha carrão, e ela falou, eu fui com o meu fusca mesmo, eu pago, eu comprei, não tem que ter vergonha de nada. Isso que eu me lembro assim vagamente. O fato que me marcou mais foi a aula de sexualidade, ela falava bastante, e o jeito carinho dela ser. (Amanda, ex-aluna da profa. Aparecida, período de maturidade, 19 anos, negra)

A Dona Aparecida é uma pessoa super espontânea, super alegre, você via pelo jeito dela ficar na sala de aula. Pelo jeito dela ensinar ela cativava a aula, ela fazia um universo dentro da aula que introduzia o aluno, que fazia ele prestar atenção. Ela fazia todo aquela aparato dela de captação de atenção, por meio de brincadeira, distração. Ela chegava na aula e perguntava se estava bem, se a família estava bem, ia conversando, depois passava um

pouco na lousa e depois começava a explicar, mas ela mais explicava do que colocava na lousa, então você aprende muito mais escutando do que escrevendo, porque só escrever acaba que a aula começa a ficar chata, ficar na mesmice, e com ela não funcionava assim, cada aula era uma coisa diferente...tanto é que a bagunça na aula dela era mínima, era só momentos de distração, todo mundo brincava, ela também brincava, mas logo voltava a atenção pra aula. Fugia quase completamente [do ensino tradicional], o jeito dela conversar era totalmente diferente dos outros professores, ela era assim meiga...você percebia que ela tinha vontade de ir até a escola ensinar o aluno, tanto é que ela mora no bairro até hoje, eu passo falo oi pra ela, a gente conversa, ela pergunta como que eu estou ...todos os alunos...todo mundo queria ela no outro ano...aí que acabou não dando certo, ela foi pra outra escola, mas durante o ano que ela ficou aqui pedindo bis, foi bom, inclusive o meu rendimento escolar com ela melhorou totalmente....[O fato dela morar no bairro auxiliava no aprendizado] porque você convivia com o professor, então não era aquele estranho que chegava de carro e saía de carro e você não sabia nada dele, entrava aqui com cara fechada e saía com cara amarrada, então fugia assim desse parâmetro, tanto é que a aula dela...quando começava a chegar a aula dela todo mundo falava “hoje é dia da aula da Dona Pariça, então ta bom” sentava todo mundo junto perto da mesa dela, tanto que eu lembro que ninguém sentava pro fundo, ninguém tentava fugir dela, mas se aproximar dela, pelo jeito dela cativar a aula. Acho que ela não chegou a debater na sala de aula, acho que ela colocou nenhum ponto de interrogação, nem o fato dela ser negra ou não. Ela não falou, nem trouxe o tema pra nossa sala. (Paulo H., ex-aluno da profa. Aparecida, período de maturidade, 18 anos, moreno)

PROFESSORA TEREZINHA

O que eu me lembro é que ela era muito rígida, muito rígida, ensinava bem, fazia os alunos aprenderem. Com ela eu aprendi a ter disciplina, com a rigidez...Como ela soube conciliar a rigidez dela com o método de aprendizagem, eu acho que ela teve um avanço com os alunos. Alguns não prestavam atenção anteriormente e aí chegou a vez dela e ela conseguiu colocar eles na linha. O método de ensinar dela acho que todo mundo prestava atenção, ela passava bem exercício, treinava os alunos com as matérias, eu não me lembro...Ela pegava o aluno pra aprender mesmo, se aquele ali tivesse dificuldade, ela taria ali em cima dele até ele aprender, então eu acho que ela fixava bem no aluno pra tentar lembrar a matéria posteriormente, fixar mesmo. Ela foi uma boa professora, muitas vezes eu via ela depois e ela cumprimentava normalmente, muito simpática.

Eu acho que ela não passava assim...como se ela defendesse que ela fosse negra mesmo. Era uma aula normal, ela não passava muito...Ela não passava aquilo que todo negro tem, de defender...Eu a classificaria como morena. Eu não me lembro, mas eu acho que ela não trabalhou esse aspecto. (Everton, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, pardo)

[Professora rígida]. Ela ensina muito bem, inclusive foi mais com a Terezinha que eu passei a gostar de Matemática, antes eu não gostava, ela elogia, não é como as outras professoras que, vamos supor, você faz uma conta lá e cabou, ta certo, ta errado, não vai te explicar na mesa...Terezinha não, pelo menos comigo ela foi bem, ela é bem esforçada pra

explicar.Não. Não me lembro. (Luis Rafael, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 19 anos, branco)

A primeira coisa que me veio a cabeça depois da gente ter conversado sobre a Terezinha foi numa aula que ela estava dando de Matemática ou coisa do gênero, quando um dos garotos tomou uma baita de uma bronca [era uma correção de exercícios e os alunos iam até a lousa corrigir aquelas continhas e aí, eu não sei se naquele dia ela estava um pouco alterada, mas acabou que ele fez a sua conta e fez um grande um (1) e os zeros (0) todos pequenininhos próximos ao um, acho que era 1000 e alguma coisa o resultado da conta e, então ele fez o um todo grande e os outros números pequenininhos. Aí ela falou “Leandro, o que é isso! Tem que fazer os números todos iguais, porque esses números tão menores que os outros!”, foi a primeira coisa que me veio a mente, muito engraçado essa cena (risadas)]..., foi a primeira coisa que me veio a mente. Eu acho que daí em diante é que começou a vir outras lembranças da Terezinha. Mas a coisa que me vem mais a mente é que ela era exigente, acho que eu podia defini-la assim, primeiramente...Pra definir prática pedagógica, apesar da minha irmã fazer isso, eu acho um pouco abstrato....Eu acho que a gente acaba ficando muito tempo na sala fazendo esse tipo de estudo básico, o tradicional. A gente estudava muito via de livro, lousa...era meio que...eu acho que começou a diferenciar mais pra frente esse tipo de estudo diferenciado, sair da sala, esse tipo de coisa diferente foi muito mais pra frente. Nessa época a gente ficava muito tempo na sala, lendo, escrevendo...acho que nessa época não era tão diferente assim. Comigo...eu lembro de muito pouco comigo, além de ser um pouco introspectivo naquela época, eu ainda sentada um pouco longe da professora, lá no fundo da sala, graças a altura, eu era meio aplicado às aulas, tentava fazer o mínimo de burradas possível. Ela buscava excelência nos alunos além de tudo [disciplina, por exemplo], porque só saber não é saber ainda, é conhecer, conhecer a fundo o que se faz e porque se faz. Eu acho que todos os professores devem fazer isso [exigir o melhor dos alunos], mas ela fazia isso com mais afinco. Ensinava bem, eu gostava do jeito que ela ensinava, apesar de...hoje o tempo...no primeiro tempo dava um pouco de medo, receio, a gente nunca sabe “essa professora é brava, vou ficar quieto” e um ano antes, essa mesma sala tinha vindo de uma experiência com uma outra professora e essa era extremamente brava, então a gente entrava ainda um pouco receoso na sala de aula, com calma. Eu acho que abria um pouco o horizonte, ela se mostrou brava no início, mas depois a gente acabava notando “não é brava, ela ta buscando outra coisa, ela ta buscando o melhor dos alunos”. Eu realmente gostava das aulas...você vai falando e lembrando de outras cenas...um projeto que ela tinha feito das escolas se comunicarem, enviar cartas e tudo o mais, eu lembro que eu fiquei triste porque eu nunca mais vi a resposta da carta que eu escrevi...eu lembro que tinha um mínimo pra se escrever, que era uma folha, podia fazer um desenho, pra enviar pra um amigo de uma outra escola, tinha sido separado, tudo bonitinho, “você vai conversar com tal amigo, ele tem a sua idade”...era alguém que existia, apesar de não ter visto a resposta dele... eu não me lembro o que eu escrevi. Acho que provavelmente ela leu, mas não lembro dela ter comentado, acho que não, dificilmente. Essa época era engraçada, e ainda tinham as aulas de educação física que eram fora da sala de aula, e tinha algumas vezes que os alunos acabavam parando de fazer as coisas pra ir conversar com ela, e aí ela acaba conversando com os alunos, passando algum tempo, e os alunos até preferiam ficar conversando com a professora do que ficar na aula [de educação física ou dela!]. Eu algumas vezes deixei de fazer aula pra ficar conversando com a professora, era divertido...Foi uma época que eu aprendi bastante, muitas dessas coisas que eu aprendi é

devido a ela... Ela falar sobre a atualidade eu não me lembro, mas ela tratar os assuntos historicamente... “olha, aconteceu isso, abolição da escravatura, Zumbi e outras coisas”. Eu acho que era o básico dos livros, não saindo muito dessa linha, eu posso estar enganado, faz algum tempo já. [posicionamento como negra], não que eu me lembre mesmo. Acho que era claro pro pessoal, tinha vários amigos na classe que eram negros, então eu acho que era desnecessário, não se tinha muita situações de racismo. [o trabalho com essa temática não ficou marcado no aluno, provavelmente não tenha acontecido, ele mesmo diz] “é provável que não tenha acontecido”. (Thiago, ex-aluno da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, moreno)

Ela era uma ótima professora, explicava bem as matérias que ela passava, ela passava bastante exercício. Eu lembro que na época, a gente ia vir pra cá na 5ª. série e era a época que era 50 minutos a aula, então tinha que se adaptar com o ritmo daqui, porque a gente já tava acostumado com aula direto, ela ficava 50 minutos de cada aula, então ela dava 50 minutos de Matemática, 50 minutos de Português, ela ia fazendo isso pra gente se adaptar...bastante coisa, não lembro quase nada. Pelo que eu lembro, ela passava a matéria na lousa e tinha um livro que a gente seguia, e vídeo de vez em quando, era mais...ela passava na lousa, a gente copiava, ela explicava, às vezes ela pegava o livro que tinha mais explicação, pra gente não copiar muito a matéria. Ela passava um monte de trabalho pra gente, teve um que a gente fez sobre Monteiro Lobato, e até ela colocou em exposição...Eu aprendi tudo que ela ensinou, tudo o que ela ensinava, ensinava direitinho, se a gente não entendia ela voltava de novo...Ela era bastante exigente, rígida, ela queria tudo certinho, ela falava “isso é pra amanhã”, se a gente não fizesse ela ficava brava, passava um sermão, era bem rígida mesmo, mas valeu a pena né. A forma dela ser assim brava, tudo certinho, ajudava a gente, porque a gente foi aprendendo que tem que fazer as coisas, fazer tudo certinho. Ela explicava sobre escravidão, abolição, Lei Áurea, mas falar sobre ela não. [ficava presa ao que o livro didático trazia, sem falar uma discussão atualizada da temática]. (Cristiane, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca)

Eu lembro que ela era bastante autoritária, ela tinha bastante pulso firme nas horas que precisavam ser. Mas eu lembro também que tinha horas que ela sentava, contava histórias, pra sair um pouco daquela rotina, levava a gente pra sala de vídeo...ela era uma excelente professora, explicava bem, passava das carteiras pra saber se tinha dúvidas, se você tinha realmente dúvida, ela procurava explicar bem, dava bastante trabalho, trabalhava bastante. Ela além de ser rígida era um amor de professora, mesmo fora da escola, se você encontrava com ela, ela te cumprimentava [mora no mesmo bairro que os alunos], não se desfazia da gente, além de professora, era uma amiga, uma colega. Eu só lembro de um trabalho que ela pediu pra gente do Zumbi, que ele era um negro. Só me lembro desse trabalho, que ela debateu com a gente, que ele era um escravo o Zumbi, não era isso!, Foi ela passou sobre isso, tinha um livro que falava sobre isso, que eu me lembre que ela tenha trabalhado foi esse, agora dela falar sobre a condição dela eu não lembro se ela trabalhou ou não. Nós fizemos uma pesquisa sobre ele, aí depois ela explicou. [Deve ter sido numa das datas comemorativas, provavelmente 20 de novembro]. (Fernanda, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 17 anos, branca)

As lembranças que eu tenho é que ela era muito preocupada em passar o que ela sabia, ela gostava do que ela fazia, hoje a gente pode ver que vários professores não gostam do que

fazem, acho que prestaram o vestibular porque é o menos concorrido, “eu vou passar, eu vou ser professor, mas não é o que eu quero ser”. Ela transmitia que ela gostava mesmo do que ela fazia. Muito cuidadosa em dar trabalhos, nas próprias explicações que ela dava pra nós, eu gostava do método dela, dessa preocupação que ela tinha. Ela preparou a gente bastante pra essa transição da 4ª. série pra 5ª., ela falava bastante que as matérias...cada matéria ia ser um professor, que a gente ia começar a ter prova, a própria passagem de você deixar de escrever só com lápis e passar a escrever com caneta...Ela usava os livros, textos, xérox também, vídeos. Ela passava bastante trabalho, no caderno e não pra entregar, uma coisa meio informal. Ela dava um trabalho e agente ia pesquisar na biblioteca, respondia um questionário, ela passava um questionário e a gente respondia. Ela não era aquela pessoa de ficar gritando, porque tem muitos professores que gritam pra dominar, entre aspas, o aluno, não, ela não era assim, era bem tranqüila. Eu lembro dela ter dado um trabalho sobre racismo, se tinha que procurar em jornais, recortar e colocar no caderno, sobre isso, sobre o racismo, procurar nos jornais matérias que trouxessem casos de discriminação, se você precisar eu tenho, eu trago pra você. [perguntei se ela se lembrava de algumas das matérias publicadas nos jornais que ela tenha encontrado, respondeu...], não lembro [risada], faz muito tempo. Ela só viu, viu o que a gente tinha procurado, lido, pesquisado a respeito, mais nada, parou nisso. Só falava que as filhas dela era, negras, o marido, a família...acho que ela falou isso na época que a gente começou a fazer esse trabalho, recortar o jornal, eu acho que coincidiu com essa de estudar história, do dia de racismo, dos negros, a escravidão, coincidiu mais ou menos com essa época. (Rosemeire, ex-aluna da profa. Terezinha, período de maturidade, 18 anos, branca)

ANEXO B

MAPA DAS INSTITUIÇÕES ESTADUAIS E MUNICIPAIS DE ENSINO SUPERIOR COM AÇÕES AFIRMATIVAS⁸⁶

INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR COM AÇÃO AFIRMATIVA: COTAS/NÚMERO DE VAGAS PARA INDÍGENAS

- 1) Universidade Federal do Pará/PA (50% para candidatos de escolas públicas, destes 40% para pretos e pardos).
- 2) Universidade Federal de Roraima/RR (60 vagas em licenciatura indígena para indígenas).
- 3) Universidade Federal de Tocantins/TO (5% para indígenas).
- 4) Universidade de Brasília/DF (20% para negros e 10 vagas para indígenas).
- 5) Escola Superior de Ciências da Saúde/DF (40% para candidatos de escolas públicas).
- 6) Universidade Federal da Grande Dourados/MS (60 vagas em licenciatura indígena para indígenas).
- 7) Universidade Federal do Maranhão/MA (25% para candidatos de escolas públicas, 25% para negros, 1 vaga para indígena e 1 vaga para deficiente físico em cada curso)
- 8) Universidade Federal do Piauí/PI (5% para candidatos de escolas públicas)
- 9) Universidade Federal de Alagoas/AL (20% para negros de escolas públicas, e destes 60% para mulheres).
- 10) Universidade Federal da Bahia/BA (45% para candidatos de ensino médio público, sendo 2% p/ indígenas, 37,5% para negros e 5,5% para outros candidatos de ensino médio público).
- 11) Universidade Federal do Recôncavo Baiano/BA (45% para candidatos de ensino médio público, sendo 2% p/ indígenas, 37,5% para negros e 5,5% para outros candidatos de ensino médio público).
- 12) Universidade Federal de Juiz de Fora/MG (50% para candidatos de escolas públicas, e destes 25% para negros).
- 13) Universidade Federal do Espírito Santo/ES (40% para candidatos que cursaram quatro séries do ensino fundamental e todo o ensino médio em escolas públicas e ter renda familiar até 07 salários mínimos).

⁸⁶ Esta listagem consta do Manifesto em Defesa da Justiça e Constitucionalidade das Cotas encaminhado ao Exmo. Sr. Ministro Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes, no dia 13 de Maio de 2008 (120 anos de “abolição” da escravatura), por intelectuais “pró-cotas” e vários outros atores sociais. Ele se contrapõe à Carta intitulada “Cento e treze cidadãos anti-racistas contra as leis raciais”, encaminhada por intelectuais “anti-cotas”, dentre outros, ao Exmo. Ministro do STF, os quais se posicionam contrários às cotas raciais em geral e, nesse momento, às relativas ao PROUNI e aos vestibulares das universidades estaduais do Rio de Janeiro. Acesso em: 10/05/2008 (consorcio_neabs@yahoo.com.br). Os primeiros Manifestos a favor e contra as cotas, em especial ao Projeto de Lei de Cotas (PL 73/1999) e do Estatuto da Igualdade Racial (PL 3.198/2000), foram enviados ao Congresso Nacional no ano de 2006 por esses mesmos atores sociais.

- 14) Universidade Federal de São Paulo/SP (10% prioritariamente para negros de ensino médio público, se não houver preenchimento, completar com outros candidatos de escolas públicas).
- 15) Universidade Federal de São Carlos/SP (50% para candidatos do ensino médio público, sendo 35 % destes para negros e 01 vaga não cumulativa por curso p/ indígenas, progressivamente).
- 16) Universidade Federal do ABC/SP (50% para candidatos de escolas públicas, destas 27% para negros e 0,4% p/ indígenas).
- 17) Universidade Federal do Paraná/PR (20% para negros, 20% para candidatos de educação básica pública, 10 vagas para indígenas).
- 18) Universidade Federal Tecnológica do Paraná/PR (50% para candidatos de escolas públicas).
- 19) Universidade Federal de Santa Catarina/SC (20% para candidatos de educação básica pública, 10% para negros, prioritariamente de educação básica pública, e 6 vagas para indígenas).
- 20) Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS (30% para candidatos de escolas públicas, sendo metade para negros).
- 21) Universidade Federal de Santa Maria/RS (em 2008, 20% para candidatos de escolas públicas, 10% para negros, 5% para deficientes físicos e 5 vagas para indígenas).
- 22) Universidade Federal do Pampa/RS (em 2008, 20% para candidatos de escolas públicas, 10% para negros, 5% para deficientes físicos e 5 vagas para indígenas).

BÔNUS:

- 23) Universidade Federal de Pernambuco/PE (10% a mais na nota, para candidatos de escolas públicas).
- 24) Universidade Federal Rural de Pernambuco/PE (10% a mais na nota, para candidatos de escolas públicas no interior de PE).
- 25) Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN (percentuais a mais para candidatos de escolas públicas, variáveis por curso).
- 26) Universidade Federal Fluminense/RJ (10% a mais na nota para candidatos de escolas públicas com exceção de colégios de aplicação, colégios federais, universitários e militares; reserva de 20% das vagas de licenciaturas em matemática, física ou química para professores da rede pública).

INSTITUIÇÕES ESTADUAIS E MUNICIPAIS DE ENSINO SUPERIOR COM AÇÕES AFIRMATIVAS COTAS/NÚMERO DE VAGAS (indígenas)

- 27) Universidade Estadual do Amazonas/AM (80% para estudantes do Amazonas que não tenham curso superior completo nem o estejam cursando em instituição pública de ensino, destes, 60% para candidatos do ensino médio público).
- 28) Universidade Estadual do Mato Grosso/MT (25% para negros de escolas públicas ou privadas com bolsa).
- 29) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/MS (20% para negros, 10% para indígenas).
- 30) Universidade Estadual de Goiás/GO (20% para negros, 20% para candidatos de escolas públicas, 5% para deficientes ou indígenas).

- 31) Fundação de Ensino Superior de Goiatuba/GO (10% para candidatos de escolas públicas, 10% para negros e 2% para indígenas e portadores de deficiência).
- 32) Universidade Estadual de Pernambuco/PE (20% para candidatos de escolas públicas, fora escolas técnicas federais e militares).
- 33) Universidade Estadual da Bahia/BA (40% para afrodescendentes do ensino médio público).
- 34) Universidade Estadual de Feira de Santana/BA (50% para candidatos com ensino médio e pelo menos dois anos do ensino fundamental (5ª a 8ª série) em escolas públicas e, dessas, 80% serão ocupadas por negros).
- 35) Universidade Estadual de Santa Cruz/BA (50% para candidatos de ensino médio público, dessas 75% para negros, 02 vagas para índios ou quilombolas em cada curso).
- 36) Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia/BA (50% para candidatos de escolas públicas, destes, 60% para negros e 5% para índios e seus descendentes).
- 37) Universidade Estadual de Minas Gerais/MG (20% para afrodescendentes, 20% para candidatos de escolas públicas, 5% deficientes físicos e indígenas, todos com baixa renda).
- 38) Universidade Estadual de Montes Claros/MG (20% para afrodescendentes, 20% para candidatos de escolas públicas, 5% deficientes físicos e indígenas, todos com baixa renda).
- 39) Universidade Estadual do Rio de Janeiro/RJ (20% para escola pública, 20% para negros e 5% deficientes físicos ou indígenas ou filhos de policiais mortos em serviço – até R\$ 630 per capita).
- 40) Universidade Estadual do Norte Fluminense/RJ (20% para escola pública, 20% para negros e 5% deficientes físicos ou indígenas ou filhos de policiais mortos em serviço – até R\$ 630 per capita).
- 41) Centro Universitário Estadual da Zona Oeste/RJ (20% para escola pública, 20% para negros e 5% deficientes físicos ou indígenas ou filhos de policiais mortos em serviço – até R\$ 630 per capita).
- 42) Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro/RJ (20% para escola pública, 20% para negros e 5% deficientes físicos ou indígenas ou filhos de policiais mortos em serviço – até R\$ 630 per capita).
- 43) Centro Universitário de Franca/SP (20% para negros, 5% para candidatos de escolas públicas e 5% para deficientes).
- 44) Universidade Estadual de Londrina/PR (até 40% para candidatos de escolas públicas, destas até metade para negros, dependendo da demanda, 6 vagas para indígenas).
- 45) Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (10% para candidatos oriundos de escolas públicas e 5% para candidatos negros de escolas públicas e 6 vagas para indígenas integrantes das tribos paranaenses).
- 46) Universidade Estadual de Maringá/PR (seis vagas para indígenas integrantes das tribos paranaenses).
- 47) Universidade Estadual do Oeste do Paraná/PR (idem).
- 48) Universidade Estadual do Paraná/PR (idem).
- 49) Universidade Estadual do Norte do Paraná/PR (idem).
- 50) Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (idem).
- 51) Escola de Música e Belas Artes do Paraná/PR (idem).
- 52) Faculdade de Artes do Paraná/PR (idem).
- 53) Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana/PR (idem).
- 54) Fundação Faculdade Luiz Meneghel/PR (idem).
- 55) Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão/PR (idem).

- 56) Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio/PR (idem).
- 57) Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho/PR (idem).
- 58) Faculdade Estadual de Educação Física de Jacarezinho/PR (idem).
- 59) Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro de Jacarezinho/PR (idem).
- 60) Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí/PR (idem).
- 61) Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá/PR (idem).
- 62) Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória/PR (idem).
- 63) Centro Universitário de São José/SC (70% para candidatos que cursaram a 2ª e 3ª séries do ensino médio público de São José/SC).
- 64) Faculdade Municipal de Palhoça/SC (80% para residentes em Palhoça/SC e que cursaram a 3ª série do ensino médio em escola pública).
- 65) Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/RS (50% para candidatos de baixa renda – renda familiar per capita de até R\$ 410, 10% para deficientes físicos).

BÔNUS:

- 66) Universidade Estadual de Campinas/SP (de uma média padronizada de 500 pontos, adiciona 30 pontos para candidatos de escolas públicas e 40 pontos se for também preto/pardo/indígena).
- 67) Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP (de uma média padronizada de 500 pontos, adiciona 30 pontos para candidatos de escolas públicas e 40 pontos se for também preto/pardo/indígena).
- 68) Universidade de São Paulo/SP (3% a mais na nota para candidatos de ensino médio público).
- 69) Faculdade de Tecnologia de São Paulo/SP (3% a mais na nota para negros, 10% a mais para candidatos do ensino médio público e 13% a mais para negros do ensino médio público).